

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DIOGO RODRIGUES PUCHTA

**A ESCOLARIZAÇÃO DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS E OS MANUAIS DE
GINÁSTICA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
COMO DISCIPLINA ESCOLAR (1882-1926).**

**BELO HORIZONTE
2015**

DIOGO RODRIGUES PUCHTA

**A ESCOLARIZAÇÃO DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS E OS MANUAIS DE
GINÁSTICA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
COMO DISCIPLINA ESCOLAR (1882-1926).**

Tese apresentada ao Programa da Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, na linha de pesquisa de História da Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira

**BELO HORIZONTE
2015**

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que conheci nesses últimos anos, de modo que não poderia deixar de agradecer ao muito que aprendi convivendo especialmente com algumas delas.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Marcus, orientador da tese, a quem sou grato por toda atenção, paciência, respeito e, principalmente, pela amizade de mais de 12 anos.

Agradeço aos membros da banca examinadora, professores Edivaldo Góis Junior (Unicamp/SP), Suzete Bornatto (UFPR), Thais Nívia de Lima e Fonseca (FaE/UFMG) e Meily Assbú Linhales (EEFFTO/FaE/UFMG), pelo aceite do convite, pelas contribuições e pela leitura cuidadosa do texto.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG e do Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE), em especial ao Luciano Mendes de Faria Filho, ao Tarcísio Mauro Vago, à Andrea Moreno e à Maria Cristina Soares de Gouvea.

Aos professores coordenadores e aos membros do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) e do Núcleo de Pesquisas sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades (NUPES). Sem dúvida a participação nas reuniões e atividades do grupo de pesquisa e do CEMEF, em diferentes momentos, me possibilitou não apenas trocar experiências, mas também aprimorar minha formação como pesquisador.

Agradeço ao professor Antonio Viñao, pela atenção, interlocução e pelas sugestões que recebi durante o estágio sanduíche na Universidad de Murcia. Agradeço ainda aos professores Pedro Luis Moreno Martínez, Maria Jose Martinez Ruiz-Funes e Maria Jesus Bazaco Belmonte, pela atenção, disponibilidade e receptividade durante o período que estive em Murcia.

À CAPES que me concedeu bolsa de doutorado durante quase todo o curso e para a realização do estágio sanduíche na Universidad de Murcia, na Espanha.

Aos colegas de pós-graduação, tanto aos que conheço desde o mestrado, quanto àqueles que tive a oportunidade de conhecer durante o doutorado, especialmente à/ao: Carolina, Fernanda, Giovanna, Juliana, Larissa, Leonardo Neves, Leonardo Gomes, Luciana, Mariana, Marina, Matheus, Priscilla Bahiense, Priscilla Figueiredo, Raquel, Sérgio, Sidmar e Verona.

À Katya Braghini, que tive a felicidade de conhecer e que muito me ajudou, mesmo depois que concluiu seu estágio de pós doutorado. Obrigado por todo o apoio, por se manter presente e pela torcida. Da mesma forma, não poderia deixar de agradecer à Ana Carolina Vimieiro Gomes.

Ao Alfonso Gala Garcia, a quem sou grato pela amizade (desde os primeiros dias que mudei para Belo Horizonte) e também pelo apoio, principalmente nos momentos mais difíceis.

À Alexandra Magagnin, pela amizade de longa data.

Aos meus pais, irmãos e familiares.

Aos meus avôs

André Puchta e Gerson Bacelar Rodrigues

(In memorian)

RESUMO

Este trabalho versa sobre o processo de escolarização dos exercícios físicos e da ginástica no ensino público primário ofertado em alguns Estados brasileiros, quais sejam: Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, neste último notadamente na cidade do Rio de Janeiro, município da Corte e Capital Federal. Compreendendo um período que vai das duas últimas décadas dos oitocentos ao primeiro quartel do século XX, visa entender como a escolarização dos exercícios físicos e da ginástica – incluindo a adoção, aquisição e circulação de manuais de ginástica – contribuiu para a constituição da Educação Física como disciplina escolar, bem como as mudanças e permanências que marcaram sua trajetória no currículo. Para isso, além dos manuais de ginástica, também foram mobilizadas fontes como relatórios da instrução pública; a legislação do ensino; ofícios e correspondências de governo; inventários escolares; notas de compra e venda; periódicos da época; entre outras. A análise dos manuais fundamenta-se no conceito de fundo comum formulado por Stella Bresciani (2004), bem como nas observações de Alain Choppin (2000 e 2004), levando em consideração tanto as características próprias do livro, quanto às características pedagógicas. Inserido no âmbito da história das disciplinas escolares, também fundamenta-se nos estudos sobre a construção social do currículo de Ivor Goodson (1995a, 1995b e 2000) e nos trabalhos de Antonio Viñao (2008), André Chervel (1990) e Dominique Juliá (2002). A análise da documentação possibilitou identificar os diferentes entendimentos sobre a educação física, o ensino da ginástica e a prática de exercícios físicos nas escolas, assim como alguns dos argumentos usados na época em defesa (ou não) da exercitação física dos escolares. Possibilitou ainda verificar quem foram os autores dos manuais adotados em cada um dos Estados, o contexto de produção e a circulação desses livros, além das finalidades atribuídas à educação física e à ginástica. Os conteúdos selecionados e os métodos de ensino foram analisados cotejando os programas de ensino oficiais, levando em consideração à forma como a ginástica e os exercícios físicos deveriam ser organizados nas escolas, ou seja, as recomendações quanto ao emprego do tempo, a configuração dos espaços e as observações sobre o vestuário. Na falta de formação específica, destaca-se a contribuição dos manuais de ginástica como ferramentas pedagógicas importantes ao subsidiarem o trabalho dos professores. Observa-se a preocupação em promover a educação intelectual sem descuidar da educação física, respeitando o equilíbrio das forças, isto é, a harmonia entre a atividade do espírito e a atividade do corpo. Destaca-se ainda a importância da educação física não apenas para promover a saúde e garantir o vigor das novas gerações, mas também para formar o caráter, moralizar os costumes e educar a vontade. Com efeito, também é notória uma aproximação entre educação física e educação moral, reconhecendo a contribuição da primeira para o forjar de uma nova sensibilidade moral e cívica.

Palavras-chave: história das disciplinas escolares; história do livro didático; história do ensino de educação física; ginástica.

ABSTRACT

This thesis deals with the schooling process of physical exercises and gymnastics in the public primary education offered in some Brazilian states, which are: Paraná, São Paulo, Minas Gerais and Rio de Janeiro, on the last one, notably, in the city of Rio de Janeiro, municipality of the Court and capital of the Federal Republic. Comprising a historical period that goes from the last decades of the eighteenth century to the first quarter of the XXth century, aims to understand how the schooling process of physical exercises and gymnastics – including the adoption, acquisition and circulation of gymnastic manuals – contributes to the constitution process of Physical Education (P. E.) as a school subject, as well as the changes and permanency that make its trajectory in the curriculum. Thereunto, besides the gymnastic manuals, other sources were mobilized like reports; educational legislation; government letters; school inventories; periodicals; among others. The analysis of the manuals is based on the Stella Bresciani's concept of common background, and on the observations of Alain Choppin (2000 and 2004), taking into consideration not only the characteristics of the book, but also the pedagogical features. Inserted within the history of school subjects, it is also based on the study of the curriculum as a social construction of Ivor Goodson (1995a, 1995b e 2000) and the works of Antonio Viñao (2008), André Chervel (1990) and Dominique Juliá (2002). The analysis of the documents allowed to identify different understandings about physical education, the teaching of gymnastics and the practice of physical exercises in schools, as well as some of the arguments used at the time in defense (or not) of the student's physical exercitation. Still allowed to verify who were the authors of manuals adopted in each State, the context of production and circulation of these books, in addition to the purposes assigned to physical education and gymnastics. The selected contents and the methods of teaching were analyzed comparing the educational programs, taking into account the way gymnastics and physical exercises should be organized on schools, i.e, the recommendation on the use of time, the configuration of spaces and observations on the garment. In the absence of specific formation, stands out the contribution of exercise manuals as important teaching tools to subsidize the teacher's work. It is observed the concern to promote intellectual education without neglecting physical education, respecting the balance of forces, that is, the harmony between the activity of the spirit and the activity of the body. It also highlights the importance of physical education not only to promote health and ensure the strength of the new generations, but also to form character, moralize the customs and educate the will. Indeed, it is also noticeable a rapprochement between physical education and moral education, recognizing the first contribution to the forging of a new moral and civic sensibility.

Keywords: history of school subjects; history of textbooks; history of physical education teaching; gymnastics.

RESUMEN

El presente trabajo trata sobre el proceso de escolarización de los ejercicios físicos y de la gimnasia en la enseñanza pública primaria ofrecida en algunas provincias brasileñas, como: Paraná, São Paulo, Minas Gerais y Rio de Janeiro, notablemente en la ciudad de Rio de Janeiro, cuando ciudad corte y Capital Federal del Brasil. Comprendiendo el periodo que va desde las dos últimas décadas del siglo XIX al primer cuartel del siglo XX, se objetiva comprender como la escolarización de los ejercicios físicos y de la gimnasia – incluyendo la elección, adquisición y circulación de los manuales de gimnasia – contribuyeron para la constitución de la Educación Física como disciplina escolar, así como los cambios y permanencias que marcaron su trayectoria en el currículum. Para ese fin, además de los manuales de gimnasia, también fueron usados informes de la educación pública; legislación de la enseñanza; oficios y correspondencias del gobierno; inventarios escolares, notas de compra y venta; periódicos de la época; etc. El análisis de los manuales está fundamentado en el concepto de fondo común formulado por Stella Bresciani (2004), y en las observaciones de Alain Choppin (2000 y 2004), llevando en consideración tanto las características propias del libro, como las características pedagógicas. Inserido en el ámbito de la historia de las disciplinas escolares, también está fundamentada en los estudios sobre la construcción social del currículum de Ivor Goodson (1995a, 1995b y 2000) y en los trabajos de Antonio Viñao (2008), André Chervel (1990) y Dominique Juliá (2002). El análisis de la documentación pudo identificar los diferentes puntos de vista sobre la educación física, la enseñanza de la gimnasia y la práctica de los ejercicios físicos en las escuelas, así como algunos de los argumentos usados en esa época en defensa (o no) de la ejercitación física de los escolares. Pudo ser verificado, todavía, quienes fueron los autores de los manuales adoptados en cada una de las provincias, el contexto de la producción y de la circulación de esos libros, además de los fines atribuidos a la educación física y a la gimnasia. Los contenidos seleccionados y los métodos de enseñanza fueron analizados comparando los programas de enseñanza oficiales, llevando en consideración la forma como la gimnasia y los ejercicios físicos deberían ser organizados en las escuelas, o sea, las recomendaciones en cuanto al empleo del tiempo, la configuración de espacios y las observaciones sobre la vestimenta. Como no había una formación específica, se destacó la contribución de los manuales de gimnasia como herramientas pedagógicas importantes en el auxilio del trabajo de los profesores. Se observa la preocupación en promover la educación intelectual sin descuidar la educación física, respetando el equilibrio de las fuerzas, es decir, la armonía entre la actividad del espíritu y la actividad del cuerpo. Se destaca la importancia de la educación física no solo para promover la salud y garantizar la vitalidad de las nuevas generaciones, sino también para formar el carácter, educar las costumbres y a la voluntad. En efecto, también es notable una aproximación entre la educación física y la educación moral, reconociendo la contribución de la primera para forjar una nueva sensibilidad moral y cívica.

Palabras clave: historia de las disciplinas escolares; historia de los manuales escolares; historia de la enseñanza de la educación física; gimnasia.

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 – Livros Didáticos Seleccionados.....	29 85
Quadro 2 – Programas de Ensino.....	71
Quadro 3 – Apresentação e distribuição dos conteúdos de acordo com o grau de dificuldade.....	83
Quadro 4 – Adoção e circulação dos livros por estado.....	120
Quadro 5 – Preço dos livros.....	122
Quadro 6 – Horário do primeiro ano. Grupos Escolares. Minas Gerais. (1906).....	185
Quadro 7 – Horário para o 1º ano da seção feminina. Grupo Escolar. São Paulo (1907).....	188
Quadro 8 – Horário para o 1º ano. Grupos Escolares. Paraná (1921).....	190
Quadro 9 – Horário das Aulas de Ginástica. Grupos Escolares de Curitiba (1923).....	192
Quadro 10 – Horário das escolas primárias – 1º e 2º anos. Rio de Janeiro (1926).....	193

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1 – Conteúdos Seleccionados. Programas de Ensino (1883-1926)	73

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 – Capa “Gymnastica doméstica, médica e higiênica”	116
Figura 2 – Capa “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar”	116
Figura 3 – Capa “Gymnastica nas aulas”	116
Figura 4 – Capa “Manual de Gymnastica Escolar”	117
Figura 5 – Capa “Compendio de gymnastica e jogos escolares”	117
Figura 6 – Capa “Compendio Pratico de Gymnastica”	117
Figura 7 – Capa “Homem Forte”	118
Figura 8 – Capa “Tratado Pratico de Gymnastica Sueca”	118
Figura 9 – Capa “Compendio de Gymnastica Escolar”	118
Figura 10 – Moritz Schreber.....	119
Figura 11 – Arthur Higgins.....	119
Figura 12 – Domingos Nascimento.....	119
Figura 13 – Ginásio da Escola Normal e anexas de São Paulo.....	173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Livro didático e história ou uma história do livro didático.....	30
A importância do livro didático na história das disciplinas escolares.....	36
Construção das fontes.....	39
Organização dos capítulos.....	41
CAPÍTULO I – A educação física na instrução pública primária: saúde, robustez e o forjar de novas sensibilidades.....	43
A Educação física como parte da educação integral.....	47
O grupo escolar como instituição favorecedora do ensino da Ginástica.....	67
A presença da ginástica nos programas de ensino dos grupos escolares de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, e das escolas primárias do Rio de Janeiro.....	76
CAPÍTULO II – Manuais de ginástica: produção, adoção e circulação.....	86
Dos autores e suas trajetórias.....	87
Produzindo livros, disseminando saberes.....	96
Da adoção à circulação das obras.....	120
CAPÍTULO III – Manuais de ginástica: entre conteúdos e métodos.....	129
Vantagens, benefícios e finalidades da ginástica.....	130
Parte teórica: história e conhecimentos sobre o corpo.....	137
Parte prática: os exercícios da ginástica.....	140
A importância do método.....	156
Das séries de exercícios e programas de ensino.....	160
A proposta de Domingos Nascimento.....	162
CAPÍTULO IV – Organização da ginástica: tempo, espaço e vestuário.....	165
Dos espaços da Ginástica.....	166
Pausas para a Ginástica.....	177
Recomendações quanto ao vestuário.....	197
CONSIDERAÇÃO FINAIS.....	203
ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA.....	207

FONTES.....	208
MANUAIS DE GINÁSTICA.....	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	221
ANEXO I	237
ANEXO II	239
ANEXO III.....	279

INTRODUÇÃO

Da passagem do rolo de papiro – escrito de maneira contínua e com pouca ou nenhuma precisão na organização textual – em códice latino¹, e deste em livro, uma série de transformações ocorreram na cultura escrita culminando em uma nova forma de ordenação e codificação do conhecimento. Ordenação esta a qual podemos associar a própria transformação da escrita em texto, ou seja, ao surgimento de uma série de procedimentos fundamentais para a construção, a análise e a interpretação de um texto, tais como: a disposição da estrutura textual em capítulos e parágrafos – sendo estes utilizados como meio de se marcar as etapas de uma argumentação; o surgimento da página como unidade predominante de sua organização – possibilitando ao leitor o acesso a fragmentos específicos do texto a partir da numeração das páginas que o constituem; o próprio uso de índices alfabéticos, assim como o sumário, para a localização dos textos e distribuição dos títulos². Procedimentos de organização textual considerados por nós como elementos essenciais não só enquanto modelo de apresentação, mas, sobretudo, para a organização do conhecimento. Mudanças como estas aumentaram a inteligibilidade do texto. Segundo Morrison, “essas mudanças não apenas modificaram a maneira pela qual os textos eram ordenados como também provocaram uma alteração concomitante na estrutura pedagógica do texto”³.

Se no âmbito da cultura escrita podemos identificar mudanças significativas na relação do ser humano com o conhecimento, parte disso decorre do domínio de métodos e técnicas de impressão. O surgimento da imprensa revolucionou o processo de produção de novos conhecimentos, principalmente no que se refere ao acesso e à circulação das idéias, de diferentes maneiras. Além da coleta acelerada de dados em larga escala e do acréscimo de informações inéditas, o uso de gravuras e dos desenhos,

¹ De acordo com MORRISON (1995, p. 194), “o códice e sua tradição ligam-se à etapa do desenvolvimento do texto em que o pergaminho substituiu o rolo de papiro. Os pergaminhos eram compilados de maneira que pudessem ser dobrados e guardados facilmente. A prática de se dobrar o pergaminho no meio ou no ponto central do texto deu origem ao formato do livro que conhecemos hoje”.

² Idem.

³ Idem (p. 144).

uniformemente impressos, são alguns dos exemplos para os quais nos chama a atenção Eisenstein⁴. Neste sentido, as ciências que dependem da observação – Biologia, Astronomia, entre outras – assim como certos conhecimentos sobre o corpo – Anatomia, Fisiologia e, inclusive, a própria Ginástica – ficaram fortalecidos após o desenvolvimento das técnicas de impressão com a inclusão de gravuras.

De qualquer forma, seja como artefato que recebe o texto ou como material impresso nos mais variados formatos, tipos de papel, capas e edições, é por meio do livro como suporte de registro do conhecimento produzido e difundido em forma de texto que podemos perceber não só a forma como o conhecimento tem sido registrado, mas principalmente a evolução deste ao longo do tempo. Neste sentido, destaca-se a importância de estudos relacionados à história do livro. De acordo com Darnton, “sua finalidade é entender como as idéias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos”⁵. Para além do papel desempenhado pela história do livro, Darnton nos leva a reconhecer o livro como uma força na história⁶.

Por outro lado, além da revolução ocasionada pela importância do livro no registro e circulação das idéias, também podemos pensar em outra função que o livro possui, ou seja, a de artefato cultural indispensável para a aquisição do conhecimento. Neste sentido, podemos pensar tanto na literatura em geral, nacional ou estrangeira, com seus romances, contos, crônicas, poesias, e assim por diante; quanto em um tipo de literatura que se diferencia das demais e que, com o passar do tempo, ganha relevância no mercado editorial, como é o caso dos livros didáticos. Livros cuja finalidade está voltada ao ensino e aprendizagem e que, por isso, são constituídos (ou pelo menos assim deveriam) de conteúdos apresentados de maneira clara, precisa e metódica; com uma diagramação bastante peculiar e uma linguagem mais acessível ao público ao qual se destina: os alunos e os professores. Conhecido como “depositário

⁴ EISENSTEIN (1998).

⁵ DARNTON (1990, p.109).

⁶ Idem.

privilegiado do saber escolar”, conforme se reporta a ele Bittencourt⁷, o livro didático também se diferencia dos demais livros especialmente porque, diferente destes, aquele é produzido para ser vendido e/ou distribuído em grandes quantidades.

Apesar de existirem várias definições do que é um manual escolar ou livro didático, conforme veremos adiante, para esta pesquisa direcionamos nossa atenção mais especificamente àqueles livros que, independente do nome que levam (compêndio, tratado ou manual) e de suas características, muitas vezes distintas, foram produzidos ou adotados com o intuito de serem utilizados como ferramentas pedagógicas. Livros estes que, de acordo com Choppin⁸, tiveram durante um longo período de tempo uma função acessória e subsidiária. Com efeito, estamos nos referindo aos livros e manuais de ginástica publicados seja nacional seja internacionalmente, mas que, de alguma maneira, entraram em circulação no Brasil.

Afinal, o que viria a ser um manual de ginástica? Visando um público amplo (escolar ou não), os manuais de ginástica podem ser definidos como aqueles livros nos quais os leitores encontravam inúmeros exercícios que poderiam realizar, exercitando, com isso, as diferentes partes do corpo. Eram nos manuais de ginástica que encontravam-se discriminados o tempo recomendado para a prática dos exercícios físicos, os espaços adequados, recomendações higiênicas quanto aos cuidados com o corpo, com o vestuário, com a alimentação, entre outros, apresentando não só o que, mas também o como fazer. Eram nesses manuais que encontravam-se ainda alguns conhecimentos sobre o corpo, noções de anatomia, fisiologia, história da educação física, além das séries de exercícios ou programas de ensino nos quais os professores poderiam se basear para montar suas aulas. Uma particularidade desses livros é a existência de gravuras ou ilustrações.

Quando pensados para a escola, esses livros foram destinados ao uso e a formação dos professores. No entanto, não é porque não foram endereçados aos alunos, para serem trabalhados em sala de aula, que eles deixam de ser didáticos. Independente disso, juntamente com outros materiais, esses livros foram utilizados nas

⁷ BITTENCOURT (2008).

⁸ CHOPPIN (2000).

escolas como suporte para o trabalho que deveria ser realizado pelos professores, o que nos leva a reconhecer a importância dos livros didáticos na história das disciplinas escolares. Segundo Antonio Viñao, não é possível “fazer a história de uma disciplina sem analisar seus livros de texto e o material empregado em seu ensino”⁹.

Sendo assim, no presente trabalho selecionamos como objeto de investigação e análise o processo de escolarização dos exercícios físicos e da ginástica inseridos no currículo do ensino público primário ofertado em alguns estados brasileiros, quais sejam: São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, neste último notadamente na cidade do Rio de Janeiro, então município da Corte e Capital Federal. Para isso, privilegiamos – entre um conjunto de fontes formado por relatórios da instrução pública, programas de ensino, leis, decretos, regulamentos, entre outras – os livros didáticos adotados para o ensino da ginástica nas escolas.

Embora nossas preocupações recaiam no âmbito da *constituição da Educação Física como disciplina escolar*, é importante lembrar que a educação física pensada e discutida naquela época ainda estava longe de se configurar como um campo de conhecimento e atuação na forma como o conhecemos hoje. De acordo com Linhales,

desde o século XIX, várias “educações físicas” foram produzidas e legitimadas. Pode-se pensar a educação física como um conceito alargado (relativamente à educação higiênica/educação dos corpos), como prescrição de métodos e de exercícios físicos e/ou corporais (também denominados exercícios ginásticos e/ou atividade física), ou como um componente curricular (atividade ou disciplina escolar). São mudanças e matizes que revelam, também, o movimento de reconstrução permanente da própria instituição escolar. Assim sendo, torna-se importante escapar, aqui, de uma perspectiva evolucionista que aprisiona, na cronologia, um idealizado progresso linear: da educação física (sentido alargado) para a ginástica (seus métodos); desta para a educação física (componente curricular) e desta para a educação física/esportiva (que pode ou não estar na escola)¹⁰.

⁹ VIÑAO (2008, p. 192).

¹⁰ LINHALES (2006, p. 17).

Em vista disso, em nosso trabalho o leitor irá encontrar tanto a educação física, grafada em minúsculas, em um sentido alargado, quanto a Educação Física, com iniciais em maiúscula, referindo-se à disciplina escolar. Identificamos, mais para o final dos oitocentos, o processo de escolarização da ginástica e de exercícios físicos variados. Em relação a esses últimos, encontram-se inúmeros exercícios ginásticos (com ou sem o uso de instrumentos e aparelhos), assim como exercícios militares, corridas, saltos, jogos, lutas, dança, entre outros. Esses exercícios foram nomeados de diferentes maneiras nos programas de ensino oficiais, sendo incorporados em rubricas como: ginástica; ginástica e exercícios militares; exercícios físicos; educação física; jogos ginásticos; entre outras.

A escolha dos estados acima mencionados não foi casual. Se de um lado percebemos no modelo graduado de ensino uma presença cada vez maior do ensino de educação física/ginástica, de outro é reconhecido na historiografia da história da educação brasileira¹¹ o pioneirismo de São Paulo na implementação da escola graduada, através do surgimento dos então denominados grupos escolares. Por outro lado, localizamos no Paraná a primeira experiência de adoção oficial de um manual de ginástica no ensino público primário, ocorrida em 1882¹². Em se tratando de livros didáticos, surge no Rio de Janeiro a primeira grande livraria-editora brasileira, a Francisco Alves & Comp.¹³. A escolha do Estado do Rio justifica-se não apenas por uma decisão editorial, mas também política. Era no Rio de Janeiro onde estava a Capital Federal. A presença de livros e manuais de ginástica já havia sido constatada nas escolas primárias mineiras¹⁴, o que nos levou a também incluir o Estado de Minas Gerais no recorte espacial da pesquisa.

¹¹ SOUZA (1998); FARIA FILHO (2000); BENCOSTTA (2001); VIDAL (2006).

¹² PUCHTA (2007).

¹³ HALLEWELL (2005); BITTENCOURT (2008); BRAGANÇA (2006); BATISTA; GALVÃO (2009).

¹⁴ VAGO (2002) identificou a circulação e aquisição pelo Estado de Minas Gerais de obras como o “Tratado Pratico de Gymnastica Sueca”, de L. C. Kumlien. Segundo SOUSA; VAGO (2008), também circularam em Minas Gerais títulos como: a “Gymnastica” [Doméstica] de Schreber; o “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar”, de Pedro Manoel Borges; e o “Compendio Pratico de Gymnastica”, de autoria do mineiro Antonio Martiniano Ferreira. Ainda em terras mineiras, FONSECA (2013) também identificou o uso do manual de Pedro Manoel Borges pelo professor da

Por meio da análise dos livros didáticos entendemos que é possível perceber as diferentes concepções de Ginástica enquanto componente curricular. Por outro lado, também somos impelidos a pensar nos conteúdos previamente selecionados, ou seja, nos conhecimentos, exercícios e práticas mobilizadas para as aulas¹⁵. Conhecido como suporte no qual se veiculam conhecimentos e técnicas selecionados para serem transmitidos às novas gerações¹⁶, os livros didáticos, assim como os programas de ensino, assumem um papel importante no processo de constituição das disciplinas escolares. Analisar as primeiras obras adotadas para o ensino da ginástica nas escolas nos ajuda a entender por que ela foi inserida no currículo, com qual intuito e mediante quais saberes e métodos.

Ao trabalhar com os manuais de ginástica, reconhecemos a necessidade de refletirmos a respeito dos métodos de ensino veiculados nestes materiais, a partir do trabalho que deveria ser realizado pelos professores junto com os alunos, por meio das recomendações, ilustrações e dos exercícios prescritos pelos autores. Aliás, a relação dos autores com o público para o qual os livros eram destinados também é outro aspecto que merece nossa atenção. Nos livros que elegemos para análise encontram-se tanto aqueles pensados apenas para a escola¹⁷, quanto os que foram produzidos visando um público mais amplo, formado por alunos e professores, assim como pais, adultos e idosos, homens e mulheres¹⁸. Iremos discutir melhor o contexto de produção de cada uma das obras no segundo capítulo deste trabalho.

Se por um lado podemos ver nos manuais escolares uma perspectiva de como os professores poderiam trabalhar com os exercícios físicos e de ginástica, por outro, também é preciso confrontar as prescrições veiculadas nos livros com as

cadeira de “Ginástica e Evoluções Militares” – João Batista Campos Cunha – da Escola Normal de São João del-Rei.

¹⁵ Vale lembrar que os livros didáticos contêm métodos de ensino, exercícios, concepções pedagógicas e uma série de preceitos científicos, além dos conhecimentos a serem transmitidos, que se aproximam mais do entendimento contemporâneo de *conteúdo*.

¹⁶ CHOPPIN (2000).

¹⁷ BORGES (1888); BARAGIOLA (1895); CALDAS; CARVALHO (1896); FERREIRA (1897); HIGGINS (1896 e 1909).

¹⁸ SCHREBER (s.d); NASCIMENTO (1905); KUMLIEN (1908).

recomendações e os encaminhamentos que os Estados selecionados deram em relação à educação física no processo de formação das crianças.

Deste modo, nossa preocupação com a história da ginástica – no processo de constituição da educação física escolar – recai nas diferentes maneiras como a educação física foi pensada e mobilizada juntamente com a prática de exercícios físicos e o ensino da ginástica nas escolas, seja através da posição dos dirigentes da instrução pública, seja pelos conteúdos prescritos nos livros.

No intuito de estabelecer critérios para a demarcação da periodização do trabalho, procuramos fundamentar esta escolha a partir da própria história da educação física no Brasil. Do ponto de vista do marco temporal inicial, partimos das primeiras iniciativas para embasar a prática da ginástica por meio da consulta de livros como a “Gymnastica domestica, médica e higiênica” de Schreber. Entre as obras que localizamos, esta foi a primeira a ser adotada para o ensino da ginástica nas escolas primárias, no Estado do Paraná, em 1882¹⁹. No que diz respeito ao marco temporal final, autores como Vago²⁰ destacam os anos vinte do século passado como o período em que podemos observar mais efetivamente todo um processo de enraizamento da Educação Física enquanto disciplina escolar. A presença de ecos da prática sistemática da ginástica nas escolas apenas por volta dos anos de 1920 também foi observada por Tabora de Oliveira²¹. Estabelecemos como data final da pesquisa o ano de publicação do último programa de ensino que analisamos, publicado no Rio de Janeiro, em 1926.

Desta maneira, delimitamos como recorte temporal da pesquisa um período de aproximadamente cinco décadas, sendo este considerado bastante relevante para a história da educação brasileira. De acordo com Bittencourt, o século XIX e o início do século XX corresponderam “à fase da constituição do saber escolar em uma sociedade brasileira escravagista que se transformava, chegando ao advento do trabalho livre e da nova concepção de cidadania”²².

¹⁹ PUCHTA (2007).

²⁰ VAGO (2002).

²¹ TABORDA DE OLIVEIRA (2007a).

²² BITTENCOURT (1993, p. 9).

Os anos finais do século XIX, mais especificamente os anos de 1875 a 1889, foram marcados não só pela erradicação da escravidão, mas pela perda de credibilidade do regime monárquico e o crescimento do movimento republicano²³. A abolição da escravidão em 1888 e a instauração da República no ano seguinte são dois dos principais fatos que marcaram o início de um novo período na história do Brasil. Segundo Carvalho, “a busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, seria tarefa que iria perseguir a geração intelectual da Primeira República”²⁴. Mesmo tratando-se da primeira grande mudança de regime político após a independência, “no Brasil o proletariado rural não existia politicamente e o urbano apenas começava a formar-se”²⁵. As inovações políticas pelas quais passou o país com a instauração da República consistiam em eliminar a exigência de renda para o exercício do voto, porém, mantendo a da alfabetização: “barreira suficiente para impedir a expansão do eleitorado”²⁶. Em vista disso, saber ler e escrever acarretava em distinção nítida entre sociedade civil e sociedade política.

Com uma população de quase 80% de analfabetos²⁷, em pleno início do regime republicano a maioria dos brasileiros possuía apenas direitos civis. É possível compreender o processo político da Primeira República brasileira como o período do *liberalismo oligárquico*, isto é, da coexistência de uma Constituição liberal com práticas políticas oligárquicas²⁸. Segundo Resende, a instauração da República, “cujo pressuposto teórico é o de um governo destinado à servir a coisa pública ou ao interesse coletivo, teve significado extremamente limitado no processo histórico de construção da democracia e de expansão da cidadania no Brasil”²⁹.

Entre os produtos que caracterizavam a economia brasileira do período, destaca-se o aprofundamento da dependência financeira do café. O contínuo aumento da produção e as exportações de café financiaram a incipiente atividade industrial do

²³ CARVALHO (2012).

²⁴ CARVALHO (1997a, p. 32).

²⁵ Idem (p. 137).

²⁶ CARVALHO (1997b, p. 43 e 44).

²⁷ SALIBA (2012). Segundo o autor, “em 1920 a taxa [de analfabetismo] caiu para a ainda impressionante cifra de 76%” (p. 284).

²⁸ RESENDE (2014).

²⁹ Idem (p. 91).

país (através das importações de máquinas para as indústrias), assim como os melhoramentos urbanos. Por outro lado, o Brasil era visto como um mercado lucrativo para aplicações financeiras de países industrializados (sobretudo da Inglaterra) envolvidos na forte concorrência imperialista em fins do século XIX e início do século XX, de exportação de capitais para regiões menos desenvolvidas do globo. Segundo Neves, a diferença que separava o Brasil de países como a França e a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos... “não cessava de aprofundar-se, uma vez que da manutenção do seu lugar periférico, subordinado e ainda colonial, dependia a reprodução exponencial da riqueza, da hegemonia e do lugar ocupado pelos chamados países civilizados e progressistas no concerto das nações”³⁰.

De todo modo, é possível falarmos na existência de dois Brasís: o da Capital Federal, em crescente urbanização e marcado pela “vertigem e aceleração do tempo” (de forma menos contundente nas principais capitais brasileiras); e o do interior, do “marasmo” e da rotina secular “firmemente alicerçada no privilégio, no arbítrio, na lógica do favor, na inviolabilidade da vontade senhorial dos coronéis e nas rígidas hierarquias assentadas sobre a propriedade, a violência e o medo”³¹. De acordo com Schwarcz,

das últimas décadas do século XIX até 1930, o Brasil continuou a ser eminentemente agrícola. Segundo dados do censo de 1920, dos 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões (69,7%) se dedicavam à agricultura; 1,2 milhão (13,8%) à indústria; e 1,5 milhão (16,5%) aos serviços de uma maneira geral³².

Contudo, é notória a concentração de grandes massas populacionais nas cidades já na primeira década republicana³³. Esse crescimento habitacional nos centros urbanos agravava o perigo das epidemias. Não por acaso, esse também é conhecido

³⁰ NEVES (2014, p. 24). Sobre o “neocolonialismo” ou “imperialismo moderno”, ver HOBBSAWM (2010). Ver também ARIAS NETO (2014, p. 197 e 198).

³¹ NEVES (2014, p. 15).

³² SCHWARCZ (2012a, p. 43).

³³ MARINS (1998).

como um período de “regeneração”, quando se alterou o perfil das grandes cidades brasileiras. O Rio de Janeiro – na época a maior cidade e a capital econômica, política e cultural do país – passou por reformas urbanas no início do século XX. Entre as renovações implantadas estavam obras no porto e avenida central, além das políticas de combate às epidemias de febre amarela, peste bubônica e varíola. Esta última por meio da luta pela implantação da vacina obrigatória, culminando na revolta da população em 1904³⁴.

O crescente aumento populacional também atingiu cidades como São Paulo. Segundo Schwarcz, o desenvolvimento paulistano ficou condicionado a três fatores principais: à expansão cafeeira, “que em sua marcha saía do vale do Paraíba e chegava ao Oeste Paulista, em finais dos anos 1850”; à entrada da estrada de ferro, “que viabilizaria o transporte interno, então feito em lombo de burros, até o porto de Santos”; e o papel da imigração, mudando “as feições, os dialetos, a culinária e os serviços públicos paulistanos”³⁵. Por outro lado, o Estado de São Paulo apresentava uma emergente industrialização. Do total de 326 unidades industriais existentes em 1907, havia “31 estabelecimentos têxteis, os outros 295 eram compostos de indústrias de chapéus, calçados, bebidas, alimentos, sacaria, etc.”³⁶.

De fato, a dinâmica industrial foi mais acelerada no Estado de São Paulo. Em 1907, o Rio de Janeiro (Distrito Federal) possuía 662 empresas e 34.850 operários. No mesmo ano, São Paulo possuía 326 empresas e 24.186 operários. “Juntos, São Paulo (20%) e Rio de Janeiro (26%) concentravam 46% dos capitais industriais e 39% do operariado brasileiro”³⁷. No entanto, em 1920 essas posições se invertem: São Paulo possuía 4.145 empresas e 83.998 operários e, no mesmo ano, o Rio de Janeiro (Distrito Federal) possuía 1.542 empresas e 56.517 operários³⁸. Com efeito, durante a Primeira República, São Paulo surge como uma grande referência para o Brasil em termos econômicos e culturais.

³⁴ CARVALHO (1997b); BENCHIMOL (2014); MARINS (1998).

³⁵ SCHWARCZ (2012a, p. 46).

³⁶ ARIAS NETO (2014, p. 217).

³⁷ Idem (p. 216).

³⁸ Idem (p. 221).

Em Minas Gerais, já não predominava mais a Minas do ouro, mas a Minas da Terra, religiosa e tradicional³⁹. Segundo Carvalho, “à medida que o século [XIX] se avança e o café se expandia pelo Sul de Minas e Zona da Mata, o caráter rural dos mineiros se acentuou”⁴⁰. Minas Gerais também possuía forte atividade pecuária, além da produção de cereais. Em relação à indústria, destacam-se os ramos têxtil, metalúrgico e tipográfico, além da indústria alimentícia e da construção civil. De acordo com Dulci, “a indústria se estabelece primeiro no Centro e no Norte, antes que se firmasse na Zona da Mata”⁴¹. O parque industrial de Juiz de Fora acabou transformando-se em “um dos principais pólos da indústria brasileira nas primeiras décadas do século XX”⁴². O domínio da Minas da terra se consolidou após a proclamação da República. Minas Gerais estava entre os principais Estados da federação, apresentava importante representação política, sobretudo considerando o tamanho de seu colégio eleitoral⁴³.

Por fim, o Paraná, última província criada pelo império, conquistou sua independência em relação à província de São Paulo em 1853⁴⁴. Devido à dificuldade de comunicação e transporte, o Paraná apresentava uma agricultura em alguns pontos muito atrasada⁴⁵. Além de atividades como a pecuária e a exploração da madeira, a exportação da erva mate “comandou hegemonicamente a economia do Estado, até por volta da segunda década do século XX, quando começou a dar lugar à participação cada vez maior do café”⁴⁶. Com uma economia predominantemente extrativista, modestas foram as incursões no setor industrial. A fábrica de fósforos instalada em Curitiba, por exemplo, era considerada a maior do país e, provavelmente, da América Latina⁴⁷. Contudo, relativamente novo, ao menos do ponto de vista da independência política, o Estado não possuía posição de destaque. Ao contrário, durante a Primeira

³⁹ CARVALHO (2005).

⁴⁰ Idem (p. 63).

⁴¹ DULCI (2013, p. 358).

⁴² Idem (p. 366).

⁴³ RESENDE (2014).

⁴⁴ PRIORI (2012).

⁴⁵ VICTOR (1913).

⁴⁶ DE BONI (p. 19).

⁴⁷ Idem (p. 21).

República o Paraná estava em um plano bem menos elevado no cenário político e na hierarquia existente entre os Estados da federação⁴⁸.

Mesmo com diferenças importantes na participação dos Estados na economia e na política nacional, o Brasil era um país agroexportador apresentando uma atividade industrial pouco desenvolvida e voltada para o mercado interno. De todo modo, a indústria emergente também movimentava a economia, sobretudo durante e após a Primeira Grande Guerra. Segundo Schwarcz,

num mesmo período, coincidiam elementos díspares, que alteravam a face mais tradicional do país. Se a desmontagem de um sistema escravocrata, nos idos de 1880, modifica a situação da mão de obra, já na década de 1910 um acelerado processo de substituição de importações – implementado durante e ao final da Primeira Guerra –, unido à crise da agricultura, levou a que cidades e indústrias se impusessem no cenário nacional, não só como novos fenômenos econômicos e sociais, mas como possibilidades reais e dominantes⁴⁹.

Além disso, no pós guerra modifica-se a maneira de se pensar o Brasil. A Europa deixa de ser o centro e o modelo civilizatório do mundo. Segundo Velloso, “não há mais um padrão universal de desenvolvimento, mas singularidades e expressões culturais únicas, dignas de serem conhecidas e analisadas”⁵⁰. “Se o país começou a República encantado com a modernidade conhecida alhures, vai terminar os anos 1920 entre ansioso e angustiado para conhecer certa ‘brasilidade’, rever seu passado e projetar um novo futuro”⁵¹.

Contudo, a preocupação com a educação física e com a ginástica ganhava cada vez mais importância na viragem do século XIX para o século XX. As práticas corporais já estavam sendo mobilizadas em nosso país mesmo antes das últimas décadas dos oitocentos. Melo e Peres identificam uma paulatina valorização da

⁴⁸ NEVES (2014, p. 39 e 40).

⁴⁹ SCHWARCZ (2012a, p. 41).

⁵⁰ VELLOSO (2014, p. 372).

⁵¹ SCHWARCZ (2012b, p. 31).

ginástica (dentro e fora das instituições educacionais), pelo menos desde meados do século XIX. É possível falarmos inclusive na existência de ginásticas (no plural), se a compreendermos, conforme os autores sugerem, como uma pluralidade de práticas realizadas em diferentes lugares, tais como: circos, escolas, clubes em geral e sociedades específicas⁵². Neste trabalho, partimos do pressuposto que a ginástica deveria contribuir na educação das crianças, como mais um elemento na formação do novo cidadão, o cidadão do futuro, republicano e industrioso, não apenas através da promoção da saúde, mas também da educação moral. Ou seja, a educação física e a ginástica formaram parte importante de um amplo processo de modernização da sociedade brasileira no período aqui estudado.

Com efeito, foi no ensino primário que incidiu boa parte das mudanças educacionais postas em prática naqueles anos. Basta pensarmos nas inovações decorrentes do surgimento e da implantação do modelo graduado de ensino. É neste período de mudanças, inclusive dos métodos de ensino, que encontramos uma inserção cada vez maior do método simultâneo: método no qual o professor passa a desenvolver atividades coletivas com os alunos, organizados sob uma nova classificação e seriação do ensino e utilizando o mesmo material didático⁵³. Se pensarmos ainda, na instauração do regime republicano, perceberemos uma maior preocupação com a formação das novas gerações, especialmente com a educação ofertada nas escolas de ensino elementar e, em decorrência disso, um maior investimento naquilo que Vago assinalou como um verdadeiro cultivo de corpos⁵⁴.

Sabemos o quanto as reformas da instrução pública propostas no final do século XIX e início do século XX foram responsáveis por mudanças significativas não só na organização do trabalho pedagógico, mas na ampliação das disciplinas escolares presentes no currículo. Em alguns casos, como o de Minas Gerais, por exemplo, foi em decorrência da reforma João Pinheiro, realizada em 1906, que a Ginástica ganha maior visibilidade no currículo do ensino primário, embora a obrigatoriedade do ensino da ginástica nas escolas mineiras tenha sido prevista, ao menos oficialmente, desde

⁵² MELO; PERES (2014).

⁵³ BATISTA; GALVÃO (2009).

⁵⁴ VAGO (2002).

1892⁵⁵. Em vista disso, os discursos sobre o corpo e sobre a educação física, proferidos por políticos e pelos dirigentes do ensino nos diferentes estados, nos ajudam na compreensão do processo de inserção dos exercícios físicos e da ginástica no currículo, sobretudo no âmbito da sua prescrição. Para entendermos os motivos da escolha, da recomendação e dos usos de determinados livros e manuais em detrimento de outros, é importante observarmos o que eles escreveram sobre o ensino da ginástica nas escolas.

Tendo em vista o objeto de estudo e o período por nós delimitado para a realização desta pesquisa, algumas questões suscitam nossa investigação e análise. Em relação às obras, podemos analisá-las a partir de diferentes perspectivas, tais como: o que caracterizava o seu contexto de produção? A quem eram destinadas? O que cada uma delas tem a nos dizer sobre o corpo, a educação do corpo, a ginástica e a educação física escolar? Qual o papel dos manuais escolares na construção do saber escolar da disciplina Educação Física? Já em relação aos autores, podemos nos questionar: quem eram os autores dos livros de educação física e ginástica? O que eles têm a nos informar sobre a presença da educação física na escola? Em que eles divergiam ou se aproximavam a respeito do entendimento da educação física? Como autores brasileiros se apropriaram das publicações estrangeiras?

Pretendemos com o desenvolvimento desta pesquisa, contribuir com a própria história do ensino da Educação Física no Brasil, logo, do currículo e da escola. Como pudemos perceber, a análise deste material “diz” muito sobre a inserção e permanência da Educação Física como disciplina escolar e saber escolarizado. Em se tratando da historiografia brasileira referente ao ensino desta disciplina, percebemos em iniciativas como a de Cunha Jr.⁵⁶, um levantamento inicial das obras sobre educação física e ginástica publicadas no século XIX. No entanto, até agora poucos são os trabalhos que se dedicaram à temática em questão, sobretudo no que diz respeito à análise dos livros adotados para a prescrição dos exercícios físicos e da ginástica, tendo em vista que

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ CUNHA JR. (1998).

ainda há muito por ser feito. Esta constatação também vale para a historiografia do livro didático em nosso país⁵⁷.

A importância da realização de pesquisas sobre a publicação e a adoção de manuais de ginástica utilizados para a educação física nas escolas é algo que pudemos reconhecer por meio de estudo anteriormente realizado⁵⁸. Entretanto, a necessidade de análise das prescrições referentes à educação física e à ginástica presentes nos impressos que fizeram circular diferentes entendimentos acerca destes saberes e práticas ministrados nas escolas e, neste caso, encontram-se inseridos os manuais escolares, é algo que já foi observado por Vago⁵⁹.

Além disso, o estudo dos saberes presentes nos manuais de ginástica também contribui para o entendimento do interesse e investimento na educação do corpo como uma dimensão ainda pouco conhecida no processo de escolarização primária ou elementar⁶⁰. Paralelamente, se pensarmos no engendramento do campo da Educação Física no Brasil a partir do conhecimento produzido pelos médicos e centrado no processo de escolarização, perceberemos que estes conhecimentos também estiveram presentes nos manuais escolares e livros de educação física e ginástica, escritos por médicos ou não⁶¹.

O objetivo que temos em mente ao propormos um estudo nesta direção é entender, por meio dos livros e na retórica sobre a educação física presente nos relatórios da instrução pública, como o conhecimento relacionado ao corpo e a educação do corpo não só foi produzido ao longo do período em questão, mas, sobretudo, como este material contribuiu para o processo de escolarização destes conhecimentos. Ou seja, entender como os livros e as finalidades políticas referentes à escolarização dos exercícios físicos e da ginástica contribuíram para a constituição da

⁵⁷ Conforme verificamos no levantamento bibliográfico feito pelos pesquisadores vinculados ao projeto LIVRES. Disponível em: <<http://paje.fe.usp.br/estrutura/livres/index.htm>> Acesso em: 10/05/2015.

⁵⁸ PUCHTA (2007).

⁵⁹ VAGO (2003).

⁶⁰ TABORDA DE OLIVEIRA (2005 e 2007b).

⁶¹ PAIVA (2003).

Educação Física como disciplina escolar, bem como as mudanças e permanências que marcaram sua trajetória no currículo.

Através de uma pesquisa inicial, pudemos localizar ao todo 29 obras publicadas no século XIX e nos anos iniciais do século XX, e que, a partir de diferentes olhares, estão relacionadas à educação física e à ginástica (ver Anexo I). Contudo, de todos esses livros, gostaríamos de destacar apenas aqueles que se enquadram em nossa proposta de investigação, ou seja, aqueles que foram produzidos ou adotados para o ensino da ginástica nas escolas primárias.

Em outro momento, tivemos a oportunidade de investigar a influência que obras como a “Gymnastica domestica, médica e hygienica” de Schreber, assim como o livro “Homem Forte” de Domingos Nascimento, tiveram sobre a prática da ginástica como componente curricular presente no ensino público primário paranaense nos anos finais do século XIX e início do século XX⁶². Além destas obras, podemos destacar, ainda no contexto paranaense, a recomendação – no Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado do Paraná de 1903 – de livros que podiam ser “consultados com proveito” pelos professores como, no caso da ginástica, o “Manual de Gymnastica Escolar” de M. Caldas e E. de Carvalho⁶³. No Rio de Janeiro, sabemos do uso de livros como o “Compendio de gymnastica e jogos escolares” produzido por Arthur Higgins e publicado em 1896, bem como do “Compendio de Gymnastica Escolar” publicado pelo mesmo autor em 1900, com reedições de 1909 e de 1934⁶⁴. Também é possível destacar outros trabalhos como, por exemplo: o “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar: elementar e superior” escrito por Pedro Manoel Borges e publicado em 1888; o livro “Gymnastica nas aulas – manual theorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos” escrito por Manoel Baragiola e publicado em 1895; e o “Tratado Pratico de Gymnastica Sueca” de autoria de Ludwig Kumlien. Outras informações dos livros selecionados encontram-se no quadro a seguir.

⁶² Daniel Moritz Schreber era médico e Domingos Nascimento era militar. Maiores informações sobre a biografia dos dois (e dos demais autores) serão apresentadas no segundo capítulo deste trabalho.

⁶³ PARANÁ (1903).

⁶⁴ Para uma análise inicial dos compêndios de ginástica escrito por Arthur Higgins, ver SILVA (1999).

QUADRO 1 – LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS

TÍTULO	AUTOR	ANO	EDITOR(A)
Gymnastica doméstica, médica e higiênica.	Daniel Schreber	s.d	Candido de Magalhães*
Manual theorico-pratico de gymnastica escolar: elementar e superior.	Pedro Manoel Borges	1888	B. L. Garnier
Gymnastica nas aulas. Manual theorico-pratico.	Manoel Baragiola	1895	J. B. Endrizzi & Comp.
Manual de Gymnastica Escolar.	Caldas, M.; Carvalho, E.	1896	Francisco Alves & Cia.**
Compendio de gymnastica e jogos escolares.	Arthur Higgins	1896	Typ. do Jornal do Commercio
Compendio Pratico de Gymnastica.	Antonio Martiniano Ferreira	1897	Imprensa Oficial do Estado de Minas
Homem Forte – gymnastica domestica – natação – esgrima – tiro ao alvo.	Domingos Nascimento	1905	Impressora Paranaense***
Tratado Pratico de Gymnastica Sueca	L. C. Kumlien	1908	Lusitana
Compendio de Gymnastica Escolar: methodo sueco-belga.	Arthur Higgins	1909	Typ. do Jornal do Commercio

*Versão portuguesa (tradução) de Julio de Magalhães.

**Desenhos de Minon.

***Gravuras de P. Galley.

Conforme mencionamos anteriormente, o motivo da escolha desses nove livros consiste no fato de todos eles terem sido adotados oficialmente em pelo menos um dos quatro Estados. Alguns manuais, como a “Gymnastica Domestica, Medica e Hygienica” de Schreber e o “Manual de Gymnastica Escolar” de Caldas e Carvalho, tiveram uma maior circulação que outros, circunscritos a apenas um ou dois Estados. No entanto, a recomendação da prática de exercícios físicos não esteve presente somente nesses livros, tampouco restrita apenas aos manuais de ginástica. A educação física e a ginástica também foram tratadas em outros livros da época, que não iremos tratar aqui, como os Compêndios de Pedagogia, por exemplo, além de livros sobre Higiene e Economia Doméstica, entre outros.

Livro didático e história ou uma história do livro didático

Um dos principais recursos à disposição de professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem, é por meio do uso do livro didático, entre outros artefatos e bens culturais, que as crianças são paulatinamente inseridas no mundo da leitura e da escrita e, conseqüentemente, têm acesso à cultura letrada. Entre as contribuições do uso do livro na educação da infância e da juventude podemos destacar desde a transmissão e consolidação de conhecimentos, até o desenvolvimento de competências e capacidades. Mesmo com o advento da internet e com o surgimento de novas tecnologias na vida escolar dos estudantes, o livro permanece, ainda hoje, como principal recurso didático utilizado nas escolas. Não é por acaso que Apple nos chama a atenção ao fato da maior parte do tempo reservado aos estudos pelos alunos da educação básica, seja em casa, seja na escola, ser utilizada com os materiais e as atividades apresentados nos livros didáticos. Segundo ele, “são os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo e (...) são os textos destes livros que freqüentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida”⁶⁵.

Certamente, não é difícil perceber que o livro didático realmente difere dos outros livros em circulação no mercado editorial. A maneira como ele é utilizado no cotidiano escolar facilita não apenas a compreensão de sua especificidade, mas também sua própria definição. Segundo Batista, o livro didático é aquele “livro ou impresso empregado pela escola, para desenvolvimento de um processo de ensino ou de formação”⁶⁶. Contudo, ao refletir sobre o próprio exercício de definir o que é o livro didático, Batista levanta algumas questões no intuito de ampliar o entendimento em relação ao que são e representam estes livros no processo de ensino e aprendizagem. Em vista disso, o autor questiona desde a existência de diferentes suportes materiais que podem conter os textos didáticos – como cartazes, folhas avulsas e/ou destacáveis, fichas, cadernos, entre outros, sendo o livro apenas mais um

⁶⁵ APPLE (1995, p. 81 e 82).

⁶⁶ BATISTA (1999, p. 534).

destes suportes – até os diferentes meios de reprodução deste material – no qual além do impresso encontram-se livros e textos manuscritos e, com o surgimento de novas tecnologias, o uso de máquinas fotocopadoras e do computador – ou ainda a variação no processo de produção – em que os textos nem sempre são produzidos para o contexto escolar, mas que, de alguma maneira, são selecionados e utilizados com alguma finalidade educativa nas escolas.

Assim, não só aspectos ligados aos suportes materiais dos textos didáticos ou aos meios de sua reprodução interferem na apreensão e, conseqüentemente, na conceituação dos livros, textos e impressos didáticos. Aspectos ligados ao próprio processo de produção desses textos ou impressos (serem *gerados* para a escola, *destinados* à escola ou *utilizados* pela escola) são fatores que dificultam a conceituação e a apreensão desse gênero de produção intelectual e que evidenciam as estreitas relações do “impresso” escolar com outras esferas da cultura⁶⁷.

Relações estas que são estabelecidas a partir das inúmeras possibilidades e graus distintos de uso desse material por professores e alunos. De acordo com Antônio Batista, a leitura e utilização dos textos e impressos escolares nem sempre estão associadas ao ensino de uma disciplina escolar. Outros usos podem ser identificados como a consulta a livros de referência – atlas, enciclopédias e dicionários – ou a leitura sistemática de edições de obras clássicas, de literatura infanto-juvenil, entre outras. Desta maneira, o impresso escolar apresenta características distintas quanto aos leitores que buscam alcançar, bem como a relação destes leitores com o conhecimento nele veiculado.

Por outro lado, ao considerar o livro didático como um material “aparentemente simples de se identificar, mas de difícil definição”⁶⁸, Circe Bittencourt observa outros aspectos importantes para um melhor entendimento do que caracteriza esse tipo de material. Segundo ela,

⁶⁷ BATISTA (1999, p. 543 e 544). Itálico do original.

⁶⁸ BITTENCOURT (2008, p. 14).

o livro didático é, antes de tudo, uma *mercadoria*, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes a lógica do mercado. Como mercadoria ele sofre interferências variadas em seu processo de fabricação e comercialização. Em sua construção interferem vários personagens, iniciando pela figura do editor, passando pelo autor e pelos técnicos especializados dos processos gráficos, como programadores visuais, ilustradores. É importante destacar que o livro didático como objeto da indústria cultural impõem uma forma de leitura organizada por profissionais e não exatamente pelo autor⁶⁹.

Assim como os demais livros, o didático também possui um mercado editorial próprio. Com efeito, se pensarmos nos textos didáticos como mais um gênero literário, perceberemos que este ocupa uma posição nada desprezível no mercado livreiro⁷⁰.

Outro aspecto importante refere-se ao livro enquanto depositário dos conteúdos escolares. Aliás, é sobre esse tipo de análise que repousa a maioria dos estudos relacionados ao livro didático. A seleção dos conhecimentos presentes no currículo e que, de certa forma, determina o que deverá ser abordado nos livros didáticos, é responsável pela transmissão de conceitos científicos e demais saberes escolarizados através do uso que se faz do livro. Segundo Bittencourt, “é por seu intermédio que são passados os conhecimentos e técnicas considerados fundamentais de uma sociedade em uma determinada época”⁷¹.

Tão importante quanto os conteúdos são os métodos de ensino empregados pelos professores e também sugeridos nos livros. Neste sentido, a autora nos leva a encarar o livro didático como instrumento pedagógico, tendo em vista que por meio

⁶⁹ Idem (2002, p. 71). Itálico do original.

⁷⁰ Uma análise do mercado do livro didático no Brasil entre os anos finais da década de 80 do século passado e os primeiros anos do século atual pode ser encontrada em CASSIANO (2007). Esta pesquisa mostra que, em 2002, o Brasil encontrava-se em sétimo lugar no ranking dos maiores vendedores de livros por quantidade de exemplares. No caso do segmento dos livros didáticos, o Brasil foi considerado o terceiro em compras institucionais (atrás apenas da China e dos Estados Unidos) e possui o maior programa de distribuição de livros didáticos do mundo (O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)).

⁷¹ BITTENCOURT (2002, p. 72).

dele também se exprimem diferentes maneiras de como, e sob quais condições, os conteúdos devem ser ensinados pelos professores em seu trabalho junto aos alunos.

A autora nos mostra ainda que também é possível perceber o livro didático enquanto veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. No entanto, independente dos conhecimentos selecionados e da forma de apresentação dos conteúdos, não podemos desconsiderar o papel do leitor. Segundo ela, “as práticas de leitura do livro didático não são idênticas e não obedecem necessariamente às regras impostas por autores e editores ou por instituições governamentais”⁷².

Estes são alguns aspectos que nos levam a encarar o livro didático para além dos usos que dele foram e ainda são feitos nas escolas. Para isso, é preciso analisá-lo conforme sugere Bittencourt, ou seja, “em um conjunto mais geral no qual aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos se articulem, conferindo-lhe dimensão específica”⁷³.

No entanto, o livro didático nem sempre foi concebido da maneira como o conhecemos hoje, sobretudo no que diz respeito à sua apresentação, ou seja, dotado de uma diagramação bastante peculiar que logo o denuncia. Segundo Batista e Galvão, “até meados do século XX, os impressos escolares são denominados manuais escolares, compêndios, livros-texto, livros. O emprego do adjetivo parece marcar um importante ponto de inflexão na constituição desse gênero de texto”⁷⁴.

Das últimas décadas do século XX até hoje, muitos estudos foram produzidos a partir da análise dos livros didáticos⁷⁵. Nota-se que os trabalhos mais polêmicos estão relacionados à análise do conteúdo das obras. Entre os principais exemplos estão os estudos conhecidos por investigar a presença de diferentes temas abordados nos

⁷² Idem (p. 74).

⁷³ BITTENCOURT (2008, p. 13).

⁷⁴ BATISTA; GALVÃO (2009, p. 41).

⁷⁵ Entre os primeiros trabalhos relacionados à temática do livro didático no Brasil, destaca-se o catálogo analítico publicado pela UNICAMP (1989) e os livros de FREITAG et. al. (1989) e OLIVEIRA et. al. (1984).

livros, de maneira explícita ou não, como: a mulher, o negro, o racismo, a ideologia, a nação, as questões de gênero, entre outros⁷⁶.

Em levantamento bibliográfico recente, Munakata identificou um crescimento significativo nos estudos e pesquisas sobre o livro didático em nosso país. Assim como os diferentes centros de pesquisa criados em países como Alemanha, França, Grã-Bretanha, Noruega, Espanha, Canadá e Argentina, o autor nos mostra que o Brasil também não tem ficado indiferente quanto ao estudo dos livros didáticos. Segundo ele, os trabalhos acadêmicos brasileiros sobre o tema saltaram de não mais que 50 títulos nos anos 1970 e 1980, para mais de 800 trabalhos produzidos de 2001 a 2011⁷⁷.

No entanto, apesar dessa profusão de trabalhos sobre o livro didático – o que não foi um fenômeno brasileiro, mas tendência internacional, como bem destacou Munakata – a inexistência de estudos sobre a história do livro didático de educação física no Brasil – conforme já mencionamos anteriormente – nos leva ao estudo dos manuais de ginástica numa perspectiva mais voltada à intercessão entre a história do livro didático e a história das disciplinas escolares e do currículo. Em nossa pesquisa, realizamos a análise dos manuais de ginástica visando uma melhor compreensão da presença dos livros não apenas no processo de institucionalização da escola moderna, mas principalmente no processo de institucionalização da própria Educação Física como disciplina escolar.

Alain Choppin, ao abordar o estudo histórico dos livros didáticos, também destaca aspectos relacionados à dimensão transnacional do livro didático, a partir da tradução, adaptação e utilização de modelos importados⁷⁸. Procedimentos como esses

⁷⁶ Sobre os diferentes estudos realizados a partir da análise do livro didático consultar a bibliografia disponível no banco de dado de livros escolares brasileiros (LIVRES). Disponível em: <http://www2.fe.usp.br:8080/livres/>. Acesso em: 10/05/2015.

⁷⁷ MUNAKATA (2012).

⁷⁸ CHOPPIN (2004).

podem ser verificados no próprio processo de nacionalização da produção de livros didáticos⁷⁹.

Anne-Marie Chartier, ao estudar os livros didáticos em França, observa que “a análise de um manual deveria se referir ao seu valor de uso”⁸⁰. Segundo ela, uma série de fatores influencia na decisão dos professores de ensino primário na escolha do livro. Entre eles a autora destaca desde as qualidades técnicas – como a facilidade de utilização, repertório de exercícios, organização da progressão, entre outras – até fatores como o custo da obra, a idade e a quantidade de alunos a ensinar, assim como as condições materiais das escolas. São aspectos que não podem ser negligenciados e que, segundo a autora, pesavam mais do que os posicionamentos “teóricos”. Diante disso, “seria impossível manter um título e reeditá-lo regularmente se ele não tivesse sido ratificado pela profissão na prática da sala de aula”⁸¹.

Como exemplo, entre os estudos já realizados sobre os manuais escolares e livros utilizados para a educação física encontra-se o trabalho desenvolvido na Argentina por Scharagrodsky; Manolakis e Barroso⁸². Também localizamos preocupações com o papel que os manuais escolares desempenharam na história da educação física escolar espanhola, em trabalhos como os desenvolvidos por Pastor Pradillo⁸³. Trata-se de alguns esforços no intuito de melhor compreendermos a história do ensino da educação física, seu processo de constituição e permanência no currículo da escola primária. Para isso, não podemos deixar de considerar os manuais escolares como fonte de pesquisa. Isto só é possível se lembrarmos que, de acordo com Darnton, “os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem”⁸⁴.

⁷⁹ Sobre o processo de nacionalização do livro didático de história, ver BITTENCOURT (1993). No caso do uso de obras importadas como a de Daniel Schreber, assim como a adaptação desta em livros como o de Domingos Nascimento, ver PUCHTA (2007).

⁸⁰ CHARTIER (2007, p. 75).

⁸¹ Idem (p. 75).

⁸² SCHARAGRODSKY; MANOLAKIS; BARROSO (2003).

⁸³ PASTOR PRADILLO (2005a; 2005b e 2005c).

⁸⁴ DARNTON (1990, p. 131).

A importância do livro didático na história das disciplinas escolares

Como podemos ver, na história do livro didático há uma possibilidade de compreendermos melhor a contribuição dos manuais, como os de ginástica, por exemplo, na consolidação da Educação Física como componente curricular. Esse aspecto pode ser melhor explorado tendo em vista a relação do livro didático com os saberes escolarizados e, conseqüentemente, com a história das disciplinas escolares. Em alguns casos, conforme sugere Corrêa, “talvez o indicativo mais importante dos limites, concepções e abordagens das disciplinas escolares, como parte dos nexos de um conjunto curricular, esteja registrado nos livros escolares”⁸⁵.

Partimos do entendimento que existe uma relação estreita entre a história das disciplinas escolares e a história do livro didático, ainda que não igualitária. Segundo Antonio Viñao, ao mesmo tempo em que a história do livro didático apresenta uma relação mais indireta ou frágil com a história das disciplinas escolares, “todos os aspectos da história de uma disciplina competem, em maior ou menor medida, a dos livros de texto”⁸⁶. Segundo ele,

ainda mantendo, como campos de pesquisa uma relativa autonomia; a história, a análise dos livros de texto e do material de ensino como produtos pedagógicos e culturais, somente adquirem um sentido histórico pleno quando se inclui no âmbito mais amplo da história das disciplinas⁸⁷.

No entanto, Viñao observa que é preciso estar atento para não reduzir a história das disciplinas escolares aos conteúdos presentes nos livros utilizados em seu ensino. Por isso a necessidade de confrontar o que os autores prescreveram em seus manuais com os conteúdos selecionados nos programas de ensino oficiais. Os livros ganham relevância, não apenas, mas, na medida em que são aprovados e recomendados

⁸⁵ CORRÊA (2000, p. 21).

⁸⁶ VIÑAO (2008, p. 192).

⁸⁷ Idem (p. 192).

oficialmente, na medida em que são utilizados ao longo da trajetória das disciplinas escolares no currículo.

Por outro lado, nota-se que para André Chervel, o livro ou manual, assim como os conteúdos neles expostos, são um dos elementos básicos constitutivos de uma disciplina escolar. No âmbito da história das disciplinas escolares, compartilhamos com Chervel o entendimento de que uma disciplina é, “em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”⁸⁸. Ao estudar a história da educação física escolar, estamos interessados em compreender o que Chervel denominou de economia interna da disciplina, isto é: sua gênese ou, como temos entendido, sua constituição como disciplina escolar; sua função e finalidades de ensino, tanto as relacionadas aos objetivos fixados – finalidades de objetivo – quanto àquelas decorrentes da realidade pedagógica – finalidades reais.

Ainda no âmbito da história das disciplinas, também é importante observar o tratamento dado à Educação Física no processo de construção social do currículo. Segundo Ivor Goodson, este processo não se estabelece sem negociação e, como todo ambiente de disputa, não está livre de tensões e conflitos. Como fruto destas negociações encontra-se tanto o currículo pré-ativo – formado por normas e critérios preestabelecidos, o que possibilita aos professores formas prévias de reprodução – quanto o currículo interativo – formado pelas intervenções de professores e alunos frente às diferentes situações e problemas levantados no decorrer do trabalho pedagógico⁸⁹.

A relação profícua entre os livros didáticos e a história das disciplinas escolares também tem sido evidenciada por autores brasileiros como Bittencourt. Segundo ela, “pode-se, inclusive, identificar pesquisas que se interligam, realizando uma história das disciplinas e, ao mesmo tempo, a do livro didático”⁹⁰. Ao abordar diferentes

⁸⁸ CHERVEL (1990, p. 180).

⁸⁹ GOODSON (1995a e 1995b).

⁹⁰ BITTENCOURT (2003, p. 32).

pesquisas sobre a história das disciplinas escolares, Bittencourt apresenta duas noções de disciplina escolar. De um lado, a autora identifica estudos como os desenvolvidos por Yves Chevallard, para quem o papel das disciplinas escolares é realizar o que ele denominou de transposição didática⁹¹. Em contraposição a esta abordagem, Bittencourt identifica os trabalhos de André Chervel, que concebe a escola como produtora de conhecimento. Conhecimento este que, por sua vez, encontra-se inserido no interior de uma cultura escolar. Desta maneira, é reconhecida a autonomia das disciplinas escolares que se formam no interior dessa cultura, e que passam a serem entendidas não mais como simplesmente metodologias.

Apesar de reconhecermos a importância da escola na transmissão de conceitos, sejam eles científicos ou não, em nosso trabalho também reconhecemos a existência de uma cultura especificamente escolar. Diante disso, é preciso deixar claro que não entendemos a cultura escolar referindo-se apenas aos conteúdos selecionados, presentes no currículo, ou como sinônimo de disciplinas escolares. Para não incorrer em equívocos como este, estamos atentos à necessidade de articularmos aspectos mais pontuais, como o estudo dos manuais escolares, por exemplo, com o contexto histórico mais geral⁹².

No caso do ensino primário, apesar da relevância dos estudos relacionados à história das disciplinas escolares e do currículo, ao tratarmos de uma disciplina em específico também é importante cotejarmos a relação entre um conteúdo particular – como aqueles que foram ministrados nas aulas de ginástica – com outros conteúdos. Ou seja, não podemos descuidar de aspectos como as finalidades políticas e socioculturais do ensino primário. Segundo Souza, “nos falta, ainda, uma visão de conjunto sobre o significado do currículo e da cultura transmitida no ensino primário”⁹³.

⁹¹ Por transposição didática CHEVALLARD (1991) se refere ao processo de vulgarização do conhecimento, de torná-lo mais acessível às crianças, realizado pela didática ao transpor os conhecimentos científicos para a sala de aula. Segundo esta concepção de ensino, a escola cumpre apenas um papel de transmissora de conhecimentos oriundos de uma fonte externa, como é o caso da produção científica.

⁹² SOUZA (2005).

⁹³ Idem (p. 86).

Construção das fontes

Ao longo da pesquisa trabalhamos com vários tipos de documentos catalogados em diferentes acervos, com diferentes intenções. Um primeiro conjunto deles é formado pelos relatórios da instrução pública. A pesquisa junto aos relatórios nos possibilitou situar os discursos dos governantes e dirigentes do ensino, assim como os relatos de professores e dos inspetores escolares sobre o ensino da ginástica e a prática de exercícios físicos nas escolas. A análise dessa documentação também nos possibilitou identificar alguns dos argumentos usados na época em defesa (ou não) da exercitação física dos escolares.

Paralelamente, a catalogação da legislação do ensino possibilitou identificarmos a forma como a ginástica e os exercícios físicos foram organizados no ensino público primário ofertado em cada um dos Estados, atentando para as diferentes denominações empregadas em cada documento, as recomendações quanto ao emprego do tempo, a configuração dos espaços, assim como os conteúdos selecionados nos programas de ensino. Os diferentes conteúdos prescritos nos programas oficiais foram tabulados por ordem cronológica, na medida em que foram mencionados em cada documento.

O levantamento de dados sobre a recomendação, a aquisição e a distribuição de livros e manuais de ginástica nos levou a trabalhar com um terceiro conjunto de documentos formado por ofícios e correspondências de governo; alguns pareceres sobre as obras; notas de compra e venda; inventários escolares; periódicos da época; além das informações encontradas em alguns relatórios e na própria legislação do ensino. Toda essa documentação foi catalogada em diferentes acervos, principalmente nos Arquivos Públicos dos Estados, mas também no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no Instituto de Estudos Brasileiros, no Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, no Círculo de Estudos Bandeirantes, na Fundação Casa de Rui Barbosa e no Centro de Memória Editorial Brasileira.

Os livros também foram encontrados em diferentes acervos, alguns inclusive em mais de um deles. Na Biblioteca Nacional encontra-se o maior número de títulos,

constando no acervo praticamente todos eles, com exceção do “Gymnastica nas Aulas”, de Manoel Baragiola; e do “Compendio Pratico de Gymnastica”, de Antonio Martiniano Ferreira. O manual de Baragiola pode ser encontrado no acervo do Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba; e no acervo da Escola Estadual Caetano de Campos, em São Paulo. O compêndio de Martiniano Ferreira encontra-se no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte. Na Biblioteca do Livro Didático da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) encontram-se, entre outros títulos: o “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar: elementar e superior”, de Borges; o “Manual de Gymnastica Escolar”, de Caldas e Carvalho; e o “Compendio de gymnastica escolar”, de Arthur Higgins. O livro “Homem Forte”, de Domingos Nascimento, também consta no acervo da Biblioteca Pública do Paraná. Por fim, na Biblioteca Nacional do Desporto, em Lisboa, encontra-se as edições portuguesas tanto do livro do Schreber quanto a do Kumlien.

Para a análise das obras, nos valem do conceito de *fundo comum* formulado por Stella Bresciani⁹⁴, isto é, um conjunto de idéias que diferentes autores compartilham ao se debruçarem sobre um determinado problema. Elaboramos ainda um protocolo considerando as observações feitas por Alain Choppin⁹⁵, ao sugerir que podemos analisar os manuais escolares a partir de duas perspectivas: focando, em um primeiro momento, nas *características próprias do livro*, para então chegar no que Choppin denominou de *características pedagógicas*.

Do ponto de vista das características próprias do livro, foram contempladas questões como: a *biografia do autor*⁹⁶, seu estatuto no mundo da edição e o seu papel na sociedade; o *contexto de produção*, os problemas nos quais os autores se detiveram, o vetor político, ideológico e cultural adotado no livro; assim como as características do *público alvo*.

Sanadas estas questões iniciais, voltamos nossa atenção às particularidades das obras frente ao processo de escolarização de saberes, como os relacionados ao ensino

⁹⁴ BRESCIANI (2004).

⁹⁵ CHOPPIN (2000 e 2004).

⁹⁶ Além da consulta em dicionários histórico-biográficos, os dados biográficos dos autores também foram encontrados em jornais e almanaques da época.

da ginástica, a partir da análise de questões voltadas às características pedagógicas das mesmas. Para isso, Choppin destaca a necessidade de analisarmos desde os *conteúdos* presentes nos livros⁹⁷, o papel que atribuem à disciplina, as escolhas efetuadas entre os conhecimentos, os conhecimentos fundamentais e a forma como foram organizados; até os aspectos relacionados aos *objetivos*, explícitos ou implícitos; bem como aqueles referentes aos *métodos* pedagógicos postos em prática.

Organização dos capítulos

Organizamos o texto em quatro capítulos. No primeiro capítulo – *A educação física na instrução pública primária: saúde, robustez e o forjar de novas sensibilidades* – procuramos mostrar como a educação física foi pensada junto com a idéia de escolarização dos exercícios físicos e da ginástica. Processo que ocorreu diante das alterações no currículo do ensino público primário, com a inserção de novas disciplinas escolares, culminando na implantação de políticas como o incentivo à produção, seleção e adoção de novos textos didáticos. O primeiro passo foi analisar os diferentes entendimentos sobre a educação física presentes nos relatórios da instrução pública, para, em seguida, identificar de que maneira a ginástica e os exercícios físicos passaram a constar na legislação do ensino publicada em cada um dos Estados. Atentamos tanto para a forma como foram nomeados e mencionados junto com os demais componentes curriculares, quanto para os conteúdos prescritos nos programas de ensino. Ao longo do texto é possível perceber que as políticas pensadas não só para a educação física das crianças, por meio da prática dos exercícios ginásticos, mas todo o projeto de formação reservado à escola como principal espaço de formação do mundo moderno, contribuíram para o forjar de novas sensibilidades.

O segundo e o terceiro capítulos foram organizados a partir das observações de Choppin, tratando, em um primeiro momento, das características próprias do livro e,

⁹⁷ Os conteúdos tratados nos manuais foram divididos em quatro eixos de análise, a saber: parte teórica; parte prática; parte metodológica; e uma última parte, prescritiva, composta por séries de exercícios e programas de ensino. A forma como trabalhamos com cada um desses eixos encontra-se mais detalhada no terceiro capítulo deste trabalho.

em seguida, das características pedagógicas. Desta maneira, no segundo capítulo – *Manuais de ginástica: adoção, distribuição e circulação* – apresentamos quem foram os autores dos manuais adotados em cada um dos Estados, responsáveis, em alguma medida, pelo ensino da ginástica nas escolas. Compreender um pouco das particularidades e da trajetória de cada autor, sua relação com a ginástica e com a prática de exercícios físicos, é importante inclusive para a compreensão dos próprios manuais (seu contexto de produção). Além da apresentação das obras, buscamos identificar a circulação desses livros, desde os lugares onde foram produzidos até os lugares por onde passaram, seja compondo o acervo de bibliotecas ou através das aquisições feitas pelos Estados para serem distribuídos aos professores e utilizados nas escolas.

No terceiro capítulo – *Manuais de Ginástica: entre conteúdos e métodos* – procuramos analisar como esses livros poderiam contribuir para o trabalho realizado nas escolas. Para isso, um primeiro desafio foi mostrar quais finalidades os autores atribuíram à educação física e à ginástica, para depois abordar os conteúdos presentes nos livros, tanto de caráter prático quanto teórico. Esses conhecimentos refletem diferentes maneiras de conceber o corpo e sua educação. Além dos saberes veiculados nos livros, os autores também apresentavam o que os professores deveriam se ater no trabalho com os alunos. Trata-se de diferentes modos de proceder, de um como fazer.

Ao final do texto, o quarto e último capítulo – *Organização da ginástica: tempo, espaço e vestuário* – é dedicado não apenas a aspectos relacionados ao tempo e ao espaço da ginástica em relação à escola, e vice-versa, mas também às roupas destinadas à prática dos exercícios físicos. Apesar de a Educação Física ter conquistado autonomia na ocupação do tempo e do espaço escolar, inicialmente a ginástica também foi vinculada aos intervalos de recreio por meio dos estudos sobre fadiga. Não por acaso, a organização da ginástica esteve ligada à própria organização da escola. Além da influência na elaboração dos horários, para ela também foram pensados espaços como os ginásios cobertos e os pátios de recreio. Ao longo do texto, procuramos confrontar as recomendações dos autores presentes nos livros com as prescrições presentes na legislação do ensino.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA INSTRUÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA: SAÚDE, ROBUSTEZ E O FORJAR DE NOVAS SENSIBILIDADES.

Em março de 1882 foi nomeada no município da Corte uma comissão para informar sobre o estado da instrução pública e melhoramentos necessários para sua reforma. O relatório produzido naquela ocasião foi assinado no mês de abril do ano seguinte, por Josino do Nascimento Silva e Joaquim Geraldo Gomes de Araujo, também fazendo parte da comissão, Manoel Joaquim da Silva Filho. Segundo os autores,

Não pode ser mais resumido, mais elementar, diremos mais rudimentar, o ensino que a província concede a seus futuros cidadãos, àqueles que deverão desenvolver as forças sociais e concorrer para o progresso das nossas indústrias, assistir e tomar parte nos fatos que são esperados e devem ter máxima influência na economia da nossa sociedade, e preparar-se para os trabalhos e lutas da vida⁹⁸.

De acordo com o relatório apresentado,

A última lei francesa que tem a data de 28 de março de 1882 compreendeu no ensino primário, além das disciplinas de costume, a instrução cívica; elementos de literatura francesa; noções usuais de direito e de economia; elementos de ciências naturais, físicas e matemáticas com aplicação à agricultura, à higiene, às artes industriais; trabalhos manuais e uso dos utensílios dos principais ofícios; elementos de desenho e de música, ginástica, exercícios militares para os meninos e para as meninas trabalhos de agulha.

Em Inglaterra trata-se de dar nova organização à instrução primária, e o projeto do código escolar foi apresentado às duas câmaras do parlamento em 6 de março de 1882. A comissão não tem conhecimento do texto; entretanto pode-se dizer, quase com segurança, que o programa do ensino é ainda mais extenso do que o decretado pelas leis belga e francesa⁹⁹.

O século XIX conheceu um amplo processo de afirmação da nação brasileira, que pressupunha a unificação e homogeneização social a qual o Brasil também procurou enfrentar, considerando suas características, sobretudo após a conquista da

⁹⁸ SILVA; ARAUJO (1883, p. 6).

⁹⁹ Idem (p. 8).

independência. Uma das expressões desses esforços de unificação é a educação escolar. Segundo Veiga, “a institucionalização da educação pública, gratuita e obrigatória no Brasil do século XIX esteve associada à idéia de homogeneização da população em ‘novos parâmetros e atitudes’”¹⁰⁰. É dessa perspectiva que advém o entendimento que da educação dependeria o futuro da nação. Nota-se, sobretudo nas últimas décadas dos oitocentos, a tentativa de modernização do ensino primário, ou seja, de atualização do currículo e implantação da escola graduada, conforme nos mostra Rosa Fátima de Souza¹⁰¹. Quando o assunto era a reforma da instrução pública, os olhos estavam voltados para os países considerados mais civilizados da Europa e América do norte, cujas políticas educacionais eram analisadas como modelo.

O debate em torno da instrução pública, identificando a necessidade em atualizar o currículo do ensino primário, também esteve presente nas discussões parlamentares de São Paulo. De acordo com o então presidente da província – José Luiz de Almeida Couto:

Estava, é certo, autorizado a realizar a reforma pelo art. 14 da Lei n. 130 de 25 de Abril de 1880, faltando-me apenas os meios para levá-la a efeito. Obtendo, porém, da Assembleia Provincial, em sua última reunião, esses meios, fiz a reforma da Instrução Pública por ato de 2 do corrente, que foi publicada em quase todos os jornais desta capital e distribuída em folheto por todas as autoridades encarregadas de sua execução. Nesse ato procurei coligir, adaptando a essa província, os princípios sancionados pela experiência dos países cultos, que devem servir-nos de modelos em matéria de ensino público.

Os pontos capitais da reforma podem resumir-se nos seguintes termos:

Entre os termos listados no relatório do presidente, consta o

alargamento do programa de ensino, adicionando-lhe, entre outras matérias, elementos de geometria prática, desenho, noções de ciências físicas e naturais, economia e prendas domésticas e ginástica¹⁰²;

¹⁰⁰ VEIGA (2007, p. 132).

¹⁰¹ SOUZA (1998).

¹⁰² COUTO (1885, p. 4).

O documento data de 1885, contudo, o ato foi revogado, devido à falta de verba, em setembro do mesmo ano pelo então presidente em exercício – Elias Antonio Pacheco e Chaves. Mesmo com vida curta, através desse documento é possível identificar o que podemos chamar de primeiras reivindicações para a inserção do ensino da ginástica nas escolas públicas primárias paulistas.

Quando e com quais finalidades o ensino da ginástica passou a fazer parte do currículo da escola primária são duas questões importantes para um melhor entendimento da história da Educação Física escolar. No que diz respeito à primeira, percebemos que a ginástica, juntamente com outras disciplinas escolares, passou a figurar no currículo do ensino público primário nos anos finais do século XIX, a partir da necessidade de uma educação que contemplasse outros conhecimentos, além da transmissão de saberes elementares como ler, escrever e contar. Acompanhar o debate travado entre políticos, intelectuais, professores, diretores e inspetores do ensino, diante do desafio de encaminhar as políticas referentes à educação, assim como embasou muitos textos de reforma da instrução pública, também nos servirá aqui no enfrentamento destas questões iniciais. Conhecer esse debate é importante inclusive para compreendermos a história das disciplinas, não apenas porque possui uma dimensão prescritiva, mas porque o currículo, como construção social, também é esfera de disputas¹⁰³.

A ginástica apareceu pela primeira vez na instrução pública do Estado de São Paulo logo após a instauração da República, com a reforma da Escola Normal, por meio do Decreto n. 27, de 12 de março de 1890, que converteu em Escola-Modelo as escolas primárias anexas. Contudo, o ensino da ginástica apareceu oficialmente no currículo da escola primária paulista, dois anos mais tarde, com a primeira reforma da instrução pública realizada no período republicano, instituída em 1892. Neste mesmo ano, a ginástica também passou a figurar no currículo do ensino público primário de Minas Gerais, por meio da Lei n. 41 de 3 de agosto de 1892, que deu nova organização à instrução pública do Estado de Minas. Na cidade do Rio de Janeiro, identificamos a presença da ginástica junto aos demais componente curriculares do ensino primário no

¹⁰³ GOODSON (1995a).

“Regulamento para as escolas criadas e mantidas pela Câmara Municipal”, com data de 19 de março de 1883¹⁰⁴. No Paraná, o ensino obrigatório da ginástica para os alunos do sexo masculino das escolas públicas primárias foi instituído em 1882. A decisão em tornar o ensino da ginástica obrigatório nas escolas paranaenses foi tomada pelo então presidente da província – Carlos de Carvalho – no mesmo ano em que a comissão nomeada no município da Corte discutia a necessidade de ampliação do currículo do ensino primário, e que Rui Barbosa escrevia seu famoso parecer sobre a reforma da instrução pública.

A inserção da ginástica no ensino público primário foi possível em decorrência do processo de renovação e ampliação do currículo, posto em marcha no fim do século XIX. Para Souza, “a introdução de novas disciplinas nos programas do ensino primário, especialmente ciências, desenho e educação física, articulou-se com a linguagem da modernidade, isto é, a justificativa para a inclusão desses conteúdos culturais assinalava as contribuições que eles trariam para a modernização”¹⁰⁵. A noção de “moderno” no plano educativo esteve presente em todos os Estados aqui investigados e a obrigatoriedade da ginástica aparece como sinônimo disso. Contudo, veremos que na prática a situação não era tão moderna assim. Muito do que foi pensado e reivindicado para a instrução pública e para o ensino da ginástica nas escolas primárias levou algum tempo para se consolidar. Por isso, precisamos estar atentos ao período que decorre entre a prescrição (a afirmação discursiva) e a materialização daquilo que foi prescrito.

Esse investimento na modernização através da escola (via currículo e disciplinas escolares) foi explorado por autores como Pablo Pineau, para quem o triunfo da escola se baseia no fato de sua proposta ter sido capaz de por em ação a concepção educacional moderna, o que levou ao estabelecimento de uma relação de produção mútua entre ambas. Segundo ele, “a modernidade ancorou-se na escola e a

¹⁰⁴ Não conseguimos precisar exatamente quando a ginástica foi inserida no currículo das escolas primárias do Rio de Janeiro. Soares destaca, por exemplo, o Decreto n. 7.247 de 19 de abril de 1879. Segundo ela (1994, p. 112), “este decreto ou esta reforma do ensino assinado por Carlos Leôncio de Carvalho trazia já em sua grade curricular o espaço obrigatório para o ensino da ginástica nas escolas primárias e secundárias do município da Corte”.

¹⁰⁵ SOUZA (2000, p. 12).

escola ocupou-se da modernização”¹⁰⁶. Não por acaso Pineau se propôs a compreender “como se construiu essa aliança entre modernidade e escola e como se deu o triunfo da escola e, dentro dela, o triunfo da organização curricular”¹⁰⁷.

Não se trata aqui de pensar no “triunfo” da Educação Física escolar, uma vez que ela esteve presente desde as primeiras reformas de ampliação do currículo e de instituição da escola moderna. Mas, assim como Pineau procurou localizar certa interdependência entre modernidade e escola ou, em outras palavras, se há uma produção mútua entre escola e modernidade, também é possível pensarmos no papel que a ginástica teria cumprido nos anos finais do século XIX e início do século XX, nessa modernidade a qual Pineau nos chama a atenção. Por isso a importância de investigarmos com que finalidade os exercícios físicos foram inseridos no currículo e de que maneira a ginástica foi articulada com as preocupações em torno da educação física das novas gerações.

A Educação física como parte da educação integral

São muitos os benefícios atribuídos à ginástica na história da educação física. Sua própria divisão em ginástica doméstica, médica, higiênica, ortopédica, pedagógica ou educativa e militar, diz muito dos diferentes objetivos conferidos à prática dos exercícios ginásticos. Dela esperava-se a incorporação de princípios de ordem e disciplina coletiva, a aquisição e preservação da saúde, a higienização e moralização dos costumes, além de regenerar a raça¹⁰⁸. Dela também foi destacado seu caráter corretivo, no cultivo de corpos retos, apumados e endireitados¹⁰⁹. De fato tais benefícios foram atribuídos à educação física e, em alguma medida, perpassaram a prática da ginástica nas escolas. No entanto, se mapearmos os argumentos utilizados para a inserção da ginástica no currículo, o que exatamente atribuíram a ela os

¹⁰⁶ PINEAU (2008, p. 85).

¹⁰⁷ Idem (p. 85).

¹⁰⁸ SOARES (2002).

¹⁰⁹ VAGO (2002).

defensores de sua prática nas escolas primárias? Quais argumentos foram determinantes para sua inserção no currículo? Seria uma mescla de todos esses benefícios ou houve algum outro motivo em especial? É importante lembrar que, neste trabalho, nosso interesse na história da Educação Física está relacionado à sua presença no cotidiano escolar, ou seja, ao como, por meio dos exercícios físicos e da ginástica, ela também passou a fazer parte do currículo¹¹⁰.

Ao tomarmos conhecimento do Ato de inserção da ginástica como prática obrigatória nas escolas públicas primárias paranaenses do sexo masculino, observamos que a preocupação do presidente da província – Carlos de Carvalho – era com a necessidade de promover uma educação dedicada à formação intelectual, mas que não descuidasse da cultura física. A defesa do ensino da ginástica nas escolas não foi apenas com o intuito de promover e melhorar a educação física dos meninos. Segundo ele, “a ginástica, desenvolvendo a musculatura e as vitalidades gerais tende a estabelecer o equilíbrio, como ensinam os higienistas, entre todas as funções, entre as aptidões físicas e a capacidade intelectual”¹¹¹. O argumento de Carlos de Carvalho foi coerente com os encaminhamentos por ele tomados, como o de escolher o manual de “Gymnastica domestica, medica e hygienica” de Schreber, distribuído para uso dos professores nas escolas. Como veremos mais adiante, no início do segundo capítulo, Schreber decidiu escrever seu manual de ginástica justamente pela falta de atividade física na vida do homem moderno, circunscrita entre o gabinete e a biblioteca. De todo modo, é preciso considerar que o autor escreveu o referido livro na Alemanha, antes da

¹¹⁰ A história da educação física vai muito além da história da escolarização. Ela também é composta pela história de outras práticas, como a história do esporte, do lazer, da dança e, inclusive, da ginástica. Todas essas práticas e manifestações corporais têm uma expressão na história da educação física que não está necessariamente ligada ao que estamos preocupados aqui, isto é, com a escola e o que podemos chamar de escolarização do social. Por isso é preciso discernir bem a educação física no geral (inserida em diferentes tempos e lugares) com aquela voltada para os escolares. Neste caso, cabe observar ainda que a ginástica é entendida aqui não como uma prática difusa, mas como parte da educação física voltada para a escola. Misturou-se na historiografia da educação física brasileira a educação física em geral e a sua escolarização (nos referimos especialmente ao trabalho de SOARES (1994) e, em alguma medida, ao de VAGO (2002)). Nosso interesse recai no segundo aspecto, procurando entender a escolarização da educação física como um processo mais voltado à história do currículo e à história da escola, e isso tem particularidades em relação às outras histórias possíveis da educação física.

¹¹¹ PARANÁ (1882).

unificação (ocorrida em 1870), em um período no qual ela caminhava para se tornar um dos países mais industrializados da Europa¹¹².

Essa preocupação com o *equilíbrio no emprego das forças* também esteve presente em outros documentos em defesa do ensino da ginástica nas escolas. De acordo com Rui Barbosa, em seu parecer sobre a reforma da instrução pública¹¹³, a educação deveria

desenvolver harmonicamente todas as energias e faculdades que completam o indivíduo. Na sua missão está o extinguir esse “antagonismo entre o corpo e o cérebro, que se nos depara naqueles que, levando ao extremo a atividade cerebral, debilitam o corpo, assim como os que, exagerando até o extremo também a atividade física, reduzem à inércia o entendimento”. Entre esses dois vícios extremos está o equilíbrio, que constitui o ideal de uma educação sã¹¹⁴.

Os alunos não deveriam ficar sem a prática de exercícios físicos, no entanto, os exageros de uma atividade física desregrada também deveriam ser combatidos. Era preciso ajustar a medida entre a educação física e a educação intelectual, promovendo, com isso, uma educação sã. Nota-se, neste caso, que para defender o equilíbrio visto por Rui Barbosa como ideal, o autor recorre à Spencer, de quem ele extraiu parte do fragmento que destacamos acima.

Herbert Spencer, autor bastante citado nos relatórios da instrução pública, sobretudo quando o assunto era a educação física, defendia uma educação integral (física, moral e intelectual) voltada para o que ele denominou de vida completa¹¹⁵. A preocupação com a educação integral do homem esteve presente no discurso médico higienista pelo menos desde a metade do século XIX¹¹⁶. De acordo com Antonio Viñao, essa tríade – educação física, moral e intelectual – se tornou algo habitual na maioria dos tratados ou manuais de pedagogia do século XIX e primeiras décadas do

¹¹² HOBSBAWM (2010).

¹¹³ O parecer foi escrito em 1882 e publicado pela primeira vez em 1883. Consultamos o referido documento nas obras completas de Rui Barbosa, publicadas em 1946 pelo Ministério da Educação e Saúde.

¹¹⁴ BARBOSA (1946, p. 69).

¹¹⁵ Publicada pela primeira vez na Inglaterra, em 1861, a obra “Da educação intelectual, moral e física”, de autoria de Spencer, teve grande repercussão no debate sobre a educação em vários países, sendo traduzida para o francês em 1878, para o espanhol em 1879 e para o português em 1886.

¹¹⁶ PAIVA (2003); GONDRA (2004).

século XX, e “constituí a versão pedagógica do ideal de homem educado – com suas particularidades para as mulheres – em todas suas facetas como tal homem, em sua inteligência, moralidade, hábitos e costumes”¹¹⁷. É nesse momento, no qual as escolas passam a ser vistas não apenas como lugares de transmissão de saberes, mas como instituições responsáveis por proporcionar uma educação integral, que a preocupação com o corpo se tornou a grande inovação introduzida no ensino primário.

Por outro lado, os exercícios físicos e de ginástica realizados nas escolas adquiriam importância não apenas ao promoverem o equilíbrio das forças, defendido por Schreber e Spencer e reiterado por Carlos de Carvalho e Rui Barbosa, mas também ao proporcionar uma atividade física que as crianças provavelmente não encontrariam em outros tempos e espaços. Se observarmos as instruções para os exercícios físicos encontradas nos programas de ensino de Minas Gerais, veremos que a orientação dada para os professores era: “não se descuide desta parte da educação das crianças na escola, porque dela depende o desenvolvimento físico dos futuros cidadãos, muitos dos quais não terão em suas casas os meios e ocasião dos exercícios que a escola lhes pode proporcionar”¹¹⁸. Com a publicação, em 1925, de novas instruções referentes aos exercícios físicos no programa do ensino primário mineiro, percebemos uma defesa ainda maior da educação física, sem perder de vista a importância do equilíbrio no emprego das forças. Segundo consta no documento,

A escola, que emprega todos os meios para o desenvolvimento intelectual do aluno, não pode descuidar do seu desenvolvimento físico.

A criança é um todo harmônico. Cuidar de seu entendimento, sem atender a seu físico, seria arruinar-lhe a saúde, e não há triunfo capaz de compensar essa perda. Para vencer na vida, a saúde é condição principal.

A verdadeira escola, que transforma seus alunos em fatores eficientes na sociedade, é aquela que promove o desenvolvimento harmônico de todos eles, em suas faculdades físicas, morais e intelectuais.

¹¹⁷ VIÑAO (2000, p. 15). “constituye la versión pedagógica del ideal del hombre educado – con sus particularidades para las mujeres – en todas sus facetas como tal hombre, en su inteligencia, moralidad, hábitos y costumbres”. Tradução livre.

¹¹⁸ MINAS GERAIS (1906b, p. 111). As mesmas instruções foram atualizadas e publicadas no programa de ensino de 1918: “Não se descuide dessa parte da educação das crianças, com exercícios bem metodizados e distribuídos para as diversas idades, porque dela depende o desenvolvimento físico dos futuros cidadãos, muitos dos quais não terão em suas casas os meios e ocasião dos exercícios que a escola lhes pode proporcionar”. (p. 53).

Não se deve, pois, cuidar da educação intelectual e moral, descuidando da educação física¹¹⁹.

Notam-se aqui algumas permanências: novamente a atenção recai sobre a importância de promover uma educação harmônica, respeitando a educação intelectual sem descuidar da atividade do corpo. Desta vez destacando a associação da prática de exercícios físicos à preservação da saúde.

Em São Paulo, segundo o relatório da Inspeção Especial de Exercícios Físicos, datado de 1926 e intitulado “A ginástica nas escolas”, o documento retoma o período em que a ginástica foi inserida no currículo das escolas-modelo paulistas, em 1890.

A inserção da Ginástica nos programas datam dessa época. E, a proporção que o tempo caminha, levando a evolução às obras da Humanidade e às empresas do Homem – mais cresce a necessidade da Cultura Física nas escolas, imposta pelo *struggle for life* que preocupa os povos, não só como um dos citados meios, ou remédios, de prevenir a queda moral e física do nosso tipo étnico, como também de desenvolver, entre as gerações presentes e futuras, a habilidade precisa para a aprendizagem das artes e ofícios e preparar poderosos motores humanos para o trabalho incessante de cada dia.

A educação física é o embasamento de toda a cultura humana; é a base da prosperidade e da felicidade dos povos¹²⁰.

Mesmo com o aparecimento de questões como o melhoramento da raça, é nítida a vinculação cada vez maior da cultura física com a formação das novas gerações. Era desse duplo investimento entre cultura intelectual e física, em conjunto com a educação moral, que deveria emergir o homem forte, tanto pela resistência física, quanto pelo caráter. É do *Struggle for life* que a educação física deveria prover os escolares. Ou seja, da consciência do esforço necessário para a realização e o cumprimento das tarefas diárias, na luta para prosperar na vida.

Há uma particularidade na educação física (assim como na educação artística): certa preocupação com a educação das sensibilidades. Também tinha-se como escopo, como orientação básica, que por meio dos sentidos corporais era possível desenvolver,

¹¹⁹ MINAS GERAIS (1925, p. 23).

¹²⁰ SÃO PAULO (1926, p. 301).

por exemplo, a força de vontade, a luta (contínua) pela vida. Não se trata, neste caso, de um corpo concebido como um “amontoado de ossos”. Trata-se de percepção sensorial, de desenvolver a capacidade de captar os impulsos do meio ambiente e transformá-los em ação, mais do que isso, em vontade.

No que diz respeito à formação do caráter, é preciso dar mais atenção à relação da educação física com a educação moral. Relação que podemos compreender a partir dos próprios cuidados com a higiene do corpo (embora vá além disso). Ao menos é o que nos chama a atenção a paranaense Julia Wanderley Petrich, em relatório assinado como professora da primeira cadeira para o sexo feminino de Curitiba, em 1908. Segundo ela,

é dever do professor primário encarar a educação da criança sob o seu tríplice aspecto, cuidando simultaneamente do seu desenvolvimento físico, intelectual e moral. *Mens sana in corpore sano* e por isso considero de grande importância a educação física pelo auxílio que incontestavelmente presta à educação moral. Tratando deste assunto, procuro sempre cuidar da higiene em primeiro lugar¹²¹.

Tema bastante caro aos ideais de civilização e modernização do século XIX (sobretudo na segunda metade) e início do século XX, a higiene interferiu em diferentes aspectos da organização social e da instrução pública. Tendo a família e a escola como lugares privilegiados de intervenção, o higienismo pode ser entendido como um movimento internacional que, ainda que tomando a saúde como eixo de suas preocupações, a partir de pressupostos higiênicos pretendia regular a vida dos indivíduos, das famílias e dos grupos sociais em toda sua amplitude¹²². Mais do que isso, podemos compreender o movimento higienista como “um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade”¹²³.

Entre as medidas tomadas para inspecionar os hábitos de higiene dos escolares, destacamos as orientações presentes no relatório do Secretário de Estado dos Negócios

¹²¹ PETRICH (1908, p. 13). Itálico do original.

¹²² VIÑAO; MORENO (2000).

¹²³ PYKOSZ; TABORDA DE OLIVEIRA (2009, p. 136).

do Interior de Minas Gerais – Delfim Moreira da Costa Ribeiro – assinado em 1904. Para ele, devia-se

exigir dos alunos o mais escrupuloso asseio, sujeitá-los à revistas, não semanais, mas diárias, de limpeza da cabeça, das orelhas, das unhas, dirigí-los de maneira a conseguir deles a limpeza de seus vestuários, do seu corpo, dos seus livros e utensílios escolares, inspirar-lhes o sentimento de respeito próprio que os hábitos de asseio traduzem, é para a escola um dever tão imperativo como ensinar-lhes a ler, ou as quatro operações¹²⁴.

Tratando da educação e/do corpo, a higiene era considerada um saber tão importante quanto os demais componentes curriculares. Os cuidados com a saúde estavam associados à manifestação e manutenção da limpeza, não apenas do corpo, mas dos livros e de todo o material escolar. Com o surgimento da teoria bacteriológica (último quartel do século XIX), salta aos olhos a origem exógena da enfermidade, vista como algo próprio do outro. O higiênico passou a ser o limpo, livre de micróbios e, portanto, de enfermidades. Da mesma forma, o limpo passou a ser o bom e, conseqüentemente, o âmbito da higiene passou a identificar-se com o da moral¹²⁵.

Por outro lado, a educação moral, responsável pela formação do caráter, estava presente no currículo de maneira dispersa, ou seja, não se configurava como uma disciplina escolar. Assim, deveria ser trabalhada em ocasiões oportunas, sempre que possível, junto com os demais conteúdos e disciplinas, sobretudo através do exemplo. Tais recomendações constavam nos regulamentos da instrução pública. Em Minas Gerais, por exemplo, de acordo com o art. 39 do regulamento publicado em 1900, “o ensino da moral não terá hora determinada para lição; será ministrado à medida que se oferecerem ensejos, esforçando-se sempre os professores por desenvolver o senso moral, por formar o caráter dos alunos”¹²⁶. O mesmo permanece nos próximos documentos, como no art. 3º do regulamento publicado em 1906, no qual “a educação moral não terá em caso algum o caráter de um curso teórico e filosófico, mas será

¹²⁴ RIBEIRO (1904, p. 22).

¹²⁵ ARRIZABALAGA; MARTÍNEZ VIDAL; PARDO (1998).

¹²⁶ MINAS GERAIS (1900).

comunicada em forma experimental e simples, devendo ser naturalmente respirada na atmosfera da escola”¹²⁷.

De acordo com as instruções para os inspetores escolares de São Paulo, estabelecidas no intuito de facilitar a uniformidade na orientação do ensino, em relação à educação moral e cívica:

Nem exige menção no horário. Uma lição de moral ou de civismo dada a propósito de um fato atual impressiona a criança, atua sobre ela. Os acontecimentos da classe, da rua ou da cidade, uma festa de caridade ou cívica, uma eleição, a abertura ou encerramento do Congresso, a posse do presidente do Estado ou de um município, o julgamento de um criminoso, as datas nacionais, tudo são assuntos de interessante palestra, motivo de lições mais ou menos concretizáveis em alguns análogos casos que se pode fazer em classe; a eleição do chefe, a escolha do diretor de ginástica, a abertura das aulas e seu encerramento, a distribuição de prêmios, a posse de um novo professor ou diretor, a vinda ou despedida de um colega, etc.¹²⁸.

Tão importante quanto a fala era o momento para se dirigir aos alunos, o ensejo que daria motivo à lição de moral. Além de conhecer e dominar os exercícios praticados nas aulas, a escolha do diretor de ginástica, assim como a de qualquer outro representante, também deveria levar em consideração as qualidades morais do indivíduo. Qualidades observadas principalmente através das atitudes e dos hábitos demonstrados pelos alunos e reforçados pelo professor no momento da escolha. Além disso, a própria prática da ginástica suscitava valores como ordem, disciplina, união, entre outros. Assim, o diretor de ginástica atuaria como mais uma figura exemplar que, junto com o professor, deveria ser seguido, não apenas durante a realização dos exercícios, nem pelas histórias narradas ou pelo discurso proferido, mas, sobretudo, pelas atitudes.

A importância atribuída às atitudes decorre da idéia de que era da maneira de agir dos alunos em seu cotidiano que se produziriam os hábitos necessários para uma vida saudável e produtiva. Ao menos este era o entendimento dos médicos higienistas. Preocupados com a saúde da população, o discurso de muitos destes profissionais

¹²⁷ MINAS GERAIS (1906a).

¹²⁸ SÃO PAULO (1911, p. 23 e 24).

partem deste princípio, ou seja, de que não era apenas por meio das palavras que se moldaria o caráter do educando. Para que a criança pudesse demonstrar retidão moral, também era preciso força, energia e acima de tudo, vontade.

A aproximação entre a educação física e a educação moral também esteve presente nos exames para provimento dos professores nas escolas. Ao nos depararmos com a prova escrita realizada por Maria de Almeida Machado – candidata ao lugar de adjunta à 3ª escola do sexo feminino de Tatuhy, Estado de São Paulo, em 25 de fevereiro de 1896 – percebemos essa união em um dos pontos sorteados pela candidata, ou seja: “Educação cívica e moral: educação física das crianças”. O que nos chamou a atenção ao tomar conhecimento deste documento foi justamente a maneira como o ponto foi elaborado, o que reflete nos conhecimentos esperados dos candidatos ao cargo de professores do ensino público primário paulista. Segundo a candidata,

Educar não é simplesmente dar bons conselhos ou instruir como muita gente erradamente supõe, mas sim dirigir e desenvolver as faculdades do homem. E essas faculdades se referem já ao corpo, já a inteligência, já as qualidades morais ou ao caráter. A educação, pois, tem de atender a essa triplicidade, e daí a sua divisão em educação física, educação intelectual e educação moral.

A primeira [educação física] que é o objeto deste ponto tem por fim avigorar as forças e assegurar a sanidade do corpo como meios imprescindíveis para a prolongação da vida. Se bem compita aos pais esta parte da educação da criança, ao professor também cabe nela grande soma de responsabilidade, e até, casos há, em que a carga deste último, exclusivamente quase fica, principalmente no tocante a higiene que os pedagogos consideram como meio indireto quando, na nossa opinião, a higiene constitui um elemento imediato para o desenvolvimento físico. A higiene nos vestuários e no corpo não só concorre poderosamente para a conservação da saúde, como ainda, serve de elo entre a educação física e a moral que, como sabemos, se ocupa dos hábitos. E se a absorção do ar viciado por ser ele insuficiente é prejudicial, muito mais nocivo deve ser esse mesmo ar quando transcende a exalação de corpos pouco asseados. Portanto, na nossa opinião ao professor primário deve merecer especial cuidado esta parte de educação física da criança¹²⁹.

¹²⁹ MACHADO (1896). A prova escrita, realizada em folhas de papel almaço, não apresenta número de página, encontra-se junto aos demais documentos relativos ao exame realizado por Maria de Almeida Machado. Uma informação importante que consta nos documentos é o resultado obtido nas provas. No ponto referente à educação física das crianças, Maria foi avaliada com nota 9, demonstrando, com isso, que o conteúdo contido na prova estava de acordo com o que esperavam os examinadores.

Ainda segundo ela,

Quanto aos meios diretos podemos capitulá-los ou sintetizá-los nesta palavra – Ginástica.

Além dos exercícios de tronco, membros etc. marchas e outras evoluções especificadas na lei atual sobre a Instrução Pública e que constituem dever inerente às obrigações de professor nas horas escolares, há outros que podem exercitar-se por ocasião dos recreios¹³⁰.

Percebemos aqui a defesa de uma educação física que evita a doença pela higiene e que fortalece o corpo pela ginástica. Ambas – higiene e ginástica – atuam como saberes e práticas importantes no âmbito da educação física e também da educação moral. A ginástica passa a ser compreendida como a parte aplicada da educação física do escolar. Vale lembrar que os cuidados com a educação do corpo estiveram presentes em diferentes partes do currículo. Além da higiene e da ginástica, matérias como desenho, trabalhos manuais, prendas domésticas, canto orfeônico e até mesmo o recreio¹³¹ (enquanto dispositivo curricular) também atuaram como parte dos investimentos sobre o corpo e sua educação¹³².

Em torno dos problemas relacionados à higiene (ou a falta dela) questionava-se o desconhecimento por parte dos pais e da população em geral sobre os reflexos da higiene na preservação da saúde. Entre outros fatores, também era mencionada a pobreza, associada a uma condição de vida bastante precária, com muitos casos de insalubridade, sobretudo nos centros urbanos, o que refletiu nos altos índices de epidemias, diarreia, mortalidade infantil, entre outros registrados no período¹³³. Esse

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Sobre o processo de institucionalização do recreio no currículo da escola primária paranaense, ver MEURER (2008).

¹³² TABORDA DE OLIVEIRA (2006 e 2007b).

¹³³ Os problemas relacionados à higiene e à insalubridade fizeram parte da realidade de muitos países, inclusive no continente europeu. Na Espanha, por exemplo, foram registradas mais de dez milhões de mortes nas duas primeiras décadas do século passado. Os números não eram menos alarmantes quando se tratavam das crianças. Na viragem no século XIX para o século XX, a mortalidade dos menores de cinco anos (por 1000 nascidos) era de 203 na França (1898-1903); 234 na Inglaterra e Gales (1891-1900); 161 na Suécia (1891-1900); 286 na Itália (1899-1902) e 320 na Espanha (1901-1905). São muitas as causas dos óbitos, desde gripe e diarreia, até meningite, sarampo, varíola, tuberculose, bronquite aguda, pneumonia, entre outras, tendo a miséria (e sua incidência nos hábitos de vida) como

quadro de insalubridade associado à ausência de hábitos de higiene motivou uma ampla política de higienização e moralização dos costumes¹³⁴, e a ginástica estava diretamente implicada nesse projeto de regeneração social.

Contudo, mesmo sob a forte influência do discurso médico, quando o assunto era a educação física, a preocupação com a saúde não necessariamente era consenso ou prioridade. Segundo o inspetor escolar paulista, Julio Pinto Marcondes Pestana, “deixando de parte o estado de saúde e sua conservação, que devem estar afetos ao médico, e mais outras condições tais como: a alimentação, vestuário, respiração, sono, etc., tratemos do que se pode fazer atualmente, tendo em vista o estado de nossas escolas e de nossos professores”¹³⁵. Sem possuir uma formação específica e diante do estado precário no qual se encontravam muitas escolas, a educação física também começou a ser descuidada pelos professores. Exemplo disso pode ser encontrado no relatório de outro inspetor escolar paulista – Miguel Carneiro Junior. Segundo ele, “os programas consignam – ginástica e exercícios militares – que, na maioria dos grupos e na quase totalidade das escolas isoladas, não se pratica senão como elemento decorativo para festas”¹³⁶. Passados quase vinte anos desde que foi inserida no currículo, a ginástica ainda não era, necessariamente, praticada nas escolas. Nota-se, com isso, um lento processo de institucionalização da ginástica no cotidiano escolar.

Ao mesmo tempo em que era preciso higienizar e moralizar os costumes do brasileiro, também era necessário construir a nação, sobretudo a partir da consolidação e legitimação da república¹³⁷. Para isso, as festas escolares foram utilizadas como importante recurso no processo de constituição de uma mentalidade cívica. Segundo Veiga e Gouvea, “destaca-se que, nesta ‘nova’ era, instaurou-se, nos diferentes discursos, a ideia de que novas virtudes precisariam adentrar-se pelos sentidos; nas festas, a república surge como espetáculo formador da população, simulacro de novos

um dos motivos mais presentes no discurso higienista do final do século XIX, além de outros fatores como falta de água potável, de vacina, subnutrição, entre outros (BORRÁS LLOP, 1996).

¹³⁴ ROCHA (2000 e 2003).

¹³⁵ PESTANA (1910, p. 68).

¹³⁶ CARNEIRO JR. (1908, p. 71).

¹³⁷ Sobre a instauração da República, ver CARVALHO (1997a e 1997b).

protagonistas da história”¹³⁸. No forjar desta nova sensibilidade moral e cívica, a educação física, por meio dos jogos e dos exercícios de ginástica, não apenas esteve presente como se destacou na realização e no cumprimento das finalidades previstas em tais celebrações. Trata-se, com efeito, do importante papel no qual as preocupações com a incorporação de novos hábitos e valores, fizeram da educação física e do ensino da ginástica parte importante na formação das novas gerações, mesmo como “elemento decorativo para festas”. Muitas dessas festas estavam dentro da escola, mas davam visibilidade para aquilo que também não é escolar. Neste caso, como atividade educativa, as festas escolares também cumpriam um papel de educação social, uma vez que expressavam todo o esforço de uma sociedade de transmitir a cultura aos seus membros, sendo a escolarização uma das expressões da educação social¹³⁹.

O mesmo pode ser dito dos desfiles patrióticos estudados por Bencostta, para quem estes eventos cívicos podem ser compreendidos “como transmissores de uma linguagem coletiva, capaz de expressar concomitantemente múltiplos planos simbólicos que os levam a ser identificados como uma grande festa”¹⁴⁰. Característicos por homenagearem, em diferentes momentos, a república, os desfiles realizados pelos alunos também contavam com a apresentação dos exercícios de ginástica. Exercícios carregados de valores e de uma estética própria na qual as escolas apresentavam aos políticos e a sociedade aquilo que foi trabalhado no cotidiano escolar ao longo do ano e que, em alguma medida, deveria ser seguido enquanto exemplo de cidadania¹⁴¹.

¹³⁸ VEIGA; GOUVEA (2000, p. 138). Ao analisar as atividades das festas para crianças realizadas nos grupos escolares de Belo Horizonte e na escola infantil Delfim Moreira, as autoras observaram uma forma que, segundo elas, “não variava muito de escola para escola. Sua estrutura básica compunha-se da formatura dos alunos, marcha, canto do hino nacional, saudação de alguma professora ou autoridade, poesias, cantos, bailados (inclusive o minueto), demonstração de jogos e ginástica, canto do hino escolar, desfile de encerramento e distribuição de balas”. (Idem, p. 142).

¹³⁹ Cf. TABORDA DE OLIVEIRA (2011a).

¹⁴⁰ BENCOSTTA (2006, p. 300).

¹⁴¹ Através do trabalho de BENCOSTTA (2006) é possível perceber não apenas a permanência da ginástica nas festas cívicas realizadas no decorrer do século passado, mas também a permanência do próprio vínculo estabelecido entre a educação física e a educação moral e cívica. Segundo ele (2006, p. 310), ao analisar os desfiles realizados pelos grupos escolares de Curitiba (em outro contexto, que extrapola os limites temporais do nosso trabalho), “as instruções para o desfile daquele ano [1941] ficaram sobre a responsabilidade da Inspeção de Educação Física do Estado, que deveria organizar a formação dos alunos às 8h30 na Praça Santos Andrade, em colunas de oito fileiras”.

O estudo das festas escolares também nos ajuda a compreender melhor, parte das preocupações em torno da educação física e da presença da ginástica no currículo. A singularidade do ambiente festivo nos chama a atenção para outros aspectos importantes na formação do cidadão republicano, como a presença de uma forte educação dos sentidos e das sensibilidades. No forjar deste novo cidadão, a educação dos sentidos (especialmente da visão) presente na pedagogia das festas¹⁴² e, por que não, dos exercícios físicos e da ginástica, ganha importância por satisfazer justamente um dos elementos mais valorizados na produção das festas cívicas, ou seja, “o seu poder de encantar e seduzir, tanto a quem participa (como ator ou espectador), como a quem dela toma conhecimento indiretamente, por relatos escritos ou orais”¹⁴³. De todo modo, trata-se de um encantamento através dos sentidos, seja pelo tato, olfato, paladar, seja pela visão, audição, ou ainda, pelo sentido sinestésico, na mistura ou combinação de mais de um deles. Segundo Chamon, “a festa falava a todos esses sentidos através de imagens, gestos, sons, cheiros e sabores. Era nesses elementos que a pedagogia da festa se revelava. Pedagogia que visava tomar o homem antes pelo sentir que pelo pensar”¹⁴⁴. Nessa miscelânea, a visão era o sentido mais explorado, tendo em vista que a festa era feita principalmente para ver e para sentir. Não por acaso a autora observa que, “estudar o caráter pedagógico da festa cívica implica não perder de vista que reflexão e sensação caminham juntas e que, nos momentos de alegria festiva, os homens se deixam levar menos por princípios racionais do que pela efusão evocada pelas imagens do espetáculo”¹⁴⁵.

Contudo, o intuito não era simplesmente estimular os cinco sentidos. Tratava-se de uma ação pedagógica que, em defesa de determinados valores e crenças, atuava principalmente no âmbito das emoções. Era dessa maneira que se pretendia – através da difusão de valores como civilização, ordem e unidade nacional – formar o caráter e a identidade do brasileiro. Nisso a ginástica também foi importante, tanto pelo trabalho realizado no cotidiano escolar, quanto para os espetáculos promovidos durante as festas. Dos exercícios ginásticos, realizados em conjunto e muitas vezes

¹⁴² CHAMON (2002).

¹⁴³ Idem (p. 47).

¹⁴⁴ Idem (p. 48).

¹⁴⁵ Idem (p. 34).

acompanhados com músicas cujas letras patrióticas deveriam ser de conhecimento das crianças, era possível extrair uma série de sentimentos e emoções tais como: união, beleza, pertencimento, amor e poder. Desta maneira, acreditamos que é possível questionar até que ponto a realização dos exercícios ginásticos, visando à participação nas festas escolares, não contribuiu para a construção e consolidação de uma estrutura de sentimentos, no sentido apresentado por Raymond Williams¹⁴⁶.

Mesmo com muitos argumentos em favor da presença da ginástica nas escolas, também é possível perceber uma falta de atenção com a educação física das crianças. Aliás, acreditamos que é justamente desses elementos “depreciativos” que talvez possamos tirar maiores conseqüências do papel desempenhado pelo ensino de ginástica. Segundo relatou o Inspetor Geral do Ensino da 9ª circunscrição escolar do Rio de Janeiro – Clodomiro Vasconcellos – em maio de 1897: “passando agora à educação física, que de modo atroz é descurada, que mais opor aos que dizem que ‘menino da roça, pulando e correndo, não precisam de ginástica’”¹⁴⁷.

O entendimento de que as brincadeiras e demais atividades realizadas pelas crianças substituíam os exercícios ginásticos e, portanto, desobrigavam a exigência da ginástica nas escolas, parece ter sido de certa forma, questionado. Mais de uma década antes do relato do inspetor carioca, Rui Barbosa alertava que, com relação à ginástica: “não há nada, discorre um notável publicista e economista francês, que possa fazer as vezes dessa ciência e dessa arte do movimento variado e combinado, que desenvolve todos os membros; nada a pode substituir, nem mesmo os exercícios da lavoura e da milícia”¹⁴⁸.

Tanto Rui Barbosa quanto Clodomiro Vasconcellos reconheciam a importância da ginástica, mesmo que para isso fosse necessário “negar” a própria cultura. Para

¹⁴⁶ WILLIAMS (1975).

¹⁴⁷ VASCONCELLOS (1897, p. 291).

¹⁴⁸ BARBOSA (1946, p. 76). Rui Barbosa se referia a Henry Baudrillart. *La famille et l'éducation em France*. Paris, 1874, p. 284. Nota-se, neste caso, uma desqualificação da família, da vida comum do ambiente familiar, para enfatizar a importância da ginástica racional, metódica e escolar. Medida que coincidia com as orientações dos médicos higienistas, no século XIX, para moralizar os costumes da família brasileira. Segundo CUNHA (2007, p. 453), “para adequar pais, mães, filhos e filhas ao que consideravam pertinente às normas da saúde física, mental e moral, os higienistas combateram em várias frentes. Uma delas foi a escola”.

Clodomiro, brincar não era suficiente, era preciso mais do que brincar. No entanto, observando os conteúdos da ginástica, parte deles não é justamente pular e correr? Mesmo o pular e o correr sendo parte dos conteúdos da ginástica, o que o inspetor queria era enfatizar a importância de uma ginástica metódica, científica. O problema não era brincar, correr ou pular, e sim o fato de que não era qualquer corrida, qualquer pulo, nem qualquer brinquedo que importava. O que importava eram os conteúdos prescritos considerando não apenas a ciência médica, mas também a experiência daqueles que por muitos anos se dedicaram ao ensino da ginástica.

Assim como outros conhecimentos, a ginástica, vista a princípio como uma arte, também foi transformada em ciência no decorrer do século XIX e início do século XX. Os exercícios ginásticos se diferenciavam das demais atividades físicas por encontrarem-se de acordo com os princípios de anatomia, fisiologia, higiene e, posteriormente, de psicologia. Era da ginástica científica que Rui Barbosa se referia. Tratava-se da reivindicação de uma ginástica pautada na ciência e que gradativamente vai restringindo as possibilidades de manifestação corporal das crianças. Por outro lado, se pensarmos na prática da ginástica em relação às características da vida do homem do campo, talvez o inspetor do Rio de Janeiro tivesse razão. Talvez a ginástica, como um método artificial de promover a atividade física, fosse mais adequada à vida do homem moderno e sedentário, mais comum nos centros urbanos do que nas zonas rurais. Ao menos até a chegada da agricultura capitalista, como consequência dos melhoramentos na produção agrícola, expulsando o homem do campo em direção à cidade. Fenômeno que ocorre inicialmente na Inglaterra, no século XVIII e, sobretudo, no século XIX¹⁴⁹.

No Brasil, observa-se nas duas últimas décadas dos oitocentos e nas primeiras décadas do século XX um processo inédito de aceleração da urbanização, inchando, em diferentes proporções, as principais capitais do país. Juntamente com esse abrupto inchaço habitacional, nota-se uma industrialização incipiente – sobretudo têxtil; de vestuário e calçados; alimentos e bebidas – além de outros problemas como a insalubridade e, conseqüentemente, o combate às epidemias. Como vimos, trata-se de

¹⁴⁹ WILLIAMS (2011).

um período de regeneração (moral e física), marcado por reformas urbanas com vistas a homogeneizar vizinhanças, a construção de grandes avenidas e bulevares, de tornar os espaços públicos assépticos, provocando demolições excludentes e promovendo a segregação social ao assegurar a exclusão de moradias populares das regiões centrais das cidades, expulsando-as para os morros ou zonas periféricas¹⁵⁰. Era na Capital Federal onde encontrava-se o maior contingente populacional, seguida por São Paulo, a “metrópole do café”. Na última década dos oitocentos também foi criada, planejada e realizada a construção da cidade de Belo Horizonte, nova capital mineira, iniciada em 1894 e inaugurada em 1897. Segundo Veiga, “a constituição de Belo Horizonte como cidade não segue os números da densidade populacional de outras capitais brasileiras”¹⁵¹. O mesmo, em alguma medida, também pode ser dito de Curitiba¹⁵². Com efeito, as mudanças provocadas no cenário das principais capitais brasileiras também provocaram mudanças nos comportamentos de seus habitantes, reorientando suas percepções, principalmente daqueles que tiveram que se adaptar aos novos recursos então disponíveis, como a luz e os bondes elétricos¹⁵³.

Contudo, visando o crescimento da economia, durante a Primeira República o país contava com a força de trabalho dos negros (recém-egressos da escravidão) e seus descendentes. Não muito distante da condição dos afro-brasileiros estavam os imigrantes pobres, em sua maioria proveniente das fazendas, aldeias ou povoados rurais europeus. Os mesmos que perderam suas terras ou trabalho no campo e não

¹⁵⁰ FRANCO; LAGO (2012); MARINS (1998); MATTOS (2012); SCHWARCZ (2012a).

¹⁵¹ VEIGA (2002, p. 122).

¹⁵² As capitais de Minas Gerais e do Paraná tinham um contingente populacional bastante inferior aos de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. Segue abaixo, para efeito de comparação, um quadro com os dados da população total e taxas de crescimento das quatro capitais:

CAPITAIS	POPULAÇÃO RECENSEADA				CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL		
	1872	1890	1900	1920	1872 a 1890	1890 a 1900	1900 a 1920
Belo Horizonte	-----	-----	13 472	55 563	-----	-----	0,0747
Curitiba	12 651	24 553	49 755	78 986	0,0375	0,0372	0,0238
Rio de Janeiro	274 972	522 651	691 565	1 157 873	0,0363	0,0284	0,0266
São Paulo	31 385	64 944	239 820	579 033	0,0412	0,1396	0,0458

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro: Tip. do Dep. de Estatística e Publicidade, 1936. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=720>. Acesso em: maio de 2015.

¹⁵³ SEVCENKO (1998).

necessariamente os encontraram de volta nas grandes metrópoles do velho continente. A vinda para o Brasil mostrava-se como uma oportunidade de recomeçar. Ao chegar, se submetiam a uma oligarquia que brigava incessantemente pelo poder. Ou seja, a grande maioria sobrevivia do pouco que ganhava das muitas horas de trabalho braçal, também lutando pelos empregos e trabalhos instáveis disponíveis nos centros urbanos brasileiros. Assim viviam pedreiros, ferreiros, carpinteiros, padeiros, carroceiros, pequenos comerciantes, funcionários públicos, lavadeiras, alfaiates, costureiras, enfim, trabalhadores e operários industriais. “O Brasil era um país muito pobre, não apenas com relação aos mais avançados, mas também quando comparado aos vizinhos latino-americanos”¹⁵⁴. Nele, encontrava-se “de um lado a cidade, definida pela indústria, pelas oportunidades de trabalho, pelo mercado, mas também por uma política de exclusão e de distanciamentos. De outro lado, os “demais Brasis”, perdidos nos sertões, longínquos na realidade e na imaginação, ou nas florestas fechadas”¹⁵⁵.

No entanto, podemos atribuir o crescimento das cidades nos dois últimos séculos a uma nova visão de mundo determinada pela ciência. Concomitante ao desenvolvimento do conhecimento científico, a vida estabelecida nessas grandes aglomerações humanas que caracterizam os centros urbanos modernos, foi pautada pelo sentimento de luta e de indiferença. Para Raymond Williams, a cidade não é apenas uma forma de vida moderna, “é a concretização física de uma consciência moderna decisiva”¹⁵⁶.

Nesse contexto, a escola não apenas ocupou o espaço das cidades, mas se consolidou como forma educativa hegemônica em todo o mundo. De acordo com Pablo Pineau, “de Paris à Timbuctú, de Filadélfia à Buenos Aires, a escola se converteu em um inegável símbolo dos tempos, em uma metáfora do progresso, em uma das maiores construções da modernidade”¹⁵⁷. A ela coube conduzir as novas gerações ao progresso via transmissão do conhecimento científico. Essa missão foi

¹⁵⁴ FRANCO; LAGO (2012, p. 198).

¹⁵⁵ SCHWARCZ (2012b, p. 24).

¹⁵⁶ WILLIAMS (2011, p. 393).

¹⁵⁷ PINEAU (2001, p. 27 e 28). “de Paris a Timbuctú, de Filadelfia a Buenos Aires, la escuela se convirtió en un innegable símbolo de los tiempos, en una metáfora del progreso, en una de las mayores construcciones de la modernidad”. Tradução livre.

claramente descrita no relatório do presidente da província do Rio de Janeiro – José Leandro de Godoy e Vasconcellos – em agosto de 1884. Segundo ele,

entretanto as evoluções do progresso não se operam mecanicamente. São a resultante da combinação da ciência com a força em que a primeira é a característica de uma progressão assombrosa.

Assim o aproveitamento dos elementos de produção como fator de prosperidade depende de uma direção científica e prática, cuja inicial de projeção parte da escola¹⁵⁸.

Ou seja, caberia à escola promover uma educação científica e prática, a cargo da combinação entre ciência e força, entendida como condição para viabilizar o progresso. Segundo Bury, “a esperança de lograr uma sociedade feliz neste mundo para as futuras gerações (...) veio para recolocar, como centro de mobilização social, a esperança de felicidade em outro mundo”¹⁵⁹. Sua tese é a de que os homens não puderam formular uma teoria do progresso até que não se sentiram independentes da Providência. Conforme anunciado na contracapa do livro do referido autor, “a idéia de progresso substituiu a fé na providência como mão invisível que orienta o desenvolvimento da humanidade”¹⁶⁰. Embora seja difícil considerá-lo assim, como o autor mesmo nos chama a atenção, o progresso caracteriza-se como uma meta. Meta “cuja consecução depende única e exclusivamente de nosso próprio esforço e nossa boa vontade”¹⁶¹.

¹⁵⁸ VASCONCELLOS (1884, p. 57).

¹⁵⁹ BURY (1971, p. 10). “la esperanza de lograr una sociedad feliz en este mundo para las futuras generaciones (...) ha venido a reemplazar, como centro de movilización social, a la esperanza de felicidad en otro mundo”. Tradução livre.

¹⁶⁰ Idem. “la idea del progreso ha sustituido a la fe en la providencia como mano invisible que orienta el desarrollo de la humanidad”. Tradução livre.

¹⁶¹ Idem (p. 14). “cuya consecución depende única y exclusivamente de nuestros propios esfuerzos y nuestra buena voluntad”. Tradução livre. A primeira edição do livro de John Bury, “The idea of progress. An inquiry into its origin and growth”, foi publicada em Londres, em 1920. Ao analisar a ideia de progresso, suas origens e evoluções históricas, ele dedica a obra aos autores que contribuíram para a construção do conceito de progresso, em diferentes tempos, com diferentes matizes, a saber: Saint-Pierre; Condorcet; Auguste Comte e Herbert Spencer. É importante frisar que, para John Bury, “no se puede probar que esa desconocida meta hacia la que se dirige el hombre, sea la deseable” (Idem, p. 14).

Além da ciência, como promotora de modernização e progresso, a educação também deveria atuar no âmbito do desejo. A educação da vontade, visando formar a personalidade, também esteve no horizonte da educação integral do homem. Esse é um aspecto no qual nos chama a atenção Marcus Taborda de Oliveira, e para o qual a ginástica também deveria contribuir. Segundo ele, a vontade pode ser compreendida “tanto [como] um princípio motor quanto [como] um princípio repressivo dos movimentos, daí a importância da ginástica e dos jogos para a sua educação”¹⁶².

A preocupação com a educação da vontade esteve no horizonte de autores como Fernando de Azevedo, quando disputou a cadeira de ginástica do ginásio do estado de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte em 1915. Para Fernando de Azevedo, a educação física não servia apenas para favorecer o desenvolvimento harmônico do corpo – conforme chamavam a atenção Schreber e Rui Barbosa – mas “desempenha funções de não menos relevo na formação da vontade e do caráter e no exercício das forças volitivas”¹⁶³. O desenvolvimento das faculdades morais culminaria na formação do que Fernando de Azevedo chamou de “homem de ação”, e que nós denominamos de “homem forte”, fazendo alusão ao livro de Domingos Nascimento¹⁶⁴. Nos referimos, ao fim e a cabo, à formação do homem novo, do homem moderno, cultivado e civilizado, enfrentada de maneiras diversas, mas também com alguma semelhança, por diferentes países¹⁶⁵.

¹⁶² TABORDA DE OLIVEIRA (2014, p. 5596).

¹⁶³ AZEVEDO (1960, p. 24).

¹⁶⁴ Logo nos deteremos mais sobre o livro de Domingos Nascimento e sua atuação como político e intelectual paranaense, no segundo capítulo deste trabalho.

¹⁶⁵ No caso da Espanha, por exemplo, percebemos muito do que identificamos anteriormente em iniciativas como a criação da Institución Libre de Enseñanza, bem como no debate sobre a educação física travado em seu boletim (ver a esse respeito os trabalhos de LÓPEZ SERRA (2012) e BALLESTER e PERDIGUERO (1998)). Nota-se a extensão dos efeitos de uma educação física (regeneracionista) à educação moral, assim como a presença da ginástica em uma escola que, além de educar o corpo e o espírito, também se preocupava com a educação da vontade. A preocupação em formar homens fortes também foi identificada por PASTOR PRADILLO (2005c), em sua pesquisa sobre a institucionalização da educação física no ensino primário espanhol. Observa-se, neste caso, o discurso identificado por Pastor Pradillo e proferido por María Carbonell na Assembleia Pedagógica de Valência, em maio de 1895. Segundo ela, “alejemos el pesimismo que engendra desalientos, tengamos fe divina creyendo que Dios ha de ayudarnos en tan noble empresa; fe en la virtualidad de las ideas, fe en el porvenir. Pensemos en que para colocarnos al lado de los pueblos poderosos hemos de tener una aspiración: hacernos fuertes. Fuertes para el ejercicio de las grandes virtudes, por la nobleza de los ideales, por el trabajo cerebral, por el trabajo muscular, por la inteligencia y por la

De todo modo, é possível dizer que a prática de exercícios físicos foi vinculada a uma formação cujo domínio de habilidades como ler, escrever e contar, não era mais suficiente. Como vimos, o currículo da escola moderna precisou ser ampliado, contemplando outros saberes e novas habilidades. De acordo com Oscar Thompson, em relatório publicado no Anuário do Ensino do Estado de São Paulo,

Ler, escrever e contar, somente, não traduz o espírito da escola moderna. Sem dúvida a leitura, a escrita e as contas são disciplinas instrumentais, servem para se adquirirem outros conhecimentos; mas o que a escola se propõe a criar, a desenvolver principalmente é o espírito de iniciativa, de perseverança, de energia, de bondade e de dignidade. É formar homens fortes, bons e dignos, cheios de confiança em si mesmo e conscientes de sua responsabilidade. Em suma, a boa escola é aquela que se torna para a sociedade um viveiro de homens bons de caráter¹⁶⁶.

Entre as necessidades decorrentes da ampliação do currículo da escola primária nos anos finais do século XIX, estava justamente a *formação do homem forte*. Por isso a importância da educação física e a inserção da ginástica (científica) no currículo. Não apenas para promover a saúde e garantir o vigor das novas gerações, mas também para formar o caráter, moralizar os costumes e educar a vontade. Essas eram algumas das atribuições de uma educação integral na qual a ginástica apresentava uma contribuição importante, mesmo às vezes sendo descurada.

Diante do desafio de viabilizar a prática de exercícios físicos nas escolas, diferentes medidas foram tomadas nos diferentes estados brasileiros. Se pensarmos nas reformas da instrução pública, vemos no processo de implantação dos grupos escolares não apenas o surgimento de um novo modelo de instituição escolar, mas a criação de melhores condições para viabilizar a tão almejada educação integral e o cumprimento do currículo (para além do ler, escrever e contar). Assim, acreditamos que analisar o processo de inserção e a organização dos exercícios físicos e do ensino da ginástica na

acción, pensando y haciendo” (PASTOR PRADILLO 2005c, p. 105). Esse discurso traduz muito do desejo que movia os defensores da educação física escolar, seja na Espanha, seja no Brasil. A prática de exercícios físicos defendida por políticos e intelectuais da época refletia de maneira recorrente o desejo de fortalecer as novas gerações e, conseqüentemente, a sociedade do amanhã.

¹⁶⁶ THOMPSON (1909, p. 2).

instrução pública primária ofertada ao menos em alguns estados – a partir das políticas de implantação dos grupos escolares – nos oferece maiores possibilidades de compreensão da história da Educação Física escolar brasileira, sobretudo se considerarmos as características de um país continental e diverso, como é o Brasil.

O grupo escolar como instituição favorecedora do ensino da ginástica

Os grupos escolares são reconhecidos na história da educação brasileira como instituição responsável pela difusão do modelo graduado de ensino¹⁶⁷. Foram muitas as inovações pedagógicas advindas com esse novo modelo. As mudanças iniciaram pela própria configuração do espaço, a partir da idéia de reunir as escolas em um só prédio, uma construção específica para a educação. Com o modelo graduado o ensino passou a ser seriado, classificando os alunos e agrupando-os em diferentes classes. Destaca-se ainda a reformulação do tempo, além da nova organização dos trabalhos pedagógicos, dos métodos de ensino e também do currículo. Os grupos escolares passaram a representar um novo projeto de modernização e desenvolvimento da nação, como uma das principais políticas do recém-instituído regime republicano. Mais do que isso, os grupos escolares se constituíam na escola moderna por excelência.

A passagem para o modelo graduado de ensino foi responsável por uma maior preocupação com a educação integral, mediante a ampliação do currículo, com a transmissão de conhecimentos científicos e a inserção do ensino da ginástica e de outras disciplinas escolares. Com a adoção do novo regime, a escola primária seguia com o desafio de formar o novo cidadão, agora republicano. Para isso, as políticas de civilização e regeneração do povo brasileiro permaneceram, assim como os debates referentes à higiene, à disciplina e à ordem, questões centrais no ensino da ginástica. Não por acaso, é possível compreender a instituição dos grupos escolares pelo surgimento de uma cultura escolar responsável pelo enraizamento da educação física

¹⁶⁷ SOUZA (1998); FARIA FILHO (2000); BENCOSTTA (2001 e 2005a); VIDAL (2006).

na escola¹⁶⁸. De fato, com o surgimento dos grupos escolares é notória uma maior preocupação em dotar as escolas de melhores condições materiais. No caso do ensino da ginástica, além da aquisição de materiais para os jogos e exercícios ginásticos, também foi preciso assegurar a construção de pátios de recreio (se possível, de pátios cobertos ou de ginásios).

No estado de São Paulo, a criação dos grupos escolares ocorreu em seguida à instauração da República, como uma entre várias medidas de reforma da instrução pública implementadas a partir de 1890¹⁶⁹. Os grupos escolares em Minas Gerais, também vistos como signo e dispositivo de conformação de uma cultura urbana¹⁷⁰, foram instituídos com a reforma da instrução pública realizada em 1906. O Paraná, embora tenha concluído a construção do seu primeiro edifício em 1903 (Grupo Escolar Xavier da Silva, na cidade de Curitiba), teve o modelo graduado de ensino implementado somente nos anos de 1910¹⁷¹.

Contudo, na elaboração de uma nova forma escolar no Rio de Janeiro, que com a proclamação da república deixa de ser sede da Corte para constituir-se em Capital do país e distrito federal, os grupos escolares não assumiram uma representação hegemônica no ensino primário, da forma como ocorreu no Estado de São Paulo¹⁷². Segundo Camara e Barros, “embora haja, desde 1893, referência à criação dos grupos escolares, só em 23 de janeiro de 1897 foi criado o primeiro grupo escolar do Distrito Federal”¹⁷³. Mesmo assim, no período compreendido entre 1893 e 1897, várias medidas foram instituídas sem terem representado de fato mudanças reais e, um ano depois, em 1898, a designação de grupo escolar foi substituída por escola-modelo. Os edifícios escolares cariocas ainda traziam os traços da arquitetura colonial, contribuindo, em parte, para a pouca representação que os grupos escolares assumiram na cidade do Rio de Janeiro¹⁷⁴.

¹⁶⁸ VAGO (1999).

¹⁶⁹ SOUZA (1998).

¹⁷⁰ FARIA FILHO (2000).

¹⁷¹ BENCOSTTA (2001); SOUZA (2004).

¹⁷² CAMARA; BARROS (2006); VIDAL (2005).

¹⁷³ CAMARA; BARROS (2006, p. 286 e 287).

¹⁷⁴ Idem.

Essa presença efêmera dos grupos escolares no Rio de Janeiro e, considerando o protagonismo de São Paulo na implantação desse modelo de instituição escolar no ensino público primário, influenciando, inclusive, as políticas de implantação dos grupos escolares tanto em Minas quanto no Paraná, não restringe nossa análise apenas aos programas de ensino dos grupos escolares paulistas, mineiros e paranaenses. Denominados ou não de grupos escolares, o fato é que a ginástica também esteve presente nas escolas e nos programas do ensino primário carioca¹⁷⁵. Independente se teve ou não grupos escolares no Rio de Janeiro, também houve uma retórica para a ginástica na Capital federal. Além disso, tendo em vista que o currículo prescrito é igualmente constituído pelos textos publicados nos livros didáticos¹⁷⁶, neste caso o Rio de Janeiro apresenta uma contribuição importante, pela própria atuação que desempenhou no mercado editorial brasileiro, conforme veremos no segundo capítulo.

Nosso interesse aqui recai não tanto nas reformas da instrução pública, mas principalmente, como consequência delas (ou não), nas reformas do currículo do ensino primário. Visto por Ivor Goodson como o “terreno alto”, o currículo prescrito precisa ser estudado justamente por ser no terreno alto onde se reconstitui e se reinventa o que deve ser básico e tradicional, ou seja, é no currículo prescrito que é reinventado e reafirmado o status de elemento “dado” do conhecimento da disciplina escolar¹⁷⁷. Para Goodson, o currículo prescrito nos oferece um mapa cambiante do terreno. Segundo ele, “seria estúpido ignorar a importância central do controle e a definição do currículo escrito, que é, em um sentido muito importante, o testemunho visível e público das razões fundamentais elegidas e da lógica legitimadora do ensino”

¹⁷⁵ Ao todo foram localizados cinco programas de ensino das escolas primárias do Rio, publicados nos Boletins da Câmara Municipal da Corte e da Prefeitura do Distrito Federal de 1883, 1884, 1890, 1892 e 1926. De acordo com as leis publicadas em 1911 e 1914 (Art. 64 do Decreto n. 838 de 20/10/1911 e Art. 61 do Decreto n. 981 de 02/09/1914), a atualização dos programas de ensino deveria ser realizada por uma comissão nomeada pelo diretor geral, dentre o pessoal docente e os inspetores escolares, de dois em dois anos. Considerando a pesquisa que fizemos no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, as possíveis alterações feitas no decorrer dos anos de 1900 e 1910 provavelmente não foram publicadas nos boletins.

¹⁷⁶ GOODSON (1995a).

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸. Goodson também observa que “o currículo prescrito estabelece na maioria das vezes importantes parâmetros para a prática em sala de aula (não sempre, não todas às vezes, não em todas as aulas, mas “na maioria das vezes”)” ¹⁷⁹.

A ginástica esteve presente no currículo do ensino público primário desde que foram criados os grupos escolares. Em alguns casos (como no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no Paraná) até mesmo antes disso. Com efeito, desde que foram inseridos no currículo – após as reformas realizadas nos anos finais do século XIX – os exercícios físicos e de ginástica dali não saíram mais. Entre os anos 1890 e a década de 1920 [até 1926], identificamos a publicação de 15 programas de ensino para os grupos escolares de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, e para as escolas primárias do Rio de Janeiro, conforme listamos a seguir.

¹⁷⁸ Idem (p. 98), “seria estúpido ignorar la importancia central del control y la definición del currículum escrito, que es, en un sentido muy importante, el testimonio visible y público de las razones fundamentales elegidas y de la lógica legitimadora de la enseñanza”. Tradução Livre.

¹⁷⁹ Idem (p. 99), “el currículum prescrito establece la mayoría de las veces importantes parámetros para la práctica en el aula (no siempre, no todas las veces, no en todas las aulas, sino “la mayoría de las veces”)”. Tradução Livre.

QUADRO 2 – PROGRAMAS DE ENSINO

RIO DE JANEIRO – SÃO PAULO – PARANÁ – MINAS GERAIS

(1883-1926)¹⁸⁰

ANO	ESTADO	DOCUMENTO
1883	RIO DE JANEIRO	Câmara Municipal. Sessão de 19/03/1883. Aprova o Regulamento para as escolas criadas e mantidas pela Câmara Municipal.
1884	RIO DE JANEIRO	Câmara Municipal. Sessão de 17/01/1884. Programa de ensino para as escolas municipais.
1890	RIO DE JANEIRO	Decreto n. 981 de 08/11/1890. Regulamento da instrução primária e secundária do Distrito Federal.
1892	RIO DE JANEIRO	Conselho de Intendência. Sessão de 17/03/1892. Aprova o Regimento interno das escolas municipais da Capital Federal.
1894	SÃO PAULO	Decreto n. 248 – de 26 de julho de 1894 – Aprova o Regimento Interno das escolas públicas de São Paulo.
1904	SÃO PAULO	Decreto n. 1217, de 29/04/1904 – Programa de Ensino para os Grupos Escolares e Escolas-Modelo.
1905	SÃO PAULO	Decreto n. 1281 – de 24/04/1905 – Aprova e manda observar o programa de ensino para a escola modelo e para os grupos escolares.
1906	MINAS GERAIS	1906 – Decreto n. 1947, de 30/09/1906 – Aprova o Programa de ensino primário.
1912*	MINAS GERAIS	Decreto n. 3405, de 15/01/1912 – Aprova o Programa de Ensino dos grupos escolares e demais escolas públicas primárias do estado.
1917	PARANÁ	Decreto n. 420 de 19 de junho de 1917 – Programa do Grupo Escolar Modelo e Similares.
1918	SÃO PAULO	Decreto n. 2944, de 08/08/1918 – aprova o Regulamento para a execução da Lei n. 1579, de 19/12/1917, que estabelece diversas disposições sobre a instrução pública do Estado.
1921	PARANÁ	Portaria n. 86 de 19 de agosto de 1921 – Programa para os grupos escolares do Paraná.
1921	SÃO PAULO	Decreto n. 3356, de 31/05/1921 – Regulamenta a Lei n. 1750, de 08/12/1920, que reforma a instrução pública.
1925	MINAS GERAIS	Decreto n. 6758, de 01/01/1925 – Aprova o programa de ensino primário.
1926	RIO DE JANEIRO	Câmara Municipal. 23/02/1926. Programas para o ensino primário.

* Em Minas Gerais também foram publicados programas de ensino em 1916 e 1918. Contudo, nada foi alterado em relação aos conteúdos selecionados para “exercícios físicos”.

Optamos por analisar os programas de ensino primeiro considerando o que eles apresentam de regularidade (atentando para os conteúdos que aparecem em vários programas, nos diferentes estados), para depois abordar aquilo que é específico (de

¹⁸⁰ É preciso lembrar que já em 1882 a ginástica foi inserida no currículo do ensino primário paranaense não por meio de um programa de ensino, mas de um Ato legal (PARANÁ, 1882).

alguns programas, de um ou outro estado). Observando um por um, logo percebemos semelhanças existentes entre eles (ver Tabela 1, na p. 73). Tais semelhanças, presentes nesse corpus documental, levou-nos a identificar o que denominamos de *base comum* da ginástica, formada por um conjunto de exercícios que expressam o que consistia fundamentalmente uma aula de ginástica.

Cabe lembrarmos aqui que a preocupação com a educação física dos alunos esteve associada à necessidade de promover o equilíbrio das forças, mediante a oferta de uma educação integral (física, moral e intelectual). Por isso a importância da ginástica e da prática de exercícios físicos na escola. Mas não qualquer exercício, apenas aqueles de acordo com a constituição física de cada um, respaldados pela ciência moderna, através dos conhecimentos de anatomia e, sobretudo, de fisiologia. Compreender exatamente em que consistiam esses exercícios e como deveria ser uma aula de ginástica é possível através da análise do currículo prescrito, seja por meio dos programas de ensino, seja a partir dos manuais de ginástica, ou ainda, como aconteceu no Paraná, quando o próprio manual é adotado como programa (neste caso, o primeiro programa para o ensino da ginástica nas escolas primárias paranaenses).

TABELA 1 – CONTEÚDOS SELECIONADOS
PROGRAMAS DE ENSINO (1883-1926)

CONTEÚDOS	RIO DE JANEIRO 1883 ⁽¹⁾	RIO DE JANEIRO 1884 ⁽²⁾	RIO DE JANEIRO 1890	RIO DE JANEIRO 1892	SÃO PAULO 1894	SÃO PAULO 1904	SÃO PAULO 1905	MINAS GERAIS 1906	MINAS GERAIS 1912	PARANÁ 1917	SÃO PAULO 1918	SÃO PAULO 1921	PARANÁ 1921	MINAS GERAIS 1925	RIO DE JANEIRO 1926
Movimentos preliminares ⁽³⁾ Exercícios preliminares ⁽¹³⁾			X	X		X ⁽⁸⁾	X								
M. Superiores (braços)	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
M. Inferiores (pernas)	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Tronco	X		X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Cabeça (pescoço)	X		X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Marchas			X	X	X	X ⁽⁹⁾	X	X	X		X	X	X	X	X
Corridas			X	X		X	X				X	X	X	X	X
Saltos; Pulos ⁽¹⁵⁾			X	X		X	X				X		X	X	X
Jogos Infantis ⁽⁶⁾ Jogos Ginásticos ⁽¹⁴⁾ Jogos de imitação e de imaginação ⁽¹⁹⁾ Jogos que eduquem os sentidos ⁽¹⁹⁾ Brinquedos ⁽¹⁷⁾			X			X	X	X	X		X	X	X	X	X
Evoluções Militares ⁽⁶⁾ Exercícios Militares ⁽⁷⁾			X		X	X ⁽¹⁰⁾	X	X					X		

Lutas						X ⁽¹¹⁾	X ⁽¹²⁾									X
Movimentos de ginástica aplicada⁽¹⁶⁾							X									
Ginástica respiratória⁽¹⁹⁾ Exercícios respiratórios⁽²⁰⁾															X	X
Danças populares infantis															X	
Esporte															X	
Arremessos															X	X
Ginástica Sueca																X
Nadar							X									X

(1) O programa menciona apenas “exercícios de corpo livre”, o que muito provavelmente consistia em exercícios dos membros e articulações.

(2) O programa não apresenta os conteúdos a serem trabalhados, apenas distribuí as matérias correspondentes a cada ano do curso (a ginástica aparece no 3º e 4º ano).

(3) “Alinhamento por altura, numerar-se, tomar distância, cerrar fileiras, descanso, firmes, meia volta à direita e à esquerda” (RIO DE JANEIRO, 1890).

(4) O programa não especifica quais aparelhos.

(5) Formaturas em filas e em fileiras (SÃO PAULO, 1894).

(6) RIO DE JANEIRO (1890); MINAS GERAIS (1906).

(7) SÃO PAULO (1894; 1904 e 1905); PARANÁ (1921).

(8) Fora da sala de aula: formar em linha, alinhar pela direita e pela esquerda, marchar, direita e esquerda volver, meia volta volver.

(9) Em fila com acompanhamento de piano, palmas, toque de campainha, canto, por entre as carteiras da classe.

(10) Somente para meninos.

(11) Luta de tração de corda, luta com bastões, etc., somente para meninos.

(12) Lutas escolares de tração e repulsão, com ou sem aparelhos.

(13) SÃO PAULO (1905).

(14) SÃO PAULO (1905; 1918 e 1921); PARANÁ (1921).

(15) SÃO PAULO (1904 e 1905).

(16) “natação, canoagem, movimento análogos aos de quem rema, racha lenha, ceifa ou ainda de bicicleta, etc.”. (SÃO PAULO, 1905).

(17) SÃO PAULO (1904); “em liberdade, com assistência e intervenção do instrutor” MINAS GERAIS (1906 e 1912).

(18) SÃO PAULO (1905 e 1918); PARANÁ (1921).

(19) MINAS GERAIS (1925).

(20) RIO DE JANEIRO (1926).

A presença da ginástica nos programas de ensino dos grupos escolares de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, e das escolas primárias do Rio de Janeiro.

Se observarmos os programas de ensino publicados no início da década de 1880 no Rio de Janeiro, não encontraremos ali nenhuma prescrição detalhada dos conteúdos para as aulas de ginástica. O documento de 1884 apenas distribui as matérias correspondentes a cada ano do curso (a ginástica aparece no 3º e 4º ano), e o de 1883 menciona, para o ensino da ginástica, “exercícios de corpo livre”. Mas em que consistiam esses exercícios? Foi a partir dessa primeira impressão que seguimos nossa análise dos demais programas de ensino catalogados. Olhando com atenção para cada documento, veremos que por exercícios de corpo livre podemos compreender todos aqueles exercícios dos músculos e articulações, simples ou combinados, repetidos inúmeras vezes tendo em vista o desenvolvimento do tronco e dos membros dos praticantes. A própria leitura do conjunto dos programas de ensino oficiais aponta para esses exercícios como uma espécie de base comum, presente em praticamente todos os documentos.

Junto aos exercícios de corpo livre podemos incluir as posições fundamentais, das quais os alunos deveriam partir, além de uma série de outros exercícios realizados no intuito de ordenar as crianças na hora da ginástica. Mesmo não constando em todos os documentos, esses exercícios preliminares eram necessários para evitar que as crianças colidissem umas nas outras. A menos que as aulas fossem realizadas em sala, ao lado das carteiras, os professores deveriam saber minimamente posicionar os alunos, alinhando-os por altura, numerando-os, fazendo-os tomar distância. Para a prática dos exercícios ginásticos era importante conhecer os diferentes tipos de formaturas: em filas e em fileiras, abrir e fechar fileiras, em duplas, trios, etc., mudando de direção, ora para a direita ora para a esquerda, dando um quarto de volta, ou para trás, dando meia volta. Assim, antes de iniciar as aulas era preciso posicionar os “alunos em linha, separados suficientemente, para que não se toquem nos movimentos. Ficarão à vontade, espriguiçando-se, até a voz *Posição!*, quando se

postarem em atitude militar correta”¹⁸¹. A postura era fundamental durante a realização dos exercícios, haja vista um dos principais comandos da ginástica: FIRME! “A esta voz o aluno deverá perfilar-se, com os calcanhares unidos e as pontas dos pés para fora cerca de 25 cm, o corpo ereto, aprumando-se sobre os quadris, peito saliente, braços caídos ao longo das coxas, palmas das mãos unidas à roupa e olhar dirigido para a frente”¹⁸².

Essa progressão dos exercícios ginásticos deveria ser realizada não apenas mediante o cuidado com a postura corporal. Outro elemento importante, bastante característico dos exercícios de conjunto, era o acompanhamento da marcha. Desde a marcha simples, realizada no mesmo lugar, até as mais complexas, permitindo o deslocamento dos alunos no espaço, em diferentes tempos, marcando o ritmo dos exercícios e possibilitando as mais variadas formações. Talvez por isso as marchas, juntamente com os exercícios dos membros e articulações, estiveram presentes em praticamente todos os programas de ensino, também sendo incluídas na base comum. Apesar de parecer, num primeiro momento, de fácil execução, as marchas podem ser vistas como mais um elemento complicador, mais um obstáculo a ser vencido pelos alunos. Afinal, elas também apresentavam muitas variações, podendo ser cadenciadas, sinuosas, em círculo e em espiral, combinadas, à direita, à esquerda, em frente, com variação da direção por fileira, em passo ordinário e acelerado, na ponta dos pés, sobre os calcanhares, com movimento dos braços, elevação dos joelhos, tudo isso sem contar as contramarchas¹⁸³.

Além dos exercícios de corpo livre, outro momento importante da aula de ginástica, provavelmente o mais esperado pelas crianças, eram os jogos, brinquedos ou brincadeiras. Mesmo com a existência de regras, nesse momento elas poderiam tirar proveito de um grau relativamente maior de liberdade, para agir, experimentar, se socializar, brincar. Para isso, inúmeros exercícios foram previstos, desde jogos de imitação e imaginação, até exercícios de competição, com ou sem bola, de nomes

¹⁸¹ MINAS GERAIS (1912).

¹⁸² PARANÁ (1917a).

¹⁸³ SÃO PAULO (1905 e 1918); MINAS GERAIS (1906b e 1925); PARANÁ (1921); RIO DE JANEIRO (1926).

variados (jogo da torre, chicotinho queimado, o guarda do sítio, gato e rato, os cães e a lebre, peteca, quadrado, quatro cantos, entre outros)¹⁸⁴. Nota-se ainda a preocupação com outros elementos importantes para a tão almejada educação integral das novas gerações e para os quais a educação física cumpriria um papel importante, neste caso através dos “jogos que eduquem os sentidos”¹⁸⁵, também chamados de “jogos sensoriais”¹⁸⁶. Através deles, um sem-número de experiências deveria ser realizado, explorando os sentidos corporais dos alunos diante da tentativa de apanhar ou reconhecer objetos de tamanhos, formas, cores e pesos variados, muitas vezes de olhos fechados, desenvolvendo a sensibilidade tátil, assim como reconhecer alimentos, flores e outras substâncias pelo olfato e paladar. Contudo, essa preocupação com a educação dos sentidos não era exclusiva das aulas de ginástica¹⁸⁷.

Entre os exercícios presentes com alguma regularidade nos programas de ensino estavam as corridas e os saltos (pulos). Bem diferente das corridas realizadas durante os jogos e nos folguedos infantis, também foi pensada uma série de exercícios específicos, como: corridas lentas, aceleradas, com e sem obstáculos, de velocidade e de resistência¹⁸⁸. Foram prescritos ainda saltos diversos, desde saltos em altura, em distância, mistos, com e sem trampolim, até saltos na corda, com vara, com obstáculos, de pé firme e correndo, sobre esteiras ou colchões¹⁸⁹. Porém, os exercícios de salto não eram recomendados às alunas. Conforme consta em alguns programas de ensino, em relação aos saltos, “os exercícios em *altura*, *distância* e *profundidade* não são obrigatórios às meninas”¹⁹⁰. Ou ainda: “as meninas não deveriam realizar os exercícios

¹⁸⁴ SÃO PAULO (1904a); MINAS GERAIS (1925); RIO DE JANEIRO (1926).

¹⁸⁵ MINAS GERAIS (1925).

¹⁸⁶ RIO DE JANEIRO (1926).

¹⁸⁷ De acordo com o programa de ensino das escolas primárias do Rio de Janeiro (1926), os jogos sensoriais “se desenvolverão ao critério e inteligência do professor e à proporção do adiantamento das crianças, cujos conhecimentos adquiridos nas várias disciplinas do curso primário irão permitindo maior cultura dos sentidos. A linguagem, a aritmética, a geometria, as ciências físicas e naturais, especialmente a botânica, oferecerão excelentes recursos à cultura sensorial, notadamente à sensibilidade tátil, que pode ser largamente desenvolvida e cuja acuidade será de enorme proveito na vida”.

¹⁸⁸ SÃO PAULO (1904a, 1905 e 1918); PARANÁ (1921); MINAS GERAIS (1925); RIO DE JANEIRO (1926).

¹⁸⁹ SÃO PAULO (1904a e 1905); MINAS GERAIS (1925); RIO DE JANEIRO (1926).

¹⁹⁰ RIO DE JANEIRO (1926). Itálico do original.

militares e os “pulos”¹⁹¹. Com efeito, as alunas foram tolhidas da participação em algumas atividades. Assim como os pulos e os exercícios militares, elas também deveriam ficar de fora dos exercícios de luta, por exemplo: “luta de tração de corda, luta com bastões, somente para os meninos”¹⁹².

Por fim, encontra-se ainda uma gama de exercícios de menor incidência, como arremessos, ginástica respiratória, exercícios com halteres, bastões, maçãs e cordas, exercícios com aparelhos (viga de equilíbrio, barra fixa, barras paralelas, prancha de assalto). À menor incidência, sobretudo dos exercícios com aparelhos, poderíamos presumir a falta de recursos para o provimento desses materiais. No entanto, independente do valor dos aparelhos, talvez eles não fossem largamente adquiridos por não terem sido uma prioridade de investimento. Por outro lado, no início dos anos 1920, nota-se um aumento no número de exercícios prescritos, com a inclusão de esportes (voleibol e basquetebol)¹⁹³, além de uma presença maior da dança¹⁹⁴ e da natação¹⁹⁵. Ao menos é o que se observa nos programas de ensino do Paraná¹⁹⁶, de Minas Gerais¹⁹⁷ e do Rio de Janeiro¹⁹⁸. No Estado de São Paulo, a despeito do vasto programa de ensino publicado no ano de 1904, nota-se um decréscimo no número de exercícios prescritos com a publicação de novos documentos, como os programas de ensino publicados em 1918 e 1921. Confrontando os diferentes documentos, é possível perceber ainda semelhanças entre o programa de ensino publicado no Paraná, em 1921, com os programas de ensino publicados anteriormente, no Estado de São Paulo, em 1904 e 1905¹⁹⁹.

¹⁹¹ SÃO PAULO (1905).

¹⁹² SÃO PAULO (1904a).

¹⁹³ MINAS GERAIS (1925).

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ RIO DE JANEIRO (1926).

¹⁹⁶ PARANÁ (1921).

¹⁹⁷ MINAS GERAIS (1925).

¹⁹⁸ RIO DE JANEIRO (1926).

¹⁹⁹ Atribuímos essa semelhança a vinda do paulista Cesar Prieto Martinez, que assumiu em 1920 a Inspeção Geral do Ensino do Paraná (antes Diretoria Geral da Instrução Pública), com a incumbência de reformar o ensino público paranaense na gestão de Caetano Munhoz da Rocha, Governador do Paraná no quadriênio 1920-1924. Segundo SOUZA (2004, p. 48), “a vinda de um técnico paulista para o Paraná não produziu reações unânimes”, recebendo críticas veiculadas na imprensa paranaense.

Ao mesmo tempo em que olhamos para os conteúdos selecionados e para a maneira como eles “aparecem” na composição dos programas de ensino publicados nos diferentes Estados, não podemos perder de vista outro aspecto bastante importante em um estudo histórico das disciplinas escolares, qual seja: o das finalidades do ensino. Afinal de contas, para que todos esses conhecimentos foram mobilizados? O que se tinha em vista com a inserção da ginástica e dos exercícios físicos no currículo? No enfrentamento dessas questões, vale lembrar, segundo Chervel, que as finalidades de ensino não estão todas forçosamente inscritas nos textos. Novos conhecimentos podem surgir a partir das práticas concretas e serem mobilizados nas aulas sem terem sido explicitamente formulados²⁰⁰. De todo modo, na década de 1920, após um período de quase meio século presente nos programas do ensino primário, constatou-se que:

Não há mais necessidade de discutir o valor da educação física. **Os exercícios físicos**, estão todos certos, não só **estimulam as funções orgânicas**, mas fazem com que o sistema nervoso ordene e os músculos obedeçam; **são um educador decisivo da vontade, um coordenador dos movimentos, um disciplinador**, em suma. Não há **melhor meio para conquistar o equilíbrio das forças internas da criança**. Eles **produzem a saúde, a agilidade, a força, a beleza**. A verdadeira **educação física** fornece, no funcionamento normal dos órgãos, no equilíbrio vital, **alegria de viver; revigora e ativa a inteligência, orienta a moral**, na preocupação das coisas sãs e **proporciona energia**, dando ao homem coragem, audácia, generosidade, capacidade de ação. Ela deve ser, porém, principalmente a prática de exercícios naturais e úteis à vida. Por ela se deve aprender a marchar, a correr, a saltar, a arremessar, a escalar, a carregar, a nadar, a defender-se. **A ginástica científica**, embora dosada fisiologicamente de acordo com a idade e o desenvolvimento físico das crianças, **tem por fim, quando não haja um intuito corretivo, sobretudo estabelecer a disciplina dos movimentos, a educação da vontade, o senso do ritmo**²⁰¹.

Se de um lado a educação física era um elemento importante na promoção da saúde das crianças (e de suas famílias); de outro os exercícios físicos contribuía, sobretudo, para promover a disciplina, a educação da vontade. Essa energia proporcionada pela educação física passou a ser valorizada na medida em que fosse

²⁰⁰ CHERVEL (1990).

²⁰¹ RIO DE JANEIRO (1926, p. 189 e 190). Os destaques em negrito não estão no original.

transformada em ação. Se desde o regime monárquico a defesa da educação física esteve ligada à preocupação com uma educação integral (física, moral e intelectual), com a instauração da República essa preocupação permanece, embora, a princípio, com um maior interesse na formação de um cidadão mais ativo e participativo, o cidadão republicano. A ginástica, principalmente a ginástica de conjunto, era encarada como uma prática singular diante do interesse de despertar e aflorar nas crianças sentimentos de ordem, de ritmo, de união, de evolução, de progresso. Por isso a importância da educação dos sentidos, ou seja, por tratar-se de novas formas de sensibilidade nas quais os sentidos podem ser entendidos como a porta de entrada que levaria ao homem-novo²⁰².

Outro exemplo pode ser extraído das instruções presentes no programa de ensino publicado em Minas Gerais um ano antes, em 1925. Segundo consta,

Os exercícios físicos estão intimamente ligados à Higiene, constituindo esta e aqueles toda a educação física.

As seguintes regras de higiene devem ser observadas nos exercícios físicos:

- I. Não há lugar mais apropriado para os referidos exercícios do que a área de recreio.
- II. Nos dias chuvosos devem os exercícios serem feitos na sala de aula. Cumpre então abrir todas as janelas e portas, para perfeito arejamento da sala.
- III. O professor cuidará do desenvolvimento físico do aluno a todo instante: em classe, no recreio, ao entrar e a sair da escola, o aluno tem regras higiênicas a observar.
- IV. Um dos hábitos, que o professor há de fixar no aluno, é o de atitude correta: de pé, sentado, lendo, cantando, andando, o aluno manterá as posições corretas exigidas.
- V. Os jogos ao ar livre constituem o ideal em educação física. Aproveitam o pendor natural da criança para apreciar a natureza, o ar puro e a alegria consequente.
- VI. Nos dois primeiros anos, os exercícios físicos visam habituar o aluno à atitude correta, desenvolver seu instinto de imitação e de imaginação, e formar hábitos de sociabilidade e de cortezia. Nos dois últimos anos, além de estimular os hábitos mencionados, formam hábitos de destreza, de vigilância, de julgamento e de outras qualidades morais, indispensáveis na prática da vida.

²⁰² TABORDA DE OLIVEIRA (2012).

Nas escolas, que dispuserem de piano, as marchas, danças e outros exercícios, serão sempre feitos com acompanhamento de música²⁰³.

A higiene, a postura do corpo e o comportamento apresentado pelos alunos, refletiam a atenção que se deveria dar à educação física (e moral) seja ao ar livre ou na própria sala de aula. A idéia de exercitação física não aparece por ela mesma, tampouco visava somente promover saúde. A prática de exercícios físicos também cumpriria a função de formar novos hábitos e costumes, novas atitudes e valores. Através dos sentidos corporais, podemos dizer que a educação física também contribuiu para o forjar de novas sensibilidades, conforme anunciamos no título deste capítulo. A atenção e os cuidados com o corpo, presente todo o tempo e em todos os espaços escolares, ganhavam ainda mais força quando o assunto eram os exercícios coletivos, realizados em diferentes formações, representando todas as crianças em um só corpo, a uma só voz. Os exercícios ginásticos, acompanhados ou não de música, tornavam-se cada vez mais complexos ao longo dos anos. Às vezes parecendo simples, eram muitos e cada vez maiores os detalhes que as crianças deveriam se ater para acompanhar as lições e não perder o ritmo do grupo. Não por acaso os exercícios eram distribuídos começando com os mais simples e terminando com os mais difíceis, no intuito do aluno terminar o curso dominando todas as evoluções ginásticas.

²⁰³ MINAS GERAIS (1925, p. 23 e 24).

**QUADRO 3 – APRESENTAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS CONTEÚDOS
DE ACORDO COM O GRAU DE DIFICULDADE**

Mais simples (primeiros anos)	Mais complexos (últimos anos)
⇒ Formaturas em filas e em fileiras.	⇒ Formaturas em cadeia, em círculo e em espiral.
⇒ Posições Fundamentais.	⇒ Marchas combinadas e contramarchas.
⇒ Marchas simples e cadenciadas.	⇒ Combinação de exercícios dos membros superiores e inferiores, do tronco e do pescoço.
⇒ Exercícios simples dos membros superiores e inferiores, do tronco e do pescoço.	⇒ Evoluções ginásticas em passo ordinário e acelerado.
⇒ Corridas e saltos (pulos) diversos.	⇒ Corridas com obstáculos e de velocidade (em distâncias maiores).
⇒ Brinquedos, brincadeiras e jogos ginásticos.	⇒ Saltos (pulos) em profundidade, em altura e com vara.
⇒ Exercícios coletivos com halteres ou com os punhos cerrados.	⇒ Exercícios coletivos com bastões e maças.
⇒ Exercícios militares sem armas.	⇒ Exercícios nos aparelhos (corda, escada, barra de equilíbrio, prancha de assalto).
	⇒ Exercícios militares com o manejo de armas.

Mais importante que a seleção dos conteúdos está o controle sobre a definição de princípios de organização da disciplina²⁰⁴. Desde que foi inserida no currículo, a ginástica passou por diferentes denominações: Ginástica²⁰⁵; Ginástica de salão²⁰⁶; Ginástica Sueca²⁰⁷; Ginástica e exercícios militares²⁰⁸; Exercícios ginásticos e militares²⁰⁹; Educação Física²¹⁰; Exercícios Físicos²¹¹; Ginástica, exercícios físicos,

²⁰⁴ GOODSON (2000).

²⁰⁵ PARANÁ (1882, 1914, 1915, 1917a e 1921); RIO DE JANEIRO (1883 e 1901).

²⁰⁶ PARANÁ (1895 e 1901).

²⁰⁷ RIO DE JANEIRO (1892).

²⁰⁸ RIO DE JANEIRO (1890, 1893, 1897a e 1898); SÃO PAULO (1904); MINAS GERAIS (1911).

²⁰⁹ SÃO PAULO (1894b).

²¹⁰ PARANÁ (1907, 1909 e 1912); RIO DE JANEIRO (1926).

²¹¹ MINAS GERAIS (1906a e 1924).

jogos²¹²; e Cultura Física²¹³. As mudanças de nome (por meio da publicação de novas leis), não estiveram vinculadas à publicação de novos programas de ensino, isto é, não implicaram, necessariamente, na exclusão e/ou inclusão de conteúdos. Como pudemos ver, mesmo com as especificidades de cada um dos programas, destaca-se a permanência dos exercícios de corpo livre, formando uma base comum que também define não só a ginástica, mas parte importante da presença dos exercícios físicos no currículo. Um dado que merece ser observado é a primeira ocorrência do nome “Educação Física”, no Estado do Paraná, em 1907. Contudo, segundo Dominique Juliá, não é porque uma disciplina não aparece nos programas escolares que ela não foi ensinada e vive-versa. Ou seja, “não é porque a finalidade de uma disciplina é explicitamente indicada nos textos normativos que ela existe no ensino real das salas de aula”²¹⁴.

Inicialmente o ensino da ginástica foi atribuído aos próprios professores, salvo raras exceções²¹⁵. A formação dos professores era oferecida nos cursos das Escolas Normais²¹⁶, ou seja, sem a existência de uma formação específica (o que só irá acontecer, no Brasil, a partir da década de 1930). Diante de inúmeros exercícios físicos, é bem provável que o ensino da ginástica pareceu, num primeiro momento, bastante confuso. Apenas com o tempo, com a prática, os professores e os alunos passaram a se familiarizar com a idéia, com os exercícios. O domínio da ginástica

²¹² RIO DE JANEIRO (1911 e 1914).

²¹³ RIO DE JANEIRO (1919).

²¹⁴ JULIÁ (2002, p. 50).

²¹⁵ Sobre a contratação de instrutores para o ensino da ginástica nas escolas temos o exemplo do Tenente Aristóteles Xavier, no Paraná. No Rio de Janeiro, o ensino da ginástica passou a ser facultativo para os professores que não fossem formados pela Escola Normal e que não tivessem dado provas públicas oficiais de habilitação. Segundo o Inspetor Geral do Ensino da 9ª circunscrição escolar – Clodomiro R. Vasconcellos – “na Capital Federal têm os programas de estudo sofrido largas alterações; e o curso primário de hoje compreende matérias nunca estudadas pela grande maioria dos professores. No entanto, não os livra a lei orgânica, a que obedecem, do ensino delas, que o legislador partiu de um princípio adotável: o professor, com o que sabe, pode estudar para saber mais, assim lecionando o programa em todo o seu desenvolvimento” (cf. Relatório apresentado ao Diretor Geral da Instrução Pública – Alberto de Oliveira – em 31 de maio de 1897, p. 287). Na Capital Federal o ensino da ginástica deveria ser ministrado por “mestres especiais”. De acordo com a tabela de vencimentos do pessoal das escolas municipais – publicada no Regulamento de 1883 (RIO DE JANEIRO, 1883) – os diretores recebiam a importância de 3000 reis; os professores, 2400 reis; os professores adjuntos, 1200 reis; o Mestre de Música, 1400 reis; e o Mestre de Ginástica o equivalente a 1800 reis.

²¹⁶ Para ser um professor de grupo escolar era fundamental ter passado pelas Escolas Normais. Contudo, muitos professores (a maioria) que lecionavam nas demais escolas primárias não eram normalistas.

consistia justamente em conhecer o maior número de exercícios possível. Diante da necessidade de variar os exercícios, considerando o risco de tornar a aula demasiado monótona, os livros cumpriram um papel importante ao subsidiarem a prática e complementarem a formação dos professores, estimulando sua criatividade. Alguns professores, após um acúmulo de experiência no ensino da ginástica, resolveram publicar seus próprios manuais. É sobre a análise desses e de outros manuais, do livro como um dos suportes fundamentais de circulação desses saberes sobre a ginástica, sua adoção e circulação, seus autores, conteúdos e métodos, que iremos nos deter nos próximos dois capítulos.

QUADRO 1 – LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS

TÍTULO	AUTOR	ANO	EDITOR(A)
Gymnastica doméstica, médica e higiênica.	Daniel Schreber	s.d	Candido de Magalhães*
Manual theorico-pratico de gymnastica escolar: elementar e superior.	Pedro Manoel Borges	1888	B. L. Garnier
Gymnastica nas aulas. Manual theorico-pratico.	Manoel Baragiola	1895	J. B. Endrizzi & Comp.
Manual de Gymnastica Escolar.	Caldas, M.; Carvalho, E.	1896	Francisco Alves & Cia.**
Compendio de gymnastica e jogos escolares.	Arthur Higgins	1896	Typ. do Jornal do Commercio
Compendio Pratico de Gymnastica.	Antonio Martiniano Ferreira	1897	Imprensa Oficial do Estado de Minas
Homem Forte – gymnastica domestica – natação – esgrima – tiro ao alvo.	Domingos Nascimento	1905	Impressora Paranaense***
Tratado Pratico de Gymnastica Sueca	L. C. Kumlien	1908	Lusitana
Compendio de Gymnastica Escolar: methodo sueco-belga.	Arthur Higgins	1909	Typ. do Jornal do Commercio

*Versão portuguesa (tradução) de Julio de Magalhães.

**Desenhos de Minon.

***Gravuras de P. Galley.

CAPÍTULO II

MANUAIS DE GINÁSTICA: PRODUÇÃO, ADOÇÃO E CIRCULAÇÃO.

No século XIX é notória uma maior preocupação com a educação física que levou, sobretudo na segunda metade do século, não somente ao aparecimento de uma crescente publicação de livros sobre a prática e o ensino da ginástica, como sua inserção no currículo do ensino público primário, seja no Brasil ou em outros países da América Latina²¹⁷, na esteira do que já vinha acontecendo na Europa²¹⁸, nos Estados Unidos²¹⁹ e Canadá²²⁰. Partimos do entendimento que tais livros cumpriram um papel importante no processo de escolarização dos exercícios físicos e de ginástica²²¹. A reivindicação de uma educação integral e o contato com um maior número de obras relacionadas à educação física nos possibilita questionar: quem foram os autores dos manuais de ginástica utilizados nas escolas primárias? O que os levou a produzir suas obras e, principalmente, qual a influência dos livros na configuração dos exercícios físicos e de ginástica como componente curricular? Para enfrentar essas e outras questões levantadas ao longo do texto, decidimos começar pela caracterização dos autores e sua relação com a educação física e com os exercícios ginásticos.

²¹⁷ Sobre a história da Educação Física e a inserção da ginástica nas escolas latino-americanas, ver: SCHARAGRODSKY; AISENSTEIN (2006), na Argentina; MARTÍNEZ MOCTEZUMA (2011), no México; RODRÍGUEZ GIMÉNEZ (2011), no Uruguai; e HERRERA BELTRÁN (2011), na Colômbia. Ver também TABORDA DE OLIVEIRA; HERRERA BELTRÁN (2013).

²¹⁸ Sobre a história da Educação Física em alguns países europeus, ver: LJUNGGREN (2011), na Suécia; ARNAL (2011), na França; CARUSO (2011), na Alemanha; KIRK (2011), no Reino Unido; BARBERO GONZÁLEZ (2011), na Espanha; SCARPA; CARRARO (2011), na Itália.

²¹⁹ TORRES (2011).

²²⁰ KIDD (2011).

²²¹ Também percebemos um importante papel que a publicação de livros sobre educação física e ginástica teve na inserção da Educação Física no currículo do ensino primário (e outros níveis de ensino) da Espanha, em decorrência do estágio de doutorado sanduíche realizado na Universidad de Murcia. Ver, neste caso, os trabalhos de PASTOR PRADILLO (2005a, 2005b e 2005c). Contudo, não podemos afirmar se o mesmo ocorreu em outros países.

Dos autores e suas trajetórias

Quando observamos a trajetória dos autores dos manuais de ginástica que foram aprovados para serem utilizados nas escolas primárias de São Paulo, do Paraná, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, percebemos que eles provinham de diferentes âmbitos de formação. Alguns eram médicos (como Daniel Moritz Schreber e Ludvig Kumlien), outros eram militares (como foi o caso de Domingos Nascimento e Antonio Martiniano Ferreira), além daqueles que escreveram seus livros a partir da própria experiência como professores de ginástica tanto no ensino primário quanto no secundário. Estes últimos eram normalistas e/ou professores da Escola Normal (neste caso encontram-se Manoel Baragiola, Pedro Manoel Borges e Arthur Higgins). Apesar da origem militar, Antonio Martiniano Ferreira também escreveu a partir de sua experiência como professor de ginástica da Escola Normal de Ouro Preto. Houve ainda os que publicaram a convite de editores, como foi o caso de M. Caldas e E. de Carvalho, compiladores do “Manual de Gymnastica Escolar”, publicado pela Francisco Alves, em 1896.

Daniel Gottlieb Moritz Schreber (1808-1861) nasceu em Leipzig, na época pertencente ao reino da Saxônia, onde realizou toda a sua formação escolar e acadêmica. Foi aluno do Colégio São Tomás, um colégio secundário de renome. Formou-se pela escola de medicina da Universidade de Leipzig, onde também foi professor. Segundo Han Israëls²²², Moritz Schreber se interessou pela ginástica em seus anos de faculdade, montando um ginásio clandestino, juntamente com outros colegas, dentro da instituição²²³. Em 1844, assumiu a direção do Instituto Ortopédico e Médico-ginástico de Leipzig, clínica onde atendia crianças com deformidades principalmente na coluna vertebral. Como médico, dedicou boa parte de sua vida para

²²² ISRAËLS (1986).

²²³ Por causa de suas conotações nacionalistas, a prática da ginástica era considerada subversiva e depois da era napoleônica foi proibida na Saxônia. Em 1840 essa situação muda, com a introdução da cultura física em algumas escolas da região (ISRAËLS, 1986). Além da “Gymnastica domestica, medica e hygienica”, o nome de Moritz Schreber também consta como autor em outra obra intitulada “Gymnastica de quarto: hygienica e therapeutica”, esta última publicada em português no Rio de Janeiro, pela tipografia da Gazeta de Noticias, em 1887.

promover a saúde da população através do exercício do corpo, participando da criação da Sociedade de ginástica de Leipzig, com a inauguração de um ginásio em 1847²²⁴. Fora da medicina, Schreber também estudou filosofia, psicologia e pedagogia. Além da educação física e da ginástica, publicou trabalhos sobre medicina preventiva, higiene escolar e saúde pública²²⁵. Em suas práticas terapêuticas, Moritz Schreber não apenas criava e construía aparatos para tratar de problemas ortopédicos, como costumava testá-los em seus próprios filhos²²⁶.

Outro médico que também publicou livros sobre o ensino da ginástica foi Ludvig Gideon Kumlien (1874-1934). Kumlien viveu em Paris de 1895 até sua morte, com a responsabilidade de introduzir a ginástica sueca na França²²⁷. Conhecido como um jovem e enérgico diretor de ginástica, também foi fundador da Associação Ginástica de Ling²²⁸. Nascido em Eskilstuna, na Suécia, Kumlien publicou em Paris “La Gymnastique suédoise: manuel de gymnastique rationennelle à la portée de tous et à tout âge”, em parceria com Emile André, em 1901; e “ La gymnastique pour tous: pour vivre mieux et en bonne santé, faire chaque jour quelques minutes d'exercice sans appareil d'après la méthode suédoise”, em 1906²²⁹. A mudança de Kumlien para a França resultou da visita realizada por Hugues Le Roux²³⁰ ao norte da Europa, a convite dos ministros de Negócios Estrangeiros e de Instrução Pública da França, e de Oscar II, então rei da Suécia e Noruega. No intuito de produzir um relatório sobre a ginástica de Ling, Hugues Le Roux não apenas visitou os ginásios suecos, como acabou conhecendo Ludvig Kumlien (na época médico-ginasta do Instituto Kjellberg,

²²⁴ ISRAËLS (1986).

²²⁵ NIEDERLAND (1981).

²²⁶ SCHREBER (2006).

²²⁷ SVENSKT BIOGRAFISKT LEXICON (p. 684).

²²⁸ SJÖSTEDT (1900, p. 443).

²²⁹ LORENZ (1909, p. 33).

²³⁰ Hugues Le Roux (1860-1925) deixou a Normandia (Havre) para tentar a sorte como um jovem escritor na capital. Colaborou como jornalista em periódicos como *Temps*, *Le Figaro*, *Journal* e *Matin*. Le Roux publicou seu primeiro romance em 1885 e foi eleito senador em 1920, durante a terceira república francesa, cargo que ocupou até sua morte, em Paris.

Disponível em: http://www.senat.fr/senateur-3eme-republique/le_roux_hugues1668r3.html. Acesso em: 08/10/2014. (tradução livre).

de Estocolmo), reconhecendo nele a parceria necessária para introduzir o método de ginástica nas escolas francesas²³¹.

A ginástica científica pensada pelos médicos também foi praticada e difundida por militares. Exemplo disso é a trajetória de Domingos Nascimento, sobretudo no sul do Brasil. Domingos Virgílio do Nascimento (1862-1915) nasceu em Guaraqueçaba, Paraná. Era amante da poesia e da literatura e participou ativamente no desenvolvimento da imprensa local e regional. Quando começou a publicar suas poesias e a atuar como jornalista, a vida intelectual e literária no Paraná era ainda muito incipiente²³². Também conhecido pelo pseudônimo de Léo-Lino²³³, foi considerado uma esperança para a literatura provinciana paranaense. Segundo Leoncio Correia, Domingos Nascimento pertencia “a plêiade estudiosa que freqüentou os bancos escolares de 1878 a 1880 na capital do Paraná”, ao lado de Emiliano Pernetta, José Eugenio Machado Lima, Clarimundo Rocha, João Regis, entre outros²³⁴. Como jornalista, Domingos Nascimento fundou em Curitiba os jornais: “A Folha Nova”; “A Tarde”; “A Notícia” e redigiu o “Correio do Sul”. A circulação em diferentes jornais e revistas contribuiu bastante para a afirmação de Domingos Nascimento no cenário intelectual e político, o que não era uma prerrogativa apenas dele. Ao contrário, de acordo com Carlos Eduardo Vieira, “para a intelectualidade a imprensa, em geral, e o jornal, em particular, representaram um ofício, um meio de expressão e uma forma de promoção social. Ele permitiu ao intelectual, em diferentes contextos, marcar presença na cena pública para além dos espaços restritos dos círculos de letrados”²³⁵.

Na carreira militar, Domingos Nascimento assentou praça em 21 de fevereiro de 1881, recebendo, em 1911, a patente de major. Segundo Nicolas, após entrar para as forças armadas, “seguiu pouco tempo depois para Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Aí iniciou os estudos profissionais. Na hospitalidade da terra gaúcha filiou-se a um grupo

²³¹ Para maiores informações a respeito da ida de Ludvig Kumlien à Paris, ver o prefácio assinado por Hugues Le Roux na obra publicada por Kumlien e André (1909).

²³² Segundo matéria publicada na Gazeta Paranaense, em outubro de 1886, havia na capital quatro jornais e apenas um deles era publicado diariamente: a própria Gazeta Paranaense (Gazeta Paranaense, Ano X, N. 235, Curitiba, 20 de outubro de 1886, p. 2).

²³³ *A Republica* (16/05/1895, p. 1).

²³⁴ *A Vida Litteraria* (10/08/1887, p. 1).

²³⁵ VIEIRA (2007, p. 15).

de alunos republicanos. Fez-se adepto da nova doutrina política”²³⁶. Foi um defensor fervoroso da causa republicana. Como membro do partido republicano defendia firmemente seus ideais. “Soldado-poeta, que tem numa mão sempre a espada e noutra a pena”²³⁷, Domingos Nascimento se dividia entre as obrigações militares e as atividades parlamentares. Após lutar pela instauração da República, foi deputado estadual no Paraná (biênios 1894-1895; 1896-1897 e 1906-1907). Também exerceu a docência como professor de estética e literatura no Conservatório de Belas Artes de Curitiba. Para Nestor Vitor, Domingos Nascimento era uma “figura interessante como poucas no meio intelectual paranaense”²³⁸. Escreveu: “Revoadas”; “Trenós e Arruídos” (poesias); “O Sul” (crítica política); “Em caserna” (contos militares); “Pela Fronteira” (descrição da viagem à Foz do Iguaçu); “Hulha branca” e “Flora têxtil” (ambos sobre o Paraná); além do livro “Homem Forte”, obra sobre a qual nos deteremos com maior atenção mais adiante.

Outro militar envolvido na produção de material didático para o ensino da ginástica foi Antonio Martiniano Ferreira. Natural de Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, Martiniano Ferreira foi mestre de ginástica da extinta Companhia de Aprendizes Militares²³⁹. Em 27 de julho de 1895 foram remetidas patentes a alguns oficiais da Guarda Nacional, entre eles Antonio Martiniano Ferreira²⁴⁰. Naquela ocasião, provavelmente ele tenha recebido a patente de tenente, uma vez que seu nome volta a aparecer na imprensa já como Tenente Antonio Martiniano Ferreira²⁴¹. Assim como Domingos Nascimento, o militar mineiro também exerceu a docência por muitos anos, assumindo, neste caso, a cadeira de “Ginástica e evoluções militares” da Escola Normal de Ouro Preto (tomou posse em 28/02/1891). Como professor de Ginástica, também lecionou no “Gymnasio Ouro-Pretano”²⁴² e atuou como examinador nos

²³⁶ NICOLAS (1954, p. 201).

²³⁷ *A Republica* (18/01/1893, p. 1).

²³⁸ *A Republica* (27/06/1914, p. 3 e 4).

²³⁹ *Almanak de Ouro Preto* (1890, p. 31).

²⁴⁰ *Minas Geraes* (31/07/1895, p. 4).

²⁴¹ *Minas Geraes* (20/05/1896, p. 6).

²⁴² *Minas Geraes* (22/08/1897, p.8); *Minas Geraes* (04/03/1899, p.4); *Jornal Mineiro* (04/12/1898, p.1).

concursos de Ginástica da Escola Normal de São João Del Rey²⁴³, de Juiz de Fora²⁴⁴ e de Sabará²⁴⁵.

A atuação junto aos cursos de formação de professores ofertados pelas Escolas Normais representava um papel importante na configuração das disciplinas escolares, uma vez que era na Escola Normal que os futuros professores estudavam os métodos e processos de ensino. Por outro lado, partindo do pressuposto que tais métodos deveriam ser auxiliados pelo uso do livro, nota-se uma crescente produção de livros didáticos escritos por professores das Escolas Normais, não sendo diferente com os manuais de ginástica. Esse foi o caso de Martiniano Ferreira, como também foi dos demais autores que veremos a seguir. De acordo com Circe Bittencourt, os trinta anos finais do século XIX não apenas marcaram o início do crescimento da rede de ensino escolar, mas observa-se nesse período o surgimento de escritores provenientes de esferas sociais mais modestas²⁴⁶. Segundo ela, “os autores da geração de 1880 possuíam, na maioria das vezes, experiências pedagógicas provenientes de cursos primários ou de Escolas Normais”²⁴⁷.

Outro professor/autor de livro sobre educação física e ginástica foi Manoel Baragiola. A chegada de Baragiola na cidade de São Paulo foi noticiada pelo *Correio Paulistano*, publicado em 22 de agosto de 1891. Conforme nota publicada no jornal, “vem fixar residência nesta capital o professor de ginástica e esgrima Sr. Manoel Baragiola, que de sua profissão tem longo tirocínio”²⁴⁸. Ao se instalar na capital paulista, Baragiola abriu na Rua Quintino Bocayuva, um curso de ginástica e de esgrima de várias armas²⁴⁹. Atuou como professor de ginástica e exercícios militares da Escola Normal e da Escola Modelo da Capital²⁵⁰. Baragiola também fez parte do quadro docente do Ginásio da Capital²⁵¹.

²⁴³ *Minas Geraes* (17/08/1894, p. 1).

²⁴⁴ *Minas Geraes* (02/05/1895, p. 2).

²⁴⁵ *Minas Geraes* (09/03/1897, p. 1).

²⁴⁶ BITTENCOURT (2008).

²⁴⁷ *Idem* (p. 143).

²⁴⁸ *Correio Paulistano* (22/08/1891, p. 1).

²⁴⁹ *Correio Paulistano* (22/08/1891, p. 1).

²⁵⁰ GUIMARÃES (1893); BROWNE (1893).

²⁵¹ *Almanak administrativo, comercial e profissional do Estado de São Paulo* (1897).

No Rio de Janeiro destaca-se a atuação de outros dois professores de ginástica: Pedro Manoel Borges e Arthur Higgins. Pedro Manoel Borges (1861-1921) nasceu na Capital e fez carreira tanto no ensino primário como no secundário. Foi professor catedrático da oitava escola pública do quarto distrito e professor de ginástica da Escola Normal do Estado do Rio de Janeiro. Também assumiu os cargos de professor adjunto da primeira escola pública da freguesia de Sant'Anna e de Inspetor de Ginástica das escolas públicas da Capital²⁵². Borges escreveu o “Manual theorico e pratico de gymnastica escolar, elementar e superior” (1888); o “Tratado elementar de gymnastica escolar” (1896); e o livro “Jogos gymnasticos ou recreios escolares” (1893)²⁵³. Em matéria publicada no *Correio da Manhã*²⁵⁴, Pedro Manoel Borges anunciou a instalação da primeira seção do “Gymnasio Pedro Borges”, destinado à formação tanto de amadores quanto de professores de ginástica, na Avenida Rio Comprido. A idéia de Borges era inaugurar mais uma seção no dia de comemoração do centenário da independência do Brasil, 7 de setembro de 1922, feito que não conseguiu realizar. Morre no ano seguinte à instalação do Ginásio, em 1921²⁵⁵.

Já Arthur Higgins (1860-1934) era natural de Petrópolis, estado do Rio. Filho de Artur Felipe Higgins (norte-americano, da Filadelfia) e Marcolina da Silva Lima Higgins, professora particular, com quem ele completou os estudos primários²⁵⁶. Higgins fez o curso secundário na Escola Normal da Corte a partir de 1883, onde começou a praticar ginástica aos 23 anos de idade, tendo como professor o Capitão

²⁵² BLAKE (1970, p. 53); SOBRINHO (s/d., p. 398).

²⁵³ Assim como o “Manual theorico e pratico de gymnastica escolar” (conforme veremos adiante), o livro sobre “Jogos gymnasticos ou recreios escolares” também foi aprovado pelo Conselho da Instrução Pública do Rio de Janeiro e adotado para uso nas escolas públicas cariocas. O livro de Borges sobre jogos ginásticos foi publicado pela Francisco Alves e também circulou em Minas Gerais, constando 3 “Jogos Gymnasticos de M. Borges” na 2ª Cadeira do sexo masculino de Dores do Indayá (MELGAÇO, 1909). Segundo escritura particular firmada entre Pedro Manoel Borges e a Francisco Alves & C., foram editados 2000 exemplares “para ser vendido avulso a 1000 e em porção a 700 reis”. Consta ainda que “as contas com o autor serão prestadas a razão de 700 reis o exemplar – depois de deduzidas as despesas o lucro será dividido em partes iguais pelos contratantes” (ALVES s.d., p. 35). Infelizmente não localizamos nenhum exemplar dessa última obra. Em 1897, a Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal comprou 500 exemplares dos “Jogos gymnasticos ou recreios escolares”, a 1.500 reis cada um (RIO DE JANEIRO, 1897b), ou seja, mais do que o dobro dos 700 reis previstos no contrato firmado entre Pedro Manoel Borges e a Francisco Alves.

²⁵⁴ *Correio da Manhã* (01/01/1920, p. 5).

²⁵⁵ *Correio da Manhã* (08/09/1921, p. 5); *O Paiz* (09/09/1921).

²⁵⁶ SOBRINHO (1937, p. 594 e 595).

Ataliba Fernandes²⁵⁷. Foi o único aluno aprovado com distinção em ginástica. Segundo ele, “à vista desses resultados tomei a resolução de fazer-me professor de ginástica escolar”²⁵⁸. Formou-se em 1885 sendo nomeado nesse mesmo ano professor de ginástica da referida instituição, cargo no qual foi efetivado em 1890. Arthur Higgins também atuou como professor de ginástica do Colégio Pedro II²⁵⁹, e nos Colégios Alfredo Gomes, Mairink, Diocesano S. José²⁶⁰, entre outros²⁶¹. Higgins também atuou como jornalista, participando na imprensa local. Segundo Sobrinho²⁶², “em 1880 foi repórter do “O Cruzeiro”, e fundou, em 1881, “O Seculo XIX”, em 1882, “A Lente”, e em 1883, “A Lanterna de Diogenes”, jornais que eram vendidos a 20 réis”. Publicou: “Compendio de Gymnastica e Jogos Escolares” (1896); “Manual de Gymnastica Hygienica” (1902); “Compendio de Gymnastica Escolar: Methodo Sueco-Belga” (1909); “Compendio de Gymnastica Escolar: Methodo Sueco-Belga Brasileiro” (1934) e “O vencedor vencido” (romance). Assim como Borges e Baragiola, Higgins também abriu um gabinete de ginástica, “o primeiro ginásio público estabelecido no Rio”²⁶³. Sobre a trajetória de Arthur Higgins, sobretudo sua atuação no Colégio Pedro II, ver os trabalhos de Souza (2011) e Marques (2011).

Por fim, nos deparamos com outra “gama” de autores de livros sobre ginástica como aqueles que foram convidados pelos próprios editores para escreverem e publicarem sobre o assunto. Este foi o caso de M. Caldas e E. de Carvalho, cujo

²⁵⁷ HIGGINS (1909).

²⁵⁸ Idem (p. 4).

²⁵⁹ Importante destacar aqui o prestígio, reconhecimento e legitimidade que era não apenas ser professor, mas também autor ou tradutor de livro didático utilizado no Colégio Pedro II. Segundo Circe Bittencourt (2008, p. 141), “as editoras se voltavam para nomes consagrados da elite intelectual para a elaboração de seus textos, preferencialmente professores do Colégio Pedro II e/ou sócios do IHGB [Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro]”. No caso de disciplinas como Literatura e retórica, ver Souza (1999). Outro exemplo, agora no ensino da Matemática, foi a atuação de professores como Raja Gabaglia (Valente, 2003). Contudo, destaca-se ainda o reconhecimento de autores de livros didáticos que obtiveram sucesso por outros caminhos, como foi o caso do paranaense Rocha Pombo, intelectual periférico, de formação autodidata (Taborda de Oliveira, 2011b).

²⁶⁰ No Colégio Diocesano de São José, instituição fundada no Rio de Janeiro pelos irmãos Maristas, Higgins trabalhou como professor de ginástica e foi contemporâneo de Paulo Lauret, professor de esgrima na mesma instituição (A Notícia (22 e 23/06/1905, p. 3); A União (08/09/1905, p. 2)). Paulo Lauret, conforme veremos adiante, também foi autor de livro sobre ginástica, livro este utilizado por Martiniano Ferreira como base para a produção do seu “Tratado Prático de Gymnastica Escolar”.

²⁶¹ SOBRINHO (1937, p. 594 e 595).

²⁶² Idem (p. 595).

²⁶³ *Gazeta de Notícias* (22/11/1899, p. 1).

“Manual de Gymnastica Escolar” foi resultado de uma compilação feita a partir do convite realizado pela Francisco Alves e Cia. A não identificação do nome completo desses dois autores nos impossibilitou a busca por dados biográficos sobre eles, se possuíam alguma relação com a prática e o ensino da ginástica. Apenas digitando “M Caldas” na pesquisa feita nos periódicos do Rio de Janeiro existentes no banco de dados da Hemeroteca Digital Brasileira (entre os anos 1890-1899), tem-se um total de 4357 ocorrências, remetendo a diferentes sujeitos. Quando digitamos “E de Carvalho”, esse número ficou em 15882.

Analisando a trajetória dos autores dos livros, percebemos que é importante estudar mais a vida desses sujeitos para além de sua relação com a ginástica, mesmo se quisermos conhecer melhor a presença da ginástica na vida das pessoas. Higgins, por exemplo, também se envolveu com outras atividades como a produção de novas patentes e a comercialização de diferentes produtos. Inventor incansável²⁶⁴ criou e patenteou: “um aparelho [feito com o uso de cordas e outros materiais] destinado a salvar pessoas em perigo de vida, por ocasião de incêndio em prédio de um ou mais andares, denominado “Aparelho Higgins”²⁶⁵; aparelho destinado à salvação dos aviadores, denominado “Pára-Quedas Higgins”²⁶⁶; “um canhão aperfeiçoado para atacar aeroplanos, dirigíveis e congêneres inimigos, em tempo de guerra, denominado “Canhão Higgins”²⁶⁷; uma “máquina aperfeiçoada para fazer rapidamente infusão de café ou chá, denominada “Predilecta”²⁶⁸, entre outros artefatos. Destaca-se ainda a confecção de materiais escolares, como a invenção de um “novo banco carteira”²⁶⁹, e a venda de animais empalhados²⁷⁰.

²⁶⁴ *A Noite* (17/12/1914, p. 1).

²⁶⁵ *A Imprensa* (08/08/1912, p. 2).

²⁶⁶ *Gazeta de Noticias* (17/05/1914, p. 11).

²⁶⁷ *O Paiz* (12/12/1914, p. 2).

²⁶⁸ *O Pharol* (17/11/1916, p. 1).

²⁶⁹ *O Paiz* (27/09/1913, p. 4).

²⁷⁰ RIO DE JANEIRO (1918). A técnica de “empalhar” animais já estava bastante desenvolvida no século XIX, o que nos permite ver Higgins não como uma pessoa genial, mas como um homem do seu tempo. Os animais taxidermizados eram aproveitados para fins diversos, desde objeto de estudo, como material didático, até para outras finalidades como ornamentos, entretenimentos, entre outros. Ver a esse respeito à dissertação de mestrado de José Mauricio Ismael Madi Filho (2013).

Alguns autores tiveram um engajamento político (propiciado pelo sentimento de missão ou de dever social²⁷¹) maior que outros, apresentando uma trajetória mais ampla e contribuindo em outras questões, não somente aquelas afeitas à educação física ou a sua formação específica. Domingos Nascimento, por sua vez, também se dedicou a outras atividades, fora da carreira militar, apresentando uma atuação política e intelectual que merece ser desvelada. Já mencionamos sua paixão pela literatura, no entanto ele também aproveitou sua visão estética para a pintura²⁷²; se dedicou ao cultivo de orquídeas (tinha um orquidário), expondo parte de sua coleção na vitrine da “Livraria Economica”, na Rua XV em Curitiba²⁷³; também expôs “várias fotografias de diferentes aspectos dos famosos saltos do Iguazu”, na vitrine da “Casa Mascote”, também na Capital paranaense²⁷⁴.

Diante do desafio de compreender a trajetória dos autores dos manuais, procuramos saber não somente o que os motivou a escrever e, em alguns casos, a atuar como professores de ginástica, mas também quais outros espaços frequentaram e que outras atividades se dedicaram. Ou seja, respeitando a necessidade de enxergar os sujeitos da história considerando suas diferentes atuações, em diferentes tempos e espaços, em relação com outros contextos que também os formaram tanto quanto a educação física e a ginástica.

²⁷¹ Trata-se de um dos quatro aspectos considerados “decisivos para a explicação histórica do intelectual como agente coletivo”, segundo tem compreendido Carlos Eduardo Vieira (2011, p. 29). Os outros três aspectos são: “sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos XIX e XX, produziu a identidade social do intelectual”; “elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade”; e “assunção da centralidade do Estado como agente político para a efetivação do projeto moderno de reforma social”.

²⁷² *A Republica* (15/03/1902, p. 2).

²⁷³ *A Republica* (01/12/1903, p. 2); *A Republica* (15/12/1903, p. 1).

²⁷⁴ *A Republica* (01/08/1903, p. 1).

Produzindo livros, disseminando saberes.

“São os livros uns mestres mudos que ensinam sem fastio, falam a verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos; e assim como à força de tratar com pessoas honestas e virtuosas se adquirem insensivelmente os seus hábitos e costumes, também à força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam. Forma-se a alma, digo, forma-se o espírito, nutre-se a alma com os bons pensamentos e o coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada com que se compare; e só o sabe avaliar quem chegou a ter a fortuna de o possuir.

A. Vieira²⁷⁵

Do reconhecimento da educação física como elemento imprescindível na formação das novas gerações à inserção da ginástica como prática escolar obrigatória – constando no rol das disciplinas escolares inseridas no currículo do ensino primário nas últimas décadas do século XIX – o livro foi um importante recurso. Muitas vezes ele caracterizava-se como a única ou a principal ferramenta pedagógica a disposição dos professores. Exemplo disso foi a “Gymnastica domestica, medica e hygienica” escrita por Schreber em 1855²⁷⁶, e adotada no ensino público primário paranaense em 1882. Tratando-se de um assunto em que poucos tinham alguma familiaridade, o então presidente da província – Carlos de Carvalho – comprou 15 exemplares do livro de Schreber e distribuiu aos professores para que nele pudessem se basear e, com isso, viabilizar o ensino da ginástica nas escolas primárias paranaenses²⁷⁷.

Com 160 páginas e 45 figuras, a obra possui prefácio, introdução e conclusão, e está dividida em quatro partes: Importância da ginástica médica doméstica; Regras gerais aplicáveis a todos os exercícios; Descrição dos exercícios; e Descrição e explicação de algumas prescrições (séries de exercícios ginásticos). Uma característica do livro de Schreber é que ele foi pensado para os dois sexos e para todas as idades, para uso contínuo e em qualquer local, tanto pelos médicos, como por homens,

²⁷⁵ GUIZANTE (1895).

²⁷⁶ ISRAELS (1986).

²⁷⁷ Trabalhamos com a edição portuguesa traduzida da 13ª edição alemã por Julio de Magalhães (s.d.). A Biblioteca Nacional do Desporto, em Lisboa, tem três exemplares da segunda edição da versão portuguesa de Julio de Magalhães, desta vez publicada pela Tavares Cardoso & Irmão, em 1899. Sobre a inserção da Ginástica no currículo do ensino público primário paranaense, ver Puchta (2007).

mulheres, crianças e “velhos” de mais de sessenta anos, além de professores e pais de família, sem a exigência de nenhum aparelho ou auxílio “estranho”, tornando-se um best-seller²⁷⁸.

Schreber parte da idéia de que “o homem é um ente duplo, formado pela íntima e maravilhosa união de uma natureza espiritual com uma natureza material”²⁷⁹. Porém, o que incomodava o ortopedista alemão era justamente o fato das pessoas começarem a dedicar toda a atenção ao desenvolvimento do espírito, desprezando, com isso, os cuidados com a condição física (corporal). Para ele, “esta falta anda indubitavelmente ligada aos progressos da civilização, e ao requinte das relações sociais, sem que todavia deva ser considerada conseqüência imediata e forçada dessas circunstâncias”²⁸⁰. Já pairava no pensamento médico da época a idéia que a falta de atividade do corpo acarretava em perda das forças e, conseqüentemente, da própria saúde. Entretanto, nota-se aqui uma mudança de comportamento denunciada por Schreber em relação à sociedade alemã, notadamente ao Reino da Saxônia, mas que nos permite inferir, em alguma medida, a configuração de uma vida moderna. Ou melhor, de uma vida sedentária, isenta de exercícios corporais, na qual as atividades intelectuais passam a suplantar as atividades do corpo, gerando, em tese, um desequilíbrio prejudicial à saúde e ao desenvolvimento humano.

Com efeito, e em conseqüência dos constantes progressos da civilização, as exigências do desenvolvimento e da atividade do nosso espírito aumentam cada vez mais, e reclamam portanto muito tempo, muita atenção, e por assim dizer a totalidade dos nossos esforços. E por isso ao maior número de indivíduos falta, não só a vontade, como também o tempo necessário para, além das ocupações da sua tarefa diária e habitual, dar uma caminhada de muitas horas, a qual de mais a mais não teria um fim determinado e

²⁷⁸ Foi traduzido para o inglês e para o francês em 1856. Segundo consulta feita no catálogo da *British Library*, a tradução para o inglês foi feita por H. Skelton e publicada em Londres e em Edimburgo por Williams & Norgate. A tradução do alemão para o francês é de H. Van Oordt, publicada em Paris por V. Masson et fils. A Biblioteca Nacional da França também tem a 2ª e a 3ª edição francesa, ambas traduzidas por Aug. Delondre e publicadas em Paris pela V. Masson, em 1867 e 1872, respectivamente. A tradução para o espanhol foi feita por D. Esteban Sánchez de Ocaña e publicada em Madrid por Carlos Bailly-Baillièrre, em 1861. A Biblioteca Nacional da Espanha tem a 3ª e a 9ª edição espanhola, publicadas pelo mesmo tradutor e editor em 1862 e 1880. Também encontramos a primeira edição inglesa no acervo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, podendo ser consultada on-line (<https://archive.org/stream/illustratedmedic00schr>).

²⁷⁹ SCHREBER (s.d., p. 7).

²⁸⁰ Idem (p. 8).

imediatamente vantajoso. A falta de proporção das exigências da vida do espírito e da posição social com as necessidades da vida corporal, manifestase em muito grande número de indivíduos de um modo que dia-a-dia se torna mais evidente, e apresenta conseqüências, cuja gravidade se exacerba de momento a momento²⁸¹.

Segundo Schreber,

a elevação gradual, embora vagarosa, do nível da cultura do espírito reclama também, como condição fundamental do bom resultado dos seus progressos ulteriores, um grau de cultura corporal muito mais elevado, e conseqüentemente harmônico e equivalente ao grau de cultura do espírito. É evidente que, para que as flores e os frutos da árvore da vida do espírito possam adquirir força e vigor, é necessário que as raízes, de que brotam, se achem sempre em um estado de desenvolvimento regular e de conveniente energia²⁸².

Equilíbrio e harmonia, essas duas palavras são uma das tônicas da obra de Schreber e, como vimos, também foi o argumento mais recorrente em defesa da educação física presente nos relatórios da instrução pública. Assim como alertava o médico ortopedista alemão, os professores e os reformadores também estavam cientes de que todo o trabalho em prol da formação moral e intelectual das novas gerações só surtiria algum efeito, se a mesma atenção fosse dada à educação física. A atividade do corpo passou a ser vista como o meio para fortalecer as raízes de uma “bela e frondosa” árvore do espírito. Por isso a necessidade de um sistema de exercícios ginásticos, mesmo que artificial, que garantisse o restabelecimento do equilíbrio entre as forças (tanto de natureza material quanto espiritual). Contudo, como médico, sua “predileção” pela atividade do corpo não inviabilizou o importante papel que atribuiu à formação do espírito. Ao contrário, o ortopedista alemão também é conhecido pela defesa de uma educação moral altamente rígida, na qual cabia ao espírito o controle das pulsões²⁸³.

²⁸¹ Idem (p. 10).

²⁸² Idem (p. 11).

²⁸³ Dois episódios que marcaram a família Schreber foi o suicídio do filho mais velho de Moritz Schreber, Daniel Gustav, em 1877, aos 38 anos, após ser nomeado conselheiro de tribunal (Israëls, 1986). Já o filho mais novo de Moritz Schreber, Daniel Paul, foi internado duas vezes: em 1884, diagnosticado com hipocondria, e em 1893, com um forte quadro de neurose. Durante o período que esteve internado no sanatório de Sonnenstein (1894-1902), com o diagnóstico de *dementia paranoides*,

O primeiro manual escrito por um brasileiro sobre o ensino da ginástica nos anos finais do século XIX – período que marca a inserção da ginástica no currículo do ensino público primário – foi o “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar”, de autoria de Pedro Manoel Borges. Publicado em 1888 no Rio de Janeiro pela Garnier, o livro possui um texto de introdução e foi dividido em duas partes: a primeira com exercícios para alunos de 10 ou menos anos de idade e a segunda para alunos de mais de 10 anos²⁸⁴. O livro de Pedro Manuel Borges é um dos mais extensos, com 270 páginas e inúmeras gravuras. De acordo com as informações apresentadas na contra capa, o manual foi “destinado às escolas públicas, colégios, liceus, escolas normais e municipais”, contemplando um público formado basicamente por professores e alunos. Mesmo conhecendo a “Gymnastica domestica, medica e hygienica” de Schreber, Borges relata que o intuito de publicar o livro era: “prestar um serviço à minha pátria, pois sendo obrigatório o ensino da ginástica nas nossas escolas, não existe um compêndio escrito em língua vernácula que possa servir de guia seguro no ensino daquela disciplina”²⁸⁵. A inexistência de livros de ginástica para uso nas escolas foi um argumento recorrente que também justificou outras iniciativas de autores brasileiros, como Ferreira (1897) e Nascimento (1905). Mas será que esses autores não sabiam da existência dos trabalhos uns dos outros? Será que eles não se conheciam? . Nota-se que havia um conjunto de idéias circulando, às vezes de maneira dispersa, sobre a prática de exercícios ginásticos. Com efeito, é possível dizer que a ginástica se tornou importante porque ela se tornou uma questão de fundo. Ao produzirem manuais de ginástica esses autores estavam pensando em problemas comuns, mesmo que eles não se conhecessem. Desta maneira, ao discorrerem sobre a importância da ginástica, havia um conjunto de idéias por eles compartilhadas. Um *fundo comum*, no sentido dado por Bresciani²⁸⁶.

Daniel Paul escreveu suas “Memórias de um doente dos nervos” (Schreber, 2006). Essa autobiografia escrita por Daniel Paul Schreber foi analisada por FREUD (2010), possibilitando um dos primeiros estudos de caso da história da psicanálise.

²⁸⁴ Para melhor visualização da forma como os livros foram estruturados, ver o índice de cada uma das obras incluído nos anexos deste trabalho.

²⁸⁵ BORGES (1888, p. III).

²⁸⁶ BRESCIANI (2004). Por fundo comum, Stella Bresciani compreende um conjunto de idéias (teorias, informações, conceitos e preconceitos) que diferentes autores compartilham ao se debruçarem sobre um determinado problema. Em seu trabalho, a autora se deteve à questão da identidade nacional

Logo na introdução, Pedro Manoel Borges menciona o reconhecimento de suas classes de ginástica, ministradas na freguesia de Sant'Anna, por autoridades da instrução pública como os delegados da instrução naquela freguesia, assim como o inspetor geral da instrução primária e secundária da Corte. Parte do reconhecimento de Borges como professor de ginástica foi resultado do trabalho apresentado em uma das seções da 9ª Conferência Pedagógica, realizada na presença do Imperador, D. Pedro II²⁸⁷. Naquela ocasião ele apresentou as vantagens da ginástica e exibiu com alguns alunos diversos exercícios, recebendo uma coroa de louros em demonstração de apreço, em um espaço de maior prestígio, a Corte. Segundo ele, foi o que o motivou a registrar sua experiência através da publicação de um manual para o ensino da ginástica nas escolas.

Na década de 1890 localizamos outras quatro obras sobre ginástica publicadas no Brasil. A primeira delas – “Gymnastica nas aulas” – de autoria de Manoel Baragiola, foi publicada em São Paulo pela J. B. Endrizzi & Comp., em 1895. Com 50 figuras e 83 páginas, o livro é constituído de um prólogo seguido por duas partes: uma

brasileira e como essa questão foi tratada por autores nacionais e estrangeiros. Neste trabalho, nos valem desse conceito para compreender como os autores dos manuais aqui estudados pensavam a ginástica. Isto é, as idéias que mobilizaram e compartilharam, mesmo que com nuances.

²⁸⁷ As conferências pedagógicas foram instituídas na Corte Imperial durante a segunda metade do século XIX, notadamente nas décadas de 1870 e 1880. O evento reunia os professores do ensino público primário e também de escolas particulares, no intuito de discutir temas atinentes à instrução pública e ao ensino, tornando-se um espaço privilegiado para se conhecer e examinar as práticas adotadas pelos professores. Segundo BORGES; GONDRA (2005, p. 212), “o Imperial Colégio Pedro II, os salões da repartição da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária da Corte (Rua do Ourives), e o salão do Museu Nacional Escolar no edifício da Typographia Nacional, foram os lugares nos quais o evento foi realizado. Algumas reuniões contaram, inclusive, com a presença do imperador D. Pedro II”. Conforme foi publicado na *Gazeta de Notícias* (03/10/1885, p. 1), “o programa para a 9ª conferência pedagógica dos professores públicos primários, que se há de efetuar em dezembro próximo é o seguinte: 1ª parte – apreciação geral dos trabalhos da última conferência. **2ª parte – 1º) O ensino da ginástica nas escolas de 1º grau. Seu estado atual. Meios de desenvolvê-lo. Exame dos métodos adotáveis e do programa a seguir.** 2º) Influência que é chamada a escola pública a exercer sobre a educação dos alunos. Meios ao alcance do professor para formar o caráter de seus discípulos. 3ª parte – Trabalhos práticos de pedagogia. 1º) Direção de uma classe durante a conferência. 2º) Explicação de aparelhos aperfeiçoados que podem ser adotados na escola para auxiliar o ensino intuitivo” (o destaque em negrito não está no original). Contudo, a 9ª edição da conferência pedagógica só foi realizada em março de 1886, no salão do Museu Escolar Nacional (*Gazeta de Notícias*, 20/03/1886, p. 2). Segundo consta no livro de Borges (1888, p. 237), ele apresentou seu trabalho na segunda sessão, realizada no dia 20 de março de 1886.

teórica e a outra prática. Manoel Baragiola dedica o livro “ao professorado e aos cultores dos exercícios físicos do corpo”²⁸⁸. Diferente de Borges, para Baragiola:

Nada há absolutamente de novo neste pequeno livro (...). Ele não é senão o resultado do estudo de várias obras alemães, italianas, francesas, suecas, acompanhando especialmente as indicações de Ling, Obermann, Angerstein, Schreber, e observando fielmente as vozes de comando adotadas no *exército brasileiro*²⁸⁹.

Segundo Baragiola, “era necessário, porém, um livro que indicasse aos professores um programa a seguir, um sistema uniforme, para que além dos resultados fisiológicos que esta parte da educação produz, possam também preparar seus alunos para poderem ser úteis a si e à Pátria”²⁹⁰. O que motivou o autor a escrever seu manual, neste caso, foi a necessidade de criar um programa que homogeneizasse o ensino da ginástica nas escolas. No entanto, essa também não foi uma prerrogativa de Baragiola. De acordo com Bittencourt, “a visão de que os livros escolares possibilitariam a manutenção de certa uniformização do conteúdo educativo para o conjunto do País foi uma constante para os legisladores e para as autoridades religiosas do período [1810-1910]”²⁹¹. Segundo ela, “o desejo de unificar o ensino foi, contudo, defendido com maior empenho pelos liberais do fim do império e os organizadores da República, tanto para o ensino primário quanto para o secundário”²⁹².

Com a inserção da ginástica no currículo do ensino primário nesse período, nota-se uma maior demanda de livros e materiais escolares. Em 1896, por exemplo, foram publicados, no Rio de Janeiro, mais dois títulos: o “Manual de gymnastica escolar”, de M. Caldas e E. de Carvalho; e o “Compendio de gymnastica e jogos escolares”, de Arthur Higgins.

O “Manual de gymnastica escolar” foi uma obra compilada, sem prefácio, e pensada para compor a coleção de livros escolares editados pela Francisco Alves. Destinado para uso nas escolas públicas e particulares, com 252 páginas e desenhos de

²⁸⁸ BARAGIOLA (1895, prólogo).

²⁸⁹ Idem (p. 3, prólogo, itálico do original).

²⁹⁰ Idem (p. 3).

²⁹¹ BITTENCOURT (2008, p. 54).

²⁹² Idem (p. 54).

Minon, o livro foi dividido em duas partes: a primeira contendo os exercícios ginásticos sem o uso de aparelhos (exercícios ginásticos com movimento da cabeça, do tronco, dos braços, das pernas, marchas, corridas, saltos, equilíbrios e natação); e a segunda destinada à ginástica com aparelhos (halteres, bastão, maçãs, salto com varas, mastros, escadas, cordas, vigas horizontais, barras de suspensão, barras paralelas, argolas, trapézio e pranchas). No início das duas partes encontram-se algumas “Instruções Gerais”.

Entre as propriedades literárias de Francisco Alves constavam mais de 70 títulos, desde cadernos de caligrafia, até atlas e mapas²⁹³. Fundada em 1854, a livraria e editora “Alves e Cia” dominou o mercado brasileiro de livros didáticos até o aparecimento da Companhia Editora Nacional, no final dos anos 1920. Segundo Hallewell, “Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a fazer dessa linha editorial o principal esteio de seu negócio”²⁹⁴. Para Aníbal Bragança, foi Francisco Alves que “lançou as bases modernas da edição escolar no Brasil”²⁹⁵.

Já o “Compendio de gymnastica e jogos escolares” foi publicado pela tipografia do “Jornal do Commercio”, segundo o autor, “para servir de guia aos meus discípulos da Escola Normal”²⁹⁶. De acordo com Arthur Higgins, “só depois de onze anos de tirocínio na arte a que me dediquei de corpo e alma, julguei-me capaz de dar a publicidade um escrito digno do conceito generosamente elevado e do acolhimento carinhoso de que tenho gozado desde o principio de minha carreira no ensino dessa arte utilíssima”²⁹⁷. Com 137 páginas e 3 mapas, contendo 10 figuras cada um, o compendio apresenta prefácio, seguido de noções teóricas (livro primeiro), e exercícios e jogos ginásticos divididos em três partes: para os cursos elementar, médio e complementar (livro segundo). O compendio ainda era composto por um terceiro livro, com exercícios de ginástica para o ensino secundário, embora não conste esse último livro na publicação.

²⁹³ Cf. anúncio publicado em *O Paiz* (13/08/1898, p. 5).

²⁹⁴ HALLEWELL (2005, p. 280).

²⁹⁵ BRAGANÇA (2004, p. 13).

²⁹⁶ HIGGINS (1896, p. IV).

²⁹⁷ Idem (prefácio, p. 1).

O exercício de registrar os conhecimentos provenientes da prática e do ensino da ginástica nas escolas, também foi realizado em outros estados da federação. Em Minas Gerais, localizamos outro compêndio publicado um ano depois do livro de Higgins. Trata-se do “Compendio Pratico de Gymnastica”, de autoria de Antonio Martiniano Ferreira. Publicado em 1897, na cidade de Ouro Preto, pela Imprensa Oficial do Estado de Minas, o livro apresenta um total de 48 páginas e 29 figuras. Martiniano Ferreira iniciou seu texto apresentando uma definição da ginástica e suas finalidades, passando logo em seguida para a descrição dos exercícios, divididos em 12 lições²⁹⁸. O livro foi pensado tanto para uso doméstico quanto para o ensino da ginástica nas escolas. Segundo Ferreira,

Os pais de família, porém, educados em tempos em que não se cogitava dos benéficos efeitos desta arte, poucos conhecimentos têm dela e, portanto, não poderão por si dar um ensino proveitoso desta parte da educação física, sem que tenham um compendio onde, com clareza, encontrem as regras essenciais²⁹⁹.

O livro torna-se assim, importante para o conhecimento e realização da ginástica. Examinando alguns dos exercícios e gravuras presentes no compêndio, percebemos que Antonio Martiniano Ferreira se baseou no “Manual Theorico Pratico de Gymnastica”, de autoria de Paulo Lauret, conforme observou Linhales³⁰⁰. É curioso como Martiniano Ferreira omite a existência do livro de Paulo Lauret, livro em português no qual ele mesmo se baseou para escrever seu compêndio. O militar mineiro chamou os pais para uma “cruzada”, afirmando que não existia um compêndio que eles pudessem consultar, defendendo, com isso, a importância do próprio livro e

²⁹⁸ São elas: definição e finalidades da ginástica; “exercícios elementares”; “Regra geral dos membros superiores”; “Continuação dos exercícios musculares dos membros superiores” e “Exercícios musculares dos membros inferiores”; “Exercícios de ordem”; “Dos exercícios com aparelhos móveis, massas, alteres e barras esféricas”; “Halteres”; “Das barras esféricas”; “Das paralelas”; “Cordas de nós e lisa”; “Suspensões, apoios e deslocação”; e “Da barra fixa”.

²⁹⁹ FERREIRA (1897, p. 8).

³⁰⁰ “Nascido em Espiçandeira (Alenquer, Lisboa), em 11 de fevereiro de 1850 e filho de um oficial francês, este português estudioso da ginástica e da esgrima, chega à cidade do Rio de Janeiro na última década do sec. XIX, onde inicia atividades profissionais em escolas da cidade e no Gymnasio Lauret – Sala D’armas e Centro de Educação Physica, por ele criado. Nos anos iniciais do sec. XX retorna a Portugal por um pequeno período de tempo e, de volta ao Rio de Janeiro, permanece até o seu falecimento, em abril de 1918, aos 68 anos” (Linhales 2014, p. 1).

desconsiderando o livro no qual ele mesmo se baseou. Talvez o livro de Paulo Lauret (assim como outros manuais de ginástica) não estivesse à venda em Ouro Preto ou em Minas Gerais, justificando, por isso, a necessidade da publicação de novos títulos, como o “Compendio Pratico de Gymnastica”.

Por outro lado, Antonio Martiniano Ferreira também estava ciente da necessidade (e dificuldade) dos professores, de terem que lecionar ginástica: “Têm, portanto, os antigos professores, alguns já velhos, necessidade de ensinar esta arte, o que só poderão fazer tendo a sua disposição um compêndio que lhes dê as noções indispensáveis para esse fim”³⁰¹. Essa constatação se manifestava em um período em que, conforme o próprio Martiniano Ferreira observou: “os exercícios de ginástica estão hoje geralmente introduzidos em todos os estabelecimentos de educação e também nas casas de família, como um dos melhores meios de corrigir defeitos orgânicos e também para o rápido desenvolvimento dos músculos das crianças ainda das mais perfeitas”³⁰². Presente na escola, em casa e na vida das pessoas, a ginástica se tornava uma prática que precisava cada vez mais ser considerada.

O principal motivo que levou o professor da Escola Normal de Ouro Preto a produzir seu compendio foi justamente o fato da prática da ginástica se tornar obrigatória nas escolas. Não por acaso, Martiniano Ferreira cita a lei n. 41, de agosto de 1892, que estabelece o ensino da ginástica nas escolas primárias de Minas Gerais (lei também mencionada no parecer que o Conselho Superior de Instrução deu sobre o livro). Segundo ele, “não havendo atualmente compêndio pelo qual o aluno possa estudar a referida matéria, tomei a iniciativa de organizar o pequeno trabalho que vos apresento, o qual, conquanto não seja completo, contém as principais regras e noções elementares de ginástica, evoluções e trabalhos de aparelhos”³⁰³. Novamente constata-se a operação de apagamento do outro. Conforme já observamos, era relativa a inexistência de livros sobre ginástica quando da produção e publicação do compêndio de Antonio Martiniano Ferreira.

³⁰¹ Idem (p. 8).

³⁰² Idem (p. 8).

³⁰³ Idem (p. 5).

Uma peculiaridade do compêndio de Ferreira refere-se à falta de uma noção teórica, mesmo que “superficial”, a respeito do tema. Essa foi uma das críticas presentes no parecer exarado pelo Conselho Superior:

De cunho puramente prático o referido trabalho, avisada e refletidamente, ao que parece, deixara o autor de revesti-lo de leve sequer, ao menos, de noções teóricas ou de qualquer notícia histórica, o que aliás poderia ter feito, posto que sucintamente, na *introdução*, o que seria vantajoso.

Pensam alguns autores que a única, senão a maior dificuldade a pleitear na organização de um trabalho didático, mormente para principiantes, é a *dosagem*.

Ciente ou inconsciente desta verdade, o autor do Compendio Pratico de Gymnastica, sem mais preâmbulos e averiguações, entrara no âmago do assunto, limitando-se a expor da matéria o *quantum* se lhe deparara de mister para conseguir o seu *desideratum*, qual fora o de organizar um compêndio modesto, sim, porém nos casos de merecer a aprovação do Conselho Superior de Instrução Pública³⁰⁴.

O livro, de fato, não possui introdução. Diferente de Paulo Lauret, cujo manual possui toda a primeira parte dedicada à teoria, Antonio Martiniano Ferreira optou por partir direto para a descrição dos exercícios (parte prática). Acreditamos que a intenção de Ferreira também era concorrer ao prêmio que os autores de livros didáticos costumavam receber. Ao menos foi o que noticiou o *Minas Geraes*, ao mencionar o requerimento de “Antonio Martiniano Ferreira, professor da Escola Normal de Ouro Preto, pedindo decretação de verba para impressão de seu compêndio de ginástica e para lhe ser conferido o prêmio a que tem direito pela lei n. 41 de 03/08/1892”³⁰⁵. Em resposta,

A comissão de Representações, Requerimentos e Petições, a qual foi presente o do lente de ginástica da Escola Normal de Ouro Preto, pedindo o prêmio a que se julga com direito em face do art. 221 do dec. 607, de 27 de fevereiro de 1893;

Considerando que o referido artigo emana-se da lei n. 41, de 3 de agosto de 1892, art. 327, que estabelece o concurso para a concessão de prêmios;

Considerando que o trabalho a que se refere o dito lente já foi publicado a custa do Estado, constituindo este fato, só por si, uma remuneração dos seus esforços; por estas e outras razões, é de parecer:

³⁰⁴ FERREIRA (1897, p. 6) Itálico do original.

³⁰⁵ *Minas Geraes* (03/07/1896, p. 3).

Que seja arquivada a petição do lente de ginástica da Escola Normal de Ouro Preto, Antonio Martiniano Ferreira.
Sala das comissões, 7 de julho de 1897. Silva Fortes – Simeão Stylita – Sousa Moreira³⁰⁶.

Contudo, o prêmio que Antonio Martiniano Ferreira requeria não era algo novo. Segundo Bittencourt, “com o passar do tempo, o número limitado de obras que surgiram de autores famosos fez com que as nossas autoridades educacionais aceitassem pessoas menos “nobilidades””³⁰⁷. Além disso, a autora observa ainda que “a legislação educacional passou a prever prêmios para autores de obras didáticas, com honrarias ou com dinheiro”³⁰⁸.

No início do século XX localizamos mais três livros sobre educação física e ginástica. Arthur Higgins volta a publicar um novo “Compendio de Gymnastica Escolar”, também pela “Typographia do Jornal do Commercio”, no Rio de Janeiro. Dessa nova versão foram publicadas, ao todo, três edições: a primeira em 1900, a segunda em 1909 e a terceira em 1934³⁰⁹.

Com 222 páginas e 43 figuras, o compendio foi dividido em: noções teóricas (livro primeiro), ginástica sistemática livre (livro segundo), e ginástica recreativa ou jogos ginásticos (livro terceiro). Mesmo com o aparecimento de novas publicações, Higgins se baseou no trabalho publicado por ele pela primeira vez, em 1896. Acreditamos que os acréscimos, inclusive as modificações no título da obra, ocorreram em decorrência da própria experiência que Arthur Higgins foi acumulando ao longo dos anos, como professor de ginástica. Segundo ele, “o método adotado por mim é o resultado de escrupuloso estudo de diversos sistemas estrangeiros, principalmente dos de Ling, sueco, e Dox, belga”³¹⁰. Os livros continuaram sendo destinados aos alunos da Escola Normal, futuros professores. Desta vez, Higgins acrescentou que “uma boa

³⁰⁶ Minas Geraes (14/07/1987, p. 2).

³⁰⁷ BITTENCOURT (2008, p. 31).

³⁰⁸ Idem (p. 31).

³⁰⁹ No acervo da Biblioteca Nacional encontramos a segunda e a terceira edição. Devido ao recorte temporal da pesquisa, trabalhamos apenas com a segunda edição. A primeira edição não foi localizada.

³¹⁰ HIGGINS (1909, p. 5).

educação ginástica interessa a todos, aos fracos sobretudo, que o sentimento da própria inferioridade afasta dos exercícios”³¹¹.

A intenção era que os alunos, principalmente os meninos, praticassem regularmente os exercícios ginásticos. Em 1905, por exemplo, foi publicado em Curitiba, pela Imprensa Paranaense, um livro intitulado “Homem Forte”. De autoria de Domingos Nascimento, o livro contém 134 gravuras distribuídas em 274 páginas, com prólogo e apêndice, e foi dividido em quatro partes: ginástica doméstica (baseada na obra de Schreber); natação; esgrima; e tiro ao alvo.

Em carta endereçada ao então governador do Paraná – Vicente Machado – o próprio autor contou quais eram suas idéias com a publicação de mais este livro. Segundo Domingos Nascimento, “o ‘Homem Forte’, como disse, será um livrinho conciso e maneiro, destinado às horas ou dias de recreio nas escolas. Qualquer professor poderá facilmente exercitar os seus discípulos, principalmente em *Ginástica higiênica*, sem auxílio de aparelhos e sem cansaço para as crianças”. Ainda segundo Nascimento, “caso não entre em seu programa a preparação física, sempre aí ficará um livro de alguma utilidade, de *defesa física*, em que, sem grandes profissionais, qualquer pessoa, por si mesma, poderá receber algum preparo em ginástica, natação, esgrima e tiro”³¹². Para o governador, que aprovou a publicação, o livro de Domingos Nascimento “vem concorrer com poderoso contingente para a formação do homem do futuro, na nossa terra. É desse homem que é preciso cuidar sob todos os pontos de vista, como homem intelectual, como entidade moral e como ser físico”³¹³. Essa noção de educação integral, bastante cara a inserção da ginástica no currículo, permanece no início do século XX também dando o tom da formação do cidadão republicano. O anseio de uma educação integral esteve presente na própria constituição, na modernidade, de uma pedagogia propriamente moderna, no intuito de civilizar as novas gerações, conforme nos mostra Carlota Boto³¹⁴. Segundo nota

³¹¹ Idem (p. 16).

³¹² *A Republica* (12/11/1904, p. 1). Itálico do original.

³¹³ *A Republica* (12/11/1904, p. 1). Itálico do original.

³¹⁴ BOTO (1996).

publicada na imprensa, ao todo foram impressos 2000 exemplares³¹⁵. O livro escrito por Nascimento também foi adotado no exército brasileiro. Conforme foi publicado em *A Notícia*, “o Sr. Ministro de guerra mandou adotar no exercito o livro *Homem Forte, do capitão Domingos Nascimento*”³¹⁶.

O militar paranaense também foi um dos autores que acreditavam que “nunca se cuidou em nosso país de metodizar o ensino dos exercícios físicos à mocidade das nossas escolas”³¹⁷. O que de fato o incomodava, eram os exercícios “evidentemente violentos” (como os provenientes da ginástica acrobática e os realizados para a formação de atletas), por acreditar que se tratava de exercícios que deformam o corpo e desequilibram o espírito. Segundo ele,

Sempre observei com certas prevenções essa brusca maneira de preparar fisicamente a nossa mocidade para os embates da vida. Quando estudante, não me pejo de confessar que sempre fui refratário a esses exercícios violentos e inúteis, quando não nocivos à saúde, com tanta pertinácia e obscuridade empregados em nossas escolas³¹⁸.

Como alternativa ao quadro denunciado no prólogo do livro, Domingos Nascimento reconhecia a importância e defendia o emprego de um método regular, científico e, portanto, moderno, no ensino da ginástica. Trata-se, neste caso, do uso que Nascimento fez da “*Gymnastica domestica, medica e hygienica*” de Schreber. Em outro trabalho constatamos que “ao elogiar e sintetizar a obra alemã, Domingos Nascimento fez pequenas modificações sem, com isso, comprometer o conteúdo original. Entre tais modificações estão: mudança na ordem de alguns exercícios e divisão dos mesmos em pequenas lições”³¹⁹.

Outra obra publicada no início do século XX foi o “*Tratado Pratico de Gymnastica Sueca*”, de Ludvig Gideon Kumlien. Sabemos que Kumlien publicou originalmente suas obras sobre ginástica sueca na França, em 1901 e 1906. Contudo,

³¹⁵ *A Republica* (01/02/1906, p. 1).

³¹⁶ *A Notícia* (11/06/1906, p. 2).

³¹⁷ NASCIMENTO (1905, p. VII).

³¹⁸ *Idem* (p. IX e X).

³¹⁹ PUCHTA (2007, p. 49).

não foi possível identificar a data exata da primeira edição portuguesa. Trabalhamos com a segunda edição, publicada em Lisboa pela Lusitana Editora, em 1908. Com 107 páginas e inúmeras figuras, Kumlien também dividiu seu livro em duas partes. Na primeira, escreveu sobre a utilidade e necessidade dos exercícios físicos “bem compreendidos”. A segunda consiste em três séries de exercícios: para as *crianças de ambos os sexos*; para as *meninas e senhoras*; e para *meninos e homens*. Além das séries de exercícios, no livro também constam mensagens: à *gente moça*, aos *professores*, aos *pais de família*, às *mães*, aos *amadores de esporte*, aos *empregados de escritório*, aos *operários da cidade* e aos *trabalhadores do campo*. Dessa amplitude do público ao qual a obra se destinava é possível conferir certa importância à ginástica. Sua prática não tinha a ver apenas com a escola, talvez por isso o aumento na produção e circulação dessas obras, ou seja, a ginástica já era um saber disseminado e a escola irá incorporá-lo. Aí reside nosso interesse na escolarização dos exercícios físicos e de ginástica. Com efeito, num período de mudança de hábitos, de condutas, comportamentos e costumes, a ginástica passou a ser vista como vetor importante do desenvolvimento pessoal e social, a ponto de Kumlien reconhecer que ela deveria ser praticada por todos os grupos sociais.

Mesmo trabalhando com a ginástica sueca, para Kumlien “não é necessário nenhum aparelho nas nossas séries de exercício”³²⁰. Segundo o médico-ginasta sueco,

Por toda a parte se queixam dos danos causados pelas diversas enfermidades e pelas condições defeituosas da existência.

Quando não nos inquietamos pelo que pessoalmente nos respeita ou pelos que nos são caros, é pela pátria, pela raça que receamos a diminuição da força.

Em vez, porém, de nos queixarmos, devíamos reagir energeticamente e combater as causas do enfraquecimento moral.

Que fazer para isso?

Alguns minutos por dia de exercícios racionais, usando um método simples e sem recorrermos a aparelhos de nenhuma espécie.

Isto é, um método ao mesmo tempo fácil e pouco dispendioso³²¹.

³²⁰ KUMLIEN (1908, p. 23).

³²¹ Idem (p. 7). Negrito do original.

Ao nos depararmos com a proposta do médico-ginasta sueco, não podemos perder de vista que Kumlien saiu da Suécia para se instalar em Paris, duas realidades bem diferentes da situação que encontraria se tivesse emigrado para o Brasil, como muitos europeus e estrangeiros de diferentes nacionalidades fizeram. Na condição de país agroexportador e último do ocidente a abolir o trabalho escravo, era crescente a demanda por mão de obra nas fazendas brasileiras, sem contar a necessidade de ocupação do território nacional e defesa de suas fronteiras, principalmente no sul³²². Se a ginástica era defendida para todos os grupos sociais, é importante frisar que uma parte considerável do povo brasileiro não apenas trabalhava muito, mas trabalhava com o corpo. Embora não fosse bem visto por muitos, era do trabalho manual que a maioria dos brasileiros tirava seu sustento. Dizer que no Brasil daquele período as pessoas se dedicavam ao trabalho intelectual e desprezavam o trabalho corporal pode ser verdadeiro para as elites, não para o povo. É preciso levar em consideração que grande parte dos defensores da ginástica tomava a visão de mundo de um grupo social específico, a elite, como universal. Essa visão elitista da sociedade brasileira produziu, por exemplo, figuras como a do Jeca Tatu: simbolizando a ignorância e a preguiça do homem do campo, do interior, desprovido de senso estético e representando o povo brasileiro como um povo preguiçoso, indolente. A esse desânimo somava-se ainda a falta de vontade, a ausência de empenho, como se a culpa da situação social do caboclo fosse resultado da simples inércia individual. Sabemos que não. Aliás, o próprio autor do personagem, “após tomar conhecimento das mórbidas condições de vida da população brasileira, reviu publicamente sua posição”³²³.

³²² ALVIM (1998); FALCADE (2012).

³²³ AZEVEDO (2012, p. 109). A autora mostra como a idéia de trabalho manual como algo não honroso permaneceu vigorando na sociedade brasileira, alimentando uma espécie de ojeriza social ao trabalho. Azevedo mostra ainda como a palavra preguiça adquiriu um sentido dual e ambíguo em nosso país: quando aplicada à elite, era entendida como sinônimo de “ócio criativo”, “reservado aos homens grados, que tinham direito de fruir do prazer estético porque estavam livres da faina embrutecedora do trabalho manual. Por outro lado, quando referida àqueles que estavam na base e formavam o esteio da sociedade, a mesma palavra adquiria um sentido menoscabável, de crítica a alguém que não cumpre sua obrigação e foge ao trabalho que deveria desempenhar, ainda que tal fuga pudesse excepcionalmente significar algum tipo de resistência política (passiva porém persistente, repetida cotidianamente) ao regime opressivo de trabalho”. (p. 102). Segundo ela, “com a preguiça quase transformada em estigma social, preguiçosos eram sempre os subalternos aos olhos dos patrões, ainda que muitas vezes, na prática, a realidade fosse o inverso: patrões tomados pela completa lassidão” (p. 103).

No tratado elaborado por Ludvig Kumlien, encontra-se ainda um argumento muito próximo ao de Schreber. Isto é, Kumlien também partia do pressuposto que “os trabalhos intelectuais [ocupavam] tanto tempo da vida do homem civilizado, que pouco tempo pode consagrar aos exercícios físicos que lhes são necessários”³²⁴. Trata-se da questão posta por Moritz Schreber pelo menos desde meados do século XIX. Nota-se que ambos compartilhavam as mesmas idéias, fazendo uso de um fundo comum. A semelhança nos argumentos é ainda mais evidente quanto à defesa do método. Kumlien também defendia a importância e atenção necessária no emprego do método (racional), justamente “para dar o equilíbrio exigido entre a atividade física e a atividade cerebral”³²⁵. Analisando cada uma das obras, percebemos que Schreber aparece citado em cinco delas: Borges (1888); Baragiola (1895); Higgins (1896 e 1909); e Domingos Nascimento (1905). O uso recorrente de autores como Schreber talvez possa ser explicado devido à “Gymnastica domestica, medica e hygienica” ter sido uma das poucas publicações sobre o assunto, a disposição na época. O fato é que as idéias do ortopedista alemão permaneceram por várias décadas, pelo menos até o início do século XX. No livro escrito por Kumlien aparecem ainda questões já observadas em outros manuais, como o cuidado para não confundir a ginástica racional com a formação de atletas (preocupação também exposta por Domingos Nascimento). Para Kumlien, “um método de educação física verdadeiramente racional não procura, repetimos, criar atletas, dar aparências ilusória de força e de saúde. Não busca também criar uma cultura exterior, que muitas vezes dissimula uma tara, uma doença funesta n’uma época mais ou menos próxima”³²⁶.

Pedro Manoel Borges foi o primeiro entre os autores que citou Schreber. Segundo ele, “O Dr. Schreber diz: ‘o espírito e o corpo sofrem igualmente com a preguiça intelectual e com a inação corporal. A ginástica é *o aperfeiçoamento de nossa natureza material e a salvaguarda de nossa natureza intelectual*’”³²⁷. Lendo atentamente a “Gymnastica domestica”, percebemos que Schreber não disse isso, pelo menos não com essas palavras. De acordo com a tradução feita por Julio de

³²⁴ KUMLIEN (1908, p. 16).

³²⁵ Idem (p. 18).

³²⁶ Idem (p. 25).

³²⁷ BORGES (1888, p. V). Destaque em itálico nosso.

Magalhães, os termos utilizados foram: “inércia do espírito” e “inação do corpo”. Para Schreber, “para que se mantenha em plena prosperidade a vida do espírito, deve o corpo conservar a sua força e atividade”³²⁸. O ortopedista alemão era adepto da ginástica justamente por conta disso. Sua crença era de que o trabalho e a atividade, seja físico ou intelectual, deveriam ser realizados como parte da natureza humana cuja falta seria inevitavelmente cobrada mediante o risco de contrair doenças e comprometer a saúde. Por isso a defesa e a importância da ginástica. Importante frisar ainda, que também não encontramos as palavras atribuídas à Schreber por Pedro Manoel Borges, na “Gymnastica de quarto”, outro livro de autoria de Schreber, publicado no Rio de Janeiro em 1887 (um ano antes da publicação do livro de Borges), cujo conteúdo é o mesmo da “Gymnastica domestica”, com pequenas diferenças na tradução (feita por Ramalho Ortigão) e com a supressão do prefácio e do texto de introdução.

De acordo com Higgins, “Schreber disse: ‘O espírito é o senhor e o corpo escravo, e para poder este obedecer às exigências daquele é necessário que seja sadio e forte’”³²⁹. Novamente, Schreber também não disse isso. Não nestes termos. O curioso é que no livro publicado em 1909, Higgins também apresenta a mesma leitura feita por Borges a respeito das idéias de Schreber. Segundo consta, “a verdadeira educação física é, como muito bem disse o Dr. Schreber ‘*o aperfeiçoamento da nossa natureza material e a salvaguarda da nossa natureza intelectual*’”³³⁰. Se não foi Schreber que escreveu, como que as palavras atribuídas por Borges ao ortopedista alemão também foram parar no livro de Higgins? Não só é possível que Higgins tenha tido acesso ao livro de Borges como, além disso, também é possível que os dois professores se conhecessem e tenham trocado suas experiências quanto ao ensino da ginástica, tendo em vista que foram contemporâneos e ambos viviam no Rio de Janeiro.

Para uma maior compreensão dos usos feitos da “Gymnastica Domestica”, seguem os outros fragmentos que Arthur Higgins parafraseou de partes do livro de Schreber (e que, muito provavelmente, Pedro Manoel Borges também tenha se

³²⁸ SCHREBER (s.d., p. 7).

³²⁹ HIGGINS (1896, p. 1; 1909, p. 11).

³³⁰ HIGGINS (1909, p. 13). O destaque em itálico não consta no original.

baseado), seguidos do texto original (em itálico), escrito por Moritz Schreber e traduzido por Julio de Magalhães:

O Dr. G. M. Schreber, autor da “Gymnastica Domestica Medica e Hygienica, trabalho que tem sido traduzido para muitas línguas, e que na Alemanha já mereceu vinte e quatro edições, diz na introdução desse livro: o homem é formado de duas naturezas: uma natureza material e uma natureza intelectual. Ele tem o dever de manter em atividade essas duas naturezas. O espírito e o corpo sofrem igualmente com a preguiça intelectual e com a inação corporal.

O bem estar é recompensa da atividade; a falta da observância desses preceitos acarreta a atrofia dos órgãos, prejudica as funções vitais, produz moléstia e como conseqüência final a morte vem prematuramente.

Assim como as nossas forças se desenvolvem pelo exercício regular alcançando o máximo da pujança, também elas se aniquilam, quando abandonadas a si mesmas³³¹.

O homem é um ente duplo, formado pela íntima e maravilhosa união de uma natureza espiritual com uma natureza material. É destinado a manter-se no estado de atividade permanente em dois sentidos, isto é, no completo uso de suas forças espirituais, bem como das corporais. É debalde que a inércia do espírito e a inação do corpo aspiram ao inteiro gozo do bem-estar da vida, o qual é recompensa única e exclusiva do trabalho e da atividade, e cuja falta determina fatalmente uma considerável diminuição de força nos órgãos, o desequilíbrio e perturbação das funções naturais, a invasão de muitas e graves doenças, e por fim a morte prematura. Assim como todas as nossas forças, quando utilizadas convenientemente, se desenvolvem e se mantêm em um certo e determinado grau de intensidade, que nos proporciona uma vida tranqüila e isenta de alterações nocivas, assim também, pela falta de exercício, enfraquecem e se aniquilam inteiramente antes da hora que em circunstâncias regulares lhe poderia ter sido fixada pela natureza³³².

Estas verdades são aceitas por todo o mundo; no entanto cada vez mais nos pomos em contradição com elas.

Muitas pessoas empenham todos os cuidados no desenvolvimento das faculdades intelectuais, desprezando as exigências da porção da sua natureza que é constituída pelo corpo; mas a nossa natureza não se deixa dominar e, quando afrontamos as suas leis, somos por elas punidos, e as vezes com extraordinário rigor; e é sobretudo a natureza material que mais se mostra inflexível, quando não observamos os seus preceitos³³³.

Estas verdades são universalmente reconhecidas como tais; todavia somos nós os próprios que, em um grandíssimo número de casos, nos colocamos em completa contradição com elas. Muitas pessoas, desempenhando apenas uma das duas obrigações que a vida lhes impõem, concentram todos os seus

³³¹ HIGGINS (1909, p. 17 e 18).

³³² SCHREBER (s.d., p. 7 e 8).

³³³ HIGGINS (1909, p. 18).

*esforços no desenvolvimento da atividade do espírito, e desprezam as exigências da porção da sua natureza, que é constituída pelo corpo: (...). A verdade, porém, é que a nossa natureza nunca se deixa dominar, e que quando tentamos colocar-nos em contradição com as sua leis, como por ela punidos, as vezes com extraordinário rigor. E é sobretudo a natureza material a que mais severa se mostra sempre nos castigos, que impõe aos que não acatam, como devem, os preceitos por ela impostos*³³⁴.

Convencido dessas verdades, os médicos de todos os tempos têm aconselhado a prática de exercícios musculares bem ordenados, como condição necessária à conservação da saúde e até em certos casos do seu restabelecimento³³⁵.

*Convencidos desta verdade, os médicos de todos os tempos têm estabelecido como princípio, que os movimentos corporais, inteligentemente regulados e dirigidos, devem ser considerados como condições indispensáveis da conservação, e até, debaixo de certos e determinados pontos de vista, do restabelecimento da saúde*³³⁶.

A leitura e os usos que esses autores fizeram das idéias de Schreber nos possibilitou identificar certa unidade nas motivações se não de todos, de pelo menos parte deles. Com exceção de Baragiola³³⁷, percebemos que Borges, Higgins e Domingos Nascimento fizeram leituras similares do livro do ortopedista alemão. No caso do militar paranaense, além do acolhimento das idéias de Schreber, foram prescritos no livro “Homem Forte” os próprios exercícios da ginástica doméstica. Domingos Nascimento justificou sua escolha pela “facilidade em exercê-la [sem aparelhos e sem auxílio de outrem], e [pelas] verdades científicas em que ela se baseia para virilizar o aparelho humano e normalizar as suas variadíssimas funções”³³⁸.

³³⁴ SCHREBER (s.d., p. 8).

³³⁵ HIGGINS (p. 18).

³³⁶ SCHREBER (s.d., p. 9).

³³⁷ Baragiola cita Schreber quatro vezes em partes diferentes do manual: a primeira (no prólogo) para situar Schreber entre os autores nos quais ele se baseou para escrever sua obra; a segunda para situá-lo como um dos promotores da educação física no século XIX (o nome de Schreber aparece entre vários outros autores estrangeiros, como: Jahn; Adolfo Spiess; Leopardi; Gioberti; Tommaseo; Fénélon; Montaigne; Froebel; Pestalozzi; Aporti; Bassedow; Hoffman; Salzmann; Ling; Eiselen; Krause; Rothstein; Massmann; Vieth; Neuman; Klumpp; Jaeger; Amoros; Clias; Young; Angerstei; Ranvenstein; Kloss; Eugéne Paz; Obermann; Mantegazza; Gamba; Franchi; Baumann; etc. (p. 7)); a terceira para tratar da ginástica respiratória e a quarta cita um fragmento da obra de Schreber como epígrafe, destacando a necessidade de ter em conta “a natureza dos movimentos, o modo de executá-los, a duração de cada exercício, e a freqüência dos exercícios executados, ou seja, em duas palavras, a conveniência individual da natureza e da soma dos movimentos” (p. 46).

³³⁸ Idem (p. XIV).

Além dos argumentos apresentados por Schreber para justificar a prática regular dos exercícios ginásticos, outras finalidades também estão presentes nos manuais, o que iremos tratar no próximo capítulo. Se precisamos estar atentos às finalidades do ensino, seguindo as observações de Chervel³³⁹, não podemos esquecer que no caso dos livros não se trata apenas de finalidades pedagógicas, mas também de interesses comerciais.

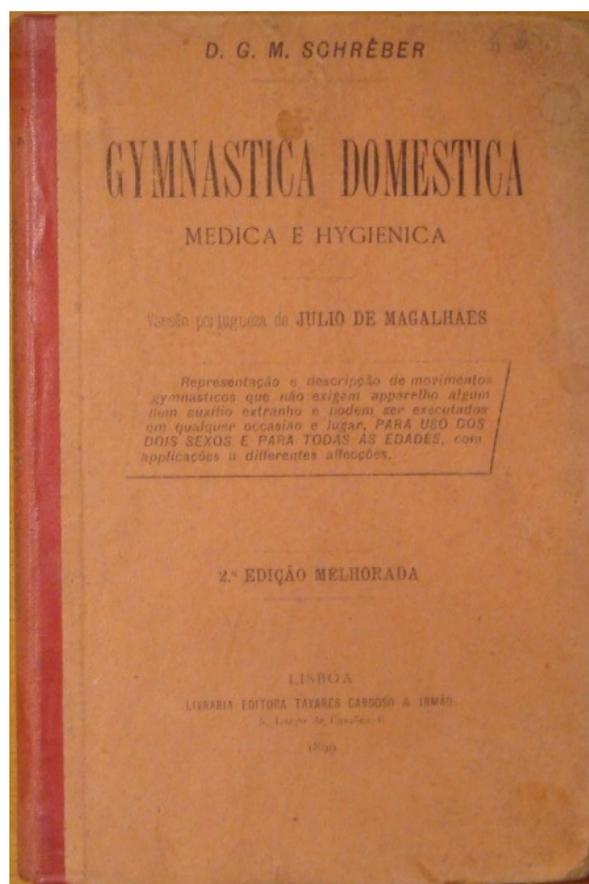
Na tentativa de regular o ensino da ginástica nas escolas e, por conseguinte, cuidar da educação física das novas gerações, os livros serviram de guia ao subsidiarem o trabalho dos professores. É possível que, mesmo de posse do livro, muitos deles tivessem dificuldade em se orientar e orientar os alunos em meio a inúmeros exercícios de pernas, braços, pescoço, tronco, respiração, e tantos outros. De todo modo, a mensagem deveria ser clara, escrita em linguagem correta e inteligível, típica dos textos didáticos. Mensagem transmitida inclusive a partir das capas dos livros (ver p. 116-118) seja pela idéia de cultivo (da saúde, do corpo), seja pela alusão ao homem forte (saudável, vigoroso), ou ainda, na própria demonstração dos exercícios (simétricos, coordenados). Segundo Souza, vistos como “impressos de circulação de saberes especializados, os manuais permitem entrever o campo de significados teóricos e normativos, compartilhados por professores em diferentes países, desvelando, assim, elementos da internacionalização dos modos de conceber, organizar e praticar o ensino”³⁴⁰. Por isso a necessidade de mapear a circulação desses materiais.

³³⁹ CHERVEL (1990).

³⁴⁰ SOUZA (2013, p. 261).

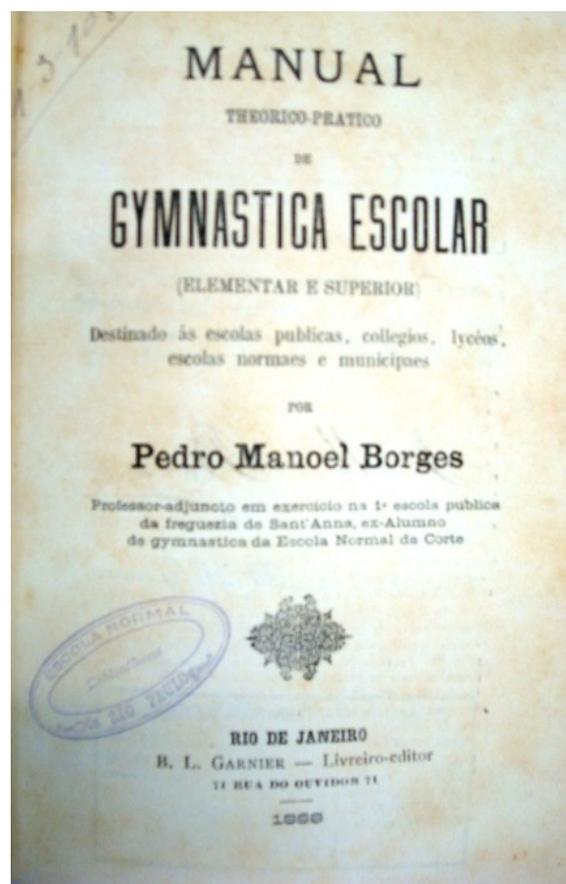
CAPAS DOS LIVROS

FIGURA 1



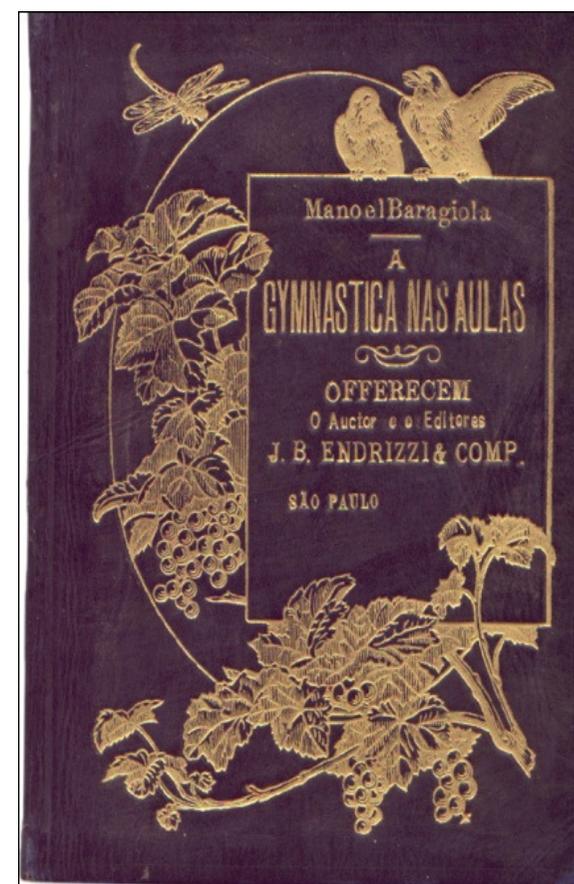
Acervo: Biblioteca Nacional do Desporto Lisboa, Portugal.

FIGURA 2



Acervo: Biblioteca do Livro Didático da FEUSP São Paulo, SP.

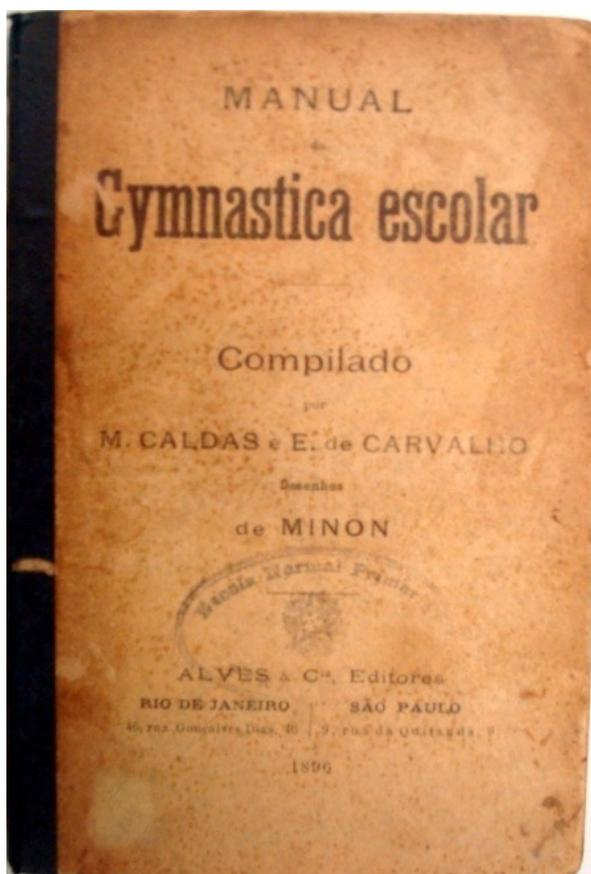
FIGURA 3



Acervo: Escola Estadual Caetano de Campos São Paulo, SP.

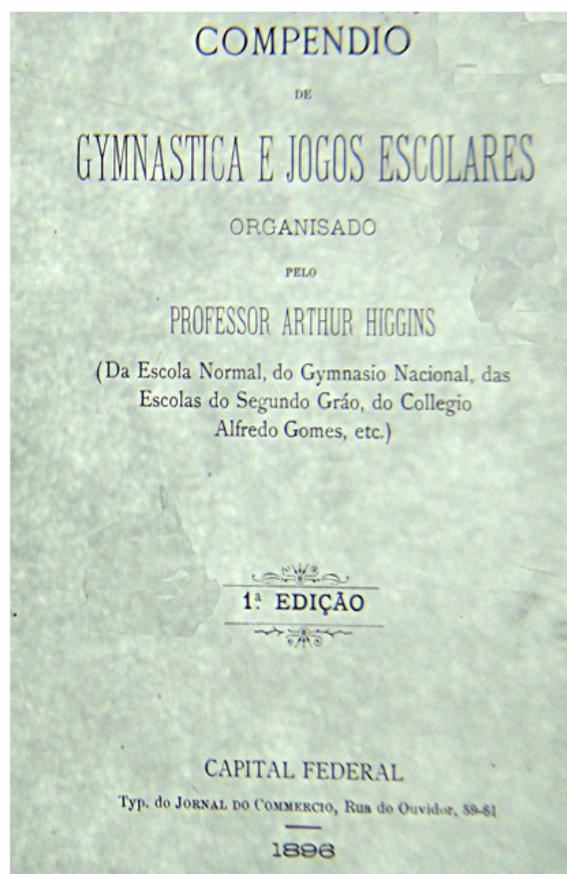
CAPAS DOS LIVROS

FIGURA 4



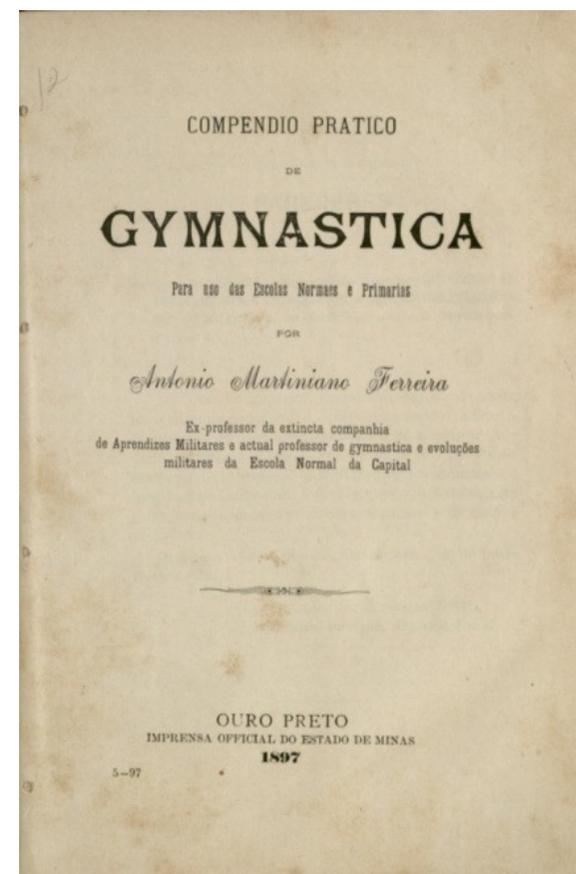
Acervo: Biblioteca do Livro Didático da FEUSP
São Paulo, SP.

FIGURA 5



Acervo: Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro, RJ.

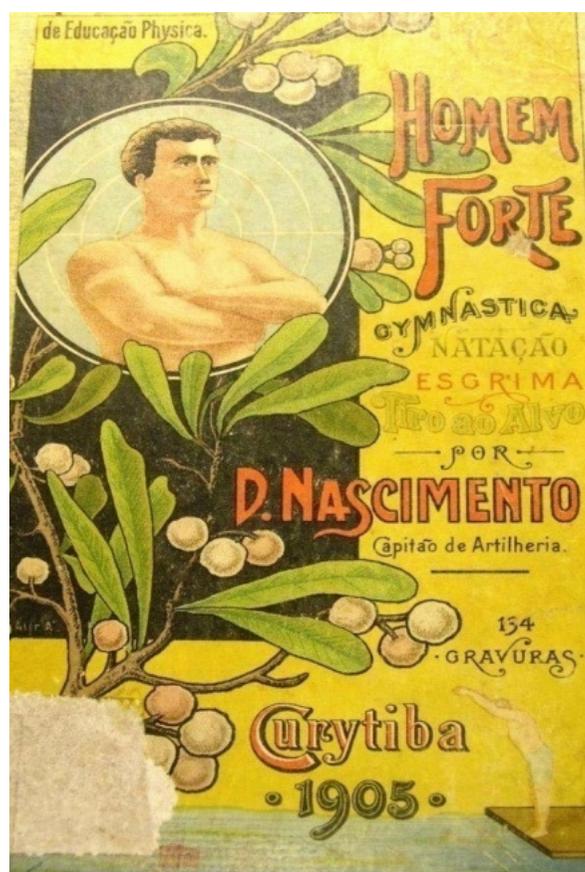
FIGURA 6



Acervo: Arquivo Público Mineiro
Belo Horizonte, MG.

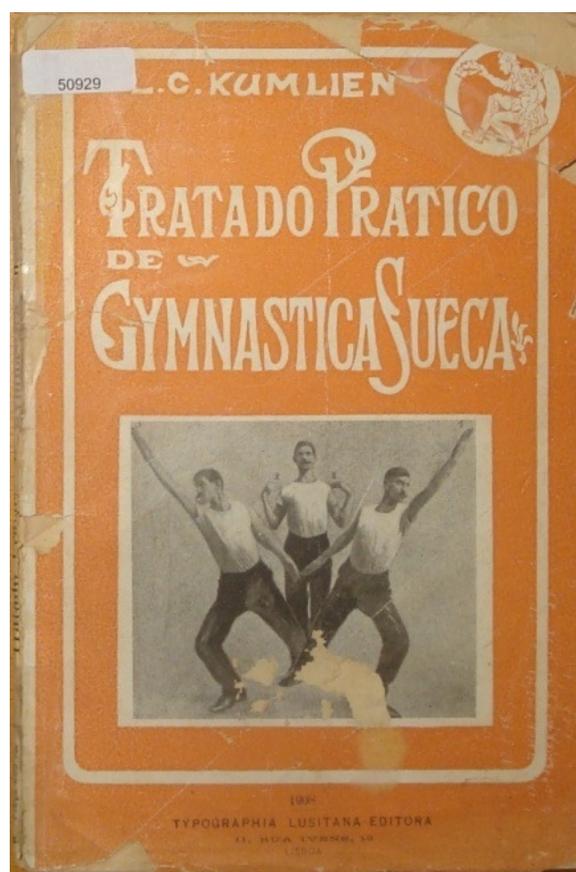
CAPAS DOS LIVROS

FIGURA 7



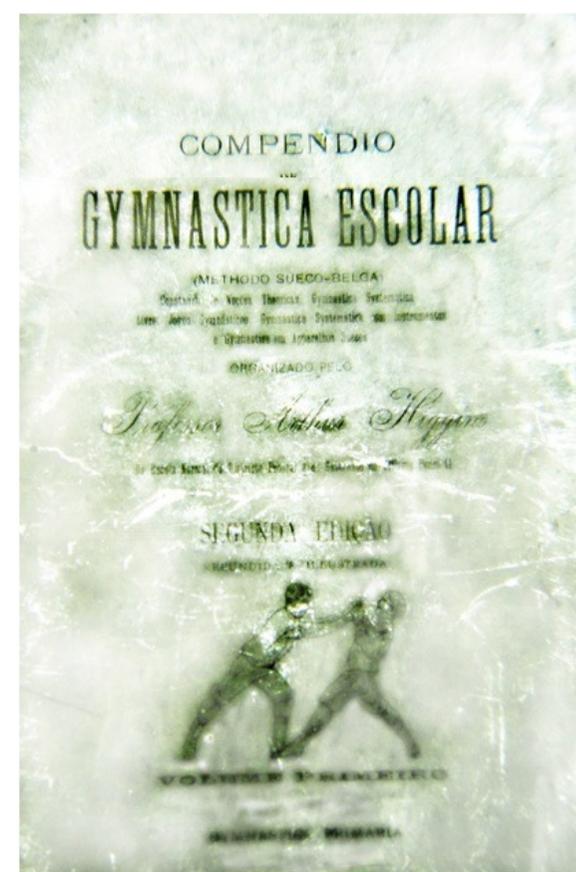
Acervo: Biblioteca Pública do Paraná
Curitiba, PR.

FIGURA 8



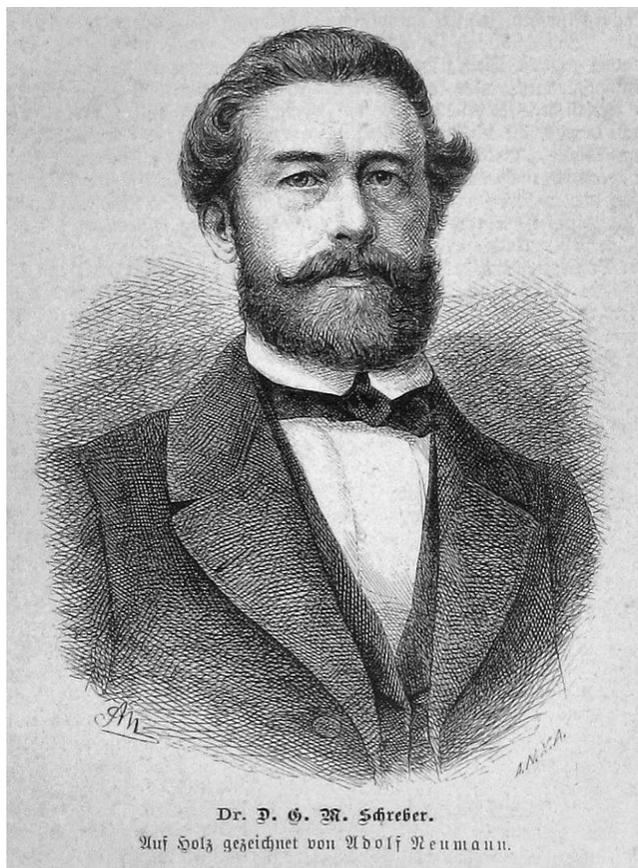
Acervo: Biblioteca Nacional do Desporto
Lisboa, Portugal.

FIGURA 9



Acervo: Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro, RJ.

FIGURA 10
Moritz Schreber



Fonte: http://de.wikipedia.org/wiki/Moritz_Schreber
Acesso em maio de 2015.

FIGURA 11
Arthur Higgins



Fonte: SOBRINHO, J. F. V. *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*. v. 1. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Irmãos Pongetti, 1937, p. 594 e 595.

FIGURA 12
Domingos Nascimento



Fonte: *Homem Forte – gymnastica domestica – natação – esgrima – tiro ao alvo*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1905.

Da adoção à circulação das obras

As obras aqui estudadas foram adotadas no ensino público primário ofertado em pelo menos um dos estados onde pesquisamos. A conexão entre elas se dá pelos saberes, pelas finalidades ou pela presença de Moritz Schreber, citado na maioria delas. Se observarmos a circulação dos livros e manuais de ginástica, é possível identificá-los em três grupos: os de maior circulação (presentes nos quatro estados); os circunscritos a um estado (onde foram publicados); e os que circularam em mais de um estado da federação. Essa circulação pode ser visualizada no quadro abaixo.

QUADRO 4 – ADOÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS LIVROS POR ESTADO

AUTOR	PR	SP	RJ	MG
SCHREBER*	●	○	○	○
BORGES			●	○
BARAGIOLA	○	●		
CALDAS e CARVALHO	●	●	●	○
HIGGINS			●	
MARTINIANO FERREIRA				●
HIGGINS			●	
DOMINGOS NASCIMENTO	●	●		
KUMLIEN		○		●

Legenda: ● Livros adotados e/ou recomendados; ○ Livros que circularam no Estado.

O primeiro livro adotado oficialmente no ensino público primário foi a ginástica doméstica de Schreber. Lembramos que, de acordo com o ofício assinado pelo presidente da província do Paraná – Carlos de Carvalho – em 1882 foram comprados

15 exemplares da referida obra, “a fim de serem distribuídos pelos professores públicos de instrução primaria das cidades desta Província”³⁴¹. Além da circulação do livro de Schreber no Paraná, sabemos que o médico ortopedista alemão também foi citado pelos primeiros autores nacionais de livros sobre ginástica, o que confirma a circulação de suas idéias e de sua obra nos demais estados. Possivelmente o livro de Schreber seja um dos manuais de ginástica que mais circularam no país, nos anos finais do século XIX.

Outro livro de grande circulação, ao menos no universo geográfico que delimitamos, foi o manual compilado por M. Caldas e E. de Carvalho. Consta no livro de contratos da Francisco Alves, a compra da propriedade literária do “Manual de Gymnastica Escolar” no valor de 1.200.000 reis³⁴². Segundo anúncio publicado em *O Paiz*, cada exemplar era vendido a 2.500 reis³⁴³. Para viabilizar as vendas, garantindo o lucro das publicações e um número maior de edições, além da distribuição das obras era fundamental que os editores mantivessem boa relação com as autoridades do ensino, a fim de que os livros fossem adotados oficialmente. Neste caso, Francisco Alves foi um dos editores de maior sucesso, dominando, como vimos, o mercado editorial de livros didáticos em nosso país³⁴⁴.

A combinação de baixo poder aquisitivo (mesmo da população letrada) com o alto preço dos livros, contribuía para afugentar os leitores. Segundo Saliba, em geral, os livros mais lidos “eram brochuras com valores que oscilavam entre cem a mil reis – o equivalente aproximadamente a um terço do ganho diário de um trabalhador – sendo mil reis o equivalente ao preço mínimo do que se pagava por uma refeição barata no largo da Carioca”³⁴⁵. Confrontando os preços sugeridos pelo autor com os preços dos manuais de ginástica, veremos que alguns títulos não eram nada baratos.

³⁴¹ CARVALHO (1882).

³⁴² ALVES (s.d., p. 602).

³⁴³ *O Paiz* (13/08/1898, p. 5).

³⁴⁴ HALLEWELL (2005); BITTENCOURT (2008); BRAGANÇA (2004); BATISTA; GALVÃO (2009).

³⁴⁵ SALIBA (2012, p. 248).

QUADRO 5 – PREÇOS DOS LIVROS

TÍTULO	AUTOR	PREÇO
Manual theorico-pratico de gymnastica escolar.	Pedro Manoel Borges	5000 ⁽¹⁾
Gymnastica nas aulas.	Manoel Baragiola	750 ou 650 ⁽²⁾
Manual de Gymnastica Escolar.	M. Caldas; E. de Carvalho	2500 ⁽³⁾
Compendio de gymnastica e jogos escolares.	Arthur Higgins	3000 ⁽⁴⁾
Compendio Pratico de Gymnastica.	Antonio M. Ferreira	2000 ⁽⁵⁾ e 1500 ⁽⁶⁾
Homem Forte	Domingos Nascimento	5000 ⁽⁷⁾
Compendio de Gymnastica Escolar.	Arthur Higgins	7000 ⁽⁸⁾
Tratado Pratico de Gymnastica Sueca.	L. G. Kumlien	1000 ⁽⁹⁾ e 1350 ⁽¹⁰⁾

- (1) Valor pago por exemplar pela Prefeitura do Distrito Federal (RIO DE JANEIRO 1895a, p.101-103).
(2) Cf. Sugestão de preço apresentada pelos editores ao governo do Estado de São Paulo, por meio de ofício enviado ao Diretor Geral da Instrução Pública (GUIMARÃES, 1895).
(3) Cf. Anúncio publicado em *O Paiz* (13/08/1898, p. 5).
(4) Valor pago por exemplar pela Prefeitura do Distrito Federal (RIO DE JANEIRO 1903-1904, folha 46; e 1902-1909, folhas 3 e 4).
(5) Cf. Anúncio publicado no *Minas Geraes* (23/03/1897, p. 8).
(6) Cf. Anúncio publicado no *Minas Geraes* (04/03/1900, p. 4).
(7) Cf. Sugestão de preço impressa no verso do livro.
(8) Cf. Anúncio publicado na *Gazeta de Noticias* (15/08/1918, p. 7).
(9) Valor pago por exemplar pelo governo do Estado de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 1909).
(10) Valor pago pelo governo do Estado de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 1911-1912).

Nota-se a existência de preços muito diferentes. De um lado encontram-se manuais mais baratos e, do outro, títulos bastante caros. Entre os livros mais baratos estavam aqueles com menor número de páginas, como a “Gymnastica nas Aulas” de Manoel Baragiola (com 83 pág.), o “Tratado Pratico...” de Kumlien (com 107 pág.), e o compendio de Antonio Martiniano Ferreira (com 48 pág.). Os livros mais extensos estavam entre os mais caros, como era o caso do manual de Borges (com 270 pág.), do livro de Domingos Nascimento (com 274 pág.), e do compêndio de Higgins (com 222 pág.). No entanto, o manual de Caldas e Carvalho (com 252 pág.) era vendido pela metade do preço (ou até mais barato) que o dos manuais de ginástica com mais de 200 páginas. Essa talvez tenha sido uma estratégia da editora no intuito de tornar seu título mais competitivo no mercado, atraindo o leitor pelo preço.

Em relação à circulação do manual compilado por Caldas e Carvalho, consta no livro de contratos da Francisco Alves, no Rio de Janeiro, “um certificado de que o

livro foi aprovado pela Diretoria Geral da Instrução Pública, em 21/01/1897”³⁴⁶. A biblioteca do Grupo Escolar Ernesto Santiago, em Minas Gerais, também possuía um exemplar³⁴⁷. O “Manual de Gymnastica Escolar” foi um dos “livros que podem ser consultados com proveito”, mencionados no anexo n. 4, do Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado do Paraná³⁴⁸. Também foi recomendado como guia para os professores do Estado de São Paulo no ensino de ginástica e exercícios militares³⁴⁹. Provavelmente o peso da editora fez o aparente sucesso ou, pelo menos, garantiu uma maior circulação do livro. Francisco Alves contava com uma política de vendas e distribuição dos livros presentes em seu catálogo bem diferente da dos livros “domésticos” publicados sob os auspícios dos governos estaduais.

No âmbito das iniciativas regionais, tanto o livro de Pedro Manoel Borges quanto os publicados por Arthur Higgins foram aprovados e adotados no ensino público primário do Rio de Janeiro. Porém, diferente dos compêndios de Higgins, o manual publicado por Borges também foi utilizado em Minas Gerais³⁵⁰, embora não localizamos nenhuma nota de compra ou informações sobre a aquisição de exemplares pelo Estado mineiro, comprovando a adoção oficial do referido manual. De todo modo, no ano de 1895, a Diretoria Geral da Instrução Pública Municipal do Distrito Federal comprou 400 exemplares do “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar”, a 5000 reis cada, totalizando um gasto no valor de 2.000.000 reis³⁵¹. Na lista de livros distribuídos às escolas públicas no ano de 1915 constam “15 exemplares de ginástica de Borges”, bem como “59 exemplares de ginástica de Arthur Higgins”³⁵². O manual de Borges e os livros de Higgins permaneceram como livros de referência no ensino da ginástica das escolas públicas primárias do Rio de Janeiro, pelo menos até os anos 1920. É o que consta na Concorrência encaminhada às empresas “Paulo de Azevedo & Cia.; Drummond & Cia.; Leite Ribeiro & Maurillo; A. Garnier e Victruvio Marcondes” para a compra, entre outros títulos, de exemplares da “Gymnastica escolar

³⁴⁶ ALVES (s.d., p. 133).

³⁴⁷ NAVARRO (1912).

³⁴⁸ PARANÁ (1903).

³⁴⁹ SÃO PAULO (1907, p. 392).

³⁵⁰ Ver SOUSA; VAGO (2008) e FONSECA (2013).

³⁵¹ RIO DE JANEIRO (1895a, p. 101-103).

³⁵² RIO DE JANEIRO (1915-1916, folhas 224-236).

de Arthur Higgins” e da “Gymnastica Escolar de Pedro Borges”. Trata-se de uma lista grande de livros, o que sugere que o almoxarifado estava carente de material³⁵³.

A Diretoria Geral da Instrução Pública Municipal do Distrito Federal comprou ainda, em abril de 1903, 100 exemplares do “Compendio de Gymnastica e Jogos Escolares” de Arthur Higgins, ao preço de 3000 reis cada³⁵⁴. Em 1912 foram adquiridos mais 200 exemplares do mesmo título, a 3000 reis cada³⁵⁵. Em 1917 foi protocolado pedido de 13 exemplares da “Gymnastica escolar de Arthur Higgins”, para as escolas do 12º distrito³⁵⁶.

De acordo com o anúncio publicado na *Gazeta de Noticias*, o “Compendio de Gymnastica Escolar” escrito por Higgins foi aprovado: pelo Conselho Superior de Instrução (em sessão de 28/01/1902); em parecer da Diretoria da Instrução Municipal (lavrado em 1912); por uma comissão de professores da Escola Normal (assinado em maio de 1913); e foi adotado pela Diretoria Geral da Instrução Municipal (em setembro de 1914). Consta no mesmo anúncio a venda de exemplares a 7000 reis, na Livraria Francisco Alves³⁵⁷.

Outra iniciativa regional, essa circunscrita ao estado de Minas Gerais, foi o compendio publicado por Antonio Martiniano Ferreira. De acordo com as clausulas estabelecidas em contrato celebrado entre Martiniano Ferreira e o Governo do Estado de Minas Gerais:

Primeira

O Governo, nos termos do artigo 2º § 1º n. 20, letra B, da lei n. 211, de 19 de setembro de 1896, mandará imprimir na Imprensa do Estado cinco mil exemplares do compendio de ginástica composto pelo contratante.

Segunda

O contratante receberá dois mil exemplares, cedendo 3.000 ao governo, que, por essa cessão, lhe concederá, como indenização, a quantia de 2.000\$000.

³⁵³ RIO DE JANEIRO (1920-1921, p. 10-15).

³⁵⁴ RIO DE JANEIRO (1903-1904, folha 46).

³⁵⁵ RIO DE JANEIRO (1902-1909, folhas 3 e 4).

³⁵⁶ RIO DE JANEIRO (1917-1918, folha 141).

³⁵⁷ *Gazeta de Noticias* (15/08/1918, p. 7). Também há anúncios do compendio de Higgins publicados em *A Noticia* (10 e 11/10/1916, p. 4); e em *A Noite* (27/07/1918, p. 6).

Terceira

Ao contratante fica salvo o direito de tirar por sua conta outra edição de seu compendio³⁵⁸.

Segundo anúncio publicado dois meses depois, também no *Minas Geraes*, o “Compendio Pratico de Gymnastica” achava-se a venda no valor de 2000 reis o exemplar, com abatimento de 20% nas compras acima de 50 exemplares³⁵⁹. Em março de 1900, novos anúncios voltam a circular no *Minas Geraes*, desta vez oferecendo o compendio a 1500 reis cada exemplar³⁶⁰. Além de impresso à custa do governo, o compendio foi aprovado pelo Conselho Superior de Instrução e adotado nas escolas normais e primárias mineiras. Após levantamento feito nos inventários das escolas públicas primárias de Minas Gerais, confirmamos a presença do compendio em grupos escolares como o de “Aguas Virtuosas” (“13 Compendios Pratico de Gymnastica”), e no Grupo Escolar Dr. João Pinheiro (“4 volumes da Gymnastica por Antonio Martiniano Ferreira”)³⁶¹.

Entre as obras que circularam em mais de um estado encontra-se a “Gymnastica nas aulas”. Publicada originalmente em São Paulo, localizamos um exemplar em um acervo paranaense, o Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba. O livro foi aprovado pelo Conselho Superior da Instrução Pública de São Paulo, para servir de guia ao ensino de exercícios militares e ginásticos nas escolas primárias paulistas³⁶². Passado pouco mais de um mês após o livro ser aprovado, no dia 22/08/1895 o Diretor Geral da Instrução Pública – Arthur Guimarães – recebeu dos editores uma proposta

³⁵⁸ *Minas Geraes* (10/01/1897, p. 1).

³⁵⁹ *Minas Geraes* (23/03/1897, p. 8). O mesmo anúncio foi publicado, no mesmo ano, em outras edições do *Minas Geraes*: 26 e 27/03/1897; 10, 14 e 21/04/1897.

³⁶⁰ *Minas Geraes* (04/03/1900, p. 4). Este último anúncio também voltou a ser publicado no *Minas Geraes*, nos dias 25, 27 e 29/03/1900.

³⁶¹ BORLIDO (1909); DAYRELL JUNIOR; SILVA (1909). Localizamos ainda a presença do compêndio de Antonio Martiniano Ferreira nas seguintes escolas primárias mineiras: Escola do sexo feminino do distrito de Mateus Leme: 4 exemplares (SILVA, 1909; SILVEIRA, 1909); Escola pública de Santo Antonio da Olaria, município do Rio Preto: 1 exemplar (FRÓES, 1909); 1ª Cadeira do sexo masculino da cidade de Patrocínio: 13 exemplares (MACHADO, 1913); Escola do sexo feminino de S. Pedro do Suassuhy: 5 exemplares (MINAS GERAIS, 1914); Escola pública mista de S. Pedro do Suassuhy: 5 exemplares (MINAS GERAIS, 1913); Escola do sexo masculino de Santa Maria de São Felix: 4 exemplares (DIAMANTINO, 1913).

³⁶² SÃO PAULO (1895).

para a venda de exemplares ao governo paulista. Segundo consta no referido documento, repassada ao Secretário do Interior,

Os editores J. B. Endrizzi & Cia. propõem no incluso ofício, que vos devolvo, a venda de exemplares de “Gymnastica nas aulas” pelo professor Baragiola, aos preços de 750 reis o exemplar, na base de 5.000 ou de 650 reis na de 10.000, incumbindo-me informar-vos, em cumprimento do despacho nele exarado, que o Conselho Superior, em sessão de 19 de julho passado, resolveu adotar aquela obra, para uso dos professores públicos, de modo que deve ela entrar para o catálogo da biblioteca escolar, mas em proporção mais restrita por destinar-se ao serviço dos professores e não dos alunos.

Nesse intuito parece-me que a aquisição, ainda mesmo limitada a 5.000 exemplares, mínimo da proposta, seria excedente à necessidade atual do magistério público.

Não obstante sabereis apreciar melhor³⁶³.

Destinado ao público docente, é bem provável que a compra tenha sido realizada, porém, não sabemos exatamente em que condições. Contudo, de acordo com o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, sabemos que o livro de Baragiola compunha, mais de uma década depois, a lista de “compêndios e manuais que podem servir de guia aos professores no ensino das diversas disciplinas do programa”³⁶⁴.

Segundo nota publicada em *A Notícia*, “a inspetoria geral do ensino público de São Paulo mandou adotar em todos os grupos escolares o “Homem Forte”, livro do nosso ilustre confrade Domingos Nascimento”³⁶⁵. Consta, no verso do livro, que o exemplar era vendido a 5000 reis. Domingos Nascimento também submeteu o livro para a aprovação do Conselho de Instrução do Estado do Paraná³⁶⁶. Não sabemos qual foi a resposta da diretoria geral da instrução pública. Também não localizamos nenhum parecer sobre o livro. Contudo, o livro foi utilizado, ao menos na escola

³⁶³ GUIMARÃES (1895).

³⁶⁴ SÃO PAULO (1907, p. 392). Também compunham a lista títulos como o “Manual de Gymnastica Escolar”, de M. Caldas e E. de Carvalho; e o “Homem Forte”, por Domingos Nascimento. O quarto e último título mencionado foi o livro “Lições Práticas de Gymnastica”, de autoria de Julia E. da Silva. Não localizamos nenhum exemplar desse livro.

³⁶⁵ *A Notícia* (07/05/1906, p. 2).

³⁶⁶ NASCIMENTO (1905).

regida por Elvira da Costa Faria Paraná – professora responsável por uma cadeira na Capital, apesar de não identificá-la. Segundo Elvira Paraná, “para o desenvolvimento físico das crianças, tão necessário, adoto os 1ºs exercícios ginásticos tirados do excelente livro Homem Forte, do Capitão Domingos do Nascimento. Além disso, fazem os meus alunos todos os dias exercícios de marchas, evoluções e militares, etc.”³⁶⁷.

Outra obra que também circulou em São Paulo³⁶⁸, mas que teve grande difusão em Minas Gerais foi o “Tratato Pratico de Gymnastica Sueca”. Mais de 300 exemplares do livro de Kumlien foram comprados pelo Estado de Minas entre os anos de 1909 e 1912. Os livros comprados em 1909 (maior parte) custaram 1000 reis cada exemplar³⁶⁹. Já os adquiridos em 1911 e 1912 custaram 1350 reis³⁷⁰.

Na medida em que o estado adquiria as obras, as escolas confirmavam o recebimento dos exemplares ou solicitavam o envio dos mesmos. Foram remetidos, por exemplo, 8 exemplares para o “Grupo Escolar Tres Corações”, do Rio Verde³⁷¹; 7 exemplares para o “3º Grupo Escolar de Belo Horizonte”³⁷²; e 2 exemplares para o “Grupo Escolar Dr. W. Braz”³⁷³. Já o diretor do “Grupo Escolar de Antonio Dias Abaixo” – Carlos Gonçalves de Andrade – solicitou o envio de livros e materiais escolares, inclusive a “Gymnastica Sueca”³⁷⁴.

Esses livros foram produzidos em contextos diferentes, por autores diferentes, mas possuem algo em comum: todos foram adotados, adquiridos, enviados às escolas e, em alguns casos, solicitados ao Estado pelos diretores ou até mesmo pelos próprios professores. Foi através deles que os professores puderam ter subsídios para elaborar

³⁶⁷ PARANÁ (1908). O livro publicado por Domingos Nascimento provavelmente também circulou em toda a região sul do país. É o que sugere a publicação de artigos sobre o autor e sobre o lançamento do livro “Homem Forte”, tanto na imprensa da capital gaúcha, quanto na da ilha de Santa Catarina. As matérias que circularam nos outros dois estados do sul, foram noticiadas em: *A Republica* (26/06/1905, p. 1); *A Republica* (21/10/1905, p. 1); e *A Republica* (23/10/1905, p. 1).

³⁶⁸ SÃO PAULO (1913, p. XXXVIII e XXXIX).

³⁶⁹ MINAS GERAIS (1909).

³⁷⁰ MINAS GERAIS (1911-1912).

³⁷¹ ROSA (1909).

³⁷² CARVALHO (1909).

³⁷³ LARA (1912).

³⁷⁴ ANDRADE (1909).

suas aulas e garantir a educação física das crianças. Neste capítulo pudemos conhecer melhor a trajetória desses autores, sua relação com a prática de exercícios físicos, bem como os motivos que os levaram a escrever e publicar seus manuais de ginástica. Pudemos conhecer um pouco mais sobre o contexto de produção e a forma como foi estruturada cada uma das obras. No entanto, ainda é preciso analisar os conteúdos presentes nos livros, quais conhecimentos os autores mobilizaram e em que consistiam suas propostas. Se a trajetória dos autores nos ajuda a compreender melhor as particularidades de cada manual, espera-se o mesmo em relação às escolhas que eles fizeram ao produzi-los.

CAPÍTULO III

MANUAIS DE GINÁSTICA: ENTRE CONTEÚDOS E MÉTODOS.

No capítulo anterior vimos que foi em decorrência da crescente preocupação com a educação física que surge um crescente interesse pela ginástica, refletindo no estímulo e aumento da produção de livros sobre o tema. Mas afinal, em que consistia a ginástica presente nesses manuais? Que conhecimentos foram selecionados e mobilizados para o ensino da ginástica nas escolas? Através da análise dos livros oficialmente adotados no ensino público primário podemos encontrar elementos importantes para o enfrentamento dessas questões.

Assim como fizemos no primeiro capítulo, com os programas de ensino, ao analisar os livros também optamos pela construção de uma tabela, computando todos os conteúdos prescritos. A tabulação dos exercícios e demais conteúdos faz parte do esforço de tentar mapear os conhecimentos mobilizados na época, as diferenças e possíveis mudanças de abordagens, possibilitando inclusive perceber as singularidades das obras ou a presença de umas nas outras, assim como reconhecer quais exercícios aparecem em cada uma delas.

Diferente da proposta e da forma como foram apresentados os conteúdos selecionados nos programas oficiais, os conteúdos prescritos nos livros são mais extensos e detalhados, o que dificultou a construção da tabela, tornando-a também muito extensa. De todo modo, foi nela que nos baseamos para a construção desse capítulo (ver a tabela dos conteúdos dos livros incluída nos anexos deste trabalho). Devido à quantidade e diversidade de conteúdos presentes nos manuais, resolvemos organizá-los em quatro eixos de análise, a saber: uma parte teórica; outra prática; outra metodológica; e uma última, prescritiva. Através desses quatro eixos foi possível percorrer e reconhecer parte do que consistiam esses manuais. Ou seja, nem todos apresentaram um conhecimento (teórico) sobre o corpo humano ou sobre a importância dos exercícios físicos e da ginástica; todos apresentam exercícios a serem praticados e/ou ensinados pelos leitores; todos (com exceção do compêndio de

Ferreira) apresentam observações metodológicas quanto aos procedimentos de realização e organização das atividades; e a maioria dos autores (com exceção de Baragiola; Caldas e Carvalho; e Ferreira) também sugeriu programas de ensino ou elaborou séries de exercícios para diferentes públicos e com diferentes finalidades, apresentando um pouco do que seria uma seção ou aula de ginástica.

No decorrer do texto, procuramos confrontar as prescrições dos autores (em cada um dos eixos predefinidos), com as prescrições publicadas nos programas oficiais. Na impossibilidade de tratar todas as questões presentes nas 9 obras, selecionamos em cada um dos eixos, algumas questões, presentes em algumas obras, não necessariamente em todas elas. Na parte prática, por exemplo, chamamos a atenção do leitor para os exercícios de corpo livre e para os jogos, bastantes frequentes nos programas de ensino oficiais. A especificidade do livro de Domingos Nascimento, conforme veremos adiante, também nos levou a apresentar uma pequena análise dessa proposta, ao final do capítulo. Dito isso, para começar dedicamos algumas palavras à definição e às finalidades da ginástica.

“Vantagens” e “benefícios”: das finalidades da ginástica.

Segundo Martiniano Ferreira, “a ginástica é a arte de desenvolver o organismo por meio de exercícios convenientemente aplicados”³⁷⁵. Higgins também considerava a ginástica como “a arte de exercitar o corpo humano, com o fim de torná-lo sadio, educado, belo e forte”³⁷⁶. Mesmo definindo a ginástica como uma arte, não era qualquer exercício que deveria figurar nos livros – não apenas de Higgins e Martiniano Ferreira, como dos demais autores estudados. Era à ciência e, por meio dela, à ginástica científica, que os autores estavam se referindo. Contudo, os exercícios prescritos nos livros eram tanto aqueles de acordo com os conhecimentos oriundos da

³⁷⁵ FERREIRA (1897, p. 9).

³⁷⁶ HIGGINS (1909, p. 14).

medicina (sobretudo da anatomia e da fisiologia), quanto os provenientes da experiência de cada um dos autores em relação à prática e/ou ao ensino da ginástica.

Borges, por exemplo, ao citar Tinot, define a ginástica como “uma parte da medicina que ensina o modo de conservar e restabelecer a saúde por meio do exercício” ³⁷⁷. A associação da ginástica à medicina advinha justamente da necessidade de conhecer o corpo humano, os músculos e as articulações, assim como o funcionamento do organismo e, principalmente, os efeitos dos exercícios no corpo. Acreditava-se que somente de posse destes conhecimentos os alunos reconheceriam a importância dos exercícios ginásticos em suas vidas e poderiam praticá-los com mais propriedade, tornando possível não só a prescrição de exercícios que pudessem ser “convenientemente aplicados”, mas também o alcance das finalidades previstas para o ensino da ginástica.

No que diz respeito às finalidades da ginástica, além de Borges, autores como Higgins e Domingos Nascimento corroboravam com Schreber quanto à necessária atenção que se deveria dedicar não apenas ao desenvolvimento do espírito, mas também à atividade do corpo. Partia-se do pressuposto que os exercícios físicos eram fundamentais para a manutenção de um corpo forte e saudável, tido como condição básica para garantir o aprendizado dos alunos durante o trabalho intelectual. Contudo, outras finalidades também foram previstas nos livros.

Eram muitas as vantagens atribuídas à prática regular da ginástica. A ela creditava-se a promoção da saúde como meio de constituição de um corpo forte e vigoroso. A questão não era somente o desenvolvimento muscular e sim a formação de indivíduos habilidosos, resistentes e astutos, alcançada mediante uma prática que não deveria “procurar outra coisa senão um equilíbrio salutar entre as funções do organismo” ³⁷⁸.

Associada à promoção da saúde, a prática da ginástica ganha relevância social no século XIX também com um forte apelo estético. É no registro e estudo das

³⁷⁷ BORGES (1888, p. v).

³⁷⁸ HIGGINS (1909, p. 15).

medidas corporais que a ginástica científica vai se fundamentar para definir e propalar os efeitos dos exercícios ginásticos na conformação de uma estética corporal. Para Borges, o ensino da ginástica condicionava o indivíduo a um porte naturalmente garboso, facilitava o desenvolvimento físico e fortificava a saúde³⁷⁹. Por meio de exercícios tendentes a fortalecer o corpo e dar-lhe elegância³⁸⁰, era preciso trabalhar todas as suas partes, tendo em vista que “não [poderia] haver beleza num corpo desenvolvido parcial e desproporcionadamente”³⁸¹. Assim, nada escapava aos exercícios da ginástica, principalmente quando eram constatados desvios e deformidades. Segundo Borges, “por uma inteligente aplicação da ginástica, nos livramos de muitos males e corrigimos certos defeitos de conformação”³⁸².

Uma das vantagens proclamadas que mais nos chama a atenção em relação ao ensino da ginástica diz respeito à manutenção da disciplina. É flagrante perceber e talvez aí resida um aspecto sob o qual precisamos nos deter com mais atenção e cautela, que associada à prática de ginástica (e neste caso também incluímos o esporte), esteve presente a ideia de disciplinamento. Recurso atestado por Borges, ao defender que, por meio da ginástica inserida nas escolas, “os alunos [habitavam-se] a prestar a maior atenção a qualquer ordem que se lhes [dava] e a cumpri-la com prontidão”³⁸³. Assim como na caserna, o aluno soldado devia respeito e obediência irrestrita ao professor. Não por acaso, Pedro Manoel Borges colocou como epígrafe, na introdução do seu livro, um fragmento da obra de Lévis que postulava: “Établissez l'ordre, l'habitude l'entretiendra”³⁸⁴. Idéia aderida por Manoel Baragiola que, sete anos depois, também incluiu o mesmo fragmento na segunda parte do seu manual, como

³⁷⁹ BORGES (1888).

³⁸⁰ BARAGIOLA (1895).

³⁸¹ HIGGINS (1909, p. 13).

³⁸² BORGES (1888, p. v). Ao estudar a ginástica preconizada por Amoros e Demeny, Soares (1998) identificou entre as finalidades da ginástica a presença de uma educação que mantivesse, desde a infância, os corpos apumados, contribuindo para a formação de uma outra estética, a estética da retidão (SOARES, 2001a e 2001b). O mesmo foi identificado por Vago (2002), para quem o ensino da ginástica esteve centralmente orientado e configurado sob o primado da correção e constituição dos corpos.

³⁸³ BORGES (1888, p. VI).

³⁸⁴ Idem (p. VII). “Estabeleça a ordem, o hábito a manterá”. Agradeço ao Lincoln Heringer pela tradução.

epígrafe do segundo capítulo³⁸⁵. Ou seja, ambos chamavam a atenção do leitor para a mesma idéia, também fazendo uso de um fundo comum.

Saúde, robustez, disciplina, aspectos valorizados na educação das novas gerações. Para assimilar os conhecimentos transmitidos pelos professores, os alunos deveriam dedicar longas horas aos estudos, mas não sem a presença dos intervalos. Aliás, foi justamente a incorporação dos intervalos na organização do trabalho pedagógico, um dos principais motivos que levou à inserção dos exercícios físicos e da ginástica na escola elementar ou no currículo do ensino primário. O combate à fadiga intelectual (*surmenage*) por meio da adoção de pequenos intervalos, fez da ginástica um importante recurso utilizado nas escolas, exercitando o corpo e recreando o espírito dos alunos³⁸⁶. Segundo Borges,

muito [influía a ginástica] para o progresso dos estudos, pois que a inteligência dos alunos tendo descansado durante o tempo em que eles se ocuparam em executar exercícios corporais, [voltariam] para as classes, ao terminarem esses exercícios, dispostos a entregarem-se com mais gosto a novos estudos. (Borges 1888, p. vi).

Sabemos que essa mesma lógica de combate à fadiga também esteve presente no espaço laboral. Não por acaso a ginástica também ocupou o cotidiano das fábricas³⁸⁷. De acordo com Higgins, “a educação física desenvolvendo o gosto pelo trabalho, [fornecia] braços vigorosos às indústrias e à agricultura”³⁸⁸.

O ensino da ginástica deveria ir além da educação física. Mesmo reconhecida como meio de promover a saúde do corpo, era sobretudo na educação moral que residia a finalidade da ginástica. Não por acaso ela lançou mão de exercícios que despertassem valores e sentimentos como a iniciativa e a coragem. Segundo Borges,

³⁸⁵ BARAGIOLA (1895, p. 33). Esse fragmento – “Estabeleça a ordem, o hábito a manterá” – utilizado por Pedro Manoel Borges e Manoel Baragiola é de uma coleção de máximas políticas dedicadas à arte da guerra intitulada “Maximes et reflexions sur différents sujets de morale et de politique”, publicada por Lévis em 1807.

³⁸⁶ VAGO (2002); PUCHTA (2007); MEURER (2008).

³⁸⁷ SOARES (1994); BERTUCCI (2004).

³⁸⁸ HIGGINS (1909, p. 12).

“[era] por meio dela que um indivíduo de qualquer sexo se [preparava] para cumprir seus deveres com mais perseverança, mais energia, mais atividade e destreza, tornando-se, assim, apto para desempenhá-los com vantagem”³⁸⁹. Mais do que força muscular, perseverança, energia, destreza, retidão. Assim a ginástica (e também o esporte) contribuiria de fato para uma verdadeira *energização do caráter*³⁹⁰.

Diante de tantas atribuições conferidas à ginástica na formação de crianças, jovens, adultos e idosos, não é casual que ela tenha sido pensada em diferentes contextos, com diferentes finalidades. Segundo Dominique Juliá, “as finalidades das disciplinas nunca são unívocas. Procedem, normalmente, de arquiteturas complexas, nas quais estratos sucessivos, que se sobrepuseram a partir de elementos contraditórios, se mesclam”³⁹¹.

Schreber, por exemplo, divide a ginástica médica em: ginástica terapêutica – constituída pelos exercícios e meios empregados pelos médicos para remediar determinadas imperfeições e doenças do organismo – e ginástica higiênica – cujo intuito era a prevenção, por meio da prática de exercícios devidamente aplicados e realizados por qualquer um, em qualquer lugar e a qualquer hora do dia³⁹². Assim, a ginástica se tornou grande auxiliar da medicina (terapêutica e ortopédica), na cura de enfermidades como o arqueamento das pernas, a curvatura mórbida da coluna vertebral, o descaimento dos ombros, etc.³⁹³.

Segundo Baragiola, a ginástica pode ser classificada em: médica, militar, espetaculosa ou teatral e educativa³⁹⁴. Do ponto de vista militar, a prática dos exercícios ginásticos era essencial na formação do soldado, tendo em vista a crença de que se perdia a guerra pela inferioridade física. Para Baragiola, o objetivo da ginástica militar consistia em “acostumar o homem a resistir às fadigas, às longas marchas, a suportar as variações repentinas de temperatura, as intempéries, a vencer as dificuldades e escabrosidades do terreno, a superar os obstáculos e a triunfar dos

³⁸⁹ BORGES (1888, p. VI).

³⁹⁰ LINHALES (2009).

³⁹¹ JULIÁ (2002, p. 51).

³⁹² SCHREBER (s.d.).

³⁹³ HIGGINS (1909).

³⁹⁴ BARAGIOLA (1895).

perigos”³⁹⁵. É importante frisar que nos anos anteriores a publicação do manual de Baragiola, o Brasil passava por um período de insurgências, como a Revolução Federalista, eclodida no sul do país, e a Revolta da Armada, na Capital Federal³⁹⁶.

A ginástica espetaculosa ou teatral, presente na cultura circense por estar mais próxima dos exercícios acrobáticos e perigosos, era vista em oposição à ginástica científica. Em vista disso, foi veementemente criticada por autores como Domingos Nascimento, por exemplo, como um gênero de ginástica praticada pelos palhaços, acrobatas e atletas, e que não necessariamente faziam bem ao corpo e à saúde³⁹⁷. Para Baragiola, este ramo da ginástica visava “o lucro e os aplausos que os espectadores [prodigalizavam] aos ginastas, quando eles [expunham] sua vida em exercícios extraordinários de força e agilidade”³⁹⁸.

Contudo, é a ginástica educativa, que adentra a escola, o ramo no qual voltamos nossa atenção. Respeitando os princípios da pedagogia, da anatomia, da fisiologia e da higiene, a ginástica passou a fazer parte do cotidiano escolar. Trata-se de uma prática que se pretendia racionalizada, isto é, sistematizada metodicamente como um modo de se diferenciar das acrobacias e dos exercícios realizados intuitivamente pelos praticantes do funambulismo. Sua inserção no currículo decorre do papel a ela atribuído, ou seja, a ela coube a missão de *desenvolver e fortalecer o corpo em serviço do espírito e da vida prática*³⁹⁹. Para Higgins, “como meio educativo, a ginástica [conseguiu] o desempenho do corpo, a harmonia e a beleza das formas, isto é, a beleza estética corporal, o desembaraço e graça dos movimentos, flexibilidade, equilíbrio, leveza, agilidade, destreza e dignidade nas atitudes e no porte”⁴⁰⁰. Por outro lado,

³⁹⁵ BARAGIOLA (1895, p. 9).

³⁹⁶ Sobre esses dois episódios que marcaram os primeiros anos após a instauração da República, ver os trabalhos de FLORES (2014) e PRIORI (2012).

³⁹⁷ Arthur Higgins também criticou duramente os exercícios perigosos, a acrobacia ou a “ginástica dos circos”. Segundo ele (1909, p. 15), “seu fim é causar admiração pelo desapego a vida e dar renda pecuniária. Essa ginástica, impropriamente assim chamada, repito, por ser prejudicial à saúde e muito perigosa, deve ser completamente banida dos estabelecimentos de educação”. A crítica à ginástica circense ou funambulesca também esteve presente na obra de Amoros e Demeny, conforme atesta SOARES (1998).

³⁹⁸ BARAGIOLA (1895, p. 9).

³⁹⁹ BARAGIOLA (1895, p. 9).

⁴⁰⁰ HIGGINS (1909, p. 17).

Baragiola – além de defender a primazia da ginástica educativa sobre os demais ramos da ginástica – postulava que

ela [a ginástica educativa] [deveria] ser singela e divertida; não [devia] obrigar o discípulo a grandes esforços ou a posições perigosas; [poderia] ser dada na mesma aula; nunca [deveria] ofender a dignidade da menina; não [deveria] desenvolver uma parte do corpo com prejuízo das outras, não [haveria] de fazer perder a harmonia e forma estética do corpo humano, mas sim favorecê-la e aumentar a beleza; ela [deveria] ser executada coletivamente pelos alunos; [deveria] robustecer a vontade e torná-la diretora absoluta do corpo; [deveria] dar movimentos saudáveis e fisiológicos as partes internas do corpo, favorecer as funções dos vários órgãos e equilibrar a influência nervosa sobre esses mesmo órgãos⁴⁰¹.

Através da ginástica cuidar-se-ia da estética corporal, reforçando a importância da dignidade nas atitudes, do equilíbrio e do domínio do corpo. Assim os alunos deveriam se portar. Trata-se da transmissão e incorporação de um ideal no qual o indivíduo “travado”, “descoordenado”, “fraco”, “sujo”, poderia/deveria corrigir-se mediante a prática da ginástica. Para isso e por isso, a prescrição dos exercícios. Afinal, partia-se do pressuposto de que a ginástica “torna os fracos fortes e os fortes mais fortes ainda”⁴⁰².

À ação educativa da ginástica caberia ainda:

*exercitar o ouvido com o ritmo, a vista com a precisão e simultaneidade dos exercícios e inspirar sentimentos morais e generosos, combinando os exercícios ginásticos com cânticos fáceis. [Deveria] também dar aos alunos a primeira ideia da ordem, base da vida intelectual, estética, moral e econômica do homem*⁴⁰³.

Nota-se que a ela também coube educar os sentidos (não só o ouvido e a vista, mas também o tato e a cinestesia) assim como o forjar de novas sensibilidades. Com a prática da ginástica seriam transmitidos valores morais como, neste caso, a

⁴⁰¹ BARAGIOLA (1895, p. 8).

⁴⁰² HIGGINS (1909, p. 17).

⁴⁰³ BARAGIOLA (1895, p. 11). Os destaques em itálico não estão no original.

importância da ordem. Os sentimentos inspirados pelos exercícios eram reiterados pela seleção dos cantos (sobretudo através das letras). Assim, era por meio desta combinação que a ginástica educativa corrigiria os corpos, conformando, da mesma maneira, o caráter de seus praticantes. Para isso, diferentes conhecimentos foram mobilizados. Resta-nos saber quais.

Parte teórica: história e conhecimentos sobre o corpo.

Nem todos os manuais apresentam uma parte teórica⁴⁰⁴. Essa não era uma exigência, pelo menos não dos programas oficiais, os quais não previam nenhum conteúdo de caráter teórico para ser trabalhado pelos professores, na hora da ginástica. Eram dos exercícios físicos, do “o que praticar?”, que a maioria dos documentos tratava. Em geral, os textos teóricos precedem a parte prática, muitas vezes ocupando a primeira parte dos livros, na qual os autores apresentam suas propostas, a forma como compreendiam a educação física e o ensino da ginástica, as questões sobre as quais se detiveram e, em alguns casos, os autores com os quais trabalharam⁴⁰⁵.

Analisando os textos, gostaríamos de destacar dois aspectos presentes em parte deles. O primeiro diz respeito à preocupação – manifesta tanto no manual escrito por Baragiola quanto nos compêndios escritos por Higgins – em dotar o assunto tratado nos livros de alguma historicidade. Essa preocupação também esteve no horizonte de Borges. Segundo ele, “para tornar menos volumosos este livro, deixo de incluir nele o histórico da ginástica, que brevemente publicarei em volume separado”⁴⁰⁶.

⁴⁰⁴ CALDAS; CARVALHO (1896), e FERREIRA (1897), não trataram disso em seus livros.

⁴⁰⁵ Além da presença de Schreber nos outros livros (conforme indicamos no segundo capítulo), os autores, em maior ou menor grau, também trabalharam com outros materiais, a maioria deles produzida por autores estrangeiros, de diferentes nacionalidades. Resolvemos não tratar aqui da presença de outras referências nos livros, por considerar que o mapeamento desses autores e os usos que deles foram feitos demandam não só outro investimento de pesquisa, como suscitam uma série de outras questões a qual não priorizamos neste trabalho. Baragiola, por exemplo, cita vários nomes bastante conhecidos na história da educação física, como: Spiess; Jahn; Guts-Muth; Ling; entre outros.

⁴⁰⁶ BORGES (1888, p. XI).

Enquanto Higgins menciona brevemente a importância da educação e da educação física para os gregos e para os romanos, e cita a prática de lutas como o “Jiu-Jitsu” no Japão, Baragiola escreveu um pouco mais sobre o tratamento dado à cultura física em diferentes momentos da história. Segundo ele, “a ginástica nasceu com o homem, que em luta contínua com os elementos na natureza, tendo de lutar para obter seu alimento, para vestir-se, para achar abrigo, teve que instruir-se no manejo de algumas armas”⁴⁰⁷. Em seu texto destaca-se a presença de exercícios como a dança na cultura de povos antigos como os árabes, os persas, os chineses e os hindus, além de outros aspectos como: a prática de exercícios corporais realizados nos ginásio e palestras gregas; os exercícios militares praticados pelos romanos; as cavalarias, cruzadas, jogos e torneios da idade média; assim como a presença do que ele denominou como “princípios da ginástica escolar”, em obras produzidas por Vittorino de Feltre, Agnolo Padolfini, Leonardo Lessio e Geronimo Mercurialis. Contudo, Baragiola também faz menção a vários outros “promotores da educação física”, como: Guts-Muth; Jahn; Adolfo Spiess; Leopardi; Gioberti; Tommaseo; Fénélon; Montaigne; Froebel; Pestalozzi; Aporti; Basedow; Hoffman; Salzman; Ling; Eiselen; Krause; Rothstein; Massmann; Vieth; Neuman; Klumpp; Jaeger; Amoros; Clías; Young; Angerstei; Ranvenstein; Schreber; Kloss; Eugéne Paz; Obermann; Mantegazza; Gamba; Franchi e Baumann⁴⁰⁸. O exercício realizado por Manoel Baragiola foi justamente chamar a atenção do leitor para o tempo transcorrido até que a ginástica fosse reduzida a um sistema racional, segundo ele, importante à educação.

O segundo aspecto refere-se à prescrição de conhecimentos sobre o corpo humano. O que nos chama a atenção, além da forma como esses conhecimentos aparecem nos livros, é a associação deles ao entendimento do corpo como uma espécie de máquina que deveria ser estudada, conhecida, para que pudesse ser posta em funcionamento da melhor maneira possível. Essa concepção de corpo objeto pode ser encontrada nas palavras de autores como Higgins. Segundo ele, “assim como qualquer maquinista deve conhecer os nomes das diversas peças da máquina com que trabalhar,

⁴⁰⁷ BARAGIOLA (1895, p. 5). Segundo ele, essas armas constituem os primeiros aparelhos que serviram para a educação física do homem.

⁴⁰⁸ BARAGIOLA (1895, p. 7).

nós que temos de lidar com essa máquina maravilhosa, o nosso corpo, não podemos ignorar os nomes das diferentes partes de que ele se compõe, pelo menos superficialmente”⁴⁰⁹. A analogia neste caso é outra. Não se trata de cultivar o corpo como uma espécie de planta ou vegetal, mas de entendê-lo como uma engrenagem. Se bem ajustado e funcionando corretamente, dele se poderia esperar um melhor desempenho, um maior rendimento.

Encontra-se em livros como o manual de Pedro Manoel Borges, noções elementares de anatomia, compostas pela nomenclatura dos órgãos do movimento e a descrição de suas formas, incluindo as divisões do corpo humano e a terminologia dos movimentos articulares. Essas últimas também aparecem nos compêndios de Higgins. Confrontando a propostas dos dois autores, nota-se que Borges dividiu o corpo humano em três partes (cabeça, tronco e membros ou extremidades, subdividindo os membros em superiores e inferiores), ao passo que Higgins trabalhava com a divisão do corpo em quatro partes (cabeça, tronco, membros superiores e membros inferiores). Em relação aos movimentos articulares, Higgins os classificou em flexíveis (flexão, extensão), inflexíveis (rotação, pronação, supinação, abdução, elevação, oscilação, circundução), e mistos (distensões). No manual de Borges aparecem como “movimentos das articulações móveis” (flexão, extensão, adução, abdução, circundução, rotação e “escorregamento”). Ao que podemos atribuir essas diferenças na maneira como os autores tratavam conteúdos que, a princípio, deveriam ser semelhantes? Segundo Higgins, “alguns anatomistas não [consideravam] os quadris pertencentes aos membros inferiores e sim ao tronco. Estas divergências, sem importância para nós, são ocasionadas simplesmente pelo modo diverso de ver”⁴¹⁰. Por outro lado, é possível perceber que tais divergências também revelam a presença de disputas na forma como os autores compreendiam a prática da ginástica. Goodson, por exemplo, nos mostra como a construção social do currículo ocorre por disputas de opiniões e, muitas vezes, de interesses⁴¹¹. A presença de divergências também foi percebida no tratamento dado às questões referentes à definição do tempo e à

⁴⁰⁹ HIGGINS (1896, p. 14 e 15; 1909, p. 22).

⁴¹⁰ HIGGINS (1896, p. 16; 1909, p. 23).

⁴¹¹ GOODSON (1995a e 1995b).

organização dos espaços destinados aos exercícios físicos nas escolas, o que iremos tratar no próximo e último capítulo.

Parte prática: os exercícios da ginástica.

“Não é possível imaginar os obstáculos com que tropeça a pena quando quer descrever de um modo exato e inteligível movimentos ginásticos”.

Hugues Le Roux

Dos pés à cabeça, nenhuma parte do corpo escapava ao ensino da ginástica. A todas elas eram prescritos exercícios para fortalecer e tornar flexível os músculos e as articulações. Apreender toda esta gama de movimentos não era tarefa fácil, exigindo do professor o domínio de todos eles para a montagem das séries e elaboração das aulas. A variedade e as características dos exercícios também dificultavam o trabalho dos autores, quando o assunto era passar para o papel o que estavam acostumados a realizar na prática. A própria divisão dos exercícios e a maneira como foram apresentados diferem entre os livros. Como se tratava de uma atividade em vias de inserção tanto na escola quanto na sociedade, não havia muito consenso quanto à organização dos exercícios e à maneira como os autores abordavam a ginástica.

Para um melhor entendimento do que consistiam esses exercícios, subdividimos a parte prática de acordo com os diferentes tipos de exercícios prescritos nos livros, quais sejam: Movimentos preparatórios; exercícios de corpo livre; exercícios em duplas; exercícios de equilíbrio; ginástica pulmonar; marchas; exercícios atléticos; exercícios com instrumentos; exercícios nos aparelhos; exercícios militares; passos rítmicos preparatórios para a dança; jogos ginásticos; natação e outros.

Os movimentos preparatórios, conforme se reportou a eles Pedro Manoel Borges, consiste naqueles exercícios para estabelecer a ordem nas fileiras. Como vimos, antes de iniciar os demais exercícios, realizados em conjunto, os alunos

deveriam aprender as diferentes posições do corpo, a dividir e unificar fileiras, abrir e fechar distâncias e intervalos, os alinhamentos, as mudanças de direção, os passos, entre outros. Além de exigir ordem e disciplina na formação das fileiras, também serviam de preparação para os exercícios militares. Ao aprenderem a alinhar-se e numerar-se, as crianças marchavam e se deslocavam por meio de passos (com os pés direito e esquerdo, para os lados, para frente e para a retaguarda), abriam, dobravam e desdobravam as fileiras, acompanhando o grupo como um todo. Tais exercícios estavam presentes na maioria dos manuais⁴¹² e, juntamente com os exercícios da ginástica de corpo livre, eram bastante difundidos na época. Nos programas oficiais, também aparecem com diferentes denominações como, por exemplo: movimentos preliminares⁴¹³; princípios de formatura⁴¹⁴; exercícios preliminares⁴¹⁵; posições fundamentais⁴¹⁶; e formatura para exercícios ginásticos⁴¹⁷.

De fato, trata-se de exercícios de formatura: da direita para a esquerda ou um atrás do outro, os menores à direita e na frente e os maiores à esquerda e atrás. Devidamente posicionados, era da posição fundamental que as crianças deveriam realizar os diferentes exercícios ginásticos e era a ela que, na maioria das vezes, deveriam retornar⁴¹⁸. Como base para os demais exercícios os alunos não podiam

⁴¹² BORGES (1888); BARAGIOLA (1895); CALDAS; CARVALHO (1896); HIGGINS (1896 e 1909); FERREIRA (1897). Os movimentos preparatórios foram abordados e nomeados de maneira distinta nos livros. Higgins os chamava de “Exercícios preliminares. De ordem e disciplina”; Martiniano Ferreira de “Exercícios de ordem”. No manual de Baragiola eles aparecem em itens específicos, a saber: “Formação de cadeias”; “Tomar distâncias”; “Posições ginásticas fundamentais”. O mesmo observa-se no livro de Caldas e Carvalho, neste caso: “Posição regular do corpo”; “Alinhamentos à direita ou à esquerda”; “Abrir ou cerrar os intervalos”.

⁴¹³ RIO DE JANEIRO (1890).

⁴¹⁴ SÃO PAULO (1894).

⁴¹⁵ SÃO PAULO (1905).

⁴¹⁶ SÃO PAULO (1904a e 1905).

⁴¹⁷ SÃO PAULO (1905 e 1918); PARANÁ (1921).

⁴¹⁸ Havia diferenças na forma como os autores nomeavam a posição inicial. Para Borges (1888) e Baragiola (1895), tratava-se da posição fundamental; já Ferreira (1897) se referia a ela como a posição “primitiva”; Higgins (1896 e 1909) a reconhecia como posição fundamental ou prima; e Kumlien (1908) como posição regulamentar ou posição “A”. Caldas e Carvalho (1896, p. 15) a descrevera como a posição regular do corpo, da seguinte maneira: “os calcanhares na mesma linha e aproximados um do outro, tanto quanto a conformação do aluno permita; as pontas dos pés um pouco menos abertas que a esquadria e, igualmente, voltadas para fora; os joelhos esticados, sem constrangimento; o corpo perpendicular às cadeiras e ligeiramente inclinado para diante; os ombros direitos e igualmente caídos; os braços pendidos naturalmente com os cotovelos junto ao corpo; as palmas das mãos um pouco voltadas para fora, de modo que os dedos mínimos fiquem por detrás da costura da calça; a cabeça

descuidar de certos princípios de alinhamento, tomando a distância exigida pelo professor, seja ela grande – com os braços esticados – ou pequena – com as mãos no quadril e o cotovelo demarcando a distância um do outro. Estas distâncias poderiam variar, ora abrindo a distância longa ora tomando ou retomando a distância curta. Para assumir a posição exata exigida pelo professor, os alunos também precisavam aprender as conversões de um quadrante ou meia circunferência (mais conhecida como meia volta). O domínio das conversões permitia que as crianças se posicionassem em diferentes direções, de frente ou de costas, perfiladas para a direita ou para a esquerda. Desta maneira, o professor atuava como uma espécie de regente que, após instruir os alunos nas diferentes séries de exercícios, comandava um conjunto de crianças que repetiam os movimentos todas no mesmo ritmo, ao mesmo tempo.

Entre os exercícios a disposição dos professores, os dos membros e articulações eram os mais realizados. Nos reportamos a eles como *exercícios de corpo livre*, considerando a forma como foram mencionados nos primeiros programas de ensino⁴¹⁹. Simples ou combinados, conforme indicamos no primeiro capítulo, tais exercícios trabalhavam as diferentes partes do corpo e eram repetidos inúmeras vezes tendo em vista o desenvolvimento do tronco e dos membros dos praticantes. Se nada substituía os exercícios ginásticos, era justamente porque acreditava-se que eles eram os que realmente exercitavam todo o corpo humano.

Para os autores dos manuais, tratava-se de um conjunto de exercícios executados com o próprio corpo, sem o uso de qualquer artefato ou aparelho. De acordo com Caldas e Carvalho, os movimentos sem instrumentos “[tornavam] flexíveis as articulações e [preparavam] os músculos para os esforços que deles [seriam] exigidos no curso dos exercícios [seja pelo uso de instrumentos, seja nos aparelhos]”⁴²⁰. Para Baragiola, “esses exercícios [serviam] para exercitar todos os

direita, sem constrangimento, e os olhos dirigidos, em linha reta, para frente”. O fato é que, apesar das diferenças de nomenclatura, a posição descrita pelos autores era basicamente a mesma.

⁴¹⁹ RIO DE JANEIRO (1883).

⁴²⁰ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 121).

músculos, e [tinham] por objetivo o desenvolvimento harmônico de todos eles, dando ao corpo força, agilidade, elegância e precisão”⁴²¹.

Assim como foram mencionados em todos os programas de ensino catalogados, os exercícios de corpo livre também estão presentes em todos os manuais aqui analisados, figurando, conforme mencionamos no primeiro capítulo, como uma espécie de base comum. Com efeito, mesmo com a ocorrência variada de outros conteúdos, foram sobre esses exercícios, majoritariamente, que os autores se debruçaram ao elaborarem suas propostas para o ensino da ginástica.

Segundo consta nos manuais, para o pescoço foram reservados os exercícios de flexão, extensão e rotação da cabeça. Para o tronco, exercícios de flexão e extensão, para frente, para trás e para os lados, além de rotação. Entre os exercícios dos membros superiores encontram-se os de flexão e extensão dos dedos das mãos, dos punhos e dos antebraços, exercícios de elevar e abaixar os ombros e de elevação e circundação dos braços, com movimentos na vertical e na horizontal. Os exercícios dos membros inferiores consistiam em flexões, extensões e rotações dos pés, das pernas e das coxas, de elevação das pernas e dos joelhos, além das genuflexões (ajoelhar-se), entre outros. Havia também a prescrição de exercícios combinados, trabalhando os membros superiores e inferiores e o tronco simultaneamente, exigindo uma maior atenção dos alunos até que pudessem memorizar todos os movimentos.

Ao mesmo tempo em que trabalhavam as diferentes partes do corpo, esses exercícios, sobretudo quando realizados em conjunto, também acionavam os diferentes sentidos corporais. Para sua execução, os alunos deveriam estar atentos às orientações do professor, seja pelos comandos de voz ou mesmo através de gestos, sinais acordados entre todos e que os alunos deveriam estar atentos. Sentidos como a visão e a audição eram os mais acionados. Por isso o professor deveria se posicionar em um lugar onde pudesse ser visto e ouvido, desde a primeira até a última fileira. Sutilmente, o tato também era importante para a realização dos exercícios, ora no próprio corpo, ora no corpo do outro. Os companheiros posicionados ao lado e à frente serviam, muitas vezes, de modelo a ser seguido ou de ponto de apoio, funcionando como mais

⁴²¹ BARAGIOLA (1895, p. 20).

um elemento de referência na hora de acompanhar o ritmo e a direção dos exercícios. Era através do reconhecimento do outro, visto como exemplo ou na mesma condição, que os sentimentos (por exemplo, de força e união) eram aflorados. Sentimentos que ganhavam uma proporção muito maior quando as séries de exercícios eram apresentadas em dias de festa, seja na escola seja fora dela, na presença de platéia e, junto dela, de autoridades. Era por meio deles que almejava-se chamar a atenção das pessoas para a importância da ordem, da disciplina, da retidão, firmeza de caráter, entre outros valores morais.

Se os sentidos corporais, em alguma medida, eram imprescindíveis para a compreensão e a realização dos exercícios ginásticos, esses sentidos também precisavam ser educados. Nota-se com isso a presença de outra concepção de corpo, ou seja, o uso do corpo como instrumento. Com efeito, o ensino dos exercícios de corpo livre, em diferentes formaturas, com diferentes evoluções, requeria uma padronização de observação em grupo⁴²². O ensino da ginástica, através dos exercícios dos membros e articulações, era fonte não apenas de um conhecimento sobre o corpo, mas também meio de incorporação de valores, de educação da vontade. Para isso os sentidos (eminentemente corporais), bem como uma série de sentimentos (aflorados nas aulas e principalmente nos dias de festa, durante as apresentações dos alunos) também foram mobilizados, possibilitando uma nova sensibilidade moral e cívica.

Alguns exercícios eram praticados em duplas, de mãos dadas, com o apoio ou em oposição aos colegas⁴²³. Outros, conforme sugere Borges, “para habituar o corpo a conservar-se em equilíbrio sobre um pé”⁴²⁴. Durante a realização dos exercícios a respiração era um elemento importante. Baragiola, ao se basear em Schreber, recomendava a respiração ao final ou após determinados exercícios, “chegando as inspirações até o bocejo e indo as expirações até a expulsão mais completa possível

⁴²² BRAGHINI (no prelo). Essa mobilização dos sentidos também foi importante no ensino de outros saberes como o ensino de ciências (físicas e naturais), por exemplo, através da escolarização e do uso de instrumentos científicos.

⁴²³ Ver, neste caso, BORGES (1888) e HIGGINS (1896 e 1909).

⁴²⁴ BORGES (1888, p. 121). Os exercícios de equilíbrio estão presentes na maioria dos livros (BORGES, 1888; BARAGIOLA, 1895; CALDAS e CARVALHO, 1896; HIGGINS, 1896 e 1909; FERREIRA, 1897) e constam ainda no programa de ensino publicado no Rio de Janeiro, em 1890, dois anos após a publicação do livro de Pedro Manoel Borges.

das partículas do ar que servirão a revivificação do sangue”⁴²⁵. Higgins inclusive apresenta alguns exercícios de respiração, “constituídos por alguns movimentos fundamentais acompanhados de inspirações e expirações”⁴²⁶. Segundo ele, “as inspirações [deveriam ser] feitas sempre profunda e lentamente pelas narinas, com a boca fechada; as expirações [far-se-iam] com energia, por entre os lábios”⁴²⁷. A ginástica respiratória e/ou exercícios respiratórios também foram prescritos, respectivamente, em programas de ensino de Minas Gerais⁴²⁸ e do Rio de Janeiro⁴²⁹.

As marchas (e contramarcha) eram igualmente importantes no cuidado com a respiração. Inúmeras e variadas, também eram essenciais nos exercícios de evolução, em diferentes sentidos e direções, formando diversas figuras. Neste caso, se tomarmos como exemplo apenas o livro de Higgins (1909), veremos que entre as variações propostas pelo autor estavam a formação de pequenos semicírculos, círculos concêntricos, assim como marchas cruzadas formando zigue-zagues denominados por ele de “cadeia ginástica”. Durante as marchas, assim como na ginástica em geral, os exercícios eram pensados a partir de uma perspectiva utilitarista⁴³⁰. Caldas e Carvalho consideravam “os passeios ginásticos (variados de 8 a 16 Km) [como] uma útil preparação para as marchas militares”⁴³¹. Segundo eles, “as marchas [teriam], tanto quanto possível, um fim atraente e útil, devendo, portanto, serem feitas a sítios pitorescos, a lugares históricos, a fábricas, etc.”⁴³². Os exercícios de marcha também “aparecem” em outros manuais⁴³³, assim como na maioria dos programas oficiais⁴³⁴.

⁴²⁵ BARAGIOLA (1895, p. 45).

⁴²⁶ HIGGINS (1909, p. 84).

⁴²⁷ Idem (p. 84).

⁴²⁸ MINAS GERAIS (1925).

⁴²⁹ RIO DE JANEIRO (1926).

⁴³⁰ Em relação à defesa de um saber utilitário presente no século XIX, destaca-se o próprio pensamento de Spencer e sua crítica à educação humanista. Spencer era um defensor da educação científica e questionava até que ponto a formação humanista compensaria o tempo investido para adquiri-la. Segundo ele (1983, p. 34), “qual ciência é útil, se não a de conhecer sua utilidade *relativa*. Estima-se justificada por completo uma maneira peculiar de ver, citando a aquisição de certo número de vantagens mediante um determinado gênero de estudos; mas se esquece que o ponto litigioso é saber se estes compensam o trabalho que sua posição impõe”. Tradução livre. Itálico do original.

⁴³¹ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 68).

⁴³² Idem (p. 68).

⁴³³ BORGES (1888); BARAGIOLA (1895); CALDAS; CARVALHO (1896); HIGGINS (1896 e 1909); FERREIRA (1897).

Além dos exercícios realizados em conjunto, encontra-se tanto nos livros quanto nos programas de ensino vários outros que deveriam ser igualmente praticados pelas crianças. Saltar e correr eram atividades muito presentes, as quais classificamos como exercícios atléticos. Em relação à corrida, entendia-se que ela

[favorecia] o desenvolvimento do peito, [dilatava] os pulmões e [preservava] este órgão precioso das mais perigosas e terríveis moléstias. Contribuindo muito para nos tornar são e vigorosos, [ela poderia] ainda servir para subtrair-nos a uma infinidade de perigos... Muitas vezes, circunstâncias imprevistas nos expõem a dar uma carreira veloz ou de longa duração; os nossos mais claros interesses a isso nos forçam; a própria saúde das pessoas a que nos são afeiçoadas, nossa própria conservação, podem depender da celeridade com que transpusermos um espaço qualquer”⁴³⁵.

Dos exercícios de corrida esperava-se a promoção da saúde por meio do desenvolvimento de pulmões resistentes. Contudo, apesar da maioria dos autores combaterem os excessos, acreditava-se que a ginástica “[tornava] o homem capaz de pôr em prática nobres sentimentos humanitários, como, por exemplo, o de salvar o próximo quando em perigo de vida”⁴³⁶. Associadas aos exercícios físicos estavam qualidades consideradas notáveis, como coragem, valentia, força de caráter. Não por acaso, o entendimento de que a ginástica serviria para “inspirar sentimentos morais e generosos” também esteve presente em outros manuais⁴³⁷.

Outro exemplo de exercícios atléticos eram os saltos. Seja em distância, em altura e em profundidade, ou ainda para transpor obstáculos, o salto era visto, de acordo com Borges, como “um dos mais úteis exercícios, por isso que, por intermédio do salto, vencemos muitos obstáculos e evitamos muitos perigos. É ainda ele que nos desenvolve a resolução e a coragem”⁴³⁸. Uma parte dos exercícios de salto também foi prescrita com o auxílio de outros instrumentos e aparelhos como a vara, trampolins,

⁴³⁴ RIO DE JANEIRO (1890, 1892 e 1926); SÃO PAULO (1894, 1904a, 1905, 1918 e 1921); MINAS GERAIS (1906b, 1912 e 1925); PARANÁ (1921).

⁴³⁵ BORGES (1888, p. 133).

⁴³⁶ HIGGINS (1909, p. 17).

⁴³⁷ BARAGIOLA (1895, p. 11).

⁴³⁸ BORGES (1888, p. 139).

bancos, vigas, pilastras e sobre o cavalo. Se compararmos as recomendações para os exercícios de salto presentes no livro de Borges, com as observações feitas no livro compilado por Caldas e Carvalho, veremos que os dois manuais apresentam as mesmas recomendações. Apesar do manual de Caldas e Carvalho ter sido publicado quase uma década depois do livro de Borges, talvez o próprio Borges também tivesse copiado tais recomendações de algum outro manual⁴³⁹.

Uma particularidade dos exercícios atléticos consiste no fato de ambos, tanto as corridas⁴⁴⁰ quanto os saltos⁴⁴¹, apresentarem uma presença maior nos programas de ensino do que nos manuais. Nos livros de Higgins, as corridas foram contempladas não por meio da prescrição de exercícios específicos, mas de jogos ginásticos. No compêndio de Martiniano Ferreira encontram-se alguns exercícios de salto, mas nenhum de corrida. Apenas parte dos autores, mais especificamente Borges, Caldas e Carvalho e Domingos Nascimento, prescreveram exercícios atléticos em seus manuais.

Por outro lado, no ensino da ginástica, os exercícios de corpo livre eram tidos como a base para um melhor desempenho em outros exercícios, realizados com instrumentos como o uso dos halteres, das maçãs e das barras esféricas, além daqueles realizados nos aparelhos e também na prática do esporte⁴⁴². O uso destes instrumentos estava associado ao aumento da força por meio da resistência que eles provocavam durante a realização dos exercícios. Era justamente o peso de tais implementos que aumentaria a carga e o trabalho dos ginastas. Apesar de serem na maioria das vezes associados aos gregos e também aos romanos, outros povos antigos como os egípcios, além daqueles que habitaram a Índia e a China, também praticavam exercícios de resistência por meio da construção de artefatos como os halteres e as maçãs. A

⁴³⁹ Assim como Domingos Nascimento se apropriou da obra de Schreber, e Antonio Martiniano Ferreira da de Paulo Lauret, Pedro Manoel Borges também poderia ter se baseado em outra(s) obra(s) estrangeira(s).

⁴⁴⁰ RIO DE JANEIRO (1890, 1892 e 1926); SÃO PAULO (1904a, 1905, 1918 e 1921); PARANÁ (1921); MINAS GERAIS (1925).

⁴⁴¹ RIO DE JANEIRO (1890, 1892 e 1926); SÃO PAULO (1904a, 1905 e 1918); PARANÁ (1921); MINAS GERAIS (1925).

⁴⁴² Segundo Kumlien, apenas a ginástica possibilitava o desenvolvimento simétrico do corpo, o que não era possível através dos jogos ou da prática de esportes. Para ele, independente do jogo ou do esporte, a ginástica também deveria ser praticada, “porque assim mais [robusteceriam] o organismo, tornando-o também mais apto para o fim a que visam” (Kumlien 1908, p. 18).

presença desses e de outros artefatos na literatura⁴⁴³ e a constatação do efeito causado pelo aumento da força através do uso de instrumentos na realização dos exercícios, levou a sua difusão e aprimoramento no decorrer dos séculos XIX e sobretudo no século XX.

O recurso a determinados instrumentos e aos aparelhos consistiriam o que Caldas e Carvalho denominaram de ginástica aplicada. Segundo eles, “a ginástica aplicada [teria] por fim fortificar o corpo, dando-lhe movimentos que exigem energia maior que a que se emprega na execução dos exercícios sem aparelhos”⁴⁴⁴. No entanto, não foram todos os autores que recorreram ao uso de instrumentos ou aparelhos na realização dos exercícios recomendados em seus livros.

Os halteres, maçãs, bastões ou barras esféricas, aparecem em apenas três dos nove manuais analisados⁴⁴⁵, o que demonstra que a ginástica com o uso de instrumentos era apenas uma proposta para o ensino da ginástica nas escolas, e não figurava entre as mais utilizadas. Talvez porque o domínio desses instrumentos não fosse uma tarefa fácil, uma vez que exigiam um domínio maior do corpo por parte dos professores, assim como de uma maior desenvoltura e habilidade na demonstração dos exercícios junto aos alunos. Se observarmos a prescrição de exercícios com o uso de maçãs, por exemplo, veremos que eles foram prescritos em apenas um dos programas oficiais⁴⁴⁶. Os exercícios com halteres aparecem em um número um pouco maior de documentos⁴⁴⁷, assim como os exercícios com bastões⁴⁴⁸.

Os exercícios com halteres eram os mais prescritos nos manuais, seguidos pelos exercícios com o uso de bastões ou das barras esféricas e pelos exercícios de manuseio das maçãs. Todos eles consistiam em exercícios para fortalecer o corpo e trabalhavam principalmente os membros superiores. Esses instrumentos também eram utilizados em conjunto, contribuindo para um incremento na visualidade e no impacto causado

⁴⁴³ Jan Todd (1995 e 2003) identifica a presença dos halteres e outros implementos desde Galeno até teóricos renascentistas como Rabelais e Montaigne, além de textos como o escrito por Mercurialis em 1569, entre outros.

⁴⁴⁴ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 121).

⁴⁴⁵ BORGES (1888); CALDAS; CARVALHO (1896); FERREIRA (1897).

⁴⁴⁶ SÃO PAULO (1904a).

⁴⁴⁷ SÃO PAULO (1904a e 1905); PARANÁ (1921).

⁴⁴⁸ SÃO PAULO (1904a e 1905); PARANÁ (1921); RIO DE JANEIRO (1926).

pelos diferentes movimentos, sejam eles executados individualmente ou, em alguns casos, em duplas.

Arthur Higgins, apesar de fazer menção à ginástica com o uso de instrumentos (assim como à ginástica em aparelhos), não apresenta em seus compêndios nenhuma série ou programa de exercícios desta natureza. Para a ginástica escolar ele privilegiou, além dos jogos ginásticos, os exercícios de corpo livre. Contudo, apesar de ter publicado em 1902 um “Manual de Gymnastica Higienica” formado basicamente por exercícios com halteres (30 exercícios) e com o uso das barras esféricas (20 exercícios), Higgins destinou esta obra para uso das pessoas “de vida sedentária, de constituição débil, fraca, anêmica, de sangue impuro, obesas, dispépticas, nervosas, etc. etc.” (conforme consta na capa e na folha de rosto do livro). A intenção do autor era atingir um público maior, de ambos os sexos, entre oito e cinquenta anos de idade. Outra característica deste manual foi justamente a recomendação do livro como um guia “cômodo e econômico”, sem a necessidade de professor.

Além do uso de instrumentos, o uso de aparelhos também esteve presente nos manuais de Borges, Caldas e Carvalho, e Ferreira. De acordo com Higgins, há duas espécies muito distintas de aparelhos ginásticos: os advindos da ginástica alemã e os aparelhos de ginástica sueca⁴⁴⁹. Na ginástica alemã, o uso de aparelhos como a barra fixa, as barras paralelas, as argolas, a viga horizontal, entre outros, marcou o trabalho de Friederich Ludwig Jahn (1778-1825). Trata-se de uma série de “obstáculos artificiais”, mais tarde denominados “aparelhos de ginástica”⁴⁵⁰. Estes aparelhos eram utilizados para a realização de exercícios variados, sendo alguns deles acrobáticos e inclusive reconhecidos por Ferreira como perigosos. No caso da ginástica sueca, além dos exercícios de corpo livre, também foram utilizados aparelhos como as barras, os espaldares e o banco sueco – com os quais se executavam os principais exercícios – mas também poderiam ser acrescentados, quando possível, cordas, escadas, cavalos para os saltos, etc.⁴⁵¹.

⁴⁴⁹ HIGGINS (1909).

⁴⁵⁰ SOARES (1994).

⁴⁵¹ KUMLIEN; ANDRÉ (1909).

Segundo Higgins, “alguns desses aparelhos já foram muito empregados na ginástica escolar; hoje, porém, estão condenados pela medicina e pela pedagogia moderna”⁴⁵². A crítica a qual se referia Higgins dizia respeito ao entendimento de que os exercícios feitos nos aparelhos não eram racionais, ou seja, não estavam de acordo com a ciência moderna, servindo muitas vezes para a formação de atletas e acrobatas⁴⁵³. Uma vantagem dos exercícios sem aparelhos estava na possibilidade de exercitar simultaneamente muitos alunos⁴⁵⁴, o que dificultaria bastante o trabalho do professor quando a questão era a prática de exercícios nos aparelhos.

Uma primeira característica dos exercícios feitos nos aparelhos consiste no fato deles serem realizados majoritariamente ou em suspensão, ou em apoio. A maior parte é constituída por aparelhos fixos, embora alguns deles – como o trapézio e as argolas – por serem móveis, muitas vezes dificultavam ainda mais a realização dos exercícios. A necessidade tanto de se apoiar como de se suspender entre um aparelho e outro, exigia do aluno não apenas força e agilidade, mas também o domínio do próprio corpo.

Entre os aparelhos que apresentam um número maior de exercícios prescritos nos livros encontram-se as barras paralelas, seguida da barra fixa e da escada vertical ou oblíqua. Outros aparelhos que apresentam vários exercícios são as argolas, a viga horizontal e os exercícios de suspensão em mastros, cabos e cordas. Entre os aparelhos com menor número de exercícios prescritos estão o trapézio e a escada horizontal.

Contudo, apesar de abordar em seu manual os exercícios em aparelhos, ao elaborar os programas de ensino, Borges os deixou de fora. É bem provável que a ginástica feita através do uso de aparelhos não tenha sido contemplada, tendo em vista também a dificuldade identificada na época tanto para criar escolas, como para mantê-las em funcionamento com alguma estrutura. Adquirir ou confeccionar⁴⁵⁵ aparelhos de

⁴⁵² HIGGINS (1909, p. 22).

⁴⁵³ SCHREBER (S.D.); NASCIMENTO (1905); KUMLIEN (1908).

⁴⁵⁴ BARAGIOLA (1895).

⁴⁵⁵ Alguns dos autores de manuais de ginástica que recorreram ao uso de instrumentos ou aparelhos, como é o caso de Borges (1888), por exemplo, apresentam em seus livros desenhos com as dimensões dos aparelhos ginásticos, além de informações a respeito de que material utilizar na confecção destes artefatos. No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, situada no Rio de Janeiro, tivemos acesso ao livro de N. Laisné, destinado à ginástica para mulheres e intitulado “Gymnastique des demoiselles: a l’usage des écoles normales des lycées et collèges de jeunes filles des pensions et écoles”, e que

ginástica e disponibilizá-los em todas as escolas seria um gasto inviável e um investimento que certamente não estaria entre as prioridades dos governantes da época⁴⁵⁶.

Outra peculiaridade no trabalho com os aparelhos era a necessidade de manutenção constante dos mesmos. Segundo Kumlien, “o aparelho pode iludir. Há a preocupação do seu perfeito funcionamento, o que no método racional não tem razão de ser, porque se procura simplesmente fazer funcionar o organismo humano sem recorrer a artifícios e como convém”⁴⁵⁷. Diante da dificuldade na aquisição e na manutenção dos aparelhos, uma alternativa seria abrir mão de tais recursos e trabalhar com os exercícios de corpo livre. Segundo o depoimento de Kumlien,

prescindir de aparelhos especiais, eis que, primeiramente, simplifica o trabalho e as despesas. É certo que, para quem pode comprar aparelhos, há-os e muito úteis para a execução de determinados movimentos, especialmente para os que começam. Preferi, pois, escolher movimentos dos mais simples e eficazes, sem que para eles se careça despender um ceitil⁴⁵⁸.

Kumlien não foi o único a tomar esta decisão. Schreber já havia optado pela ginástica doméstica, sem o uso de aparelhos, muito antes da publicação do compêndio escrito pelo médico-ginasta sueco. Higgins mesmo mencionando os exercícios nos aparelhos como parte da ginástica, conforme observamos, não apresenta nada a respeito em seus compêndios. Borges, apesar de trabalhar com alguns aparelhos,

também apresenta uma série de croquis mostrando como confeccionar os instrumentos ginásticos mencionados pelo autor. Outro título que tivemos acesso e que apresentam exercícios com halteres, barras esféricas e maçãs é “La gymnastique raisonnée: moyen infaillible de prevenir les maladies et de prolonger l’existence”, de autoria de Eugène Paz, autor que, por sua vez, foi citado por Baragiola (1895). A presença destas obras em bibliotecas brasileiras é sinal não apenas da circulação dos livros, mas um exemplo de como por meio deles também foi possível a circulação de pensamentos e idéias e, principalmente, das práticas deles decorrentes.

⁴⁵⁶ Higgins, por exemplo, quando tratou dos exercícios com o uso de halteres, relata sobre a dificuldade encontrada na época na produção do material. Segundo ele (1902, p. 16), “inventei um sistema de halteres suscetíveis de aumento e diminuição de peso internamente, isto sem alterar a forma e as dimensões (cheguei até a pedir privilégio), mas verificando que o fabrico ficaria muito caro, devido ao preço de mão de obra de objetos de metal entre nós, desisti de os mandar fabricar para vender”.

⁴⁵⁷ KUMLIEN (1908, p. 24).

⁴⁵⁸ Idem (p. 23).

optou por não prescrever os exercícios em aparelhos e nem com o uso de instrumentos nos programas de ginástica para as escolas públicas, elaborados por ele. Nos programas oficiais, os exercícios em aparelhos aparecem de maneira dispersa em alguns documentos. Foram prescritos apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo: Exercícios com aparelhos (sem especificar quais)⁴⁵⁹; Exercícios na barra fixa e nas paralelas⁴⁶⁰; corda e escada⁴⁶¹; viga de equilíbrio e prancha de assalto⁴⁶².

Um dos conteúdos pouco explorados pelos autores, mas bastante presente nos programas oficiais, foram os jogos (ginásticos). Entre os autores que contemplaram a prescrição de jogos, estava Arthur Higgins. Segundo ele, o intuito da ginástica recreativa por meio dos jogos ginásticos era a “aplicação e aperfeiçoamento dos dotes físicos alcançados com os exercícios sistemáticos livres”⁴⁶³. No entendimento de Higgins, os jogos cumpriam a função de recrear o espírito, além de serem exercícios higiênicos e educativos.

Apesar de mencioná-los em seus programas para o ensino da ginástica, não tivemos acesso ao livro sobre “Jogos Gymnasticos ou Recreios Escolares” publicado por Borges, em 1893. Em contrapartida, Higgins apresenta em seus compêndios 45 jogos como parte da ginástica recreativa, divididos em duas partes: a primeira destinada aos alunos de sete a dez anos (jogos infantis) e a segunda para os maiores de dez anos de idade (jogos juvenis)⁴⁶⁴. Segundo ele, muitos desses jogos foram tirados do “Novo Guia para o ensino da Gymnastica nas escolas da Prussia” (6 jogos, apesar do autor ter indicado outros 7 como “brinquedo alemão”), traduzido para o português em 1870⁴⁶⁵. Outros foram inventados pelo próprio Higgins (apenas um) e boa parte deles eram exclusivos para o sexo masculino⁴⁶⁶.

⁴⁵⁹ RIO DE JANEIRO (1890).

⁴⁶⁰ RIO DE JANEIRO (1892).

⁴⁶¹ SÃO PAULO (1904a); RIO DE JANEIRO (1926).

⁴⁶² SÃO PAULO (1904a).

⁴⁶³ HIGGINS (1909, p. 171).

⁴⁶⁴ HIGGINS (1896 e 1909).

⁴⁶⁵ Idem (1896 e 1909). Segundo SILVA; MELO (2011), o referido guia foi traduzido por determinação do Governo Imperial brasileiro.

⁴⁶⁶ Também foram relacionados alguns jogos de origem francesa (2 jogos) e sueca (1 jogo). Em alguns casos o autor não apresenta nenhuma indicação quanto à procedência dos jogos. No caso dos jogos ginásticos privativos do sexo masculino prescritos por Higgins, ver CUNHA JR. (2000). Mesmo

Construídos a partir de enredos diferentes, com personagens diferentes – o besouro, o prisioneiro, a cabra cega, a raposa, o gavião, o cão e a lebre, o gato e o rato, entre outros – os jogos infantis incitavam a corrida por meio da disputa entre os participantes. Eram em sua maioria jogos competitivos, exigindo força e resistência. Os objetivos das brincadeiras variavam, mas a maioria consistia em alcançar o companheiro que, por sua vez, fugia correndo, no pátio de recreio, livre ou ao redor dos círculos formados pelas outras crianças. Alguns jogos permitiam um número ilimitado de participantes, outros eram restritos a grupos menores. Os jogos juvenis eram mais complexos, apresentando um número maior de regras. Alguns necessitando inclusive de um juiz. Além da corrida, trabalhavam também outros exercícios como os saltos e as brincadeiras com bolas, que eram apanhadas, rebatidas e atiradas. Os alunos eram escolhidos para participar “designados pela sorte”. Os vencedores tinham como recompensa a possibilidade de escolher os próximos a jogarem, ou passavam a assumir a personagem central da trama.

Os jogos imitativos também faziam parte da proposta de Higgins. Mesmo se aproximando mais do lúdico, da brincadeira⁴⁶⁷, não podemos perder de vista que há uma proximidade muito grande na relação entre jogo e cultura. Para Huizinga, “a cultura surge sob a forma de jogo”⁴⁶⁸. Mais do que isso, “ela surge *no* jogo, e *enquanto* jogo, para nunca mais perder esse caráter”⁴⁶⁹. Em vista disso, podemos dizer que os jogos, inclusive os prescritos por Higgins, não apenas trabalhavam a competição e a imitação, mas também desenvolviam uma idealização, muitas vezes tendo como referência o mundo dos adultos. Como característica imaterial do jogo, a criança muitas vezes quase chega a acreditar que é “o chefe de polícia”, “o anjo e o diabo” (imitação de um jogo alemão), “sem contudo perder o sentido da ‘realidade

considerando as diferenças morais e fisiológicas entre homens e mulheres, BARAGIOLA (1895), por exemplo, alertava para a importância da educação física da mulher e ponderava que a ginástica educativa nunca deveria ofender a dignidade das meninas. Sobre as diferenças no tratamento dado a meninas e meninos na história da educação física, em Belo Horizonte, ver SOUSA (1994).

⁴⁶⁷ Para CAILLOIS (1990, p. 26), “o jogo é essencialmente uma ocupação separada, cuidadosamente isolada do resto da existência, e realizada, em geral dentro de limites precisos de tempo e de lugar”.

⁴⁶⁸ HUIZINGA (1996, p. 53).

⁴⁶⁹ Idem (p. 193). Itálico do original.

habitual’. Mais do que uma realidade falsa, sua representação é a realização de uma aparência: é ‘imaginação’, no sentido literal do termo”⁴⁷⁰.

Com efeito, destaca-se a brincadeira e o jogo como uma característica infantil, inerente a criança. Segundo Huizinga, “as crianças e os animais brincam porque gostam de brincar, e é precisamente em tal fato que reside sua liberdade”⁴⁷¹. Mesmo que essa “liberdade” fosse assistida, haja vista que o interesse de Arthur Higgins e dos demais autores pelos jogos ginásticos era outro. A idéia era aproveitar o gosto da criança pelo jogo, pela brincadeira, se utilizando desses elementos numa perspectiva utilitária, ou seja, Higgins apostava nos jogos ginásticos por acreditar que enquanto as crianças brincavam, elas aplicavam e aperfeiçoavam os “dotes físicos” adquiridos na prática dos outros exercícios ginásticos. Assim, ao mesmo tempo em que brincam, as crianças também correm, pulam, se exercitam, enfim, põem “naturalmente” em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas de ginástica. Talvez por isso, por cumprir esse duplo papel de recrear e de aperfeiçoar as habilidades físicas das crianças, que os jogos tiveram forte presença nos programas de ensino. Como vimos, eles constavam na maioria dos programas oficiais, com diferentes denominações: jogos infantis⁴⁷²; jogos ginásticos⁴⁷³; jogos de imitação e de imaginação⁴⁷⁴; jogos que eduquem os sentidos⁴⁷⁵; e brinquedos⁴⁷⁶.

Por fim, observa-se ainda a prescrição de exercícios militares, também com uma ocorrência maior nos programas oficiais⁴⁷⁷ do que nos livros. Segundo Baragiola, único autor que escreveu a respeito, “os termos para o ensino dos exercícios militares nas aulas devem ser os mesmos adotados no exército brasileiro; devem ter por fim habituar o aluno a compreender mais tarde os comandos militares mais difíceis”⁴⁷⁸. Os exercícios consistiam em noções de sentido (posição fundamental), reverência,

⁴⁷⁰ Idem (p. 17).

⁴⁷¹ Idem (p. 10).

⁴⁷² RIO DE JANEIRO (1890); MINAS GERAIS (1906b).

⁴⁷³ SÃO PAULO (1905; 1918 e 1921); PARANÁ (1921).

⁴⁷⁴ MINAS GERAIS (1925).

⁴⁷⁵ MINAS GERAIS (1925).

⁴⁷⁶ SÃO PAULO (1904a); MINAS GERAIS (1906b e 1912).

⁴⁷⁷ RIO DE JANEIRO (1890); SÃO PAULO (1894, 1904a e 1905); MINAS GERAIS (1906b); PARANÁ (1921).

⁴⁷⁸ BARAGIOLA (1895, p. 21).

continência, descansar, formar e numerar filas e fileiras, voltas (direita, esquerda e meia volta-volver) e exercícios de marcha e contramarcha. Baragiola também prescreveu, para as meninas, passos rítmicos preparatórios para a dança, cuja presença nos programas de ensino⁴⁷⁹ corresponde aos estados onde identificamos a circulação do seu manual de ginástica. Os exercícios de natação, realizados em sua maioria “em seco”⁴⁸⁰, estão entre os menos prescritos⁴⁸¹.

Uma última gama de exercícios, de difícil definição, compõe parte dos manuais. Baragiola, por exemplo, prescreveu em seu livro exercícios que ele chamou de “movimentos de ginástica aplicada”⁴⁸². Arthur Higgins denominou outros tantos de: “exercícios de expansão”⁴⁸³; “movimentos imitativos”⁴⁸⁴; “exercícios estéticos”⁴⁸⁵; e “exercícios fundamentais”⁴⁸⁶. Essa diversidade de nomes e a maneira como os autores se reportavam a alguns exercícios presentes nos livros demonstram que, nem sempre, eles eram tão precisos assim. Entender exatamente em que consistiam; captar a intencionalidade presente em cada um deles não é tarefa simples. Contudo, ao que parece, havia espaço para a construção de novos exercícios, novas propostas diante daquelas que já estavam postas.

⁴⁷⁹ SÃO PAULO (1904a, 1905 e 1918); PARANÁ (1921).

⁴⁸⁰ CALDAS; CARVALHO (1896); NASCIMENTO (1905). Também encontram-se alguns “exercícios preliminares de natação” no livro de BARAGIOLA (1895). Os exercícios “em seco” eram aqueles realizados fora d’água, sobre uma mesa ou “cavalete”.

⁴⁸¹ SÃO PAULO (1905) e RIO DE JANEIRO (1926).

⁴⁸² Divididos em: a) exercícios preliminares de natação; b) exercícios de canoagem; e c) exercícios diversos. Estes últimos consistindo em movimentos análogos ao de serrar, ao de rachar lenha, ao de ceifar, entre outros. Os “movimentos de ginástica aplicada” também foram prescritos no programa de ensino publicado no Estado de São Paulo, em 1905, mesmo estado onde Manoel Baragiola atuava como professor de ginástica.

⁴⁸³ Exercícios com batimentos de palmas e batimentos de mãos e pés.

⁴⁸⁴ Exercícios com diferentes movimentos similares aos executados em diferentes atividades e profissões como, por exemplo: serrar (serrador); aplainar (marceneiro); remar (marujo); serrar (serrador); ceifar (agricultor); amassar (padeiro); entre outros.

⁴⁸⁵ Segundo HIGGINS (1909, p. 45), “estes exercícios têm por fim desenvolver o vigor e a estética corporal. Alguns são suecos, outros criação do autor deste “Compêndio”.

⁴⁸⁶ “Estes exercícios formam a base da ginástica sistemática e têm por fim fortalecer os músculos do tronco, principalmente os respiratórios e ampliar a capacidade torácica” (Idem, p. 40).

A importância do método

“um método de educação física verdadeiramente racional não procura criar atletas ou dar aparências ilusória de força e de saúde. Não busca também criar uma cultura exterior, que muitas vezes dissimula uma tara, uma doença funesta em uma época mais ou menos próxima”.
Kumlien

Mais do que o domínio do conteúdo, o segredo para uma boa aula de ginástica estava no método. Pelo menos era o que recomendava Caldas e Carvalho, ao observarem que para se chegar aos resultados esperados da ginástica, os professores deveriam se ater não só aos diferentes exercícios, mas principalmente a maneira de executá-los. Além disso, a forma como os alunos eram organizados também fazia diferença. Nos exercícios em conjunto, por exemplo, os autores indicavam que “o número de alunos que [deveriam] ficar sob os cuidados de cada adjunto não [poderia] exceder de 30, e o máximo de alunos que [poderiam] ser colocados numa fila [seria] 15”⁴⁸⁷. Quando a questão era a ginástica realizada nos aparelhos, essa proporção era ainda menor. Segundo eles, “a experiência ensina que os alunos não devem ser reunidos em número maior que *quinze* em cada aparelho”⁴⁸⁸. Ciente da necessidade de dividir os alunos para os exercícios de ginástica, como os professores trabalhariam com vários grupos ao mesmo tempo? A solução já era conhecida e vinha sendo discutida e implementada pelo menos desde o início do século XIX, ou seja, adotar o método monitorial/mútuo⁴⁸⁹.

De acordo com Caldas e Carvalho, “[dever-se-ia], na falta de um número suficiente de *mestres-adjuntos*, recorrer ao método do ensino mútuo”⁴⁹⁰, tendo em

⁴⁸⁷ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 10).

⁴⁸⁸ Idem (p. 123). Itálico do original.

⁴⁸⁹ Desenvolvido na Inglaterra nos últimos anos do século XVIII, o método monitorial/mútuo era vantajoso por ser mais econômico e por atender, em menos tempo, um número maior de alunos. O aluno que se destacava pelo bom desempenho era selecionado para auxiliar os colegas nas lições encaminhadas pelo professor. Após instruir os monitores no início das aulas, o professor posicionava-se em sua mesa, no alto do estrado, e supervisionava o andamento das atividades (Bastos e Faria Filho, 1999). No ensino de leitura ou de matemática, por exemplo, os alunos eram agrupados de oito a dez ao redor de quadros de leitura ou de aritmética suspensos em torno da classe (Valente, 1999).

⁴⁹⁰ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 123). Itálico do original.

vista que “os exercícios nos aparelhos [deveriam] ser feitos por classes de 12 a 15 alunos, guiados por um *aluno-monitor*, sob a direção do professor ou de um *mestre-adjunto*”⁴⁹¹. Para isso, “o professor [escolheria] dentre os alunos (...) aquele que lhe pareça oferecer toda a garantia para dirigir cabalmente uma classe de doze a quinze”⁴⁹². Os alunos deveriam ser divididos segundo as idades e o grau de adiantamento, “em categorias correspondentes ao gênero de exercícios que [convinham] as suas constituições”⁴⁹³.

A opção pelo método monitorial/mútuo também aparece em outra obra de autoria de Kumlien (em parceria com Emily André), para quem os alunos deveriam ser separados por sessões segundo sua força. Segundo eles, “a divisão por sessões [permitia] trabalhar com um grande número de alunos simultaneamente e [dava] ao professor a possibilidade de vigiar a todos por si mesmo”⁴⁹⁴. No entanto, no caso de Kumlien e André, as sessões de ginástica não deveriam ter mais do que quinze ou vinte alunos. De acordo com as recomendações presentes no manual, “as funções do monitor [deveriam ser] confiadas aos alunos mais fortes e mais exercitados, o que constitui para eles uma verdadeira honra”⁴⁹⁵.

Se para a organização dos alunos a preocupação era dividi-los de forma que o professor não perdesse o controle dos trabalhos realizados nas aulas, em relação aos exercícios a questão era saber agrupá-los de um modo racional e progressivo. O aumento gradual na intensidade dos exercícios prescritos já vinha sendo observado desde Schreber, ao recomendar que a proporção dos exercícios exigidos “[deveria] ser sempre menor no começo, e seguidamente aumentada a pouco e pouco”⁴⁹⁶. Além disso, outro aspecto que deveria ser observado era a necessidade de variação dos

⁴⁹¹ Idem (p. 124). Itálico do original.

⁴⁹² Idem (p. 123).

⁴⁹³ Idem (p. 123).

⁴⁹⁴ KUMLIEN; ANDRÉ (1909, p. 75).

⁴⁹⁵ Idem (p. 75).

⁴⁹⁶ SCHREBER (s.d., p. 56).

exercícios. Acreditava-se que quanto mais variados fossem os exercícios, maior seria o interesse dos alunos pelas aulas⁴⁹⁷.

Atenção à demonstração do professor! Essa era a condição básica para o ensino dos exercícios e todos os autores corroboravam este princípio. O foco direcionado ao professor também preponderava nas práticas de ginástica. De acordo com Baragiola, primeiro “o professor [explicaria] em poucas palavras os movimentos que os alunos [teriam] que executar, e logo depois de ter mostrado praticamente o exercício, [daria] os respectivos comandos”⁴⁹⁸. No entendimento de Borges, era “necessário que o professor [explicasse] suficientemente e ao mesmo tempo [executasse] o exercício que [tivesse] de ser feito pelos alunos para assim *juntar o exemplo às palavras*”⁴⁹⁹. Caldas e Carvalho asseveravam que era “expressamente recomendado ao professor executar sempre o movimento ao mesmo tempo em que o [explicavam], a fim de *juntar o exemplo ao princípio*”⁵⁰⁰. Segundo eles, “o professor, o *mestre-adjunto* (ou o *aluno-monitor*) [deveria] executar os movimentos o mais lentamente possível para que todos os detalhes [fossem] bem compreendidos”⁵⁰¹. Higgins, por sua vez, considerava que era “dever do professor exemplificar e explicar os exercícios antes de mandá-los executar”⁵⁰².

De acordo com Schreber,

⁴⁹⁷ Pelo menos era o que alertava BARAGIOLA (1895, p. 18), reportando-se aos professores: “procure o professor variar todos os dias e o mais que for possível a combinação dos exercícios, para que os alunos achem gosto em executá-los”.

⁴⁹⁸ BARAGIOLA (1895, p. 17 e 18). Segundo HIGGINS (1909, p. 33), “comandos são as palavras com que se enunciam e se mandam *preparar, executar, começar, alterar e terminar* os exercícios” (itálico do original). As vozes de comando eram essenciais para o domínio do batalhão e encaminhamento das atividades. Por meio dela, o professor exercia sua autoridade de regente. Convinha, para isso, que ele fizesse uma pausa entre um comando e outro, para que os alunos pudessem pensar no exercício e não fossem “surpreendidos bruscamente”. De acordo com BORGES (1888, p. VII), “o professor [deveria] dar o seu ensino de modo a cativar a atenção dos alunos, para que tais exercícios [produzissem] certa influência sobre a inteligência dos exercitandos; para conseguir isso, [havia] um meio infalível: a destreza e a precisão do comando”.

⁴⁹⁹ BORGES (1888, p. VII). Destaque em itálico nosso.

⁵⁰⁰ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 125). Destaque em itálico nosso.

⁵⁰¹ Idem (1896, p. 125). Itálico do original.

⁵⁰² HIGGINS (1909, p. 33).

os exercícios [deveriam] ser executados *moderadamente*, sem precipitação, e com os convenientes intervalos de repouso, mas ao mesmo tempo *com vigor, com a plenitude da força de tensão dos músculos*, e quanto mais possível em completa e absoluta harmonia com as indicações das figuras, assim como com as descrições que as [acompanhavam]. [Deveriam] ser principalmente evitados os movimentos hesitantes, angulares, espasmódicos. Todos eles [deveriam] ser *acentuados e plenos*, resultado este que de ordinário só a pouco e pouco se obtém pelo efeito do habito⁵⁰³.

A postura e a maneira de executar os exercícios deveriam ser conferidas junto às figuras e suas respectivas descrições. Recurso utilizado por todos os autores, o uso de figuras também era uma característica dos manuais de ginástica. Algumas editoras inclusive recorriam à contratação de desenhistas, como foi o caso do livro de Caldas e Carvalho, publicado pela Alves & Cia., com desenhos de Minon. O domínio das instruções quanto à execução era condição básica para realizar os exercícios com vigor e precisão, o que ocorreria mediante persistência e disciplina. Contudo, ao mesmo tempo em que eram recomendados, os exercícios deveriam ser praticados com moderação.

Seja lento, ordinário ou acelerado, o exercício deveria ser executado respeitando os diferentes ritmos⁵⁰⁴. Cada exercício era composto por três partes: a posição inicial, a execução e a atitude final. Os professores precisavam estar atentos a todas elas e, se necessário, deveriam corrigir os alunos. Entre os principais erros estavam: deixar a cabeça cair, descuidar da posição inicial, conter a respiração e o mau posicionamento dos pés. No caso dos exercícios feitos nos aparelhos, era recomendável que os professores observassem de perto, principalmente os alunos principiantes, posto que os acidentes poderiam sobrevir quando menos se espera⁵⁰⁵.

Por fim, era ainda recomendável que os exercícios não poderiam resultar qualquer dor viva e persistente⁵⁰⁶. Afinal, a ginástica era uma prática que deveria ser conduzida com delicadeza, ordem, vida e alegria⁵⁰⁷. Eram muitas as observações que

⁵⁰³ SCHREBER (s.d., p. VIII). Itálico do original.

⁵⁰⁴ HIGGINS (1909).

⁵⁰⁵ BORGES (1888).

⁵⁰⁶ SCHREBER (s. d.).

⁵⁰⁷ HIGGINS (1896 e 1909).

os professores deveriam seguir no ensino da ginástica. Parte delas, formada por preceitos higiênicos, será abordada no próximo capítulo, tendo em vista que dizem respeito à distribuição do tempo, à organização dos espaços, bem como às observações quanto ao modo de se vestir. Se pensarmos nos motivos que levaram à produção e à publicação desses manuais, diríamos que mais do que a prescrição e a variação de exercícios, os livros eram importantes justamente porque traziam consigo o método, indicando como fazer e progredir, como agir.

Das séries de exercícios e programas de ensino

Entre os livros com séries de exercícios ou programas de ensino para consulta dos leitores encontram-se tanto os destinados a um público mais amplo⁵⁰⁸, quanto àqueles dedicados ao ensino da ginástica nas escolas⁵⁰⁹. Por tratar-se de duas experiências relacionadas ao ensino primário, ambas no Rio de Janeiro, resolvemos nos ater aqui às prescrições presentes nos programas de ensino publicados no manual de Pedro Manoel Borges e nos compêndios elaborados por Arthur Higgins.

Ao observarmos os programas elaborados por eles, pudemos ter maior clareza quanto às singularidades na forma como cada um registrou sua experiência com o ensino da ginástica. Borges optou por dividi-los em duas partes – a primeira destinada aos alunos de dez anos ou menos e a segunda para alunos acima de dez anos de idade. Já Higgins dividiu suas lições em três cursos – o primeiro para os alunos de sete a dez anos de idade (curso elementar), o segundo para os maiores de dez anos (curso médio) e o último para os que fossem maiores de doze anos (curso complementar), mas que tivessem frequentado, ao menos durante seis meses, o curso médio. Em ambos os casos, nota-se a preocupação dos autores com o aumento progressivo no grau de dificuldade e exigência dos exercícios.

⁵⁰⁸ SCHREBER (s.d.); NASCIMENTO (1905); KUMLIEN (1908).

⁵⁰⁹ BORGES (1888); HIGGINS (1896 e 1909).

A preocupação na variação dos exercícios também foi algo que permeou o trabalho dos dois professores. Segundo Borges, os exercícios deveriam ser distribuídos nos programas “de modo que em cada dia se [exercitassem] todas as partes do corpo, isto é, o professor [deveria] dar um exercício de *cabeça*, um de *braços*, de *pernas*, de *tronco* etc.”⁵¹⁰. Além dos exercícios de corpo livre, ambos os autores incluíram nos programas alguns jogos ginásticos. Enquanto Borges prescreveu os jogos no meio das séries de exercícios, em forma de recreio, Higgins não menciona em que parte da aula os professores deveriam trabalhar com os jogos. No compêndio de Higgins os jogos ou são apresentados ao final de todas as lições⁵¹¹, ou possuem um programa próprio⁵¹². Neste último caso, trata-se de dois programas: um de jogos ginásticos infantis – para os alunos de sete a dez anos de idade –, e outro para os jogos ginásticos juvenis – destinados aos alunos maiores de dez anos de idade.

Borges recomendava que as aulas fossem encerradas com um cântico final, ao passo que Higgins encerrava as lições com exercícios de marcha. No compêndio de Higgins⁵¹³, encontra-se ao final da última lição do curso complementar, uma “lição festiva” para encerramento das aulas de ginástica. Nesta última lição os alunos deveriam realizar várias séries, divididas em quatro partes, dos diferentes exercícios prescritos ao longo do livro. Independente das particularidades das propostas, cada uma delas contemplava parte do que havia sido pensado para a prática de exercícios físicos e para o ensino da ginástica nas escolas primárias cariocas. Estão presentes nos programas de ginástica elaborados por Pedro Manoel Borges alguns dos conteúdos previstos nos programas oficiais, entre eles: movimentos ou exercícios preliminares; exercícios de corpo livre; exercícios de equilíbrio; marchas; corridas; saltos e jogos ginásticos. Da mesma maneira, Arthur Higgins também contemplou em seus programas de ensino outros deles, como: movimentos ou exercícios preliminares; exercícios de corpo livre; exercícios respiratórios; exercícios de equilíbrio; marchas e jogos ginásticos.

⁵¹⁰ BORGES (1888, p. VIII). Itálico do original.

⁵¹¹ HIGGINS (1896).

⁵¹² HIGGINS (1909).

⁵¹³ Idem.

Contudo, alguns conteúdos presentes nos programas oficiais ficaram de fora, não figurando nos programas de ensino (e nem nos livros) elaborados pelos professores/autores do Rio. Não foram contemplados, por exemplo: exercícios militares; manejo de armas de fogo apropriadas ao uso das escolas; alguns exercícios com o uso de instrumentos e aparelhos (nota-se que Borges abordou esses exercícios ao longo do manual, mas não nos programas apresentados ao final); esgrima e exercícios de tiro ao alvo. A esgrima, o manejo de armas e a prática de tiro ao alvo não foram abordados pela maioria dos autores, com exceção de Domingos Nascimento. Esses exercícios, prescritos nos programas de ensino da Capital Federal na última década dos oitocentos⁵¹⁴, foram contemplados pelo militar paranaense no livro que publicou em Curitiba, quinze anos depois, em 1905. A especificidade dessa obra requer uma atenção especial.

A proposta de Domingos Nascimento

A primeira vista, é possível atribuir a contribuição do livro de Domingos Nascimento (assim como dos demais manuais) à tentativa de mostrar que os professores poderiam “facilmente” exercitar os alunos, principalmente no ensino da ginástica. Neste caso, ao se basear na ginástica doméstica de Schreber, o militar paranaense acreditava que os professores não teriam dificuldade, por tratar-se de exercícios sem o uso de aparelhos, podendo ser realizados na própria sala de aula. Como vimos, se o ensino da ginástica “aparece” em todos os programas oficiais e a natação em apenas alguns deles, após serem prescritos em 1890, no programa de ensino primário do Rio de Janeiro, a esgrima e os exercícios de tiro ao alvo “somem” dos documentos. No entanto, é justamente aí que reside a especificidade do livro de Domingos Nascimento. Conforme ele mesmo observou, seu livro pode ser útil uma vez que contempla conhecimentos de *defesa física*. O “Homem Forte” de que fala o autor, não somente sabe *se defender* como *defender o outro* em situações de perigo.

⁵¹⁴ RIO DE JANEIRO (1890).

A natação, entendida por Domingos Nascimento como a “arte de sustentar-se e avançar dentro d’água, por um conjunto de movimentos com o corpo”⁵¹⁵, é um exemplo disso. Segundo ele, “saber nadar é saber exercer um instinto de defesa própria”⁵¹⁶. Além de saber nadar também era preciso avaliar a distância percorrida, considerando tanto o percurso de ida quanto o de volta. Os exercícios de natação, seja “em seco” ou na água, eram considerados importantes uma vez que possibilitavam ao homem livrar-se do perigo em caso de submersão, prestar socorros às pessoas em perigo de afogar-se, além da passagem de um curso d’água a nado, “com pequena bagagem ou com armas e munição”⁵¹⁷.

Na tentativa de garantir a honra e integridade física, outra forma de defender-se era mediante a prática da esgrima. Segundo Domingos Nascimento, “saber manejar uma espada é saber estar preparado para repelir uma afronta ou para tomar um desforço; o homem que sabe manejá-la tem as suas forças físicas redobradas e como que um escudo resguardando o seu corpo”⁵¹⁸. Seja de espada, de florete ou baioneta, a esgrima era tida como parte integrante da ginástica. Nas aulas, os alunos deveriam saber desde as posições do corpo, até os principais golpes, fintas e respostas, bem como as regras e como proceder em um duelo.

Juntamente com o manejo da espada, saber manejar uma arma era importante tanto para a defesa individual como para a defesa da pátria. Para isso, alguns dos conhecimentos mobilizados pelo autor consistiam desde a montagem, desmontagem e tiro com diferentes tipos de armas, até o material e os locais apropriados para a prática do tiro, a avaliação das distâncias e os desvios do projétil. O domínio desses conhecimentos era importante, considerando que “uma arma de fogo nas mãos dos inexperientes, e por isso mesmo tímidos, é antes um trambolho do que um verdadeiro instrumento de defesa ou de ataque”⁵¹⁹. Na prática do tiro ao alvo, a calma, a precisão, a firmeza e a confiança eram bastante valorizadas. Segundo Domingos Nascimento,

⁵¹⁵ NASCIMENTO (1905, p. 79).

⁵¹⁶ Idem, ibidem.

⁵¹⁷ Idem (p. 82).

⁵¹⁸ Idem (p. 108).

⁵¹⁹ Idem (p. 150).

À primeira vista parece fora de propósito que o *pequeno tiro ao alvo* deva ser introduzido nas escolas primárias, principalmente nos estabelecimentos de grupos escolares; entretanto é de presumir que seja esse o mais agradável de todos os recreios para a infância, porquanto incitará de tal modo os pequeninos, lhes dará tais energias e estímulos, *principalmente se forem introduzidos prêmios aos atiradores*, que dentro em pouco ficarão habilitados a manejar uma arma de fogo na verdadeira acepção da palavra, só com o preparo inicial por meio de uma pequena *arma de salão*, quase inofensiva⁵²⁰.

Único autor a tratar a prática de tiro ao alvo nas escolas, já era de se esperar que Domingos Nascimento, com sua formação militar, de soldado a major, fosse mais aficionado com o manejo de armas do que com os aparelhos de ginástica. Do ponto de vista do militar paranaense, o manuseio de armas – provavelmente sem carga ou com carga reduzida – somado à prática da emulação, faria do tiro ao alvo um estímulo a mais nas escolas. Para ele, os exercícios de tiro exigiam disciplina e cuidado, não somente para não deixar nenhuma arma abandonada às mãos das crianças, mas para que elas não realizassem os exercícios fora da hora e principalmente sem a indispensável presença e fiscalização do professor.

A partir da proposta de cada um dos autores – por meio da análise do conteúdo dos livros e dos métodos neles empregados – nota-se a contribuição dos manuais na construção de um saber escolar específico dos exercícios físicos e da ginástica. A chegada dos manuais vai mostrando para o professor em particular, e para a Educação Física (ainda em constituição), processos de sistematização, metodização, racionalização. Não era qualquer exercício que deveria ser realizado nas aulas e os livros cumpriam o papel de mostrar isso. Por outro lado, os livros também contribuíram para a organização da ginástica nas escolas. Por meio deles era possível saber o tempo recomendado à prática dos exercícios, bem como informações sobre a escolha e configuração dos espaços adequados a prática da ginástica. Os livros apresentavam ainda conselhos higiênicos quanto ao vestuário, entre outros. Essas são questões que trataremos a seguir, no próximo e último capítulo.

⁵²⁰ Idem (p. 150). Itálico do original.

CAPÍTULO IV

ORGANIZAÇÃO DA GINÁSTICA: TEMPO, ESPAÇO E VESTUÁRIO.

A crescente importância atribuída à ginástica resulta do reconhecimento (cada vez maior) e na defesa de sua prática, presente no discurso oficial e no debate travado entre políticos, dirigentes do ensino e professores. Defesa também presente na produção de conhecimento, no registro de experiências, dos impasses e considerações daqueles que com ela se envolveram, especialmente através da publicação de material didático em forma de livro. Contudo, é preciso entender outras dimensões da prática da ginástica, isto é, a configuração de um espaço, sua organização no tempo, até mesmo as recomendações quanto ao vestuário, antes mesmo do aparecimento de uma indumentária própria. Em relação às duas primeiras, trata-se de perceber o espaço e o tempo como elementos básicos, constitutivos da atividade educativa.

A ampliação dos conhecimentos escolarizados, em decorrência da inserção de novas disciplinas no currículo, acompanhou outras medidas que afetaram a organização da escola primária. Entre essas medidas destacamos justamente as novas formas de organização do tempo e dos espaços escolares. Além disso, estreitas relações podem ser observadas entre as mudanças quanto ao uso do tempo e dos espaços, com a construção de prédios específicos, com o desenvolvimento dos métodos de ensino e, por conseguinte, dos materiais pedagógicos⁵²¹. No entanto, o que mudou na organização do tempo, na construção de espaços, bem como na aquisição de materiais didáticos, com a inserção da ginástica no currículo?

No âmbito do espaço escolar, sua ocupação e utilização, a maneira como é construído e disposto, tanto na construção de prédios específicos, quanto na disposição dos espaços pensada pelos professores para as aulas, influenciam na educação daqueles que o ocupam e nele interagem. Sabemos que o espaço escolar também educa, possui uma dimensão educativa. Parte dessa educação se dá no corpo do educando, considerando que a própria arquitetura escolar pode ser entendida como

⁵²¹ FARIA FILHO; VIDAL (2000).

“um dispositivo de constituição dos corpos das crianças, contribuindo para a sua educação física”⁵²². Cabe, no entanto, observarmos em que medida a preocupação com a educação física e com a ginástica influenciaram na configuração dos espaços escolares? Onde as aulas de ginástica deveriam acontecer? Na ausência de espaços apropriados e/ou específicos, que outros espaços foram recomendados? Um primeiro passo é identificar que espaços (cobertos, semi-cobertos, abertos, construídos e não construídos) foram pensados para o ensino da ginástica e para a prática de exercícios físicos. Ou seja, é preciso observar o tratamento dado a ginástica na redefinição dos tempos e espaços escolares.

Dos espaços da ginástica

Partindo da proposta elaborada por Schreber, um dos espaços que a ginástica deveria ocupar era o ambiente doméstico. Os exercícios ginásticos elaborados pelo ortopedista alemão foram pensados justamente para que pudessem ser realizados sem precisar sair de casa. Segundo ele, “podemos também, durante a execução dos exercícios em casa, acrescentar-lhes, se quisermos, o *bom efeito do ar livre abrindo as janelas*”⁵²³. A possibilidade de abrir as janelas era suficiente, no entendimento de Schreber, para evitar a presença de ar “viciado” durante a realização dos exercícios.

Sabemos que a ginástica doméstica elaborada pelo ortopedista alemão foi aderida por Domingos Nascimento quando da publicação de seu livro sobre educação física, no início do século XX. Talvez o que chamou a atenção do militar paranaense não foi a comodidade da proposta, mas a sua acessibilidade. De acordo com Domingos Nascimento,

a *Ginástica doméstica* está ao alcance de todos, porque pode ser executada em toda parte, - dentro de casa, em qualquer quarto, nas dependências, no jardim, debaixo de uma árvore, em viagem, enfim, em qualquer lugar onde o

⁵²² VAGO (2002, p. 98).

⁵²³ SCHREBER (s.d., p. 60). Itálico do original.

homem possa dispensar alguns minutos para exercitar os aparelhos do seu organismo, que necessitam de movimentos determinados⁵²⁴.

Porém, era no ginásio onde os praticantes da ginástica deveriam encontrar um ambiente melhor estruturado para a exercitação do corpo, não apenas pela disponibilidade de aparelhos, mas pelo auxílio de instrutores ou autoridades no assunto, podendo, com isso, praticar a então ginástica racional preconizada na época. Apesar de reconhecer a importância dos ginásios na prática da ginástica, Kumlien também acabou aderindo o espaço doméstico como uma possibilidade. Segundo ele, “se não for possível freqüentar os ginásios, as salas das sociedades de ginástica, onde se observa com todo o rigor o método verdadeiramente racional, devemos compensar semelhante falta fazendo exercícios caseiros”⁵²⁵.

No decorrer do século XIX a ginástica se tornou uma prática social em ascensão, conquistando um número cada vez maior de adeptos, além de novos espaços. Já não deveria ser praticada apenas nos clubes, nos ginásios ou em casa, mas também nas escolas, tornando-se, inclusive, prática escolar obrigatória. Em decorrência dessa crescente aceitação e do aumento no número de praticantes da ginástica (ou das ginásticas⁵²⁶), novos desafios deveriam ser enfrentados, como, por exemplo, onde alocá-la dentro das escolas ou entre as atividades escolares. Alguns autores recomendavam a prática da ginástica na sala de aula (Baragiola), outros defendiam a realização dos exercícios tanto na sala de aula, como fora dela (Schreber; Higgins; Domingos Nascimento). Parte deles previa ainda a construção de ginásios (Borges; Caldas e Carvalho).

Ao prescrever a prática da ginástica entre os bancos das salas, ou seja, uma ginástica de salão, Manoel Baragiola aconselhava que “antes de começar os exercícios ginásticos, deve-se deixar renovar o ar das aulas e não se executarão exercícios em corrente de ar”⁵²⁷. Schreber, por sua vez, acreditava que os exercícios ginásticos

⁵²⁴ NASCIMENTO (1905, p. 13).

⁵²⁵ KUMLIEN (1908, p. 16).

⁵²⁶ MELO; PERES (2014).

⁵²⁷ BARAGIOLA (1895, p. 17).

“poderiam ser executados quer no próprio local da escola, quer fora dela”⁵²⁸. Já Domingos Nascimento entendia que “os exercícios ao ar livre ou com as janelas abertas são os mais preconizados”⁵²⁹. A princípio, é possível depreender das observações apresentadas pelos autores nos livros, que a preocupação com a presença de “ar puro” era bastante importante. Porém, era preciso tomar cuidado com a existência de “ar encanado”, entendido como prejudicial à saúde dos praticantes. Segundo Higgins, “se a lição se realizar num salão, este será bem ventilado, mas não sujeito a correntes de ar encanado; todas as janelas serão abertas para que o ar seja renovado, e se evitará tudo quanto possa levantar alguma poeira que por acaso houver no chão”⁵³⁰. As observações manifestas pelos autores não eram casuais. Havia uma forte preocupação com a higiene presente na época e manifesta, sobretudo, nas relações do movimento higienista com a educação⁵³¹. Trata-se do cuidado que se deveria ter não apenas com o ar, mas com a entrada de luz, com a escolha do terreno, com a disposição dos espaços, entre outros.

No entendimento de Higgins, a ginástica sistemática deveria ser praticada em um salão “porque deve ser executada ao som de música”⁵³². Por outro lado, ele também era defensor de uma ginástica recreativa (ou de campo), cujo “local mais próprio para a sua prática é um terreno plano, batido, ou melhor ainda, gramado e rolado”⁵³³. Entre as recomendações presentes em seus compêndios, encontram-se ainda:

As lições de ginástica serão dadas, sempre que for possível, ao ar livre.

O local escolhido satisfará perfeitamente a todas as condições de higiene: assim não será úmido; nas suas proximidades não haverá emanações nocivas à saúde e estará completamente livre de poeiras que, elevando-se durante os exercícios, possam prejudicar a pureza do ar.

⁵²⁸ SCHREBER (s. d, p. 150).

⁵²⁹ NASCIMENTO (p. 16, item XI).

⁵³⁰ HIGGINS (1909, p. 26).

⁵³¹ VIÑAO (2000).

⁵³² HIGGINS (1896, p. 4). Por ginástica sistemática, Higgins se referia aos exercícios dos membros e articulações (tanto superiores quanto inferiores) e do pescoço.

⁵³³ Idem (p. 5).

O terreno para os jogos ginásticos, além das condições acima enumeradas, deve ser muito espaçoso e plano; e, se for possível, plantado de grama curta e rolada⁵³⁴.

O espaço ocupado pela ginástica na escola deveria satisfazer todas as condições de higiene da mesma forma que os demais espaços escolares. Assim como foram diversos os efeitos do higienismo sobre a escola, o apelo à razão médica também deveria influenciar na escolha dos espaços para a prática da ginástica e de exercícios físicos, sem deixar de atentar para aspectos como as condições do ar e do terreno. Tratava-se de observar uma série de questões que iam desde a localização e construção de espaços apropriados, dispostos com dimensões e iluminação adequadas, até a resolução de outros problemas como o “do tempo e dos saberes escolares, da alimentação, do sono, do banho, das roupas, dos recreios, da ginástica, das percepções, da inteligência, da moral e, inclusive, das excreções corporais”⁵³⁵.

Os cuidados com a higiene na escolha e configuração dos espaços encontra-se ainda mais evidentes nas prescrições referentes aos ginásios. Segundo Borges,

Em geral deve o ginásio estar preservado do sol e da chuva e livre de umidades. É conveniente ou antes é necessário que seja bastante claro e arejado.

O lugar em que for construído deve estar isento de miasmas produzidos por pântanos, escavações ou inundações, preferindo-se sempre o ar mais puro.

Uma parte do terreno em que se pratica a ginástica deve ser movediça ou fofa para que, executando-se certos exercícios, as quedas e outros acidentes, que por ventura possam dar-se nessa ocasião, sejam atenuados; a outra deve ser sólida e espaçosa para nela se instruir os alunos na prática de formaturas e alguns outros exercícios⁵³⁶.

Definidos como todas as emanções nocivas (como substâncias de animais e vegetais em putrefação), que corrompem o ar e atacam o corpo humano, os miasmas eram considerados mórbidos, vistos como fonte de infecções causadoras de doenças e

⁵³⁴ HIGGINS (1909, p. 25 e 26).

⁵³⁵ GONDRA (2007, p. 527).

⁵³⁶ BORGES (1888, p. viii).

epidemias como a febre amarela, por exemplo, e deveriam ser veementemente combatidos. Partia-se do pressuposto que o revolvimento de terrenos, a presença de pântanos ou inundações, favorecia a liberação de miasmas, contaminando a atmosfera. Obscura, sensível somente ao olfato, a presença de miasmas estava associada à insalubridade e as péssimas condições de higiene e moradia que afetavam principalmente as comunidades pobres, os cortiços dos centros urbanos. A crença no paradigma da infecção proveniente da teoria dos miasmas mórbidos é decorrente da inspeção e intervenção médica. Segundo Chalhoub, “os infeccionistas ou anticontagionistas, na verdade, produziram o arcabouço ideológico básico das várias reformas urbanas que varreram as cidades ocidentais na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX”⁵³⁷.

Além do cuidado na definição do lugar onde seriam construídos, Caldas e Carvalho observaram, ainda, a necessidade de fiscalização diária dos aparelhos e do cuidado com a manutenção dos ginásios:

O solo, na falta de *serradura de madeira* ou *areia*, deve ser amolecido todos os dias e umedecido freqüentemente, cumprindo ao professor de ginástica zelar por isso; também lhe cumpre indicar as reparações urgentes e proscriver o emprego dos aparelhos que não ofereçam todas as desejáveis garantias de segurança; enfim, apresentar, periodicamente, a lista das reparações que reconhecer necessárias.

O professor de ginástica deve inspecionar minuciosamente todos os aparelhos fixos e moveis, antes de começar cada sessão. Deve dirigir sua atenção, especialmente, para as escadas, cordas, argolas, e junção dos cabos, e verificar que as barras e trapézios estejam fixas nos seus suportes⁵³⁸.

O professor deverá ter o cuidado de manter, nos ginásios cobertos, uma boa ventilação, evitando, todavia, as correntes de ar⁵³⁹.

O ginásio era um elemento importante na prática da ginástica. Sua especificidade não reside apenas no fato de ser um ambiente preservado do sol e das intempéries, mas provavelmente por sua dimensão e pela presença de aparelhos, ou seja, por apresentar melhor estrutura, se caracterizando no espaço específico para a

⁵³⁷ CHALHOUB (2004, p. 170).

⁵³⁸ CALDAS; CARVALHO (1896, p. 122 e 123).

⁵³⁹ Idem (p. 127).

atividade do corpo. Notem que os autores se reportam não a figura do instrutor, mas a do professor, o que significa um peso diferente dado à ginástica. Assim como nas salas de aula, ao utilizar os ginásios os professores deveriam evitar correntes de ar. Pelo visto, essa era uma observação recorrente, também aparecendo em outros manuais (Baragiola e Higgins). A parte movediça ou fofa, preenchida com “serradura de madeira” ou areia, reivindicada tanto por Borges quanto por Caldas e Carvalho para a realização de parte dos exercícios, não era bem vista por autores como Kumlien. Em outro livro publicado em parceria com Emily André, os autores não apenas dispensam essa parte, como eram contra o uso de serragem. Segundo eles, “nos ginásios suecos se evita colocar serragem, que produz pó. Além do mais, como não se fazem os trabalhos exagerados da ginástica ordinária, não há que tomar precauções contra as caídas. Um simples tablado sem encerar é suficiente”⁵⁴⁰.

A maneira como os espaços eram organizados, sua configuração interna e externa, a presença ou não de objetos, aparelhos, máquinas, entre outros artefatos criados para a atividade do corpo, nos oferece uma dimensão dos exercícios que poderiam ser realizados. A ordenação dos espaços também guarda relações com outros aspectos da atividade educativa, como os métodos de ensino. Por isso, o espaço pode ser entendido como um elemento significativo do currículo⁵⁴¹. Assim como a sala de aula, os ginásios também deveriam ser preparados para a realização dos exercícios. Esse processo reflete, da mesma maneira, a prática pedagógica do professor. Mas como eram os ginásios construídos no século XIX? O que eles continham? Mapear exatamente como eram ordenados os ginásios não é tarefa fácil. No entanto, se consultarmos o inventário feito por Carl Hermann Schildbach sobre as instalações do ginásio dirigido por Schreber em Leipzig, é possível termos ao menos uma noção dos objetos ali abrigados. Consta na lista:

Quatro conjuntos de barras paralelas, três barras fixas, duas escadas de suspensão, uma escada dorsal, uma escada de corda, um par de cordas de amarrar, um par de anéis, uma plataforma giratória (descrita na Kinesiatrik),

⁵⁴⁰ KUMLIEN; ANDRÉ (1909, p. 70). Tradução livre.

⁵⁴¹ ESCOLANO (1993-94 e 2000).

um grande parafuso para os movimentos de manivela, dois cavalos com alças, sendo um estreito e alto e o outro baixo e largo, ambos com um batente, uma escada espiral tipo Delpech, um suspensor de Gilson, um extensos de Kunde de oito braços, um carrossel de quatro raias, diversos halteres de diferentes pesos assim como bastões de vários comprimentos. Além disso, há também (mas não para o uso ortopédico logicamente) um par de barras de molas com corda e um cavalo de alças para acrobacias⁵⁴².

Nota-se a existência de halteres e bastões, assim como de máquinas para trabalhar a musculatura do corpo. Nota-se também a presença de aparelhos bastante utilizados na realização de acrobacias, como o cavalo com alças, além das barras (fixa e paralelas) e do par de anéis. A produção, aquisição e circulação desses equipamentos têm muito a nos dizer sobre a cultura material produzida em decorrência do ensino e da prática da ginástica (seja na escola, seja fora dela)⁵⁴³.

Na documentação consultada na Escola Estadual Caetano de Campos, em São Paulo, localizamos uma foto do ginásio onde Baragiola (que citou Schreber em seu manual) trabalhava (ver foto 1). O pórtico montado sobre o chão (forrado com areia) possuía duas escadas, cordas (lisa e de nós) e cabos. Nota-se a construção de janelas e duas “aberturas” em forma de arco nas laterais e outra ao fundo, possibilitando a entrada e circulação de ar. Nota-se ainda a aquisição de instrumentos como halteres e maçãs (lados direito e esquerdo da foto, respectivamente) ambos alocados em um suporte, além de um cavalo e uma espécie de trampolim, ao centro. Parte desses instrumentos e aparelhos foram mencionados no inventário do ginásio de Schreber.

⁵⁴² ISRAËLS (1986, p. 137). Quatre ensembles de barres parallèles, trois barres fixes, deux échelles de suspension, une échelle dorsale, une échelle de corde, une paire de cordes à nœuds, une paire d’anneaux, une plate-forme tournante [*décrite dans la Kinesiatrik*], un grand pas de vis pour les mouvements de manivelle, deux chevaux d’arçons, l’un étroit et haut, l’autre bas et large, tous deux avec un abattant, une échelle spirale type Delpech, un suspenseur de Gilson, un extenseur de Kunde à huit bras, un carrousel à quatre rayons, quantité d’haltères de différents poids et également des bâtons de toutes longueurs. En dehors de cela, il y a aussi (mais pas pour l’usage orthopédique bien sûr) une paire de barres à ressorts avec corde [?] et un cheval d’arçons pour la voltige. Tradução de Lincoln Heringer.

⁵⁴³ No Rio de Janeiro, por exemplo, parte dos materiais e aparelhos de ginástica era vendida ao estado pela oficina de carpinteiro e marceneiro “Antonio Martins da Silva & C.”. De acordo com uma série de notas apresentadas à Diretoria Geral da Instrução Pública, foram vendidos: 1 estante de peroba de Campos, lustrada para aparelhos de ginástica, levando 18 pares de halteres e 9 pares de esféricas, totalizando 600\$000 (Rio de Janeiro 1894a, p. 88); 48 Maças modificadas e torneadas de novo, no valor de 96\$000 (Rio de Janeiro 1894b, p. 90); 39 bastões a 8\$000 cada, totalizando 312\$000 (Rio de Janeiro 1894c, p. 11 e 12); 1 Barra Paralela no valor de 90\$000 e 1 Barra Fixa a 80\$000 (Rio de Janeiro 1895b, p. 141); 32 bastões lustrados, totalizando 320\$000 (RIO DE JANEIRO 1895c, p. 37).

FIGURA 13 – GINÁSIO DA ESCOLA NORMAL E ANEXAS DE SÃO PAULO



Fonte: Álbum fotográfico da Escola Normal – 1895. Acervo da Escola Estadual Caetano de Campos, São Paulo/SP.

No rol dos ambientes reivindicados para a ginástica e para a prática de exercícios físicos nas escolas, o ginásio era o de menor incidência. Não sabemos exatamente os motivos. Talvez pela falta de recursos eles não fossem privilegiados nos orçamentos da instrução pública. O fato é que a construção de ginásios não foi levada adiante pelos governantes e a grande maioria das escolas ficou sem esse espaço para a realização da ginástica. Em Minas Gerais, onde foi prevista a construção de galpões para exercícios físicos, relatos de diretoras denunciam a precariedade de espaços, além da inexistência dos referidos galpões⁵⁴⁴. No Paraná, também não foram construídos ginásios nas escolas, mesmo com a implantação dos grupos escolares. Segundo Bencostta, “os espaços funcionais que a moderna pedagogia exigia, como gabinete

⁵⁴⁴ VAGO (2002).

para diretor, biblioteca, anfiteatro, laboratórios, secretaria, oficinas, pátios, etc., também foram desconsiderados. As únicas exceções neste aspecto foram os grupos escolares Dr. Xavier da Silva e D. Pedro II⁵⁴⁵. No Estado de São Paulo, “somente algumas escolas-modelo foram dotadas com todos esses espaços específicos de acordo com os pressupostos da escola renovada”⁵⁴⁶. No Rio de Janeiro, localizamos registro da construção de um ginásio na Escola de S. Sebastião, em 1888. Segundo relato da Comissão de Instrução Pública, além da necessidade de limpeza e restauração da escola, “foi também aí levantado para exercícios dos alunos um ginásio, que não se acha ainda concluído por conveniência e segurança da obra”⁵⁴⁷. Mesmo não figurando na maioria das escolas, a construção dos primeiros espaços destinados à prática de exercícios físicos, inclusive dos ginásios, ainda carece de maiores investimentos de pesquisa⁵⁴⁸.

A preocupação com a existência de espaço suficiente e adequado para a exercitação física das crianças deveria estar no horizonte tanto dos professores (no momento da escolha dos imóveis para a instalação das escolas), quanto dos arquitetos e dos governadores (quando da construção dos prédios escolares). Era comum a recomendação para instalar as escolas em “casa bastante espaçosa para recreios e exercícios físicos”⁵⁴⁹, ou dotada de “área conveniente para recreio e exercícios dos alunos”⁵⁵⁰. Analisando a legislação do ensino primário ofertado nos diferentes estados, nota-se a prescrição de exercícios ginásticos tanto dentro da sala de aula, entre as carteiras, quanto fora dela, ao ar livre. Na ausência de espaços cobertos, sobretudo nos dias de chuva, era na sala de aula mesmo que a ginástica deveria acontecer. No entanto, com o tempo bom, eram nos pátios de recreio que as crianças costumavam se exercitar. Espaço privilegiado dos folguedos infantis, os pátios também foram ocupados pela ginástica.

⁵⁴⁵ BENCOSTTA (2005b, p. 135).

⁵⁴⁶ SOUZA (1998, p. 127 e 128).

⁵⁴⁷ ROSARIO; RABELLO; FREITAS (1889, p. 57). De acordo com o referido documento, Higgins atuou como professor de ginástica na escola de S. Sebastião e na de S. José. Segundo consta: “nomearão-se professores de ginástica efetivos para as escolas de S. Sebastião e S. José, o interino Arthur Higgins, e para a de Nossa Senhora do Socorro, D. Candida Carneiro Bragazzi” (p. 58).

⁵⁴⁸ Em relação à Espanha, ver o trabalho de MARTÍNEZ NAVARRO (1994).

⁵⁴⁹ SÃO PAULO (1892, Art. 5; 1894, Art. 12).

⁵⁵⁰ MINAS GERAIS (1906a, Art. 52).

Seguindo os preceitos de higiene, como os demais espaços escolares, “os pátios de recreio devem ser vastos, planos e perfeitamente limpos e arborizados”⁵⁵¹. De acordo com a legislação paulista, “haverá em cada pátio uma [área] coberta, onde possam os alunos abrigar-se nos dias cálidos ou chuvosos”⁵⁵². Em Minas Gerais,

Além do edifício principal, das varandas, salas e gabinetes (...), os prédios escolares deverão ter:

1º Um jardim, em que serão dadas as lições de agricultura e de botânica elementar;

2º Uma área nivelada, macadamizada, e, si possível, asfaltada e coberta, para exercícios ginásticos e evoluções militares⁵⁵³.

Além da preocupação quanto ao piso, áreas cobertas foram pensadas como ideal almejado para todas as escolas, mesmo que nem sempre (ou na maioria das vezes) isso fosse possível. Para os grupos escolares, foram previstos ainda “pátios, com um ou mais pavilhões cobertos para recreio e exercícios físicos”⁵⁵⁴.

No Estado do Paraná, entre os requisitos externos que cada prédio escolar deveria contemplar, estava: “b) ter a casa no centro do terreno a ela destinado, o qual, limitado por muro ou gradil, terá área suficiente para conter os pátios de ginástica e recreio, lavabos, privadas, jardins, etc.”⁵⁵⁵. Assim, ao redor da casa ou do prédio escolar, é que deveria situar o espaço ao ar livre destinado à exercitação física das crianças, seja nas aulas de ginástica, seja nos intervalos de recreio. Com a criação dos pátios de recreio, criou-se também um espaço de transição, separando a escola da rua⁵⁵⁶.

No Rio de Janeiro também foi prevista para as escolas primárias a construção de “um ginásio para exercícios físicos, um pátio para jogos e recreios, e um jardim

⁵⁵¹ SÃO PAULO (1904b, Art. 47 e 48; 1904c, Art. 44 e 45).

⁵⁵² Idem.

⁵⁵³ MINAS GERAIS (1911, Art. 179).

⁵⁵⁴ MINAS GERAIS (1924, Art. 190).

⁵⁵⁵ PARANÁ (1915, Art. 173, p. 36 e 37; 1917b, Art. 158, p. 52 e 53).

⁵⁵⁶ FARIA FILHO (2000).

preparado segundo preceitos pedagógicos”⁵⁵⁷. No caso das escolas que não possuíssem prédios próprios, “[dar-se-ia] preferência para prédios que [tivessem]: d) um pátio coberto ou saída bastante clara e arejada para o recreio”⁵⁵⁸. Já quanto à construção ou adaptação de prédios escolares, segundo as condições previstas em lei:

Nenhum prédio poderá ser construído para escola ou adaptado sem o cumprimento rigoroso das [seguintes] determinações:

- i) O saguão de entrada será amplo, permitindo formaturas, cânticos, ensaios, etc.;
- m) os recreios em sua parte descoberta terão o solo revestido de substância que não produza muito pó, devendo ter assegurado todas as condições necessárias para fácil e pronto escoamento das águas pluviais; devem ser arborizados convenientemente.
- n) os pátios cobertos, cuja área em vigor deve corresponder à um metro quadrado por aluno e cuja altura mínima deve ser de cinco metros, terão o solo cimentado, a cobertura de telhas e dispor de um tapamento em venezianas, partindo da parte inferior e atingindo a altura de três metros do solo⁵⁵⁹.

Acreditamos que o incremento na projeção e construção de novos espaços escolares advém de uma série de fatores. Decorre desde investimentos estatais na construção de prédios escolares específicos – somados aos investimentos na implantação do modelo graduado de ensino, com o surgimento dos grupos escolares – até outros fatores inter-relacionados: como a ampliação do currículo (com a escolarização de novos saberes), e a incorporação de todo um arsenal inovador de materiais didático-pedagógicos (globos, cartazes, coleções, carteiras, cadernos, livros...) ⁵⁶⁰. Isso sem contar os instrumentos e aparelhos de ginástica (barra fixa, barras paralelas, argolas, cavalos com alças, cordas, escadas, cavaletes, aparelhos para salto, halteres, maçãs, bastões, entre outros). Todos esses fatores influenciaram na organização da escola primária, inclusive no que diz respeito ao tempo escolar.

⁵⁵⁷ RIO DE JANEIRO (1890, Art. 9).

⁵⁵⁸ RIO DE JANEIRO (1920, Art. 51, alínea d).

⁵⁵⁹ RIO DE JANEIRO (1922, Art. 1, alíneas i, m e n).

⁵⁶⁰ FARIA FILHO; VIDAL (2000).

Pausas para a ginástica

Antes mesmo de ser escolarizada, como prática social, a ginástica racional (circunscrita aos ditames da ciência) deveria ser transformada em hábito, promovendo a educação física, o cuidado com a saúde do corpo, e praticada nos ginásios ou em casa, até idade avançada. Para isso, foram prescritas práticas que demandavam o acesso e o manuseio de instrumentos e aparelhos, embora uma gama significativa de exercícios pudesse ser realizada sem o auxílio de nenhum aparato, nem de terceiros. Analisando as recomendações dos autores quanto ao tempo necessário para a prática da ginástica, notam-se pelo menos três aspectos sob os quais a maioria deles se manifestou. Uma primeira preocupação era com a frequência e a duração dos exercícios e seções. Isto é, em quantos dias na semana e por quanto tempo. Outra consistia em definir a melhor hora do dia para interromper o que se estava fazendo e se dedicar à ginástica. Um terceiro aspecto diz respeito à presença da ginástica na escola, sua inserção entre as atividades escolares. É principalmente sobre esse último aspecto que vamos nos deter. Em outras palavras, trataremos aqui das seguintes questões: Com que frequência e por quanto tempo se deveria praticar a ginástica? Qual o melhor momento para a realização dos exercícios ginásticos? Qual o tempo reservado à ginástica no currículo do ensino público primário?

Em geral, a pausa para a realização dos exercícios ginásticos não deveria ser muito longa. A soma de tempo despendido inclusive era vista como pequena, frente aos benefícios proporcionados. Além do reiterado argumento de manutenção da saúde, vale lembrar a importância atribuída à ginástica por proporcionar, segundo seus defensores, vigor ao corpo e firmeza ao caráter. Para Schreber, 15 ou 30 minutos, quando muito, eram suficientes. No entanto, o ortopedista alemão era favorável a prática regular dos exercícios, uma ou duas vezes por dia. Quanto à presença da ginástica nas escolas, Schreber foi taxativo: “nenhuma criança deve permanecer assentada e com o espírito aplicado durante mais de duas horas”⁵⁶¹. Assim, ao ser escolarizada, a ginástica também influenciou na concessão dos intervalos, interferindo,

⁵⁶¹ SCHREBER (s.d., p. 150).

conseqüentemente, na composição dos horários. Ao longo dos trabalhos escolares também passou a ser recomendado um “intervalo de um quarto de hora à execução de alguns exercícios convenientes”⁵⁶².

Pedro Manuel Borges recomendava a prática da ginástica ao menos duas vezes por semana. Já Caldas e Carvalho recomendavam quatro seções de uma hora por semana. Arthur Higgins, por sua vez, delimitava o tempo de cada aula de acordo com a freqüência dos exercícios, ou seja: lições diárias de 30 minutos; três lições por semana de 45 minutos cada; ou uma lição por semana de uma hora de duração. Segundo ele,

O tempo que deve durar uma lição de ginástica depende muito das espécies de exercícios que se tenham de ensinar, e do número de lições a dar durante a semana.

As lições de ginástica sistemática devem durar menos que as de ginástica de aparelhos e estas menos que as de ginástica recreativa⁵⁶³.

Higgins entendia que os exercícios dos membros e articulações realizados durante as lições de ginástica sistemática não deveriam ser muito demorados, considerando que esses exercícios eram realizados por todos, ao mesmo tempo, e que por isso, não possibilitava muito tempo de descanso. Diferente dos exercícios realizados individualmente (quando do uso de aparelhos, por exemplo), em que enquanto um aluno praticava, os demais descansavam. Higgins também tinha preferência pelos jogos ginásticos. Por considerar a ginástica recreativa mais atrativa, acreditava que ela cansava menos os alunos, o que justificava a prescrição de jogos mais prolongados. Além disso, “os jogos ginásticos depois de ensinados pelo professor devem ser executados pelos discípulos nas horas de recreio”⁵⁶⁴.

Confrontando as prescrições quanto à freqüência e duração dos exercícios ginásticos presentes nos livros, nota-se a diferença de tratamento dado pelos autores a essa questão, o que reflete diferenças não apenas em como cada um concebia a

⁵⁶² Idem, ibidem.

⁵⁶³ HIGGINS (1909, p. 28).

⁵⁶⁴ HIGGINS (1896, p. 19; 1909, p. 32).

ginástica, mas na maneira como lidavam com ela. Há certo grau de arbitrariedade em meio a essa variabilidade de prescrições. Basta questionarmos os critérios utilizados pelos autores para apresentar respostas tão diferentes para uma questão básica: o tempo⁵⁶⁵. Essa multiplicidade de prescrições somada à inexistência de consenso entre os autores denunciam alguma falta de fundamento científico. Por outro lado, ela também mostra a riqueza do debate sobre o processo de constituição de uma disciplina. Processo que carrega consigo certa fragilidade, por isso o cuidado para não “estabelecer genealogias enganosas, querendo a todo custo recuperar as ‘origens’ de uma disciplina”⁵⁶⁶.

Domingos Nascimento era partidário de “marcar horas certas para tais exercícios”⁵⁶⁷. O militar paranaense reiterava a observação de Schreber, ao lembrar que “NENHUMA CRIANÇA DEVE PERMANECER ASSENTADA POR MAIS DE DUAS HORAS”⁵⁶⁸. Considerando a formação de Moritz Schreber, provavelmente o limite de duas horas advenha do próprio pensamento médico. Baseado no livro de Schreber, Domingos Nascimento também recomendava a incorporação de exercícios ginásticos nos trabalhos diários realizados por alunos e professores. No entanto, e os outros autores? Como fizeram para definir o tempo destinado aos exercícios físicos? Kumlien, ao defender a presença da ginástica nas escolas, foi um defensor dos intervalos de recreio. De acordo com o médico ginasta sueco, a hora/tempo do recreio também poderia ser empregada como hora/tempo da ginástica, ou vice-versa. Contudo, ele mesmo alertava que os exercícios ginásticos não poderiam jamais ser substituídos por recreio.

Os folguedos a que as crianças e os rapazes se entregam, durante os recreios, são evidentemente úteis, diremos até necessários. Deviam mesmo ser mais freqüentes, interromper maior número de vezes as aulas e o estudo, como sucede na Suécia.

Por muito úteis que sejam, necessitam todavia de ser completados por movimentos metódicos, que façam pôr em movimento as partes do corpo que não tenham tido o preciso exercício durante as horas de recreio. Este não

⁵⁶⁵ Entendendo o tempo em dois sentidos: tanto o tempo do ensino (que cada disciplina tem), quanto o tempo dos exercícios (sua freqüência e duração).

⁵⁶⁶ JULIÁ (2002, p. 44).

⁵⁶⁷ NASCIMENTO (1905, p. 14).

⁵⁶⁸ Idem (p. 63). Destaque em caixa alta do original.

pode de modo nenhum substituir a ginástica, única forma de regularizar o funcionamento normal de todo o organismo⁵⁶⁹.

O recreio, em tese, seria o momento no qual as crianças poderiam brincar em liberdade. Porém, nota-se aqui uma intenção em tirar da brincadeira, do brinquedo ou do tempo “livre” que caracteriza o recreio, uma conseqüência utilitária. Era importante que as crianças brincassem, pois ao mesmo tempo em que brincavam elas também corriam, pulavam, se movimentavam, enfim, também cuidavam da atividade do corpo. Às brincadeiras do recreio deveriam ser acrescentados os exercícios ginásticos, insubstituíveis, configurando um processo não apenas de prescrição, mas de intervenção. Ou seja, a educação física da criança não nasce com um espírito lúdico, ela nasce com um espírito utilitário.

A inclusão da ginástica no currículo guarda estreita relação com o reconhecimento da importância dos intervalos no desempenho das atividades (escolares ou não). Com efeito, a defesa de aumentar o número de intervalos nos trabalhos escolares passou a ser cada vez mais freqüente, não apenas na Suécia. Para preencher esses intervalos também recomendava-se a prática da ginástica. Ela era a responsável por exercitar todas as partes do corpo, “única forma de regularizar o funcionamento normal de todo o organismo”.

Como vimos, diante da necessidade de delimitar o tempo e a duração dos exercícios ginásticos, não houve consenso entre os autores. Ao contrário, nota-se nos livros uma verdadeira sucessão de prescrições. Essas divergências são ainda mais evidentes quanto ao entendimento de qual deveria ser a melhor hora do dia para praticar ginástica. Para Schreber, a hora mais apropriada era “aquela que precede uma das refeições ordinárias de cada dia”⁵⁷⁰, por duas razões: primeiro por considerar que os exercícios deveriam ser incluídos nos hábitos diários, da mesma forma que o lugar e hora das refeições (“em que se satisfaz a necessidade de comer e beber”)⁵⁷¹, praticamente encarando a ginástica como uma necessidade fisiológica; por outro lado,

⁵⁶⁹ KUMLIEN (1908, p. 10 e 11).

⁵⁷⁰ SCHREBER (s.d., p. 51).

⁵⁷¹ Idem (p. 50).

o intuito também era o de não esquecer da pausa para a ginástica, considerando que, assim como as refeições, a ginástica também deveria ter hora fixa. No entanto, para Schreber a escolha entre uma das três partes do dia para praticar ginástica não influenciava no resultado, preferindo “deixar a cada um o cuidado de observar e decidir só por si, e em harmonia com as suas circunstâncias, qual seja o momento mais oportuno para a execução dos exercícios”⁵⁷². De manhã, antes da primeira refeição, essa era a hora recomendada por Pedro Manuel Borges como a mais conveniente para os exercícios ginásticos. As primeiras horas da manhã também foram recomendadas por Higgins, “não só porque o corpo se acha descansado, visto ter tido repouso durante a noite, como também porque o ar que respiramos é mais puro, e a temperatura mais branda do que do resto do dia”⁵⁷³. Para Caldas e Carvalho, a melhor hora era a que precedia a refeição principal. Já Domingos Nascimento, citando Schreber, também recomendava a hora que precedia uma das refeições ordinárias, a escolha de cada um. Kumlien recomendava a realização dos exercícios somente depois de ter tomado uma leve refeição. Para isso, alertava ele, “basta levantarmo-nos dez minutos antes da hora habitual”⁵⁷⁴. Segundo ele, “durante o dia, especialmente depois de um trabalho cerebral fatigante, será de grande utilidade executar ainda novos exercícios, porém menos demorados que os da manhã”⁵⁷⁵.

A vinculação da ginástica ao horário das refeições não só ajudaria a incorporá-la na rotina e na vida das pessoas, mas também era vista como condição para que os exercícios fossem bem realizados. Fosse antes ou depois de comer, era preciso dar um tempo entre a prática da ginástica e o horário das refeições. A definição desse intervalo também aparece de maneira controversa nos livros. Schreber alertava para a necessidade de respeitar um “intervalo de pelo menos um quarto de hora, afim de que possa acalmar-se a excitação dos músculos, a qual poderia exercer uma influência

⁵⁷² Idem (p. 52).

⁵⁷³ HIGGINS (1896, p. 10; 1909, p. 26).

⁵⁷⁴ KUMLIEN (1908, p. 47). A recomendação de não praticar nenhum exercício com o estômago vazio também foi alertada por Arthur Higgins. Segundo Higgins (1896, p. 10; 1909, p. 26), “o organismo precisa estar provido de elementos para produzir a indispensável reação, sem o que, em vez de robustez, resultaria debilidade pela prática continuada de exercícios em jejum. Outros inconvenientes menos importantes e momentâneos podem dar-se, tais como tonteiras, náuseas, etc.”.

⁵⁷⁵ Idem (p. 47 e 48).

nociva da digestão”⁵⁷⁶. No entanto, de acordo com Borges, se “os exercícios tiverem de ser feitos depois de qualquer refeição, é necessário deixar o intervalo de três horas entre a refeição e o trabalho ginástico”⁵⁷⁷. A única observação feita por Baragiola quanto ao tempo destinado à ginástica, foi justamente que “não se executarão exercícios logo depois das refeições, devendo-se deixar um intervalo de duas horas entre estas e aquelas”⁵⁷⁸. Duas horas ou mais era o tempo que Higgins recomendava (ou uma hora, pelo menos, antes do jantar)⁵⁷⁹. Além das refeições também era preciso se ater ao horário de dormir. Segundo Borges, os exercícios realizados imediatamente antes de deitar “perturbam o sono, sobretudo se são violentos”⁵⁸⁰. Para Higgins, “a pior ocasião para a prática dos exercícios ginásticos é a adotada nos clubes ginásticos, isto é, as primeiras horas da noite”⁵⁸¹. Neste caso, Higgins estava de acordo com Borges, pois acreditava que “os exercícios praticados pouco antes da hora de dormir são prejudiciais à saúde, porquanto, excitando o sistema nervoso, tiram ao sono a calma indispensável para que seja reparador”⁵⁸².

Essa pluralidade de prescrições quanto à prática da ginástica reflete não apenas a falta de consenso entre os autores, mas uma possível diversidade de experiências, especialmente no caso dos autores que também foram professores de ginástica, que trabalhavam com o ensino da ginástica no seu cotidiano. Talvez tenha sido no âmbito da experiência que esses autores encontraram subsídios para definir qual o melhor tempo para um determinado exercício e não para outro. Talvez a ginástica, sobretudo aquela realizada nas escolas, tenha advindo não somente de um saber médico, científico, mas da combinação destes saberes com outros, provenientes da experiência, da prática nas/das aulas. Vale lembrar que naquele período, sobretudo nos anos finais

⁵⁷⁶ SCHREBER (p. 51).

⁵⁷⁷ BORGES (1888, p. ix).

⁵⁷⁸ BARAGIOLA (1895, p. 17).

⁵⁷⁹ HIGGINS (1896, p. 11; 1909, p. 26). Na edição de 1909, Higgins passou a sugerir um intervalo de três horas ou mais. Nota-se que Borges também havia prescrito três horas de intervalo entre as refeições e a prática da ginástica. Acreditamos que essa alteração feita por Higgins possa ter sido em decorrência do possível convívio com Pedro Manoel Borges, no Rio de Janeiro.

⁵⁸⁰ BORGES (1888, p. ix).

⁵⁸¹ HIGGINS (1896, p. 11; 1909, p. 26).

⁵⁸² Idem (1896, p. 11; 1909, p. 27).

do século XIX, a fisiologia ainda estava a caminho de se consolidar como disciplina autônoma em nosso país⁵⁸³.

Se convencionou dizer que a educação física nasce das orientações médicas, ou ao menos atribui-se aos médicos um papel importante na sua institucionalização⁵⁸⁴. Para Soares,

profundamente moralista, as idéias sobre os “benefícios” da ginástica são oriundas do pensamento médico higienista, e de uma visão medicalizada da sociedade. Este pensamento normativo, disciplinador e moral teve papel determinante nas primeiras sistematizações sobre a ginástica... sobre a “educação física” dos indivíduos⁵⁸⁵.

Acreditamos que esse peso dado à medicina no processo de constituição da educação física precisa ser relativizado, haja vista a atuação e as diferentes sistematizações apresentadas por professores de ginástica (que não necessariamente possuíam formação médica) como Manoel Baragiola, Pedro Manoel Borges, Antonio Martiniano Ferreira, Arthur Higgins, entre outros. As experiências desses professores no ensino da ginástica ofertado em diferentes estados brasileiros não só foram sistematizadas como publicadas em forma de livro. Esses livros também circularam no período, disseminando saberes, compartilhando experiências e, inclusive, cumprindo um papel importante no processo de escolarização dos exercícios físicos e da ginástica. Se há a necessidade de tributo ao pensamento médico-higienista, e “ele deve ser reconhecido na criação de parte das condições de possibilidade para o processo de *escolarização* da educação física”⁵⁸⁶, acreditamos que esse tributo talvez deva ser estendido aos *professores*, autores (ou não) de livros e manuais de ginástica, que dedicaram parte de suas vidas ao ensino e à escolarização dos exercícios físicos e da ginástica. Não foram apenas os médicos que produziram a educação física como algo

⁵⁸³ GOMES (2009).

⁵⁸⁴ SOARES (1994); PAIVA (2003); COSTA; SANTOS; GÓIS JUNIOR (2014). Sobre as relações entre ginástica e saúde difundidas pelo saber médico na primeira metade do século XIX, ver PERES; MELO (2015).

⁵⁸⁵ SOARES (1994, p. 114).

⁵⁸⁶ PAIVA (2003, p. 34). Itálico do original.

escolarizável. Conforme observaram Peres e Melo, entre o conhecimento produzido pelos médicos e o reconhecimento de tal investimento pelo Estado e pela sociedade civil, percebe-se uma tessitura complexa e muitas vezes ambígua. “A legitimação da relação entre saúde e ginástica não deve ser considerada, portanto, como uma ação exclusiva das instituições médicas”⁵⁸⁷. De todo modo, a ginástica racional ganhava cada vez mais importância social e política, devendo ser praticada em casa, nas salas, nos jardins ou nos ginásios, e também no ambiente escolar. Ao adentrar a escola, a ginástica adentrou ainda mais na vida das novas gerações, também fazendo parte da rotina escolar. Resta saber de que maneira ela foi acomodada entre uma atividade e outra, na construção dos horários escolares.

Segundo Antonio Viñao, há uma série de aspectos que as pesquisas sobre tempo escolar devem considerar, tais como: as idades de entrada e saída e o tempo de permanência nos diferentes cursos, ciclos ou níveis de ensino; aspectos relacionados ao calendário escolar (desde informações como sua gênese e evolução, datas de início e término de cada curso, dias letivos, feriados, períodos de férias); até questões como a organização temporal da semana e dos dias (letivos e não letivos); a distribuição do tempo entre atividades do professor, do aluno e administrativas ou de organização; a relação entre os tempos escolares e outros tempos sociais; e as diferenças entre os tempos legalmente prescritos e os vividos⁵⁸⁸. Por ora, estamos preocupados mais especificamente com duas delas: a classificação e distribuição das disciplinas escolares nos quadros de horário, assim como a gênese e influência da noção de fadiga escolar⁵⁸⁹. Mais do que tratar o tempo escolar como um objeto de pesquisa, nosso interesse aqui recai sobre a relação que a dimensão do tempo possui com a organização de componentes curriculares como a ginástica e os exercícios físicos.

Há diferenças na maneira como a ginástica foi alocada nos horários dos grupos escolares de Minas, de São Paulo e do Paraná, bem como nas escolas primárias do Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, os Exercícios Físicos deveriam ser realizados todos os dias de aula (os grupos escolares funcionavam das 10 horas da manhã às 2 horas da

⁵⁸⁷ PERES; MELO (2015, p. 182).

⁵⁸⁸ VIÑAO (1996).

⁵⁸⁹ Idem.

tarde, de segunda a sábado), no intervalo do recreio, com 25 minutos de duração (das 11:50 às 12:15, ver quadro abaixo)⁵⁹⁰. As lições deveriam ser dirigidas pelos professores, em todos os anos do curso, nos primeiros 15 minutos do intervalo do recreio, antes das crianças brincarem em liberdade⁵⁹¹. Em 1925 foi publicado um novo programa de ensino para os grupos escolares mineiros. Os Exercícios Físicos continuaram ocupando o horário do recreio, entre a segunda e a terceira aula, porém com um intervalo maior, de 40 minutos⁵⁹². Além disso, os grupos escolares passaram a funcionar tanto em um como em dois turnos, e não funcionavam as quintas-feiras. Nos grupos de turno único, as aulas iniciavam as 11:00 e terminavam às 15:30. Os de dois turnos funcionavam das 07:00 às 11:00 horas e das 12:00 às 16:00 horas.

QUADRO 6 – HORÁRIO DO PRIMEIRO ANO – GRUPOS ESCOLARES.
MINAS GERAIS (1906).

Horas	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
10 horas 10h25	Leitura Aritmética	Leitura Escrita	Leitura Aritmética	Leitura Aritmética	Leitura Aritmética	Leitura Aritmética
10h50	CANTO					
11 horas 11h25	Líng. Pátria Geografia	Aritmética Geografia	Líng. Pátria Escrita	Escrita Geografia	Líng. Pátria Escrita	Líng. Pátria Escrita
11h50	EXERCÍCIOS FÍSICOS					
12h15 12h40	Hist. Brasil Escrita	Líng. Pátria Escrita	I. Moral e Cívica Aritmética	Aritmética Líng. Pátria	Hist. Brasil Aritmética	Aritmética Geografia
1h05	CANTO					
1h15 até 2 horas	Aritmética Leitura	Aritmética Leitura	Leitura Trabalhos	Leitura Escrita	H. Nat. Fís. e higiene Leitura	Leitura Trabalhos

Fonte: MINAS GERAIS. Decreto n. 1947, de 30/09/1906b – Aprova o Programa de Ensino Primário. Arquivo Público Mineiro (APM).

No Estado de São Paulo, inicialmente coube aos professores organizar os horários, submetendo-os à apreciação dos inspetores escolares⁵⁹³. Nos grupos

⁵⁹⁰ MINAS GERAIS (1906b).

⁵⁹¹ MINAS GERAIS (1912 e 1918).

⁵⁹² MINAS GERAIS (1925).

⁵⁹³ SÃO PAULO (1894).

escolares, era função do diretor zelar pelo cumprimento dos horários⁵⁹⁴. Os exercícios de ginástica deveriam ser realizados “diariamente nas classes, ou, pelo menos, três vezes por semana nos pátios de recreio”⁵⁹⁵. Além dos exercícios realizados no horário da ginástica, os professores deveriam empregar exercícios de marcha ou ginástica na sala de aula “quando [verificarem] a necessidade de movimento por parte dos alunos, o que estes reclamam claramente pelas perturbações de disciplina na classe”⁵⁹⁶. Assim, a ginástica cumpriria um duplo papel ao ser empregada nas escolas ora como componente curricular, ora como elemento de compensação dos trabalhos intelectuais.

A preocupação com a fadiga intelectual fomentou a instituição de um maior número de intervalos entre as atividades escolares, preenchidos muitas vezes com exercícios de marcha, na sala de aula. A concessão desses intervalos implicou na redistribuição do tempo e na redefinição dos horários, contribuindo para a incorporação dos exercícios físicos e da ginástica no currículo, assim como do canto e de outros dispositivos curriculares como os recreios. Essa “concessão” decorre particularmente do reconhecimento dos benefícios dos intervalos na retomada da atenção e da disposição para o trabalho, influenciando no desempenho dos alunos. Tais medidas eram provenientes do saber médico relacionado à higiene mental (ou do espírito), em confluência com outros saberes oriundos da psicologia experimental desenvolvida no final do século XIX, notadamente na Alemanha, França e Suíça⁵⁹⁷. Se inicialmente a educação física se fundamentou nos conhecimentos produzidos no âmbito da higiene, nota-se que ela vai se deslocando e se aproximando mais da psicologia experimental.

Em 1907 uma nova organização do tempo escolar é prescrita para os grupos escolares paulistas, desta vez com a publicação dos horários elaborados pela Diretoria Geral do Ensino⁵⁹⁸. Por meio do horário materializado com a confecção dos quadros publicados, a diretoria apresentava, de forma objetiva, boa parte das observações quanto ao emprego do tempo presentes na legislação do ensino. Neste caso, as escolas

⁵⁹⁴ SOUZA (1998).

⁵⁹⁵ SÃO PAULO (1904b e 1904c).

⁵⁹⁶ SÃO PAULO (1904c).

⁵⁹⁷ CAMPOS (2003); CAMPOS; GOUVEA; GUIMARÃES (2014).

⁵⁹⁸ SÃO PAULO (1907).

deveriam funcionar das onze horas da manhã às quatro horas da tarde. Nota-se a reserva de cinco minutos, nos dois primeiros anos do curso, para a execução de exercícios de marcha e canto ao termino da primeira hora de aula. Esses cinco minutos foram mantidos no horário do terceiro ano como “intervalo”, sem fazer menção aos exercícios de marcha e canto. A ginástica deveria ser trabalhada todas as segundas, quartas e sextas-feiras, nos três primeiros anos, e todas as segundas e sextas-feiras, no quarto e último ano do curso. O tempo a ela reservado também variava ao longo dos anos, começando com 10 minutos no primeiro ano, 20 no segundo, 15 no terceiro e novamente 20 minutos no último ano. No caso dos alunos do sexo masculino, além da ginástica, também foram prescritos exercícios militares todas as quintas-feiras (substituindo uma das aulas reservadas a disciplina de Trabalho Manual), com duração de 40 minutos, nos quatro anos do curso (ver Quadro 7).

QUADRO 7 – HORÁRIO PARA O 1º ANO DA SEÇÃO FEMININA – GRUPO ESCOLAR – SÃO PAULO (1907).

Dist. diária do tempo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Dist. semanal do tempo
11:00 – 11:10	Canto e chamada	Leitura.....210min.					
11:10 – 11:30	Leitura A Comb. de letra B Comb. de letra C	Leitura A Comb. de letra B Comb. de letra C	Leitura A Comb. de letra B Comb. de letra C	Leitura A Comb. de letra B Comb. de letra C	Leitura A Comb. de letra B Comb. de letra C	Leitura A Comb. de letra B Comb. de letra C	Ling.escrita e oral 165min. Arit. e tabuada.....120min.
11:30 – 11:50	Leitura B Comb. de letras A Cálc. c/ tornos C	Leitura B Comb. de letras A Cálc. c/ tornos C	Leitura B Comb. de letras A Cálc. c/ tornos C	Leitura B Comb. de letras A Cálc. c/ tornos C	Leitura B Comb. de letras A Cálc. c/ tornos C	Leitura B Comb. de letras A Cálc. c/ tornos C	Caligrafia.....120min. Trabalhos Man.80min.
11:50 – 12:10	Leitura C Cálc. c/ tornos B Cálc. c/ tornos A	Leitura C Cálc. c/ tornos B Cálc. c/ tornos A	Leitura C Cálc. c/ tornos B Cálc. c/ tornos A	Leitura C Cálc. c/ tornos B Cálc. c/ tornos A	Leitura C Cálc. c/ tornos B Cálc. c/ tornos A	Leitura C Cálc. c/ tornos B Cálc. c/ tornos A	Ensaio de canto.....40min. Ginástica.....30min.
12:10 – 12:15	Marcha e canto	Geografia.....30min.					
12:15 – 12:30	Aritmética	Aritmética	Aritmética	Aritmética	Aritmética	Aritmética	História.....30min.
12:30 – 12:50	Linguagem escrita	Ciências físicas e Nat. e higiene.....30min.					
12:50 – 1:05	Ciências Fís. e Nat. e higiene	Geografia	História Pátria	Ciências Fís. e Nat. e higiene	Geografia	História Pátria	Geometria.....30min.
1:05 – 1:10	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Revisão	Desenho.....30min.
1:10 – 1:25	Linguagem oral	Geometria	Linguagem oral	Geometria	Linguagem oral	Revisão	Ed. moral e cívica...30min.
1:25 – 1:30	Preparo de classe	Revisão.....20min.					
1:30 – 2:00	----- RECREIO -----						Entradas, chamada e canto.....120min.
2:00 – 2:05	Entrada	Entrada	Entrada	Entrada	Entrada	Entrada	Saídas, notas, Intervalo.....115min.
2:05 – 2:20	Leitura A Escrita na lousa B Escrita na lousa C	Leitura A Escrita na lousa B Escrita na lousa C	Leitura A Escrita na lousa B Escrita na lousa C	Leitura A Escrita na lousa B Escrita na lousa C	Leitura A Escrita na lousa B Escrita na lousa C	Leitura A Escrita na lousa B Escrita na lousa C	Recreio.....180min.
2:20 – 2:35	Leitura B Escrita na lousa A Copia de Parker C	Leitura B Escrita na lousa A Copia de Parker C	Leitura B Escrita na lousa A Copia de Parker C	Leitura B Escrita na lousa A Copia de Parker C	Leitura B Escrita na lousa A Copia de Parker C	Leitura B Escrita na lousa A Copia de Parker C	1800min.
2:35 – 2:50	Leitura C Copia de Parker B Copia de Parker A	Leitura C Copia de Parker B Copia de Parker A	Leitura C Copia de Parker B Copia de Parker A	Leitura C Copia de Parker B Copia de Parker A	Leitura C Copia de Parker B Copia de Parker A	Leitura C Copia de Parker B Copia de Parker A	
2:50 – 3:10	Caligrafia	Caligrafia	Caligrafia	Caligrafia	Caligrafia	Caligrafia	
3:10 – 3:20	Ginástica	Trabalho Manual	Ginástica	Trabalho Manual (*Exercícios Militares S.Mas.)	Ginástica	Ensaio geral: canto, declamação, etc.	
3:20 – 3:35	Ed. moral e cívica		Tabuada Parker		Ed. moral e cívica		
3:35 – 3:50	Desenho		Tabuada Parker		Desenho		
3:50 – 4:00	Notas, prep. saída		Notas, prep. saída		Notas, prep. saída		Notas, prep. saída

Fonte: SÃO PAULO. Anuario do Ensino do Estado de São Paulo, 1907.

A publicação dos primeiros quadros de horário demarcando o tempo para cada uma das atividades que deveriam ser realizadas nos grupos escolares paranaenses ocorreu em 1921, em decorrência da nomeação de César Prieto Martinez para o cargo de Inspetor Geral do Ensino. Antes disso, a distribuição e o emprego do tempo ficava a cargo dos professores que, evidentemente, deveriam respeitar o disposto na legislação do ensino vigente. De acordo com os horários estabelecidos, as aulas dos grupos escolares começavam ao meio dia e terminavam às quatro e meia da tarde. Foram reservados cinco minutos ao termino da segundo hora de aula (das 01:45 às 01:50) para a realização de exercícios de marcha e canto, apenas no primeiro ano. Também foram prescritos jogos ginásticos para os quatro anos do curso, todas as quintas-feiras, com 30 minutos de duração (no primeiro e no terceiro) e 35 minutos (no segundo e no quarto), antes da saída⁵⁹⁹ (ver Quadro 8).

⁵⁹⁹ PARANÁ (1921).

QUADRO 8 – HORÁRIO PARA O 1º ANO – GRUPOS ESCOLARES – PARANÁ (1921).

Div. do tempo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Duração das aulas
12:00 – 12:10	Entrada Canto e Cham.	10 min.					
12:10 – 12:35	Leitura A Cópia B e C	25 min.					
12:35 – 1:00	Leitura B Cópia A Formação de sentenças C	25 min.					
1:00 – 1:25	Leitura C Tornos A e B	25 min.					
1:25 – 1:45	Cálculo concreto A e B - escrito C	Cálculo concreto A e B - escrito C	20 min.				
1:45 – 1:50	Marcha e canto	5 min.					
1:50 – 2:05	Ciências fís. e nat. e higiene	Linguagem Oral	Linguagem Oral	Ciências fís. e nat. e higiene	Linguagem Oral	Linguagem Oral	15 min.
2:05 – 2:35	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	30 min.
2:35 – 2:55	Cálculo oral C Cop. de n. A e B	Cálculo oral C Cop. de n. A e B	Cálculo oral C Cop. de n. A e B	Cálculo oral C Cop. de n. A e B	Cálculo oral C Cop. de n. A e B	Cálculo oral C Cop. de n. A e B	20 min.
2:55 – 3:10	Geografia	História	Geografia	História	Geografia	História	15 min.
3:10 – 3:35	Leitura para uma das classes. Trabalho conveniente às outras classes.	25 min.					
3:35 – 4:00	Caligrafia	Desenho	Caligrafia	Desenho	Caligrafia	Desenho	25 min.
4:00 – 4:30	Inst. moral e cívica	Trabalhos	Declamação	Jogos Ginásticos	Ensaio e cantos	Trabalhos	30 min.

Fonte: PARANA. Programa dos grupos escolares do Estado do Paraná. Curitiba: Irmãos Guimarães & Cia., 1921.

Uma particularidade observada no Estado do Paraná foi a criação de um Curso de Ginástica, sob a responsabilidade de um militar, Tenente Aristóteles Xavier, ministrado nos grupos escolares da Capital⁶⁰⁰. Neste caso, as aulas eram de duas horas. No horário organizado por Aristóteles Xavier, ele ministrava três aulas por dia (das 08:00 às 10:00, das 12:00 às 14:00 e das 14:30 às 16:30), percorrendo os 11 grupos mais a escola intermediária, de segunda a sábado (ver Quadro 9). Não sabemos qual o critério adotado pelo tenente paranaense na confecção dos horários, tendo em vista que ele visitava alguns grupos com maior frequência que outros, afetando a carga horária do curso. No Grupo Escolar “Oliveira Bello e Carvalho”, por exemplo, ele ministrava três aulas na semana. No Grupo escolar anexo à Escola Normal, e em grupos como o “Cruz Machado”, “19 de Dezembro” e “Dr. Xavier da Silva”, as aulas eram ministradas duas vezes na semana. Já em grupos como o “Presidente Pedrosa”, “Professor Cleto”, “Rio Branco”, “Tiradentes”, “Conselheiro Zacharias” e “Professor Brandão”, as aulas eram ministradas apenas uma vez na semana. Por outro lado, essas duas horas de aula já representavam uma carga horária significativa, se comparada com a dos outros estados ou até mesmo com a estabelecida no Paraná, em 1921. Outra especificidade do trabalho desenvolvido pelo militar paranaense foi a realização de exercícios coletivos nas manhãs de domingo e dias feriados, nas principais praças de Curitiba⁶⁰¹. Com efeito, a prática de exercícios ginásticos nas escolas acabou contribuindo para a presença da ginástica em outros espaços da cidade.

⁶⁰⁰ PARANÁ (1920-1924). Designado pelo Decreto nº 148 de 6 de Fevereiro de 1922, Aristóteles Xavier ficou encarregado de ministrar aulas de ginástica tanto para os alunos dos grupos escolares da capital, quanto para os estudantes da Escola Intermediária (destinada a habilitar alunos para a matrícula no Ginásio Paranaense e na Escola Normal).

⁶⁰¹ Idem.

**QUADRO 9 – HORÁRIO DAS AULAS DE GINÁSTICA
GRUPOS ESCOLARES DE CURITIBA (1923).**

HORÁRIO	8:00 – 10:00	12:00 – 14:00	14:30 – 16:30
SEGUNDA	Oliveira Bello e Carvalho	Dr. Xavier da Silva (sexo masculino)	Rio Branco
TERÇA	Cruz Machado	Cruz Machado	19 de Dezembro
QUARTA	Anexo à Escola Normal	Anexo à Escola Normal	Professor Cleto
QUINTA	Oliveira Bello e Carvalho	Oliveira Bello e Carvalho	Conselheiro Zacharias
SEXTA	Presidente Pedrosa	Tiradentes	Professor Brandão
SÁBADO	19 de Dezembro	Escola Intermediária	Dr. Xavier da Silva (sexo feminino)

Fonte: PARANA. Relatório de autoria do Tenente Aristoteles Xavier – Instrutor Geral de Ginástica – assinado em 03/07/1923 e anexado ao relatório de César Prieto Martinez – Inspetor Geral do Ensino.

Na cidade do Rio de Janeiro, inicialmente a ginástica deveria ser realizada diariamente, antes da “saída”. As aulas iniciavam às 9 horas da manhã e terminavam às 3 horas da tarde, “sendo a última hora destinada ao ensino religioso, de música e de ginástica”⁶⁰². Os horários das escolas primárias precisavam ser aprovados ou modificados anualmente pelo Diretor Geral da Instrução Pública⁶⁰³. Segundo consta no Regimento Interno das escolas públicas primárias, o horário geral “[podia] ser ligeiramente alterado em cada escola, mediante aprovação do diretor da instrução, pelo inspetor escolar, de acordo com o respectivo professor, atendendo-se a conveniência do serviço, número de adjuntos e frequência das diversas classes e sub-classes”⁶⁰⁴. Em 1926 foram publicados, junto com os programas para o ensino primário, quadros com o horário e distribuição das atividades escolares⁶⁰⁵. As escolas primárias foram divididas em três horários de funcionamento (das 07:50 às 12:10, das 12:20 às 16:40 e das 11:00 às 16:00.), e as aulas de Educação Física deveriam ser realizadas diariamente, com 30 minutos de duração (ver Quadro 10).

⁶⁰² RIO DE JANEIRO (1883, Art. 13).

⁶⁰³ RIO DE JANEIRO (1911, Art. 63; 1914, Art. 60).

⁶⁰⁴ RIO DE JANEIRO (1913, Art. 3º; 1920, Art. 3º). Ver também RIO DE JANEIRO (1925, Art. 7º).

⁶⁰⁵ RIO DE JANEIRO (1926).

QUADRO 10 – HORÁRIO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS – 1º E 2º ANOS
RIO DE JANEIRO (1926).

Turno das 7:50 às 12:10	Horas
Formatura e cânticos.....	7:50 - 8:00
Educação Física.....	8:00 - 8:30
Entrada e pausa.....	8:30 - 8:40
Linguagem.....	8:40 - 9:40
Pausa.....	9:40 - 9:45
Aritmética.....	9:45 - 10:05
Recreio.....	10:05 - 10:25
Pausa.....	10:25 - 10:30
Geometria.....	10:30 - 10:45
Desenho.....	10:45 - 11:15
Trabalhos manuais.....	11:15 - 12:00
Saída.....	12:00 - 12:10

Turno das 12:20 às 16:40	Horas
Formatura e cânticos e entrada	12:20 - 12:30
Aritmética.....	12:30 - 12:50
Pausa.....	12:50 - 12:55
Linguagem.....	12:55 - 13:55
Pausa.....	13:55 - 14:00
Desenho.....	14:00 - 14:30
Recreio.....	14:30 - 14:50
Pausa.....	14:50 - 14:55
Geometria.....	14:55 - 15:10
Trabalhos manuais.....	15:10 - 15:55
Pausa.....	15:55 - 16:00
Educação Física.....	16:00- 16:30
Saída.....	16:30 - 16:40

Turno das 11:00 às 16:00	Horas
Formatura e cânticos e entrada	11:00 - 11:15
Linguagem.....	11:15 - 12:15
Pausa.....	12:15 - 12:30
Aritmética.....	12:30 - 12:50
Pausa.....	12:50 - 13:00
Desenho.....	13:00 - 13:30
Recreio.....	13:30 - 14:00
Pausa.....	14:00 - 14:05
Geometria.....	14:05 - 14:35
Trabalhos manuais.....	14:35 - 15:15
Pausa.....	15:15 - 15:20
Educação Física.....	15:20- 15:50
Saída.....	15:50 - 16:00

Fonte: RIO DE JANEIRO. Programas para o ensino primário. In: Boletim da Prefeitura do Distrito Federal. Rio de Janeiro: “Officinas Graphics do Jornal do Brasil”, 1926.

Segundo os horários elaborados tanto em Minas Gerais, como no Paraná, em São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro, nota-se que os saberes elementares – conteúdos relacionados ao cálculo (exercícios de Aritmética e Geometria) e à linguagem (Leitura, Escrita, Caligrafia) – ocupavam praticamente a metade ou mais da metade de toda a carga horária do ensino primário.

Em Minas Gerais, o tempo destinado aos Exercícios Físicos era maior que o dos outros componentes curriculares (Geografia; História do Brasil; Instrução Moral e Cívica; História Natural, Física e Higiene; e Canto). Situação bem diferente da que constatamos no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Paraná. Na cidade do Rio, a carga

horária da Educação Física era praticamente a mesma destinada ao Desenho, porém, menor do que a reservada aos Trabalhos Manuais. No Estado de São Paulo a Ginástica possuía uma carga horária igual ou inferior que a maioria das disciplinas (História; Geografia; Ciências Física e Naturais e Higiene; Desenho; e Trabalho Manual), superando apenas o tempo dedicado ao ensino de Música e de Instrução Moral e Cívica. O mesmo não valia para os alunos do sexo masculino que, com o acréscimo de 40 minutos semanais de exercícios militares, possuíam mais tempo para a atividade do corpo. Nos horários elaborados na gestão de Cesar Prieto Martinez, no Paraná, os Jogos Ginásticos também não apresentavam uma carga horária significativa e, assim como em São Paulo, possuíam mais tempo apenas que o dedicado ao ensino de Música e de Instrução Moral e Cívica. Situação que muda, ao menos na Capital, com a criação do Curso de Ginástica ministrado por Aristóteles Xavier, cuja carga horária era maior que a de disciplinas como: Geografia; História; Ciências Física, Naturais e Higiene; Desenho; e Trabalhos Manuais.

É possível atribuir o tempo maior destinado aos exercícios físicos no Estado de Minas Gerais ao fato deles ocuparem o horário do recreio. Com lições diárias, a disciplina somava um total de 150 minutos semanais, chegando a 200 minutos em 1925. No entanto, o mesmo não ocorreu em São Paulo e no Paraná, assim como na cidade do Rio de Janeiro.

No Paraná e em São Paulo, a ginástica “aparece” no final do horário, entre as últimas atividades do dia. Em ambos os Estados, ela possuía um horário específico e uma carga horária que variava entre 30 a 60 minutos semanais (em São Paulo) e 30 a 35 (no Paraná). A posição ocupada pela ginástica no horário dos grupos escolares paulistas e paranaenses, mesmo que em momentos diferentes, corroborava com o entendimento no qual os primeiros horários deveriam ser ocupados pelas atividades que exigiam maior esforço intelectual como, por exemplo, os saberes elementares (ler, escrever e contar). Acreditava-se que a ginástica não exigia tanto do cérebro. Não por acaso ela também era praticada nos momentos de dispersão, visando à retomada da atenção e o combate à indisciplina. Nestes casos, ela deveria funcionar como uma atividade de descanso da mente. No entanto, esse argumento precisa ser relativizado,

visto que não necessariamente tratava-se de um consenso. Segundo o inspetor escolar de São Paulo, F. N. Camargo Couto,

É um erro, porém, considerar-se a ginástica como repouso intelectual.

Sobre o assunto, em seu admirável livro “L’education Physique de la Jeunesse”, diz Angelo Mosso:

“A evolução da ginastica disseminou um outro preconceito, a saber, que se supõe como sendo propícia ao descanso mental e equivalente a um remédio ao excesso de trabalho intelectual. Em meu livro sobre a fadiga, demonstrei que no trabalho mental, os musculos se fatigam perfeitamente. Eu não retornarei a esse assunto, pois estou convencido que dei a prova científica de que a ginástica deve ser considerada como um ensino e não como um descanso”⁶⁰⁶.

Se, em alguma medida, um dos motivos para a escolarização da ginástica foi justamente o de proporcionar um descanso das inumeras horas dedicadas ao trabalho intelectual, esse não era o entendimento de Angelo Mosso. De acordo com os estudos sobre fadiga desenvolvidos pelo médico e fisiologista italiano, e observados por Camargo Couto, a ginástica deveria ser encarada como um ensinamento e não como um momento de repouso ou descanso. Para eles, a ginástica era um saber e, como tal, deveria ser ensinado como todos os outros. A partir das considerações de Angelo Mosso é possível pensar na ideia de um conhecimento sobre o corpo, ou seja, Mosso defendia que a ginástica deveria ser tratada como um conhecimento, e não apenas como uma mera exercitação física ou uma prática sem consequências.

Por outro lado, se observarmos a posição da Educação Física nos horários elaborados para as escolas primárias da cidade do Rio de Janeiro, em 1926, veremos que ela ocupou um dos primeiros horários da manhã e os últimos da tarde. Ao cotejarmos os diferentes horários, percebemos como os exercícios físicos e de ginástica foram organizados de maneiras diversas. Considerando as diferenças de

⁶⁰⁶ COUTO (1913, p. XXXV e XXXVI). “Le développement de la gymnastique a répandu un autre préjuge, à savoir, qu’on la suppose propice au repos du cerveau et équivalente à un remède au surménage intellectuel. Dans mon livre sur la fatigue, j’ai déjà démontré que dans le travail mental, les muscles se fatiguent parfaitement. Je ne reviendrai pas sur ce sujet, car je suis convaincu que j’ai donné la preuve scientifique que la gymnastique doit être considérée comme un enseignement et non comme un repos”. Tradução de Lincoln Heringer.

clima, hábitos e costumes existentes nos diferentes estados brasileiros, a forma como os exercícios ginásticos foram apropriados em cada um deles, ao menos dos que aqui tratamos, reflete essa diversidade. Enquanto algumas experiências se aproximam, outras se mostram completamente diferentes. Apesar de no Paraná, em São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro os horários terem sido publicados em momentos diferentes, em Minas Gerais a presença dos exercícios físicos entre a segunda e a terceira aula permaneceu ao longo de praticamente todo o período⁶⁰⁷.

Contudo, combater a fadiga intelectual não foi a única razão para a inserção da ginástica nas escolas. Dela também esperava-se promover a disciplina, além de reforçar sentimentos de ordem e, acima de tudo, de perseverança. Seguindo as palavras de Schreber,

Todo o homem de bom senso tem de certo força para fazer em favor da sua saúde tão fácil sacrifício, e não se deixará demover de seu propósito pelo enfado que pode resultar da persistência na repetição dos exercícios; e, com efeito, mais enfadonho é indubitavelmente estar enfermo e impotente. Neste ponto, e para se poder conseguir o fim que se deseja, é indispensável dispor da vontade firme, perseverante e inabalável, que infelizmente não possui o maior número dos homens da nossa época⁶⁰⁸.

Mais do que sacrifício, praticar a ginástica também era uma questão de vontade, ou melhor, de educação da vontade. Mesmo sendo uma atividade repetitiva e, por que não, enfadonha, com ela também almejava-se formar o caráter das novas gerações. De manhã, de tarde ou de noite; antes do almoço ou da ceia, antes ou depois do jantar; diante de diferentes possibilidades, provavelmente a definição do tempo deve ter sido balizada pelas características de cada região. Além do horário, os cuidados com a roupa também deveriam ser levados em consideração.

⁶⁰⁷ MINAS GERAIS (1906b, 1912, 1916, 1918 e 1925).

⁶⁰⁸ SCHREBER (s.d., p. 50).

Recomendações quanto ao vestuário

Antes de identificar o que vestiam os praticantes da ginástica é preciso ater-se aos modos de se vestir no século XIX. Reconhecida como elemento de distinção, a roupa estava longe de ser uma aquisição barata, de modo que apenas os mais favorecidos vestiam gala. Encarada não apenas do ponto de vista afetivo, como objeto de desejo e, principalmente, de valor, as roupas constavam inclusive nos inventários de herança. Independente da forma, composição, caimento, portar determinadas roupas predispunha portar-se de determinadas maneiras e não de outras. Segundo Dussel, “dado que as roupas funcionam como um marcador característico entre grupos de populações e podem representar poder disciplinador, os códigos do vestir foram importantes na formação da escolarização pública”⁶⁰⁹. Por ser uma atividade marcada pela amplitude de movimentos (alguns inclusive bruscos) não era qualquer roupa que serviria à prática da ginástica. A preocupação com o vestuário era sintomática, isto é, a maneira de se vestir não estava necessariamente adequada à realização dos exercícios. Mas qual seria então o traje ideal? Dessa primeira questão é possível desmembrar outras, como a possibilidade dos exercícios físicos e de ginástica também ditarem regras, influenciando não apenas nos modos de se vestir, mas na própria composição dos uniformes escolares.

Para Schreber, a escolha do que vestir era o primeiro preparativo (ou o principal preparativo, conforme reiterou Domingos Nascimento). Antes de começar os exercícios era recomendável “*pôr de parte todas as porções de vestuário que possam causar qualquer aperto, principalmente no pescoço, no peito e no ventre*”⁶¹⁰. A preocupação com as peças muito apertadas também foi observada por outros autores. No entendimento de Manoel Baragiola “o professor cuidará que os alunos não tenham roupas muito apertadas”⁶¹¹. Para Arthur Higgins, dever-se-ia exigir que os alunos “não se apresentem para os trabalhos com roupas pesadas ou apertadas, principalmente

⁶⁰⁹ DUSSEL (2003, p. 215).

⁶¹⁰ SCHREBER (s.d., p. 52). Itálico do original.

⁶¹¹ BARAGIOLA (1895, p. 17).

no peito e no pescoço”⁶¹². Na possibilidade de escolher o que vestir a preferências era obviamente pelas roupas que não impedissem ou dificultassem a execução dos movimentos. A atenção especial que se deveria dar a determinadas partes do corpo, como o peito e o pescoço, decorre principalmente da importância dada à respiração durante a realização dos exercícios.

Apesar das exigências quanto à vestimenta, não era tarefa fácil fazer com que os alunos comparecessem às escolas portando roupas indicadas para a prática de exercícios físicos. Segundo Higgins, “a prática nos tem demonstrado que é impossível conseguir que todos os discípulos levem para a aula de ginástica roupas apropriadas; a maioria não satisfaz a esse requisito”⁶¹³. Caldas e Carvalho foram os primeiros autores a cogitarem a adoção de uniformes. Para eles, “nos estabelecimentos em que os alunos tiverem um *uniforme* para ginástica, com ele se deverão apresentar sempre”⁶¹⁴. Contudo, ambos não descreveram nem especificaram no manual quais peças deveriam compor os uniformes.

Independente de possibilitar a execução dos movimentos sem grandes inconvenientes, o uniforme também foi utilizado como um importante recurso na promoção de disciplina. Nesse caso, destaca-se o grande impacto que o modelo militar exerceu sobre a difusão da uniformização nas escolas⁶¹⁵. O uso do uniforme impõe controle, sua adoção esteve ligada não apenas à necessidade de fazer reconhecíveis as tropas, mas à de formação e treinamento para o combate. Por outro lado, os uniformes se converteram em veículo para a higiene coletiva, inculcando hábitos de limpeza em grande parte da população. Não por acaso, os uniformes podem ser entendidos como “práticas reguladoras que se exercem sobre os corpos para inscrever atitudes e comportamentos padronizados e prescrever o que se considera como ‘normal’ e ‘anormal’”⁶¹⁶. Almejavam-se mudanças de atitudes vinculadas a determinadas formas de comportamento reforçadas pelo uso do uniforme, mas também presentes em outros tipos de vestimenta.

⁶¹² HIGGINS (1896, p. 20; 1909, p. 27).

⁶¹³ Idem (1896, p. 20; 1909, p. 27).

⁶¹⁴ CALDAS E CARVALHO (1896, p. 127). Itálico do original.

⁶¹⁵ DUSSEL (2003).

⁶¹⁶ Idem (p. 217).

Analisando as prescrições quanto ao vestuário presentes nos manuais, encontramos no livro de Kumlien as primeiras tentativas de definição do que seria um “traje completo” para a prática da ginástica. Segundo ele, “para executar os exercícios, não é necessário traje especial. Uma calça usada, uma camisola [camiseta] de flanela e chinelos ordinários formarão um traje completo”⁶¹⁷. A preferência era que os alunos portassem um traje simples, porém que permitisse todos os movimentos da ginástica.

À escolha do tecido, da cor, do uso ou não de acessórios, somam-se ainda as roupas (e calçados) consideradas impróprias, inadequadas para a participação nas aulas de ginástica. Se por um lado os autores faziam questão de listar aquilo que era permitido trajar, favorecendo a realização dos exercícios, de outro a experiência também os fez condenar certas vestimentas. Alguns deles condenaram o uso do salto alto. Para Baragiola, cabia ao professor cuidar para que as meninas não se apresentassem aos exercícios “com os saltos das botinas demasiado altos”⁶¹⁸. Caldas e Carvalho ponderaram que: “haja ou não uniforme, devem ser repelidos sempre sapatos ou botinas de tacões altos ou que não estejam solidamente presos”⁶¹⁹. Contudo, nenhuma peça foi tão banida e fortemente criticada, como o uso de coletes ou do espartilho. Em seu livro, Kumlien não se privou de deixar

um bom conselho às leitoras: renunciem para sempre ao uso pouco higiênico do espartilho.

A moda, impondo-o, procura lutar contra a natureza, o que é perigoso. Primeiro, ameaça alterar essa pureza de formas que tanto se admira nas estatuas gregas (A Venus de Milo nunca soube o que era o espartilho!). Segundo, no ponto de vista da saúde, os inconvenientes são graves: a pressão imoderada da cintura comprime e deforma órgãos tais como o estômago, o fígado, a caixa torácica, os rins, prejudica a respiração e a circulação.

Poderá objetar-se que o espartilho mantém o corpo ereto.

É certo; mas imobiliza os músculos, cuja função natural é dessa maneira substituída por uma espécie de aparelho ortopédico.

Como consequência da imobilização, vem a atrofia dos músculos. Se, pelo contrário, deixarmos que esses músculos se desenvolvam, os mesmo executarão sua função natural, que é a de manter o corpo, especialmente quando o auxiliam exercícios metódicos. Os músculos abdominais são fracos; os órgãos têm uma tendência a caírem para frente, o estomago dilata-

⁶¹⁷ KUMLIEN (1908, p. 48).

⁶¹⁸ BARAGIOLA (1895, p. 17).

⁶¹⁹ CALDAS e CARVALHO (1896, p. 127).

se, produz-se um estacionamento intestinal, etc. Sucede, o contrário se os músculos abdominais, tornados mais fortes, formarem um verdadeiro espartilho natural⁶²⁰.

Kumlien considerava o espartilho uma espécie de aparelho ortopédico que atuava em detrimento do fortalecimento do abdômen, “verdadeiro espartilho natural”. Mais do que isso, Kumlien via o uso do espartilho como uma espécie de insulto à natureza. Para ele, os músculos do abdômen eram a parte do corpo responsável por naturalmente manter a postura, respeitando a “pureza das formas”. Ao invés de imobilizados e, conseqüentemente, atrofiados, tais músculos deveriam ser exercitados. Além de alterar as formas do corpo feminino e de outros inconvenientes prejudiciais à saúde listados pelo médico-ginasta sueco, o espartilho também estava entre as peças que prejudicavam a respiração. Como elemento de distinção social, o espartilho (ou colete) teve vida longa. Artefato da moda, deriva da *basquine* ou do *vertugadin* do século XVI, acumulando séculos de existência⁶²¹. No entanto, no século XIX, o espartilho passou a ser visto definitivamente como oposição às novas prescrições quanto ao cuidado do corpo, oriundas da ginástica.

Não era a imobilidade e sim a liberdade e a intensidade que se outorgavam aos exercícios físicos. O corpo é chamado para que se corrija por si mesmo e não a ser corrigido⁶²². Se nos séculos XVI e XVII o espartilho foi recomendado como instrumento importante na correção da postura – valorizando a retidão física, conforme nos mostra George Vigarello – na segunda metade do século XVIII seu uso foi considerado um procedimento quase bárbaro, a serviço de pesadas manipulações⁶²³. Moda abominável, causadora de dores eventuais, ele deveria ser suprimido juntamente com as demais roupas constritivas.

O universo da ginástica não era o das roupas exageradas, excessivamente adornadas, pesadas e apertadas, muito menos o do desconforto. A execução dos movimentos ginásticos requeria mobilidade, acompanhando uma aparente liberdade no

⁶²⁰ KUMLIEN (1908, p. 41 e 42).

⁶²¹ SOUZA (1987).

⁶²² VIGARELLO (2005).

⁶²³ Idem.

vestuário produzido ao longo dos oitocentos. As mudanças na maneira de se vestir refletiam o desenvolvimento de uma sociedade que se pretendia mais democrática e dinâmica e menos focada nos privilégios de nascimento. Segundo Gilda Souza, “o século XIX, trazendo as profissões liberais, a democracia, a emancipação das mulheres e a difusão dos esportes, completará as metamorfoses sociais que fizeram o traje hirto dos séculos anteriores desabrochar na estrutura movediça de hoje em dia”⁶²⁴.

É no decorrer do século XX que vamos encontrar uma exibição cada vez maior do corpo e suas formas. Essas mudanças nas maneiras de se vestir e de apresentar-se em público são sinais do desenvolvimento de uma nova sensibilidade, exigindo novas atitudes e comportamentos, novos hábitos de vida. A ginástica, enquanto prática social, não ficou alheia aos novos ditames. Contudo, antes do aparecimento de roupas específicas, vale lembrar que “por longo tempo os exercícios físicos em geral e os esportes em particular eram praticados com roupas comuns, do cotidiano”⁶²⁵.

Antes de ir para a escola, cabia aos alunos trajar-se com decência e asseio, observando a higiene do corpo e das vestimentas⁶²⁶. Além do respeito ao horário, não se deveria tolerar o descumprimento dos preceitos de higiene individual, considerando que a limpeza passou a ser vista como mais um símbolo de distinção, qual seja, aquele que distinguia a “gente decente”⁶²⁷. Era de responsabilidade dos professores e diretores conferir o asseio das crianças logo na chegada à escola⁶²⁸. Para isso, dever-se-ia chamar a atenção dos alunos quanto às suas obrigações, inspecionando a freqüência, a disciplina e zelando pela higiene e saúde de cada um. A inspeção compreendia desde verificar o asseio dos dentes, cabelos, orelhas e mãos, até a

⁶²⁴ SOUZA (1987, p. 50).

⁶²⁵ SOARES (2011, p. 35). Sobre as roupas esportivas na cidade de Belo Horizonte nas décadas de 30 e 40 do século passado, ver CUNHA (2011).

⁶²⁶ SÃO PAULO (1904b, Art. 62, § 1º; 1904c, Art. 59, § 1º; 1912, Art. 226, alíneas a) e c); 1921, Art. 184, § 1º); RIO DE JANEIRO (1913, Art. 19, alínea a); 1920, Art. 20, alínea a); 1925, Art. 82, I); PARANÁ (1915, Art. 90, alínea VI); 1917b, Art. 86, alínea VI); MINAS GERAIS (1924, Art. 280, 2º).

⁶²⁷ DUSSEL (2003).

⁶²⁸ RIO DE JANEIRO (1892, Art. 4º, § 3º; 1913, Art. 30, § 1º; 1920, Art. 34, § 1º; 1925, Art. 28); SÃO PAULO (1894, Art. 62, alínea 7ª; 1904b, Art. 63; 1904c, Art. 60; 1912, Art. 226, § único e Art. 255, alínea h); MINAS GERAIS (1907, Art. 6º; 1911, Art. 73, § 18 e Art. 133, § 6º; 1924, Art. 76, § 18 e Art. 365, § 6º); PARANÁ (1915, Art. 85; 1917b, Art. 81).

limpeza do vestuário. Se necessário, cabia aos professores fazer observações e dar conselhos àqueles que não estivessem devidamente aseados.

Apesar da forte e incessante vigilância com relação à higiene, “não constituirá motivo de recusa para matrícula ou frequência, nem de advertência ou censura, a humildade do traje das crianças, devendo o professor somente exigir asseio e decência”⁶²⁹. O problema da pobreza deveria ser enfrentado através de medidas como o serviço de assistência escolar, realizado por filantropia (por meio de doativos, legados e contribuições) e denominado “caixas escolares”. As caixas escolares eram destinadas a favorecer as crianças pobres, garantindo o fornecimento de livros e materiais escolares, incluindo a distribuição de roupas e calçados, para que elas pudessem frequentar a escola⁶³⁰.

Assim como o tratamento dado ao vestuário, também foram muitas e variadas as recomendações quanto ao tempo e aos espaços dedicados à prática de exercícios físicos nas escolas. Se observarmos a forma como foram definidos, é difícil perceber em que os autores – seja da legislação do ensino seja dos próprios manuais – estavam se fundamentando. O que conseguimos perceber foi certa arbitrariedade, inclusive na maneira como justificavam suas escolhas e decisões. Hoje entendemos a Educação Física como uma disciplina que se instalou, se consolidou, se estabilizou. Ou seja, entendemos que ela tem um tempo específico, um espaço específico, assim como os detalhes da vestimenta e o trato com o uniforme já não possuem o mesmo peso, a mesma importância. Contudo, percorrer todo o processo de organização inicial que marcou a escolarização dos exercícios físicos e da ginástica, mesmo que penoso, se torna relevante justamente na medida em que nos ajuda a compreender o lento engendramento da Educação Física. Não a gênese, mas a constituição da Educação Física como disciplina escolar.

⁶²⁹ PARANÁ (1915, Art. 85; 1917b, Art. 81).

⁶³⁰ RIO DE JANEIRO (1893, Art. 64; 1896, Art. 1º); MINAS GERAIS (1907, Art. 60 e 1924, Art. 470 e 471); PARANÁ (1915, Art. 99 e 1917b, Art. 95); SÃO PAULO (1920, Art. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final do século XIX localizamos não apenas uma crescente publicação de livros sobre a prática e o ensino da ginástica, como o processo de escolarização de exercícios físicos e a inserção da ginástica no currículo do ensino público primário. Considerando as diferentes atribuições a ela conferidas, não é casual que ela tenha sido pensada em diferentes contextos, com diferentes finalidades. Contudo, destaca-se um argumento recorrente, presente tanto nos relatórios da instrução pública quanto na maioria dos manuais de ginástica, qual seja: a defesa da necessidade de promover a educação intelectual sem descuidar da educação física, respeitando o equilíbrio das forças, isto é, a harmonia entre a atividade do espírito e a atividade do corpo. Destaca-se também a importância da educação física não apenas para promover a saúde e garantir o vigor das novas gerações, mas também para formar o caráter, moralizar os costumes e educar a vontade. Com efeito, também é notória uma aproximação entre educação física e educação moral, reconhecendo a contribuição da primeira para o forjar de uma nova sensibilidade moral e cívica.

Entre os conteúdos prescritos nos livros e nos programas de ensino oficiais, os exercícios de corpo livre foram fartamente lembrados, figurando em praticamente toda a documentação, ao longo de todo o período. Em vista disso, é possível considerar esses exercícios como a base comum do ensino da ginástica nas escolas. Uma base comum que define não só a ginástica, mas também parte importante da presença dos exercícios físicos no currículo.

Na falta de formação específica, não podemos deixar de reconhecer a contribuição dos manuais de ginástica como ferramentas pedagógicas importantes ao subsidiarem o trabalho dos professores. Era nesses manuais que eles encontravam conhecimentos teóricos sobre o corpo, séries de exercícios, preceitos higiênicos e, sobretudo, orientações de caráter metodológico, um como fazer. O livro sem dúvida foi um recurso importante no processo de constituição da Educação Física como disciplina escolar.

Como responsáveis pela produção desses manuais, encontram-se autores com diferentes formações, como médicos, militares e professores. Analisando a trajetória dos autores dos livros percebemos a importância de conhecer mais sobre a vida desses sujeitos para além de sua relação com a ginástica e com a educação física. Embora parte das obras tenha sido endereçada a um público mais amplo, não necessariamente escolar, a inexistência de livros de ginástica para uso nas escolas também foi um argumento recorrente que justificou a publicação de algumas delas.

Com circulação variada, alguns títulos estiveram presentes nos quatro estados, outros em apenas alguns deles, e outros não circularam para além dos Estados onde foram publicados. Ao menos foi esse o “mapa” de circulação dos manuais que conseguimos traçar ao longo de todo o percurso. No entanto, não descartamos a possibilidade de outros investimentos de pesquisa complementarem as informações aqui apresentadas, estabelecendo novas contribuições quanto a circulação desses e de outros manuais. De todo modo, esses livros contribuíram, a sua maneira, para a construção de um saber escolar específico, concernente a prática dos exercícios físicos e da ginástica. Foi com a chegada desses manuais que os professores puderam saber como proceder nas aulas de ginástica.

A prática dos exercícios físicos e a presença da ginástica nas escolas também influenciou na configuração dos espaços e na organização do tempo escolar. Para a exercitação física dos escolares foi prevista, mesmo com menor incidência, a construção de ginásios, vistos como o espaço adequado, específicos para a atividade do corpo. Outra possibilidade eram os jardins e pátios de recreio. Contudo, ainda carecemos de maiores investimentos de pesquisa sobre a construção dos primeiros espaços destinados à prática de exercícios físicos nas escolas.

Com relação ao tempo destinado à prática dos exercícios, o que percebemos foi uma pluralidade de prescrições, refletindo não apenas a falta de consenso entre os autores, mas uma possível diversidade de experiências. Com efeito, talvez a ginástica realizada nas escolas seja fruto não apenas das prescrições médicas, mas também de um saber proveniente da experiência dos professores. Eram eles, juntamente com os diretores dos grupos, que deveriam fiscalizar a higiene do corpo e o vestuário dos

alunos. Quanto às roupas para a prática dos exercícios, não eram recomendadas peças muito apertadas, uma vez que elas deveriam permitir a realização de todos os movimentos da ginástica. Também foi reprovado o uso do espartilho, bem como de calçados com saltos demasiado altos.

Embora não estivesse no horizonte deste trabalho, outras possibilidades de pesquisa também nos chamaram a atenção. A primeira delas diz respeito à possível existência de outros autores brasileiros ou de iniciativas ainda desconhecidas na produção e publicação de livros sobre educação física e ginástica. Pouco sabemos sobre os usos que autores nacionais fizeram de obras estrangeiras, por exemplo, ou mesmo sobre quais títulos, traduzidos ou não, circularam no Brasil no século XIX e início do século XX.

Em pesquisa realizada na Biblioteca Nacional do Desporto, em Lisboa, encontramos naquele acervo não apenas as traduções portuguesas dos livros de Schreber e de Kumlien, como um exemplar do “Manual theorico-pratico de gymnastica escolar” de Pedro Manoel Borges. Além da importação de livros e traduções portuguesas, nota-se que livros brasileiros percorreram a rota inversa, também sendo transportados para o lado de lá do Atlântico. A presença desses manuais em acervos portugueses nos dá indícios da possibilidade da adoção desses materiais também em terras lusas, seja na metrópole ou, quem sabe, também nas colônias. O possível uso que deles por lá tenham sido feitos, também sugerem outras possibilidades de estudos no âmbito das histórias conectadas ou *connected histories*⁶³¹.

Além dos próprios manuais, a educação física e a ginástica também foram tratadas em outros livros didáticos como os compêndios de Pedagogia, livros sobre Higiene e Economia Doméstica. A presença de conhecimentos sobre o corpo e a prática de exercícios físicos também podem ser encontradas em outros livros de leitura, adotados no ensino público primário. Apenas de posse desse material também é possível a proposição de outros trabalhos.

⁶³¹ GRUZINSKI (2010).

Por fim, não podemos esquecer que uma das características dos manuais de ginástica é a existência de gravuras e ilustrações. Aliás, uma característica comum dos livros aqui estudados é que todos eles são ilustrados. Partimos do entendimento que as gravuras presentes nos manuais não estão ali apenas como mera ilustração. Entre outras finalidades, acreditamos que elas mostram ou pelo menos deveriam mostrar através dos desenhos, aquilo que os autores não conseguiram mostrar por meio do texto. Entender como as gravuras nos ajudam a melhor compreender a prática da ginástica também é outro motivo para a realização de novos investimentos de pesquisa. Afinal, nem tudo são palavras.

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA.

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro/RJ.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro/RJ.

Arquivo Público do Estado de São Paulo – São Paulo/SP.

Arquivo Público Mineiro – Belo Horizonte/MG.

Arquivo Público do Paraná – Curitiba/PR.

Arquivo da Escola Estadual Caetano de Campos – São Paulo/SP.

Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro/RJ.

Biblioteca Nacional do Desporto – Lisboa – Portugal.

Biblioteca Pública do Paraná – Curitiba/PR.

Biblioteca do Livro Didático da FEUSP – São Paulo/SP.

Centro de Memória Editorial Brasileira – LIHED/UFF – Niterói/RJ.

Círculo de Estudos Bandeirantes – Curitiba/PR.

Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro/RJ.

Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP – São Paulo/SP.

Memorial Lysimaco Ferreira da Costa – Curitiba/PR.

FONTES

A IMPRENSA. Rio de Janeiro, 08/08/1912, Ano IX, N. 1680, p. 2.

A NOITE. Rio de Janeiro, 27/07/1918, Ano VIII, N. 2376, p. 6.

A NOITE. Rio de Janeiro, 17/12/1914, Ano IV, N. 1072, p. 1.

A NOTICIA. Rio de Janeiro, 10 e 11/10/1916, Ano XXIII, N. 279, p. 4.

A NOTICIA. Curitiba, 11/06/1906, Ano II, N. 184, p. 2.

A NOTICIA. Curitiba, 07/05/1906, Ano II, N. 154, p. 2.

A NOTICIA. Rio de Janeiro, 22 e 23/06/1905, Ano XII, N. 151, p. 3.

A REPUBLICA. Curitiba, 27/06/1914, Ano XXIX, N. 149, p. 3 e 4.

A REPUBLICA. Curitiba, 01/02/1906, Ano XXI, N. 26, p. 1.

A REPUBLICA. Curitiba, 12/11/1904, Ano XIX, N. 263, p. 1.

A REPUBLICA. Curitiba, 15/12/1903, Ano XVIII, N. 282, p. 1.

A REPUBLICA. Curitiba, 01/12/1903, Ano XVIII, N. 271, p. 2.

A REPUBLICA. Curitiba, 01/08/1903, Ano XVIII, N. 171, p. 1.

A REPUBLICA. Curitiba, 15/03/1902, Ano XVII, N. 60, p. 2.

A REPUBLICA. Curitiba, 16/05/1895, Ano X, N. 112, p. 1.

A REPUBLICA. Curitiba, 18/01/1893, Ano VIII, N. 14, p. 1.

A UNIÃO. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1905, Ano I, N. 249, p. 2.

A VIDA LITTERARIA. Curitiba, 10/08/1887, Ano 1, N. 6, p. 1.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, COMERCIAL E PROFISSIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1897.

ALMANAK DE OURO PRETO. Ano I, 1890, p. 31.

ALVES, Francisco. Livro de Contratos da Editora Francisco Alves. Acervo: Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil (LIHED/UFF). Localização: Livro de Contratos N. 1.

ANDRADE, Carlos Gonçalves de. Ofício enviando pelo diretor do “Grupo Escolar de Antonio Dias Abaixo” município de Itabira à Secretaria do Interior, em 02/12/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2863.

BORLIDO, Maria Emilia de Vilhena. Inventário do “Grupo Escolar de Aguas Virtuosas” assinado pela Diretora Interina em 29/02/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2863.

BROWNE, Marcia P. Ofício enviado pela Diretora da Escola Modelo da Capital à Diretoria Geral da Instrução Pública, em 12/06/1893. Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Localização: Ordem 6691.

CARNEIRO JR, Miguel. Relatório do Inspetor Escolar de São Paulo. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1908, p. 71.

CARVALHO, Anna Guilhermina C. de. Ofício enviado pela diretora interina do “3º Grupo Escolar de Belo Horizonte” ao Secretario do Interior – Valladares Ribeiro – em 03/09/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2863.

CARVALHO, Carlos. Ofício encaminhado pelo presidente da província ao Diretor Geral da Instrução Pública, José Joaquim Franco Valle, em 03/07/1882. Acervo: Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP/PR), Coleção Correspondências do Governo, v. 14, AP 660, p. 133.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 08/09/1921, Ano XXI, N. 8224, p. 5.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 01/01/1920, Ano XIX, N. 7612, p. 5.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 22/08/1891, Ano XXXVIII, N. 10483, p. 1.

COUTO, F. N. C. Relatório sobre “Ginástica e exercícios militares nas escolas”. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, p. XXXIII-XLVII, 1913.

COUTO, José Luiz de Almeida. Relatório do Presidente da Província de São Paulo. São Paulo, 18/05/1885. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso: 24/03/2014.

DAYRELL JUNIOR, Carlos Leopoldo; SILVA, José Augusto da Paixão e. Inventário do “Grupo Escolar Dr. João Pinheiro” assinado pelo ex-Diretor e pelo Diretor em agosto de 1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2864.

DIAMANTINO, José Alves. Inventário da “Escola do sexo masculino de Santa Maria de São Felix” assinado pelo professor em 09/12/1913. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3848.

FONSECA, José. *Diccionario da Lingua Portuguesa de José da Fonseca*. Feito inteiramente de novo e consideravelmente aumentado por J. I. Roquete. Paris: Aillaud, Alves & Cia.; Rio de Janeiro: Francisco Alves, s.d. [1848?].

FRÓES, Maria Guimarães Rodrigues. Inventário da “Escola pública de Santo Antonio da Olaria”, município do Rio Preto, assinado pela professora em 27/07/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2865.

GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 15/08/1918, Ano XLIII, N. 225, p. 7.

GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 17/05/1914, Ano XXXX, N. 136, p. 11.

GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 22/11/1899, Ano XV, N. 328, p. 1.

GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 20/03/1886, Ano XII, N. 79, p. 2.

GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro, 03/10/1885, Ano XI, N. 275, p. 1.

GAZETA PARANAENSE. Curitiba, 20/10/1886, Ano X, N. 235, p. 2.

GUIMARÃES, Arthur. Ofício enviado pelo Diretor Geral da Instrução Pública à Secretaria do Interior em 22/08/1895. Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Localização: E01382, of. N. 771.

GUIMARÃES, Arthur. Ofício enviado pelo Diretor Geral da Instrução Pública à Secretaria do Interior em 15/06/1893. Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Localização: E01352.

GUIZANTE, João. Ofícios do Conselho Superior da Instrução Pública. Exame de caligrafia realizado por Guizante em 03/09/1895. Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Localização: Ordem 4975.

HIGGINS, Arthur. *Manual de Gymnastica Hygienica*. Ilustrado com figuras explicativas. Capital Federal: Typ. do Jornal do Commercio, 1902.

JORNAL MINEIRO. 04/12/1898, Ano II, N. 63, p. 1.

KUMLIEN, L. G.; ANDRÉ, E. *La Gimnasia Sueca*: manual de gimnasia racional al alcance de todos y para todas las edades. Paris, México: Libreria de la V^{da} de C. Bouret, 1909.

LARA, M. B. da Costa. Ofício enviado pelo diretor do “Grupo Escolar Dr. W. Braz” ao Diretor da Secretaria do Interior – J. Carvalhaes – em 18/12/1912. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3848.

MACHADO, Americo. Inventário da “1ª cadeira do sexo masculino da cidade de Patrocínio” assinado pelo professor em 1913. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3848.

MACHADO, Maria de Almeida. Prova escrita e mais documentos relativos ao exame prestado por Maria de Almeida Machado, candidata ao lugar de adjunta à 3ª escola do sexo feminino de Tatuhy, em 25/02/1896. Localização: – Arquivo do Estado de São Paulo – Ordem 4975 – Instrução Pública – Ofícios do Conselho Superior.

MARTINEZ, Cesar Pietro. Relatórios da Inspeção Geral do Ensino (1920-1924). Paraná. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de relatórios do Governo.

MELGAÇO, Evaristo. Inventário da “2ª Cadeira do sexo masculino de Dores do Indayá” assinado pelo professor em 06/04/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2869.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 04/03/1900, Ano IX, N. 56, p. 4.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 04/03/1899, Ano VIII, N. 56, p. 4.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 22/08/1897, Ano VI, N. 223, p. 8.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 14/07/1887, Ano VI, N. 186, p. 2.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 23/03/1897, Ano VI, N. 78, p. 8.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 09/03/1897, Ano VI, N. 64, p. 1.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 10/01/1897, Ano VI, N. 9, p. 1.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 03/07/1896, Ano V, N. 178, p. 3.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 20/05/1896, Ano V, N. 131, p. 6.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 31/07/1895, Ano IV, N. 204, p. 4.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 02/05/1895, Ano IV, N. 116, p. 2.

MINAS GERAES. Ouro Preto, 17/08/1894, Ano III, N. 220, p. 1.

MINAS GERAIS. Decreto n. 6758, de 01/01/1925 – Aprova o Programa do Ensino Primário. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Decreto n. 6655, de 19/08/1924 – Regulamento do ensino primário (para execução da lei n. 800, de 27/09/1920). Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Decreto n. 4930, de 06/02/1918 – Aprova o Programa de Ensino Primário do Estado. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Decreto n. 4508, de 19/01/1916 – Aprova o Programa de Ensino Primário do Estado. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Inventário da “Escola do sexo feminino de S. Pedro do Suassuhy”. Data: 01/08/1914. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3848.

MINAS GERAIS. Inventário da “Escola pública mista de S. Pedro do Suassuhy”. Data: 01/08/1913. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3848.

MINAS GERAIS. Decreto n. 3405, de 15/01/1912 – Aprova o Programa de Ensino dos grupos escolares e demais escolas públicas primárias do estado.

MINAS GERAIS. Notas de compra e venda com data de 1911-1912. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3840 e SI 3859.

MINAS GERAIS. Decreto n. 3191, de 09/06/1911 – Regulamento geral da instrução do Estado de Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Notas de compra e venda com data de 1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2860 e SI 2868.

MINAS GERAIS. Decreto n. 1969, de 03/01/1907. Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado de Minas Gerais.

MINAS GERAIS. Decreto n. 1960 de 16/12/1906a – Aprova o Regulamento da instrução primária e normal do Estado. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Decreto n. 1947, de 30/09/1906b – Aprova o Programa de Ensino Primário. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Decreto n. 1348, de 08/01/1900 – Aprova o Regulamento da Instrução Pública do Estado de Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro (APM).

MINAS GERAIS. Lei n. 41 de 03/08/1892 – Dá nova organização à instrução pública do Estado de Minas. Arquivo Público Mineiro (APM).

NASCIMENTO, Domingos. Ofício enviado ao Diretor Geral da Instrução Pública – Arthur Pedreira de Cerqueira – em agosto de 1905. Acervo: Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP/PR), Coleção Correspondência do Governo, v. 13, AP 1225, 1905, p. 125.

NAVARRO, Sigefredo de Moraes. Inventário do “Grupo Escolar Ernesto Santiago” assinado pelo diretor do grupo em 19/07/1912. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 3852.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 09/09/1921, Ano XXXVII, N. 13473.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 12/12/1914, Ano XXX, N. 11023, p. 2.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 27/09/1913, Ano XXVIII, N. 10582, p. 4.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 13/08/1898, Ano XIV, N. 5061, p. 5.

O PHAROL. 17/11/1916, Ano LI, N. 274, p. 1.

PARANÁ, Elvira da Costa Faria. Relatório encaminhado à Diretoria Geral da Instrução Pública em dezembro de 1908. Acervo: Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP/PR), Coleção Correspondência do Governo, v. 26, AP 1321, 1908, p.136-138.

PARANÁ. Relatórios da Inspeção Geral do Ensino (1920-1924). Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de relatórios do Governo.

PARANÁ. Programa dos Grupos Escolares do Estado do Paraná. Publicação da Inspeção Geral da Instrução Pública. Curitiba: Livraria Mundial França & Requião, 1921. Acervo: Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

PARANÁ. Decreto n. 420 de 19/06/1917a – Programa do Grupo Escolar Modelo e Similares. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 17 de 09/01/1917b – Código do Ensino. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 710 de 18/10/1915 – Código do Ensino. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Portaria n. 4 de 17/01/1914 – Instruções sobre organização escolar e programa de ensino para as escolas públicas do estado do Paraná. Acervo: Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP/PR), Coleção Diário Oficial, n. 574, ano 2, 30/01/1914, p. 3.

PARANÁ. Lei n. 1236 do dia 02/05/1912. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 510 de 15/10/1909 – Regulamento Orgânico do Ensino Público do Estado do Paraná. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 479 de 10/12/1907 – Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 263 de 22/10/1903 – Regimento Interno das Escolas Públicas do Paraná. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 93 de 11/03/1901 – Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira de Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Decreto n. 35 de 09/02/1895 – Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná. Acervo: Círculo de Estudos Bandeirante (CEB), prateleira Leis, Decretos e Regulamentos.

PARANÁ. Ato de Instituição do ensino de Ginástica assinado pelo então Presidente da Província – Carlos de Carvalho – em 30/06/1882. Acervo: Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP/PR), Coleção de Leis, Decretos e Regulamentos, nº de chamada: 340.098162 P223 1881.

PESTANA, Julio Pinto Marcondes. Relatório do Inspetor Escolar de São Paulo. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1910, p. 68 e 69.

PETRICH, Julia Wanderley. Relatório da professora da 1ª Cadeira para o sexo feminino da Capital. Departamento Estadual de Arquivo Público (DEAP). Coleção Correspondência do Governo: Offícios 1908, v. 25, AP.1320, pp. 06-19.

RIBEIRO, Delfim M. Relatório apresentado ao Presidente do Estado de Minas Gerais pelo Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Delfim Moreira da Costa Ribeiro. Relatórios da Secretaria do Interior. 1904. Arquivo Público de Minas Gerais (APM). Localização: Filme 070 – Flash 03.

RIO DE JANEIRO. Programa para o ensino primário. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Jornal do Brasil, 1926.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 2195 de 10/09/1925. Dá Regimento Interno às escolas públicas primárias diurnas e noturnas do Distrito Federal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: “Officinas Graphics do Jornal do Brasil”, 1925.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 2741 de 17/10/1922. Determina as condições para construção ou adaptação de prédios para escola e dá outras providências. In: *Boletim*

da Prefeitura do Distrito Federal. Rio de Janeiro: “Typ. do Jornal do Commercio”, 1922.

RIO DE JANEIRO. Ofícios do Almojarifado das Escolas Primárias. Concorrência encaminhada às empresas Paulo de Azevedo & Cia.; Drummond & Cia.; Leite Ribeiro & Maurillo; A. Garnier e Victruvio Marcondes. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Localização: 34.3.13 – 1920-1921, p. 10-15.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 1416 de 09/04/1920. Dá Regimento Interno para as escolas públicas primárias do Distrito Federal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: “Typ. do Jornal do Commercio”, 1920.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 1360 de 19/07/1919. Restabelece as bases para a organização do ensino público municipal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & Comp., 1919.

RIO DE JANEIRO. Ofício de cobrança assinado em 08/11/1918. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), Coleção Prefeitura do Distrito Federal, Localização: 12.1.36, p. 49.

RIO DE JANEIRO. Ofícios do Almojarifado das Escolas Primárias. Off. N. 106 – Prot. N. 2370. Pedido protocolado pelas escolas da 12º Distrito. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Localização: 34.1.10 (1917-1918) – folha 141.

RIO DE JANEIRO. Ofícios do Almojarifado das Escolas Primárias. Relação do material distribuído às escolas públicas e outras dependências da Diretoria Geral da Instrução Pública durante o ano de 1915, pelo Almojarifado das Escolas Primárias de Letras. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Localização: 33.4.21 (1915-1916) – folhas 224-236).

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 981 de 02/09/1914. Reforma o ensino público municipal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Oficinas graphics do PAIZ, 1914.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 924 de 26/07/1913. Dá Regimento Interno para as escolas públicas primárias do Distrito Federal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: “Officinas Graphics do PAIZ”, 1913.

RIO DE JANEIRO. Ofício da Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Capital Federal, 14 de junho de 1912. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Instrução Pública – Diretoria Geral e Contas. Localização: 12.2.6 (1902-1909) – folhas 3 e 4.

RIO DE JANEIRO. Nota de compra com data de 03/06/1912. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Instrução Pública – Diretoria Geral e Contas. Localização: 12.2.6 (1902-1909) – folhas 3 e 4.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 838 de 20/10/1911. Reforma a lei do ensino primário, normal e profissional e dá outras providências. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Oficinas graphicas do PAIZ, 1911.

RIO DE JANEIRO. Ofício da Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Capital Federal, 24 de abril de 1903. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Instrução Pública – Diretoria Geral e Contas. Localização: 12.2.11 (1903-1904) – folha 46.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 844 de 19/12/1901. Regula o ensino primário do Distrito Federal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Noticias, 1901.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 98 de 03/11/1898. Regula o ensino público municipal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & Comp., 1898.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 52 de 09/04/1897. Regula o ensino público municipal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & Comp., 1897a.

RIO DE JANEIRO. Ofício da Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Capital Federal, 15 de março de 1897b. Acervo: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.23, p. 242.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 311, de 01/08/1896. Constitui as caixas escolares de que trata o Art. 64 da lei n. 38, de 09/05/1893. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: “Typ. do Jornal do Commercio”, 1896.

RIO DE JANEIRO. Ofício da Diretoria Geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Capital Federal, 20 de fevereiro de 1895a. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.23, p. 101-103.

RIO DE JANEIRO. Nota apresentada à Diretoria Geral pela oficina de carpinteiro e marceneiro “Antonio Martins da Silva & C.”, em 30/06/1895b. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.27, p. 141.

RIO DE JANEIRO. Nota apresentada à Diretoria Geral pela oficina de carpinteiro e marceneiro “Antonio Martins da Silva & C.”, em 30/09/1895c. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.33, p. 37.

RIO DE JANEIRO. Nota apresentada à Diretoria Geral pela oficina de carpinteiro e marceneiro “Antonio Martins da Silva & C.”, em 31/12/1894a. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.27, p. 88.

RIO DE JANEIRO. Nota apresentada à Diretoria Geral pela oficina de carpinteiro e marceneiro “Antonio Martins da Silva & C.”, em 30/11/1894b. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.27, p. 90.

RIO DE JANEIRO. Nota apresentada à Diretoria Geral pela oficina de carpinteiro e marceneiro “Antonio Martins da Silva & C.”, em 31/10/1894c. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Instrução Pública. Localização: 12.1.33, p. 11 e 12.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 38 de 09/05/1893. Regula o ensino público do Distrito Federal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*. Rio de Janeiro: “Typ. do Jornal do Commercio”, 1893.

RIO DE JANEIRO. Conselho de Intendência. Sessão de 17/03/1892. Aprova o Regimento Interno das escolas municipais da Capital Federal. In: *Boletim da Prefeitura do Distrito Federal*, 1892.

RIO DE JANEIRO. Decreto n. 981 de 08/11/1890. Regulamento da instrução primária e secundária do Distrito Federal.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. Sessão de 17/01/1884. Programa de ensino para as escolas municipais. In: *Boletim da Câmara Municipal da Corte*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cia, 1884.

RIO DE JANEIRO. Câmara Municipal. Sessão de 19/03/1883. Regulamento para as escolas criadas e mantidas pela Câmara Municipal. In: *Boletim da Câmara Municipal da Corte*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & Cia, 1883.

ROSA, Manoel C. Franco da. Ofício enviado pelo diretor do “Grupo Escolar Tres Corações”, do Rio Verde à Secretaria do Interior, em 16/08/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2864.

ROSARIO, J. C. de Oliveira; RABELLO, Thomas da Costa; FREITAS, J. P. Nabuco de. Relatório da Comissão de Instrução Pública referente ao ano de 1888, com data de 31/01/1889. In: *Boletim da Câmara Municipal da Corte*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve & C., p. 56-60, 1889.

SÃO PAULO. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1926.

SÃO PAULO. Decreto n. 3356, de 31/05/1921 – Regulamenta a Lei n. 1750, de 08/12/1920, que reforma a instrução pública. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Lei n. 1750, de 08/12/1920. Reforma a Instrução Pública do Estado. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Decreto n. 2944, de 08/08/1918 – aprova o Regulamento para a execução da Lei n. 1579, de 19/12/1917, que estabelece diversas disposições sobre a instrução pública do Estado. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1913.

SÃO PAULO. Decreto n. 2225, de 16/04/1912. Manda observar a consolidação das leis, decretos e decisões sobre o ensino primário e as escolas normais. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1911.

SÃO PAULO. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1907.

SÃO PAULO. Decreto n. 1281 – de 24/04/1905 – Aprova e manda observar o programa de ensino para a escola modelo e para os grupos escolares. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Decreto n. 1217, de 29/04/1904a – Programa de Ensino para os Grupos Escolares e Escolas-Modelo. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Decreto n. 1216, de 27/04/1904b. Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Modelo. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Decreto n. 1253, de 28/11/1904c. Regimento Interno dos Grupos Escolares. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Parecer n. 25, de 12/07/1895. Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Instrução Pública. Pareceres do Conselho Superior (1893-1897). Localização: Ordem C05020.

SÃO PAULO. Decreto n. 248 – de 26/07/1894 – Aprova o Regimento Interno das escolas públicas de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Lei n. 88, de 08/09/1892 – Reforma a Instrução Pública do Estado. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SÃO PAULO. Decreto n. 27, de 12/03/1890 – Reforma a Escola Normal e converte em Escola-Modelo as escolas anexas. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Coleção de leis, decretos e regulamentos do estado de São Paulo.

SILVA, Jesuina Americana Brasileira e. Inventário da “Escola do sexo feminino do distrito de Mateus Leme” assinado pela professora em 06/03/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2865.

SILVA, Josino do Nascimento; ARAUJO, Joaquim Geraldo Gomes. Relatório da comissão nomeada em 29/03/1882 para informar sobre o estado da instrução pública e melhoramentos necessários para uma possível reforma. Anexo ao Relatório do Presidente da Província – Bernardo Avelino Gavião Peixoto. Rio de Janeiro, 08/08/1883. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso: mar. 10/03/2015.

SILVEIRA, Maria José Corrêa da. Inventário da “Escola do sexo feminino do distrito de Mateus Leme” assinado pela professora em 16/03/1909. Arquivo Público Mineiro (APM). Localização: SI 2865.

THOMPSON, Oscar. Relatório assinado por Oscar Thompson. Anuário do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1909. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/educacao/anuario.php>. Acesso: 10/03/2015.

VASCONCELLOS, Clodomiro R. Relatório do Inspetor Geral do Ensino da 9ª circunscrição escolar, assinado em 31/05/1897. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro (APERJ). Relatórios do Governo. Localização: livro 568.

VASCONCELLOS, José Leandro de Godoy. Relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro, assinado em 08/08/1884. Disponível em: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial>. Acesso: 10/03/2015.

MANUAIS DE GINÁSTICA

BARAGIOLA, Manoel. *Gymnastica nas aulas*. Manual theorico-pratico. São Paulo: J. B. Endrizzi & Comp., 1895.

BORGES, Pedro Manoel. *Manual theorico-pratico de gymnastica escolar: elementar e superior*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888.

CALDAS, M.; CARVALHO, E. *Manual de Gymnastica Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia., 1896.

FERREIRA, Antonio Martiniano. *Compendio Pratico de Gymnastica*. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

HIGGINS, Arthur. *Compendio de gymnastica e jogos escolares*. Capital Federal: Typ. do Jornal do Commercio, 1896.

_____. *Compendio de Gymnastica Escolar: methodo sueco-belga*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1909.

KUMLIEN, L. C. *Tratado Pratico de Gymnastica Sueca*. Lisboa: Typographia Lusitana Editora, 1908.

NASCIMENTO, Domingos. *Homem Forte – gymnastica domestica – natação – esgrima – tiro ao alvo*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1905.

SCHREBER, Daniel Gottlieb Moritz. *Gymnastica doméstica, médica e higiênica* ou representação e descrição de movimentos *gymnasticos* que não exigem aparelho algum nem auxílio estranho e podem ser executados em qualquer ocasião e lugar para uso dos dois sexos e para todas as idades acompanhada com aplicações a diferentes afecções. Lisboa: Candido Magalhães, s/d.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. v. 3. República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, p. 215-287, 1998.

APPLE, Michael. *Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARIAS NETO, José Miguel. Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Org.). *O Brasil republicano*, v. 1. O tempo do liberalismo excluyente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 191-229, 2014.

ARNAL, Thierry. La aparición de la gimnasia en la educación de los jóvenes franceses: el Gimnasio Civil de Grenelle como lugar de experimentación de una pedagogía nueva (1820-1833). In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 53-76, 2011.

ARRIZABALAGA; Jon; MARTÍNEZ VIDAL, Àlvar; PARDO, José. *La salut en la història d'Europa*. Barcelona: Residència d'Investigadors CSIC – Generalitat de Catalunya, 1998.

AZEVEDO, Carmen Lucia. *Jeca Tatu, Macunaíma, a preguiça e a brasilidade*. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BALLESTER, Rosa; PERDIGUERO, Enrique. Salud e instrucción primaria en el ideario regeneracionista de la Institución Libre de Enseñanza. *DYNAMIS. Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, Granada, v. 18, p. 25-50, 1998.

BARBERO GONZÁLEZ, José Ignacio. Sobre los “orígenes” de la Educación Física en España. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 165-187, 2011.

BARBOSA, Rui. Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. In: Ministério da Educação e Saúde. *Obras Completas de Rui Barbosa*. v. 10. Tomo II. Rio de Janeiro, 1946.

BASTOS, Maria Helena C.; FARIA FILHO, Luciano M. (Orgs.). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999.

BATISTA, Antônio. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, pp. 529-575.

BATISTA, Antônio ; GALVÃO, Ana. *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

BENCHIMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Org.). *O Brasil republicano*, v. 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 231-286, 2014.

BENCOSTTA, Marcus Levy A. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). *Educar em Revista*, n. 18, p. 103-142, 2001.

_____. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: Stephanou, M.; Camara Bastos, M. H. (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, vol. III: século XX. Petrópolis: Vozes, p. 68-76, 2005a.

_____. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. (Org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005b.

_____. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana G. (Org.). *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

BERTUCCI, Liane M. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2004.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Livro didático entre textos e imagens. In: _____ (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus e RANZI, Serlei (Orgs.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, pp. 9-38.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BLAKE, Augusto V. A. S. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. 7º v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. Edição do Conselho Federal de Cultura. Brasil: 1970, p. 53.

BORGES, Angélica; GONDRA, José G. Política e arte de superar-se: um estudo acerca das conferências pedagógicas na corte imperial. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá/MT, v. 14, n. 25, p. 203-220, jan.-jun. 2005.

BORRÁS LLOP, José Maria (Direc.). *Historia de la infancia en la España contemporánea (1834-1936)*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales; Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1996.

BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

BRAGANÇA, Aníbal. A transmissão do saber, a educação e a edição de livros escolares. In: DUTRA, Eliane F.; MOLLIER, Jean-Yves (Orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 8 a 11 de novembro de 2004.

BRAGHINI, Katya. *O que os instrumentos científicos nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX?* (no prelo).

BURY, John. *La idea del progreso*. Madrid: Alianza Editorial, 1971.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CAMARA, Sônia; BARROS, Raphael. Por um projeto escolar modelar: a constituição dos grupos escolares no distrito federal em finais do século XIX. In: VIDAL, Diana (Org.). *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

CAMPOS, Regina Helena F. História da Psicologia e História da Educação: conexões. In: FONSECA, Thais N. L.; GREIVE, Cynthia G. (Orgs.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 129-158, 2003.

CAMPOS, Regina Helena F.; GOUVEA, Maria Cristina S.; GUIMARÃES, Paula Cristina D. A recepção da obra de Binet e dos testes psicométricos no Brasil:

contrafaces de uma história. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá-PR, v. 14, n. 2 (35), p. 215-242, maio/ago. 2014.

CARUSO, Marcelo. La segunda escolarización del cuerpo: la educación física en las escuelas populares bávaras durante el Segundo Imperio Alemán (1870-1914). In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 97-151, 2011.

CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario Prosodico de Portugal e Brazil*. 10ª ed. Porto: Lopes & C., 1909.

CARVALHO, José Murilo. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo (Coord.). *História do Brasil Nação (1808-2010)*, v. 2. A construção nacional (1830-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, p. 83-130, 2012.

_____. Ouro, terra e ferro: vozes de Minas. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 55-78, 2005.

_____. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

_____. *Os bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997b.

CASSIANO, Célia. *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiço e epidemias na Corte Imperial*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHAMON, Carla Simone. *Festejos Imperiais: festas cívicas em Minas Gerais (1815-1845)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

CHERVEL, André. 1990. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, pp. 177-229, 1990.

CHEVALLARD, Yves. *La transposition didactique – Du savoir savant au savoir enseigné*. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1991.

CHOPPIN, Alain. Pasado y presente de los manuales escolares. In: BERRIO, Julio R. (Org.). *La cultura escolar de Europa: tendencias históricas emergentes*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. In: *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CORRÊA, Rosa Lydia T.. O livro escolar como fonte de pesquisa em história da educação. *Cadernos Cedes*, ano XX, n. 52, novembro 2000, p. 11-24.

COSTA, Luciene H.; SANTOS, Marysol S.; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 28(2):273-82, Abr.-Jun. 2014.

CUNHA, Luciana Bicalho. *As roupas esportivas em revista na cidade de Belo Horizonte (1929-1950): moldes, recortes e costuras*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Campinas/SP, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CUNHA, Marcus Vinicius. A escola contra a família. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, p. 447-468, 2007.

CUNHA JR., Carlos Fernando F. História da Educação Física e Masculinidade: uma análise dos jogos gymnásticos privativos do sexo masculino. In: FERREIRA NETO, Amarílio F. (Org.). *Pesquisa História na Educação Física*, v. 5. Aracruz, ES: FACHA, 2000, pp. 113-126.

_____. A produção teórica brasileira sobre Educação Física/Ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRO NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*, v. 3. Vitória: UFES, 1998, pp. 19-47.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE BONI, Maria Ignês Mancini. *O Espetáculo visto de alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

DULCI, Otavio Soares. A indústria mineira no século XIX. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). *História de Minas Gerais: a província de Minas*, v. 1. Belo Horizonte: Autêntica, p. 347-372, 2013.

DUSSEL, Inés. Uniformes escolares y la disciplina de las apariencias. Hacia una historia de la regulación de los cuerpos en los sistemas educativos modernos. In: POPKEWITZ, Thomas; FRANKLIN, Barry; PEREYRA, Miguel (Orgs.). *Historia cultural y educación: ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización*. Barcelona – México: Ediciones Pomares, p. 208-246, 2003.

EISENSTEIN, Elizabeth. *A revolução da cultura impressa*. Os primórdios da Europa moderna. São Paulo: Ática, 1998.

ESCOLANO, Agustín. *Tiempos y espacios para la escuela: ensayos históricos*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2000.

_____. La arquitectura como programa: espacio-escuela y curriculum. *Revista Interuniversitaria Historia de la Educación*. N. 12-13. Universidad de Salamanca, p. 97-120, 1993-94.

FALCADE, Elaine M. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875-1930)*. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, N. 14, p. 19-34, Mai/Jun/Jul/Ago 2000.

FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Org.). *O Brasil republicano*, v. 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 45-88, 2014.

FONSECA, Daniela Flávia Martins. *Prescrições sobre higiene na cidade e na Escola Normal de São João del-Rei, final do século XIX e início do XX*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FRANCO, Gustavo H. B.; LAGO, Luiz A. C. O processo econômico / A economia da primeira república, 1889-1930. In: SCHWARCZ, Lilia M (Org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. v. 3. A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p. 173-237, 2012.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria R.; COSTA, Wanderley F. da. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”)*: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Ana Carolina V. *Um Programa de “Sciencia do Brazil”*: a inserção da fisiologia experimental na agenda científica brasileira em fins do século XIX (1880-1889). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

GONDRA, José. A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2000.

_____. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Rio de Janeiro: EdUERG, 2004.

_____. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta T. et. al. (Orgs). *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOODSON, Ivor. *Historia del Curriculum: la construcción social de las disciplinas escolares*. Barcelona: Ediciones Pomares-Corredor, 1995a.

_____. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

_____. *El cambio en el currículum*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2000.

GRUZINSKI, Serge. *Las cuatro partes del mundo*. História de una mundialización. México: FCE, 2010.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2005.

HERRERA BELTRÁN, Claudia X. Educación física y biopolítica: un asunto de género en la escuela colombiana. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 497-527, 2011.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios (1875-1914)*. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ISRAELS, Han. *Schreber, père et fils*. Paris: Éditions du Seuil, 1986.

JULIÁ, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 37-71, 2002.

KIDD, Bruce. La educación física para la construcción de una nación: Canadá 1841-1919. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*:

fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 279-297, 2011.

KIRK, David. Primeras formas de educación física en el Reino Unido: una narración visual. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 153-164, 2011.

LINHALES, Meily Assbú. Ginástica e educação do corpo na trajetória do Mestre Paulo Lauret (Portugal e Brasil, 1876-1918). *X Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*. Curitiba, ago. 2014.

_____. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. Petrópolis, RJ: Cortez, 2009.

_____. *A escola, o esporte e a “energização do caráter”*: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LJUNGGREN, Jens. Por qué la gimnasia de Ling? El desarrollo de la gimnasia sueca durante el siglo XIX. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 37-51, 2011.

LÓPEZ SERRA, Francisco. La enseñanza de la educación física en la Institución Libre de Enseñanza y el instituto-escuela. In: GARCÍA-VELASCO, José; MORALES MOYA, Antonio. *La Institución Libre de Enseñanza y la cultura española*. Madrid: Fundición Francisco Giner de los Ríos, p. 529-539, 2012.

LORENZ, Otto. *Catalogue Général de la librairie française*. Tome 19, p. 33, 1909.

MADI FILHO, José Maurício I. *Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2013.

MARINS, Paulo César G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. v. 3. República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, p. 131-214, 1998.

MARQUES, Gabriel R. D. *A Educação do Corpo e o Protagonismo Discente no Colégio Pedro II*: mediações entre o ideário republicano e a memória histórica da instituição (1889-1937). Dissertação (Mestrado em Educação), 174f., Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2011.

MARTÍNEZ MOCTEZUMA, Lucía. Historia de la educación física en Mexico. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del "homo gymnasticus"*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 299-320, 2011.

MARTÍNEZ NAVARRO, Anastasio. Los primeros espacios de educación física en centros públicos del distrito de la Universidad Central. *Revista Complutense de Educación*, Madrid, v. 5, n. 2, p. 59-91, 1994.

MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia M (Org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. v. 3. A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p. 85-131, 2012.

MELO, Victor A. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, Victor A.; PERES, Fabio F. *A Gymnastica no tempo do império*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

MEURER, Sidmar. *Para descanso do 'espírito' e proveito do 'vigor physico': o processo de institucionalização do recreio no currículo da escola primária paranaense (1901-1924)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

MORRISON, Ken. Estabelecendo o texto: a institucionalização do conhecimento por meio das formas históricas e filosóficas de argumentação. In: BOTTÉRO, Jean; MORRISON, Ken e outros. *Cultura, pensamento e escrita*. São Paulo: Ática, 1995.

MUNAKATA, Kazumi. O Livro didático: alguns temas de pesquisa. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Org.). *O Brasil republicano*, v. 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 13-44, 2014.

NICOLAS, Maria. *Cem anos de vida parlamentar*. Deputados provinciais e estaduais do Paraná (1854-1954) Curitiba, 1954.

NIEDERLAND, William G. *O caso Schreber: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide*. Tradução de Carlos Roberto Oliveira. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

OLIVEIRA, João Batista; GUIMARÃES, Sonia; BOMÉNY, Helena. *A política do livro didático*. Campinas, SP: Unicamp: Summus, 1984.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. *Sobre o pensamento médico-higienista e a escolarização: condições de possibilidade para o engendramento do campo da Educação Física no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PASTOR PRADILLO, J. L. *Manuales escolares y libros de texto de Educación física en la enseñanza secundaria (1883-1978)*. Madrid: Dykinson S. L., 2005a.

_____. *Manuales escolares y libros de texto de educación física en los estudios de Magisterio (1883-1978)*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2005b.

_____. *Educación física y libros de texto en la enseñanza primaria (1883-1978)*. Madrid: Dykinson S. L., 2005c.

PERES, Fabio F.; MELO, Victor A. O trato da gymnastica nas revistas médicas do Rio de Janeiro da primeira metade do século 19. *História da Educação*. Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 167-185, maio/ago. 2015.

PINEAU, Pablo. Por qué triunfó la escuela? O la modernidad dijo: “Esto es educación”, y la escuela respondió: “Yo me ocupo”. In: PINEAU, Pablo, DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. *La escuela como máquina de educar: tres escritos sobre un proyecto de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2001. pp. 27-52.

_____. Quando a noite engendra o dia e o dia engendra a noite: revisando o vínculo da produção mútua entre escola e Modernidade. *Pro-Posições*, v. 19, n. 3 (57), pp. 83-104, set./dez. 2008.

PUCHTA, Diogo R. *A formação do homem forte: educação física e gymnastica no ensino público primário paranaense (1882-1924)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

PRIORI, Angelo, et. al. *História do Paraná (séculos XIX e XX)*. Maringá: Eduem, 2012.

PYKOSZ, Lausane; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus. A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná. *Currículo sem Fronteiras*, v. 9, n. 1, pp. 135-158, Jan/Jun 2009.

RESENDE, Maria Efigênia Lages de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Org.). *O Brasil*

republicano, v. 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 89-120, 2014.

ROCHA, Heloísa H. P. Prescrevendo regras de bem viver: cultura escolar e racionalidade científica. In: *Cadernos CEDES*, 2000, n. 52, p. 55-73.

_____. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo*. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2003.

RODRÍGUEZ GIMÉNEZ, Raumar. Una conciencia y un corazón rectos en un cuerpo sano: educación del cuerpo, gimnástica y educación física en la escuela primaria uruguaya de la reforma. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 477-496, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. Cultura / As apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia M (Org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. v. 3. A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p. 239-294, 2012.

SCARPA, Stefano; CARRARO, Attilio. El nacimiento de la educación física en la escuela italiana: de la Ley Casati a la Reforma Gentile. In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 213-223, 2011.

SCHARAGRODSKY, Pablo; AISENSTEIN, Ángela. *Tras las huellas de la Educación Física Escolar Argentina*. Cuerpo, género y pedagogía: 1880-1950. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

SCHARAGRODSKY, Pablo; MANOLAKIS, Laura e BARROSO, Rosana. La educación física argentina em los manuales y textos escolares (1880-1930): sobre los ejercicios físicos o acerca de cómo configurar cuerpos úteis, productivos, obedientes, dóciles, sanos y racionales. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, jan./jun. 2003, p. 79-91.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memória de um doente dos nervos*. Tradução e introdução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed., 2006.

SCHWARCZ, Lilia M. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lilia M (Org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. v. 3. A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p. 35-83, 2012a.

_____. Introdução. In: SCHWARCZ, Lilia M (Org.). *História do Brasil Nação: 1808-2010*. v. 3. A abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Editora Objetiva, p. 19-33, 2012b.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. v. 3. República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, p. 513-619, 1998.

SILVA, Pierre N. G. da. Compendio de Gymnastica Escolar: o corpo e a pedagogia no início do século XX. In: FERREIRO NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*, v. 4. Aracruz, ES: FACHA, 1999, pp. 27-49.

SJÖSTEDT, Erik. *Svenskarne i Paris*. Paris, Stockholm: Henrik Cavling, p 443, 1900.

SILVA, Carlos Leonardo B. da; MELO, Victor A. Fabricando o soldado, forjando o cidadão: o doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, a Guerra do Paraguai e a educação física no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.337-353, abr.-jun. 2011.

SILVA, Giovanna Camila. *A partir da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SOARES, Carmen. *As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

_____. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001a, pp. 109-129.

_____. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara & RUBIO, Katia (Orgs.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001b, pp. 53-74.

_____. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

_____. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas/SP: Autores Associados, 1994.

SOBRINHO, J. F. V. *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*. s/d., p. 398.

_____. *Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro*. v. 1. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Irmãos Pongetti, 1937, p. 594 e 595.

SOUSA, Eustáquia Salvadora; VAGO, Tarcísio Mauro. Última década dos oitocentos, primeira década da *Gymnastica* na formação do professorado mineiro. In: FONSECA,

Thais Nivia; VEIGA, Cynthia Greive. *História e historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 253-284, 2008.

SOUSA, Eustáquia S. *Meninos à Marcha, Meninas à Sombra: a história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de Campinas (Unicamp), Campinas/SP, 1994.

SOUZA, Fabiana Fátima Dias de. *O professor da moda: Arthur Higgins e a Educação Física no Brasil (1885-1934)* Dissertação (Mestrado em Educação Física), 136 f., Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

SOUZA, Gilda M. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Roberto Acízelo. *O Império da Eloquência*. Rio de Janeiro: Uerj, 1999.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. *Caderno CEDES*, 1ª ed. 2000, n. 51, p. 9-28.

_____. Cultura escolar e currículo: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares. In: XAVIER, Libânia N. et. al. (Orgs.). *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. A formação do cidadão moderno: a seleção cultural para a escola primária nos manuais de Pedagogia (Brasil e Portugal, 1870-1920). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas-SP, v. 13, n. 3 (33), p. 257-283, set./dez. 2013.

SPENCER, H. *Ensayos sobre Pedagogía*. Madrid: Akal, 1983.

SVENSKT BIOGRAFISKT LEXICON, vol. 21 (1975-1977), p. 684.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A. Educação da vontade e renovação pedagógica nos contextos espanhol e brasileiro, nas décadas iniciais do séc. XX. In: Congresso Ibero Americano de Historia de la Educación Latinoamericana. *Sujetos, poder y disputas por la educación*. Toluca: El Colegio Mexiquense, p. 5589-5603, 2014.

_____. Como é possível educar sentidos e sensibilidades? In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (Org.). *Sentidos e sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Ed. UFPR, p. 7-19, 2012.

_____. *A educação dos sentidos na história: o tempo livre como possibilidade de formação (entre os anos finais do séc. XIX e os anos iniciais do séc. XX)*. UFMG (Projeto de Pesquisa), 2011a.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A. Rocha Pombo: a “invenção” de uma cultura americana no livro didático. In: LEITE, Juçara; ALVES, Claudia (Org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura e políticas*. Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil; 10. Vitória: EDUFES, p. 273-300, 2011b.

_____. Renovação historiográfica na educação física brasileira. In: SOARES, Carmen (Org.). *Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007a, p. 117-138.

_____. Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária nos anos finais do século XIX. In: BENCOSTTA, Marcus Levy A. (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007b, p. 265-300.

_____. (Org.). *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. Escolarização e educação do corpo: história do currículo da instrução pública primária no Paraná (1882-1926). In: Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2005.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio; HERRERA BELTRÁN, Claudia Ximena. Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas-SP, v. 13, n. 2 (32), p. 15-43, maio/ago. 2013.

TODD, Jan. From Milo to Milo: a history of barbells, dumbbells, and Indian clubs. *Iron Game History*, v. 3, n. 6, 1995, pp. 4-16.

_____. The Strength Builders: A History of Barbells, Dumbbells and Indian Clubs. *International Journal of the History of Sport*, v. 20, n. 1, 2003, pp. 65-90.

TORRES, César. La educación física en Estados Unidos (1865-1945). In: SCHRAGRODSKY, Pablo (Comp.). *La invención del “homo gymnasticus”*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento en occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, p. 253-277, 2011.

UNICAMP. Biblioteca Central. Serviço de informação sobre livro didático. *O que sabemos sobre livro didático*. Catálogo analítico. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

VAGO, Tarcísio Mauro. A Educação Física na Cultura Escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa. In: BRACHT, Valter; CRISORIO, Ricardo (Orgs.). *A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidades, desafios e perspectivas*. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003. p. 197-221.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar e cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. Início e fim do século XX: maneiras de fazer Educação Física na escola. In: *Cadernos CEDES*, ano XIX, n. 48, p. 30-51, 1999.

VALENTE, Wagner R.. A disciplina Matemática: etapas históricas de um saber escolar no Brasil. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A.; RANZI, Serlei Maria Fischer. *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, p. 217-254, 2003.

_____. A matemática do ensino mútuo no Brasil. In: BASTOS, Maria Helena C.; FARIA FILHO, Luciano M. (Orgs.). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999, pp. 271-280.

VEIGA, Cynthia G. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VEIGA, Cynthia G.; GOUVEA, Maria Cristina S. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 135-160, jan/jun. 2000.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (Org.). *O Brasil republicano*, v. 1. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 351-386, 2014.

VICTOR, Nestor. *A Terra do Futuro* (Impressões do Paraná). Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1913.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *Grupos escolares. Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas Escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: identidade, engajamento político e crenças dos intelectuais vinculados ao campo educacional no Brasil. In: LEITE, Juçara; ALVES, Claudia (Org.). *Intelectuais e História da Educação no Brasil: poder, cultura*

e políticas. Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil; 10. Vitória: EDUFES, p. 25-54, 2011.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio (Org.). *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 11-40.

VIGARELLO, George. *Corregir El cuerpo: historia de un poder pedagógico*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

VIÑAO, Antonio. A história das disciplinas escolares. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 18, set./dez. 2008, pp. 173-215.

_____. Higiene, salud y educación en su perspectiva histórica. *AREAS. Revista de Ciencias Sociales*, n. 20, 2000, p. 9-18.

_____. *Espacio y tiempo, educación e historia*. Morelia: IMCED, 1996.

_____. Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. *Revista Interuniversitaria Historia de la Educación*. N. 12-13. Universidad de Salamanca, p. 17-74, 1993-94.

VIÑAO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VIÑAO, Antonio; MORENO, Pedro Luis. Introducción. Higienismo y Educación (ss. XVIII-XX). *AREAS. Revista de Ciencias Sociales*, n. 20, 2000, p. 7.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *The long revolution*. 4ª ed. London: Penguin Books, 1975.

ANEXO I – LIVROS SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA E GINÁSTICA. PRIMEIRO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO – SÉCULO XIX E ANOS INICIAIS DO SÉCULO XX.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. *Gymnastica*. 1882.

BARAGIOLA, Manoel. *Gymnastica nas aulas*. Manual theorico-pratico dedicado ao professorado para o ensino elementar de exercicios militares e gymnasticos. São Paulo: J. B. Endrizzi & Comp., 1895.

BORGES, Pedro Manoel. *Manual theorico-pratico de gymnastica escolar: elementar e superior*. 1888.

BOIGEY, Maurice. *Manuel scientifique d'éducation physique*. Paris: Payot, 1923.

CALDAS, M.; CARVALHO, E. de. *Manual de Gymnastica Escolar*. 1896.

COELHO, Luiz Furtado. *A gymnastica sueca*. Porto: Magalhães & Moniz, 1907.

DOCX, Major. *La gymnastica rationnelle: appliquée au developpement*. 1884.

FABIANO, Victorino. *Manual de Gymnastica para os estabelecimentos de ensino secundário*. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1924.

FERREIRA, Antonio Martiniao. *Compendio Pratico de Gymnastica*. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897.

HIGGINS, Arthur. *Compendio de gymnastica e jogos escolares*. Capital Federal : Typ.do Jornal do Commercio , 1896.

HIGGINS, Arthur. *Manual de gymnastica higienica*. 1902.

HIGGINS, Arthur. *Compendio de Gymnastica Escolar: methodo sueco-belga*. 2. ed., 1909.

HIGGINS, Arthur. *Compendio de gymnastica escolar, methodo sueco, belga, brasileiro*. *Gymnastica systematies livre e symnastica recreativa ou jogos gymnasticos*. Rio de Janeiro, 238p. ilustr., 1934.

KUMLIEN, G. C. *Tratado pratico de gymnastica sueca*. Lisboa. Emp. Lusitana, 1930.

LABBÉ, Marcel; COTEAU, D'Bellin du. *Traite d'education physique*. Paris: Borsoi, 1930.

LEITE, João Barbosa. *Manual de instrução physica*. Rio de Janeiro: Imp. Militar, 1926.

MÜLLER, J. P. *O meu sistema: Gimnastica Dinamarqueza: um quarto de hora de exercicio por dia*. 7ªed. Paris; Lisboa: Aillaud & Bertrand, São Paulo; Belo Horizonte: Livraria F. Alves, 1908.

MÜLLER, C. *Educação physica*. São Paulo, A.C. Martin, 1929.

NASCIMENTO, Domingos. *Homem Forte – gymnastica domestica – natação – esgrima – tiro ao alvo*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1905.

PAZ, Eugène. *La Gymnastique Raisonnée*. Paris: Librairie L. Hachette, 1880.

PICHERY, J. L. *Gymnastique des ecoles adoptée par le Conseil Minicipal de La Ville de Paris. Système de L'opposant*. Paris: Rongier & C., 1890.

REIS, Alvaro Borges dos. *Educação physica*. Bahia: Litho-typ. Reis, 1904.

SARMENTO, Casimiro J. *Opusculo sobre a educação physica de meninos*. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1858.

SCHREBER, Daniel Gottlieb Moritz. *Gymnastica doméstica, médica e higiênica* ou representação e descrição de movimentos gymnasticos que não exigem aparelho algum nem auxílio estranho e podem ser executados em qualquer ocasião e lugar para uso dos dois sexos e para todas as idades acompanhada com aplicações a diferentes afecções. Lisboa: Candido Magalhães, s/d.

SCHREBER, Daniel Gottlieb Moritz. *Gymnastica de quarto: higienica e therapeutica*. Rio de Janeiro: Typografia da Gazeta de Noticias, 1887.

SIMÕES, Augusto Filippe. *Educação Physica*. 2.ed. 1874.

TONINO, Giovanni. *La ginnastica e Ipazzi – brevi considerazioni*. Torino: Tipografia Nazionale di C. Marietti e Comp., 1871.

TORRES, Ambrosio Manoel. *Educação física e jogos: teoria e prática*. [s.d.]

WORVAD, Léon. *Gymnastica Brasileira: de accordo com os preceitos medico-pedagogicos e seguida duma collecção de jogos e brinquedos gymnasticos*. São Paulo, 1919.

ANEXO II – ÍNDICES DOS LIVROS SELECIONADOS⁶³²

BARAGIOLA, Manoel. *Gymnastica nas aulas*. Manual theorico-pratico. São Paulo: J. B. Endrizzi & Comp., 1895.

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	3
PARTE TEÓRICA	
1. A ginástica escolar ou educativa.....	5
2. Fim da ginástica racional.....	9
3. Ginástica entre os bancos das aulas.....	11
4. Ginástica para meninas.....	12
5. O canto aplicado à ginástica.....	16
6. Regras a observar-se numa lição de ginástica racional.....	17
PARTE PRÁTICA	
Exercícios elementares sem aparelho.....	19
1. Exercícios militares.....	21
Exercícios preliminares.....	22
Das voltas.....	25
Marchas.....	27
2. Marchas na aula.....	33
3. Formação de cadeias.....	37
4. Tomar distancias.....	39
5. Posições ginásticas fundamentais.....	41
6. Ginástica pulmonar.....	45
7. Movimentos da cabeça.....	46
8. Movimentos do tronco.....	49
8. Movimentos dos ombros.....	52
9. Movimentos das extremidades superiores.....	54
9. Movimentos dos ante-braços.....	61
9. Movimentos das mãos e dos braços.....	62
10. Movimentos das extremidades inferiores.....	64
10. Movimentos dos pés.....	72
11. Passos rítmicos preparatórios para a dança.....	74
12. Movimentos da ginástica aplicada.....	76
13. Combinação de exercícios elementares.....	80

⁶³² O “Compendio Pratico de Gymnastica”, de Antonio Martiniano Ferreira, não apresenta índice.

esquerda.....	19
6º Exercício – Flexões e distensões do pescoço, inclinando alternativamente a cabeça para a direita e para a esquerda.....	19
7º Exercício – Rotação do pescoço, virando a cabeça para a direita.....	20
8º Exercício – Rotação do pescoço, virando a cabeça para a esquerda.....	20
9º Exercício – Rotação do pescoço, virando alternativamente a cabeça para a direita e para a esquerda.....	21

Terceira série

Exercícios para tornar os membros superiores flexíveis

1º Exercício – Flexões e distensões dos dedos, fechando e abrindo mão direita	23
2º Exercício – Flexões e distensões dos dedos, fechando e abrindo a mão esquerda.....	23
3º Exercício – Flexões e distensões dos dedos, fechando e abrindo as mãos simultaneamente.....	24
4º Exercício – Flexões e distensões do punho direito para frente e para a retaguarda.....	24
5º Exercício – Flexões e distensões do punho esquerdo para frente e para a retaguarda.....	24
6º Exercício – Flexões e distensões simultâneas dos punhos para frente e para a retaguarda.....	25
7º Exercício – Flexões e distensões laterais do punho direito.....	25
8º Exercício – Flexões e distensões laterais do punho esquerdo.....	26
9º Exercício – Flexões e distensões laterais dos dois punhos.....	26
10º Exercício – Flexões e distensões do ante-braço direito.....	26
11º Exercício – Flexões e distensões do ante-braço esquerdo.....	27
12º Exercício – Flexões e distensões simultâneas dos ante-braços.....	27
13º Exercício – Flexões e distensões simultâneas dos ombros, elevando-os e abaixando-os.....	27
14º Exercício – Flexões e distensões horizontais do braço direito para frente...	28
15º Exercício – Flexões e distensões horizontais do braço esquerdo para frente.....	29
16º Exercício – Flexões e distensões horizontais dos dois braços para frente....	29
17º Exercício – Flexões e distensões laterais do braço direito.....	29
18º Exercício – Flexões e distensões laterais do braço esquerdo.....	30
19º Exercício – Flexões e distensões laterais dos dois braços.....	30
20º Exercício – Movimento horizontal do braço direito para frente sem flexão	31
21º Exercício – Movimento horizontal do braço esquerdo para frente sem flexão.....	31
22º Exercício – Movimento horizontal dos dois braços para frente sem flexão	31
23º Exercício – Movimento lateral do braço direito sem flexão.....	31
24º Exercício – Movimento lateral do braço esquerdo sem flexão.....	32
25º Exercício – Movimento lateral dos dois braços sem flexão.....	32
26º Exercício – Movimento vertical do braço direito sem flexão.....	32
27º Exercício – Movimento vertical do braço esquerdo sem flexão.....	33
28º Exercício – Movimento vertical dos dois braços sem flexão.....	33
29º Exercício – Movimento do braço direito para frente, para o lado e para	

cima, sem flexão.....	33
30º Exercício – Movimento do braço esquerdo para frente, para o lado e para cima, sem flexão.....	34
31º Exercício – Movimento dos dois braços para frente, para o lado e para cima, sem flexão.....	34
32º Exercício – Circundação do braço direito da frente para retaguarda.....	35
33º Exercício – Circundação do braço esquerdo da frente para retaguarda.....	35
34º Exercício – Circundação do braço direito da retaguarda para frente.....	36
35º Exercício – Circundação do braço esquerdo da retaguarda para frente.....	36

Quarta série

Exercícios para tornar os membros inferiores flexíveis

1ª Seção

1º Exercício – Flexões e distensões do pé direito.....	37
2º Exercício – Flexões e distensões do pé esquerdo.....	37
3º Exercício – Flexão da perna direita sobre a coxa.....	38
4º Exercício – Flexão da perna esquerda sobre a coxa.....	38
5º Exercício – Movimento da perna direita com flexão da coxa.....	38
6º Exercício – Movimento da perna esquerda com flexão da coxa.....	39
7º Exercício – Movimento da perna direita para frente sem flexão.....	39
8º Exercício – Movimento da perna esquerda para frente sem flexão.....	39
9º Exercício – Movimento da perna direita para a retaguarda sem flexão.....	40
10º Exercício – Movimento da perna esquerda para a retaguarda sem flexão....	40

2ª Seção

11º Exercício – Movimentos dos pés, unindo e separando as pontas, calcanhares unidos.....	40
12º Exercício – Flexões e distensões do pé direito.....	41
13º Exercício – Flexões e distensões do pé esquerdo.....	41
14º Exercício – Movimento dos pés abrindo as pernas.....	41
15º Exercício – Flexões e distensões simultâneas dos joelhos.....	42
16º Exercício – Flexões e distensões do joelho direito, e do joelho e da coxa do lado esquerdo.....	42
17º Exercício – Flexões e distensões do joelho esquerdo, e do joelho e da coxa do lado direito.....	42
18º Flexões e distensões alternativas dos joelhos e das coxas.....	43
19º Flexões e distensões das articulações dos pés, elevando e abaixando o corpo.....	43

Quinta série

Exercícios para tornar flexível o tronco

1º Exercício – Flexões do tronco para frente.....	45
2º Exercício – Flexões do tronco para a retaguarda.....	45
3º Exercício – Flexões do tronco para frente e para retaguarda.....	46
4º Exercício – Flexões laterais do tronco (só para a direita).....	46
5º Exercício – Flexões laterais do tronco (para a esquerda somente).....	47
6º Exercício – Flexões laterais do tronco.....	47
7º Exercício – Rotação do tronco para a direita.....	47

8º Exercício – Rotação do tronco para a esquerda.....	48
9º Exercício – Rotação do tronco para a direita e para a esquerda.....	48

Sexta série

Marchas

Definição.....	49
Mecanismo da marcha.....	49
Efeitos fisiológicos da marcha.....	50
Ritmos que determinam a velocidade da marcha.....	50

Exercícios preparatórios para marcha

1º Exercício – Simulacro do passo no ritmo grave.....	50
2º Exercício – Simulacro do passo no ritmo ordinário.....	51
3º Exercício – Simulacro do passo no ritmo acelerado.....	52
4º Exercício – Formatura a dois de fundo.....	52
5º Exercício – Formatura a quatro de fundo.....	53

Marchas em linha de frente avançando ou recuando

1º Exercício – Marcha no ritmo grave.....	54
2º Exercício – Marcha no ritmo ordinário.....	55
3º Exercício – Marcha no ritmo ordinário com palmas de dois em dois passos, de três em três e de quatro em quatro.....	55
4º Exercício – Rodas sucessivas de uma fileira.....	56
5º Exercício – Marcha no ritmo acelerado.....	56
6º Exercício – Marchas para a retaguarda.....	57

Linhas de flanco (ou coluna)

Formatura a dois.....	57
Formatura a quatro.....	58

Marchas em coluna

1º Exercício – Marcha em linha de flanco e mudança de direção da fila.....	58
2º Exercício – Marcha e contramarcha de uma fila.....	59
3º Exercício – Marcha e contramarcha de duas filas.....	59
4º Exercício – Marcha de duas filas e contramarcha pelos lados e pelo centro..	60
5º Exercício – Marcha de quatro filas e contramarcha pelos lados e pelo centro.....	60

SEGUNDA PARTE

TEORIA

NOÇÕES ELEMENTARES DE ANATOMIA

Definição de anatomia.....	63
Divisão da anatomia.....	63
Diversas denominações especiais da anatomia.....	63
Anatomia animal.....	63
Antropotomia.....	63
Divisão da antropotomia.....	64
Diversas denominações da anatomia humana descritiva.....	64
Estrutura do corpo.....	64
Peso do corpo.....	65

Pesos extraordinários (gordos e magros)	66
Estatura humana	67
Tamanhos fora do comum (gigantes e anões).....	67
Relação entre a duração da vida e a do crescimento.....	68
Aparelhos e funções.....	69
Divisão e subdivisão das funções.....	69
Órgãos do movimento	69
Esqueleto.....	69

OSTEOLOGIA

Divisão do corpo humano.....	70
Beleza plástica.....	70
Análise dos ossos da cabeça	70
Análise dos ossos do tronco.....	71
Análise dos ossos dos membros ou extremidades, superiores e inferiores.....	73

ARTROLOGIA

Definição de articulação	77
Divisão das articulações.....	77
Sinartroses.....	77
Anfiartroses.....	78
Diaartroses.....	78
Cartilagens articulares, ligamentos e sinoviais.....	78
Movimentos articulares.....	79

PRÁTICA

EXERCÍCIOS DE CORPO LIVRE PARA ALUNOS DE MAIS 10 ANOS

Primeira série

Movimentos da cabeça

1º Exercício – Flexões e distensões do pescoço, curvando a cabeça alternativamente para frente e para a retaguarda, em quatro tempos.....	83
2º Exercício – O mesmo em dois tempos	84
3º Exercício – Flexões e distensões do pescoço, inclinando a cabeça, alternativamente para a direita e para a esquerda, em quatro tempos.....	84
4º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	84
5º Exercício – Rotação do pescoço, virando a cabeça alternativamente para a direita e para a esquerda, em quatro tempos.....	85
6º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	85
7º Exercício – Circundução da cabeça.....	86

Segunda série

Movimento dos membros superiores

1º Exercício – Flexões e distensões simultâneas dos ombros com os braços para trás.....	87
2º Exercício – Movimentos alternativos dos braços, sem flexão, elevando-os lateralmente à posição vertical, em quatro tempos.....	87
3º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	88
4º Exercício – Movimentos horizontais dos braços sem flexão e exercícios de	

pronação e de supinação.....	88
5º Exercício – Movimentos alternativos dos braços, pela frente do corpo, sem flexão, em quatro tempos.....	89
6º Exercício – Movimentos simultâneos dos braços, pela frente do corpo, sem flexão, em dois tempos.....	89
7º Exercício – O mesmo alternativamente em seis tempos.....	90
8º Exercício – O mesmo simultaneamente em três tempos.....	90
9º Exercício – Movimentos alternativos dos braços, atirando-os para frente e para a retaguarda sem flexão.....	91
10º Exercício – O mesmo simultaneamente	91
11º Exercício – Movimentos simultâneos dos braços, atirando-os em oposição para frente e para a retaguarda.....	91
12º Exercício – Flexões e distensões simultâneas dos braços, juntando as mãos por trás do corpo.....	92
13º Exercício – Movimentos simultâneos dos braços sem flexão, batendo palmas pela frente e pela retaguarda do corpo.....	92
14º Exercício – Movimentos simultâneos dos braços, atirando-os para a direita e para a esquerda, pela frente do corpo, sem flexão.....	93

Terceira série

Movimentos dos membros inferiores

1ª Seção

1º Exercício – Movimento da perna direita para frente e para a retaguarda, sem flexão.....	95
2º Exercício – Movimento da perna esquerda para frente e para a retaguarda, sem flexão.....	95
3º Exercício – Movimentos alternativos das pernas para frente e para a retaguarda, sem flexão.....	96
4º Exercício – Movimentos da perna direita para o lado direito sem flexão.....	96
5º Exercício – Movimentos da perna esquerda para o lado esquerdo.....	96
6º Exercício – Movimentos laterais das pernas, a direita para a direita e a esquerda para a esquerda.....	97
7º Exercício – Movimentos da perna direita para o lado esquerdo, pela frente da outra perna, sem flexão.....	97
8º Exercício – Movimentos da perna esquerda para o lado direito, pela frente da outra perna, sem flexão.....	98
9º Exercício – Movimentos laterais das pernas, a direita para a esquerda e a esquerda para a direita, pela frente de cada perna, sem flexão.....	98
10º Exercício – Movimentos da perna direita para o lado esquerdo, depois para o direito, pela frente da outra perna, sem flexão.....	98
11º Exercício – Movimentos da perna esquerda para o lado direito, depois para o esquerdo, pela frente da outra perna, sem flexão.....	99
12º Exercício – Movimentos laterais das pernas, a direita para a esquerda, depois para a direita e a esquerda para a direita, depois para a esquerda, pela frente de cada perna, sem flexão.....	99
13º Exercício – Movimentos da perna direita para o lado esquerdo, por trás da	

outra perna, sem flexão.....	99
14º Exercício – Movimentos da perna esquerda para o lado direito, por trás da outra perna, sem flexão.....	99
15º Exercício – Movimentos laterais das pernas, a direita para a esquerda e vice-versa, por trás de cada perna, sem flexão.....	100
16º Exercício – Movimento da perna direita para o lado esquerdo, depois para o direito, por trás da outra perna, sem flexão.....	100
17º Exercício – Movimento da perna esquerda para o lado direito, depois para o esquerdo, por trás da outra perna, sem flexão.....	100
18º Exercício – Movimentos laterais das pernas, a direita para a esquerda, depois para a direita, e a esquerda para a direita, depois para a esquerda, por trás de cada perna, sem flexão.....	100

2ª Seção

19º Exercício – Flexões laterais das extremidades inferiores simultaneamente	101
20º Exercício – Flexões das extremidades inferiores para frente simultaneamente.....	101

Quarta série

Movimentos do tronco

1º Exercício – Flexões do tronco para a frente e para a retaguarda, em quatro tempos.....	103
2º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	103
3º Exercício – Flexões laterais do tronco, em quatro tempos.....	104
4º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	104
5º Exercício – Rotações do tronco com os pés juntos, em quatro tempos.....	104
6º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	105
7º Exercício – Rotações do tronco com os pés separados, em quatro tempos...	105
8º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	106

Quinta série

Combinação simultânea de movimentos dos membros superiores com os inferiores e de uns e outros com o tronco

1º Exercício – Flexões do ante-braço sobre o braço e da perna sobre a coxa.....	107
2º Exercício – Movimento das extremidades direitas ou esquerdas para frente sem flexão.....	107
3º Exercício – Movimentos do braço para frente e da perna para a retaguarda, sem flexão.....	108
4º Exercício– Movimentos do braço para a retaguarda e da perna para frente, sem flexão.....	108
5º Exercício – Movimento das extremidades direitas ou esquerdas para um mesmo lado sem flexões.....	109
6º Exercício – Flexões das extremidades inferiores e movimento vertical das superiores.....	109
7º Exercício – Flexões das extremidades inferiores e movimento horizontal das superiores para os lados.....	110
8º Exercício – Flexões das extremidades inferiores e movimento horizontal das superiores para frente.....	110

9º Exercício – Lançar as extremidades direitas para frente simultaneamente....	111
10º Exercício – Lançar as extremidades esquerdas para frente simultaneamente.....	112
11º Exercício – Flexões e distensões do tronco com os pés juntos ou separados e movimento dos braços sem flexão, as mãos para o solo.....	112
12º Exercício – Flexões do tronco e movimento dos braços com flexão de um e distensão de outro.....	113
13º Exercício – Grandes flexões do tronco com as pernas separadas e movimento dos braços sem flexão.....	113
14º Exercício – Grandes flexões do tronco, avançando a perna direita, e movimento dos braços sem flexão.....	114
15º Exercício – O mesmo avançando a perna esquerda.....	115

Sexta série

Exercícios entre dois alunos

1º Exercício – Sarilho.....	117
2º Exercício – Luta pelas falanges.....	117
3º Exercício – Luta pelo cruzamento dos dedos.....	119

Sétima série

Exercícios para habituar o corpo para conservar-se em equilíbrio sobre um pé

1º Exercício – Equilíbrio sobre o pé esquerdo (ou direito) com flexão da perna direita (ou esquerda) para a retaguarda.....	121
2º Exercício – O mesmo sobre a ponta do pé.....	121
3º Exercício – Equilíbrio sobre o pé esquerdo (ou direito) com flexão da perna direita (ou esquerda) para frente.....	122
4º Exercício – O mesmo sendo a perna sustentada por uma das mãos.....	122
5º Exercício – Equilíbrio sobre um dos pés, inclinando o corpo para frente	123
6º Exercício – Equilíbrio sobre um dos pés, inclinando o corpo para a retaguarda.....	123
7º Exercício – Equilíbrio sobre o pé esquerdo (ou direito), curvando o corpo para a esquerda (ou direita)	124
8º Exercício – Equilíbrio sobre o pé esquerdo (ou direito), elevando a perna direita (ou esquerda) até que a ponta do pé chegue à boca.....	124
9º Exercício – Equilíbrio sobre o pé esquerdo (ou direito) com flexão da extremidade esquerda (ou direita)	124

Oitava série

Marchas

1º Exercício – Formar em uma fileira e passar a duas ou mais, mudando de direção.....	127
2º Exercício – Meia volta, marchando.....	127
3º Exercício – Marcha oblíqua.....	128
4º Exercício – Marcha em linha de flanco. Formar a quatro. Mudar de direção com as filas em conversão.....	129
5º Exercício – Marcha em linha de flanco. Contramarcha alternativa de um à direita, outro à esquerda, e pelo centro aos pares.....	129
6º Exercício – Marcha em linha de flanco. Contramarcha de dois à direita e	

dois à esquerda, e em filas de quatro pelo centro.....	130
7º Exercício – Da contramarcha ordinária passar a marcha circular.....	131
8º Exercício – Formatura em círculo. Abrir distância (dupla). Contramarcha sinuosa.....	131
9º Exercício – Da marcha em linha circular passar à marcha em linha espiral..	132

Nona série

Corridas

Vantagens da corrida.....	133
Corredores célebres.....	133
Regras para bem correr.....	134
Efeitos fisiológicos da corrida.....	134

Exercícios

1º Exercício – Corrida cadenciada.....	135
2º Exercício – Correr perpendicularmente sobre a frente, aumentando gradualmente de velocidade, e diminuindo semelhantemente até parar.....	136
3º Exercício – Corrida em espiral.....	136
4º Exercício – Corrida sinuosa.....	136
5º Exercício – Corrida nas cadeias ginásticas.....	137
6º Exercício – Corrida de aposta.....	138

Décima série

Saltos

Utilidade do salto.....	139
Regras para bem saltar.....	139
Extensão do salto.....	140

Exercícios

1º Exercício – Saltos para frente a pés juntos.....	141
2º Exercício – Saltos laterais.....	142
3º Exercício – Saltos contínuos a pés juntos.....	143

Saltos em profundidade

1º Exercício – Salto para frente.....	143
2º Exercício – Salto para retaguarda.....	144
3º Exercício – Salto em profundidade e largura.....	146

Saltos em altura

1º Exercício – Salto para frente.....	146
2º Exercício – Salto para a retaguarda.....	146

Saltos precedidos de carreira

1º Exercício – Salto em largura para frente.....	146
2º Exercício – Salto em largura e profundidade.....	147
3º Exercício – Salto em largura e altura.....	147
4º Exercício – Salto em largura, altura e profundidade.....	147

Saltos com auxílio de vara

Posições preparatórias.....	148
1º Exercício – Salto em largura.....	148
2º Exercício – Salto em profundidade	149

3º Exercício – Salto em profundidade e largura.....	150
4º Exercício – Salto em altura.....	150
5º Exercício – Salto em altura e profundidade.....	150
6º Exercício – Salto em largura, altura e profundidade.....	151

Undécima série

Exercícios com vara ou barra co extremos esféricos

Descrição das barras.....	153
1º Exercício – Posição da barra em descanso.....	153
2º Exercício – Posição vertical.....	153
3º Exercício – Posição horizontal.....	154
4º Exercício – Elevar a barra e lançá-la horizontalmente para frente.....	154
5º Exercício – Elevar a barra e lançá-la horizontalmente à direita.....	155
6º Exercício – Elevar a barra e lançá-la horizontalmente à esquerda.....	155
7º Exercício – Elevar a barra e lançá-la horizontalmente à direita e à esquerda	155
8º Exercício – Atirar a barra horizontalmente para a direita e para a esquerda..	155
9º Exercício – Elevar a barra horizontalmente para frente, acima da cabeça.....	156
10º Exercício – Levar a barra à retaguarda do corpo, em quatro tempos.....	156
11º Exercício – O mesmo em dois tempos.....	157
12º Exercício – Passar a barra por cima da cabeça, de frente à retaguarda e vice-versa.....	157
13º Exercício – Elevar a barra horizontalmente para frente e passá-la à posição perpendicular.....	157
14º Exercício – Elevar a barra e lançá-la horizontalmente para frente, avançando uma das pernas.....	158
15º Exercício – Passagem alternativa das pernas para frente e para a retaguarda da barra.....	158
16º Exercício – Flexão do corpo para frente sobre a coxa esquerda (ou direita) e movimento vertical do braço direito (ou esquerdo), elevando a barra.....	159
17º Exercício – Abaixar a barra até o solo, flexionando as extremidades inferiores, e elevá-la acima da cabeça.....	160
18º Exercício – Dirigir a barra verticalmente para a direita e para a esquerda, curvando o corpo; os pés afastados.....	160
19º Exercício – Rotações do corpo para a direita e para a esquerda com a barra acima da cabeça.....	161

Exercícios executados por dois alunos e com duas barras

1º Exercício – Posição preparatória.....	
2º Exercício – semicírculos alternativos à direita e à esquerda.....	
3º Exercício – semicírculos simultâneos à direita e à esquerda.....	
4º Exercício – semicírculos simultâneos, flexionando as extremidades inferiores.....	
5º Exercício – semicírculos alternativos, voltando ora para um, ora para outro lado.....	
6º Exercício – Sarilho.....	
7º Exercício – Movimento alternativo e contínuo das barras para frente e para retaguarda.....	

Duodécima série

Exercícios com halteres

Descrição dos halteres.....	167
1º Exercício – Elevar os halteres, alternada e lateralmente, à altura dos ombros com os braços estendidos, em quatro tempos.....	167
2º Exercício – O mesmo simultaneamente, em dois tempos.....	167
3º Exercício – Movimentos de pronação e de supinação com os halteres na posição antecedente.....	168
4º Exercício – Elevar os halteres para frente, alternativamente, com os braços estendidos, em quatro tempos.....	168
5º Exercício – O mesmo simultaneamente, em dois tempos.....	168
6º Exercício – Movimentos de pronação e de supinação com os halteres na posição antecedente.....	168
7º Exercício – Elevar os halteres aos ombros, alternativamente, flexionando os ante-braços, e tornar a primeira posição, em quatro tempos.....	168
8º Exercício – O mesmo simultaneamente, em dois tempos.....	168
9º Exercício – Elevar os halteres aos ombros alternativamente e estender os braços para os lados, em oito tempos.....	168
10º Exercício – O mesmo simultaneamente em quatro tempos.....	168
11º Exercício – Elevar os halteres aos ombros e estender alternativamente os braços para frente, em oito tempos.....	168
12º Exercício – O mesmo simultaneamente em quatro tempos.....	168
13º Exercício – Elevar alternativamente os halteres aos ombros em posição vertical, depois acima da cabeça; trazê-los aos ombros e tornar a primeira posição, em oito tempos.....	169
14º Exercício – O mesmo simultaneamente, em quatro tempos.....	169
15º Exercício – Elevar os halteres a frente, aos lados e acima da cabeça, alternativamente, em oito tempos.....	169
16º Exercício – O mesmo simultaneamente, em quatro tempos.....	169
17º Exercício – Elevar alternativamente os halteres aos sovacos e tornar a primeira posição, em quatro tempos.....	169
18º Exercício – O mesmo simultaneamente, em dois tempos.....	169
19º Exercício – Tocar o solo com os halteres, dobrando o corpo para a frente..	169
20º Exercício – Tocar o solo com os halteres, inclinando o corpo para a direita.....	169
21º Exercício – Tocar o solo com os halteres, inclinando o corpo para a esquerda.....	169
22º Exercício – Elevar os halteres acima da cabeça, depois tocar com eles no solo, dobrando o corpo para frente e avançando o pé direito.....	169
23º Exercício – O mesmo avançado o pé esquerdo.....	170
24º Exercício – Elevar os halteres para os lados, avançando a perna direita; e abaixá-lo recuando a perna, em quatro tempos.....	170
25º Exercício – O mesmo avançando e recuando a perna esquerda.....	170
26º Exercício – Levar os halteres à altura dos ombros, atirá-los para frente alternativamente, avançando uma das pernas, depois trazê-los aos ombros,	

recuando a perna, e tornar à primitiva posição..... 170

Décima terceira série

Exercícios de equilíbrio na viga horizontal

1º Exercício – Posição para conservar o corpo em equilíbrio, apoiando-se sobre os dois pés.....	171
2º Exercício – Coservar-se em equilíbrio sobre uma perna, curvando a outra para retaguarda.....	172
3º Exercício – Equilibrar-se sobre uma perna, curvando a outra para frente.....	172
4º Exercício – Equilibrar-se sobre uma perna, inclinando o corpo para frente...	172
5º Exercício – Equilibrar-se sobre uma perna, curvando e estendendo o joelho	172
6º Exercício – Saltar a viga com o ventre contra ela; braços e pernas estendidos.....	173
7º Exercício – Saltar a viga, sentando-se nela.....	173
8º Exercício – Saltar a viga, ficando a cavalo sobre ela.....	173
9º Exercício – Subir a viga e caminhar para frente e para a retaguarda.....	174
10º Exercício – Subir a viga e caminhar de lado.....	174
11º Exercício – Subir a viga com o vento contra ela e caminhar de lado.....	174
12º Exercício – Sentar-se na viga e caminhar de lado.....	175
13º Exercício – Montar na viga e caminhar para frente.....	175
14º Exercício – Montar na viga e caminhar para a retaguarda.....	176
15º Exercício – Subir a viga e virar a frente para onde estava as costas.....	176
16º Exercício – Subir a viga e caminhar para frente, parar, colocar-se a cavalo e pôr-se outra vez em pé.....	177

Décima quarta série

Exercícios nas barras horizontais paralelas

Descrição do aparelho.....	179
1º Exercício – Suspensão do corpo, apoiando-se sobre as mãos.....	180
2º Exercício – Suspender-se e dobrar as pernas para a retaguarda, alternada e simultaneamente.....	180
3º Exercício – Idem dobrando as pernas para frente.....	180
4º Exercício – Suspender-se e dobrar as pernas para a retaguarda e para frente	180
5º Exercício – Suspender-se e voltar para a retaguarda, colocando primeiramente as duas mãos sobre a mesma barra, depois a mão que não moveu-se sobre a barra que a outra deixar.....	180
6º Exercício – Flexão progressiva dos membros superiores.....	181
7º Exercício – Balanço para frente e para a retaguarda.....	181
8º Exercício – Balançar e saltar para a retaguarda.....	182
9º Exercício – O mesmo dando meia volta.....	182
10º Exercício – Balançar e saltar para frente.....	182
11º Exercício – Balançar e transpor a barra direita (ou esquerda), saltando para frente.....	183
12º Exercício – O mesmo saltando para trás.....	183
13º Exercício – Balançar e sentar sobre o lado exterior de cada barra.....	184
14º Exercício – Balançar e sentar sobre o lado interior de cada barra.....	184
15º Exercício – Caminhar para frente (ou para retaguarda) por um movimento	

alternativo das mãos.....	184
16º Exercício – Caminhar sobre os braços em grande flexão.....	185
17º Exercício – Suspensão pelos pés e pelas mãos (sereia).....	185
18º Exercício – Apoio dos pés e das mãos.....	186

Décima quinta série

Cabos

1º Exercício – Subir e descer com o auxílio das mãos, sentando-se nas travessas.....	187
2º Exercício – Subir com uma corda de pedais ou de nós.....	187
3º Exercício – Subir em uma corda lisa com o auxílio das mãos e dos pés.....	188
4º Exercício – Subir com um pé por diante e outro por trás da corda.....	189
5º Exercício – Subir em uma corda lisa com o auxílio das mãos somente.....	190
6º Exercício – Sentar-se sobre a corda.....	191
7º Exercício – Descansar sobre um ou sobre ambos os pés.....	192

Décima sexta série

Exercícios nas escadas

1º Exercício – Subir em uma escada de cordas e descer.....	193
--	-----

Escada oblíqua

1º Exercício – Subir e descer pela frente da escada segurando nos banzos.....	193
2º Exercício – Subir e descer pela frente da escada segurando nos degraus.....	194
3º Exercício – Subir e descer pela frente da escada e com as costas para ela.....	195
4º Exercício – Subir e descer pela frente da escada, segurando alternativamente nos banzos e nos degraus.....	195
5º Exercício – O mesmo com as costas para a escada.....	195
6º Exercício – Subir pela frente da escada com auxílio dos pés somente.....	196
7º Exercício – Descer de costas com o auxílio dos pés unicamente.....	196
8º Exercício – Subir e descer por trás da escada; pés e mãos nos degraus.....	196
9º Exercício – O mesmo segurando nos banzos.....	197
10º Exercício – O mesmo segurando alternativamente nos degraus e nos banzos.....	197
11º Exercício – Subir pelos degraus, colocando as mãos, uma após outra, no mesmo degrau.....	197
12º Exercício – O mesmo colocando a mão em diferentes degraus.....	198
13º Exercício – Subir por um só banzo.....	198
14º Exercício – Subir pelos dois banzos.....	199
15º Exercício – Subir e descer segurando n'um degrau com uma das mãos e n'um banzo com a outra.....	199
16º Exercício – Subir pela frente e descer pela retaguarda.....	199
17º Exercício – Subir pela retaguarda e descer pela frente.....	200
18º Exercício – Subir pela frente e descer pela retaguarda ou vice-versa, segurando nos degraus.....	200
19º Exercício – O mesmo segurando alternativamente nos banzos e nos degraus.....	200
20º Exercício – Subir pela frente sem se servir das mãos, e descer pela retaguarda, sem servir-se dos pés.....	201

Escada horizontal	
Descrição do aparelho.....	201
1º Exercício – Progressão para frente, colocando alternativamente as mãos sobre os banzos.....	202
2º Exercício – Idem para a retaguarda.....	203
3º Exercício – Progressão para a direita por um dos banzos.....	203
4º Exercício – Idem para a esquerda.....	203
5º Exercício – Progressão para a direita, colocando alternativamente as mãos sobre cada degrau.....	203
6º Exercício – Idem para a esquerda.....	204
7º Exercício – Idem para frente.....	204
8º Exercício – Idem para a retaguarda.....	205
9º Exercício – Pôr-se em pé sobre os banzos e marchar para a frente.....	205
10º Exercício – Idem marchando para a retaguarda.....	205
11º Exercício – Colocar as mãos e os pés sobre os banzos e marchar para frente.....	205
12º Exercício – Idem marchando para a retaguarda.....	205

Décima sétima série

Exercícios nas argolas

1º Exercício – Suspensão do corpo e flexão das extremidades inferiores.....	207
2º Exercício – Flexões e distensões das extremidades superiores (três modos)	207
3º Exercício – Meia volta, desfazê-la e saltar.....	208
4º Exercício – Volta e salto.....	209
5º Exercício – Volta e vira-volta.....	209
6º Exercício – Fazer e desfazer a sereia.....	210
7º Exercício – Suspensão sobre os rins.....	210
8º Exercício – Balanços.....	211
9º Exercício – Balanço e salto para frente.....	211
10º Exercício – Balanço e salto para a retaguarda.....	211
11º Exercício – Balanço volta e salto.....	212
12º Exercício – Fazer seguidamente três deslocamentos sem deixar as argolas	212
13º Exercício – Suspensão pelas curvas das pernas.....	212
14º Exercício – Passagem das pernas.....	212

Décima oitava série

Exercícios na barra fixa

Descrição do aparelho.....	215
1º Exercício – Suspensão por ambas as mãos.....	215
2º Exercício – Suspensão por uma das mãos.....	216
3º Exercício – Suspensão pelas mãos, uma por dentro, outra por fora, sem que o corpo se volte.....	216
4º Exercício – Suspensão pelas mãos, afastando os braços o mais possível.....	216
5º Exercício – Suspensão pelas mãos, os braços cruzados e os dedos para dentro.....	216
6º Exercício – Idem com os dedos para fora.....	217

7º Exercício – Elevar a cabeça acima da barra.....	217
8º Exercício – Idem com a palma das mãos para o corpo.....	218
9º Exercício – Suspensão pelas mãos e pelos pés.....	218
10º Exercício – Suspensão pelas curvas do braço e da perna de um mesmo lado.....	218
11º Exercício – Suspensão pelas curvas de extremidades opostas.....	219
12º Exercício – Progressão lateral.....	219
13º Exercício – Progressão pelo flanco direito avançado.....	219
14º Exercício – Idem recuando.....	220
15º Exercício – Progressão por braçadas, para a direita.....	220
16º Exercício – Idem para a esquerda.....	221
17º Exercício – Ficar a cavalo na barra.....	221
18º Exercício – Subir acima da barra por uma volta do corpo, e colocar-se nela em equilíbrio sobre os punhos.....	222
19º Exercício – Subir a barra por esforço dos ante-braços.....	223
20º Exercício – Subir a barra por esforço alternativo ou simultâneo dos punhos.....	224

Décima nona série

Exercícios no trapézio

1º Exercício – Elevação do corpo com esforço dos punhos.....	227
2º Exercício – Restabelecer-se sobre a base do trapézio, apoiando-se sobre o ventre, e descer pela frente.....	228
3º Exercício – Idem descendo pela retaguarda.....	228
4º Exercício – Sentar-se sobre a base do trapézio e descer.....	229
5º Exercício – Restabelecer-se na base do trapézio, sentar-se e descer por sacudidelas.....	230
6º Exercício – Subir pelos cabos do trapézio e descer.....	231
7º Exercício – Restabelecer-se sobre a base do trapézio e conservar-se em cima, depois embaixo, n'uma posição horizontal.....	232

PROGRAMA DE GINÁSTICA

Para as escolas públicas do primeiro grau

PRIMEIRA PARTE

Para alunos de dez ou menos anos de idade

1º Ramalhete.....	237
2º Ramalhete.....	238
3º Ramalhete.....	238
4º Ramalhete.....	239
5º Ramalhete.....	240
6º Ramalhete.....	241

SEGUNDA PARTE

Para alunos de mais de dez anos

1° Ramalhete.....	241
2° Ramalhete.....	242
3° Ramalhete.....	243
4° Ramalhete.....	244
5° Ramalhete.....	245
6° Ramalhete.....	245

CALDAS, M.; CARVALHO, E. *Manual de Gymnastica Escolar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia., 1896.

ÍNDICE

Divisão do ensino.....	5
PRIMEIRA PARTE	
Ginástica sem aparelhos	
Instruções gerais.....	11
CAPÍTULO I	
Da respiração nos exercícios ginásticos.....	15
§ I. Posição regular do corpo.....	17
Alinhamentos à direita e à esquerda	18
§ II. Abrir e cerrar intervalos.....	19
§ III. Movimentos da cabeça.....	20
§ IV. Movimentos do tronco.....	23
§ V. Movimentos dos braços.....	27
§ VI. Movimentos das pernas.....	38
§ VII. Movimentos dos braços e das pernas.....	45
CAPÍTULO II	
§ I. Marchas.....	70
§ II. Corridas e passos ginásticos.....	72
CAPÍTULO III	
§ I. Saltos contínuos com um dos pés.....	81
§ II. Saltos de pé firme.....	82
§ III. Saltos contínuos com os pés juntos.....	94
§ IV. Saltos precedidos de uma corrida.....	94
Observações.....	97
CAPÍTULO IV	
Equilíbrios.....	101
CAPÍTULO V	
§ I. Movimentos elementares de natação em seco.....	110
§ II. Exercícios n'água.....	118
SEGUNDA PARTE	
Ginástica com aparelhos	
Instruções gerais.....	125

CAPÍTULO I

§ I. Halteres.....	132
§ II. Bastão.....	136
§ III. Exercícios do bastão por dois alunos.....	154
§ IV. Exercícios de maça.....	164
Observações.....	175
§ V. Saltos com vara.....	175

CAPÍTULO II

§ I. Mastros: fixos, móveis e de ganchos.....	182
§ II. Escadas de corda.....	186
§ III. Cordas de nós.....	187
§ IV. Cordas lisas: simples e duplas, horizontais e inclinadas.....	188

CAPÍTULO III

§ I. Escada de madeira: horizontal, inclinada, vertical e ortopédica.....	195
§ II. Vigas horizontais e inclinadas.....	208
§ III. Barras de suspensão.....	217
§ IV. Paralelas.....	231

CAPÍTULO IV

§ I. Argolas.....	239
§ II. Trapézios.....	243

CAPÍTULO V

Aparelho fixos de tração.....	248
§ I. Pranchas de restabelecimentos.....	248
§ II. Pranchas de entralhos.....	252

HIGGINS, Arthur. *Compendio de gymnastica e jogos escolares*. Capital Federal: Typ. do Jornal do Commercio, 1896.

ÍNDICE

Prefácio

LIVRO PRIMEIRO

Algumas noções teóricas indispensáveis aos professores

Educação.....	1
Educação Física.....	2
Ginástica: Definição. Divisão. Subdivisões.....	3
Importância da ginástica.....	5
Exercícios ginástico: Definição. Divisão. Subdivisões.....	8
Oportunidade para a prática dos exercícios.....	10
Duração das lições.....	11
Comandos: Definição. Divisão.....	12
Divisão superficial do corpo humano.....	14
Terminologia dos movimentos articulares.....	16
Observações metodológicas e higiênicas.....	18

LIVRO SEGUNDO

Ginástica Primária

PRIMEIRA PARTE

Exercícios sistemáticos livres e jogos ginásticos para o curso elementar

Ginástica Sistemática Livre

PROGRAMA DO ENSINO

Lição I	23
Lição II.....	24
Lição III.....	25
Lição IV.....	26

Descrição dos exercícios

CAPÍTULO I

PRELIMINARES

Colocação dos discípulos.....	28
Posição fundamental ou prima.....	30
Distinção das extremidades corporais.....	30
Mudanças de frente.....	31
Passos de frente.....	31
Alinhamento.....	33
Triplicar fileiras.....	34
Posição ginástica ou segunda.....	34
Posição forçada ou terça.....	35
Saudação.....	35

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS PARCIAIS

a) Movimentos da cabeça:	
Flexões frontais.....	35
Flexões retrogradadas.....	36
Rotação para a direita.....	36
Rotação para a esquerda.....	36
Flexões para a direita.....	36
Flexões para a esquerda.....	37
b) Movimentos das extremidades superiores:	
Flexões dos dedos.....	37
Abdução dos dedos.....	37
Dedilhar.....	38
Flexões diretas das mãos.....	38
Flexões laterais das mãos.....	38
Pronações.....	38
Elevações dos ombros.....	39
Flexões dos ombros.....	39
Rotações dos braços.....	39
Flexões aos quadris.....	39
Flexões frontais.....	40
Flexões retrogradadas	40
Flexões dos cotovelos.....	40
Flexões diagonais.....	40
Flexões aos ombros.....	40
Flexões sobre os ombros.....	41
Flexões horizontais.....	41
Flexões sobre a cabeça.....	41
c) Movimentos do tronco:	
Rotações para a direita.....	41
Rotações para a esquerda.....	42
Flexões para a direita.....	42
Flexões para a esquerda.....	42
Flexões frontais.....	42
Flexões retrogradadas.....	43
d) Movimentos das extremidades inferiores	
Flexões dos artelhos.....	43
Abduções dos pés.....	43
Abduções dos calcânes.....	43
Abduções dos pés.....	43
Flexões dos pés.....	44
Flexões dos joelhos.....	44
Flexões cruzadas.....	44
Meias flexões.....	45
Extensões frontais.....	45

Extensões retrógradas.....	45
Extensões Internas.....	45
Circunduções.....	45

CAPÍTULO III

EXERCÍCIOS DE EXPANSÃO

Batimentos de palmas.....	46
Batimentos de pés.....	46
Batimentos de palmas e pés.....	46
Batimentos de palmas triplices.....	46
Saltinhar nas pontas dos pés.....	47
Volteio.....	47

CAPÍTULO IV

EQUILÍBRIOS

Equilíbrio pela flexão frontal de um dos joelhos.....	47
Equilíbrio pela flexão retrógrada de uma das pernas.....	47
Equilíbrio pela extensão retrógrada de uma das pernas.....	47
Equilíbrio pela extensão frontal de uma das pernas.....	48

CAPÍTULO V

MOVIMENTOS IMITATIVOS

O navio a vapor.....	49
A locomotiva.....	49

CAPÍTULO VI

MARCHAS

Marcha circular com retrocesso.....	50
Marcha circular com batimentos de palmas.....	50
Marcha circular nas pontas dos pés.....	50
Marcha circular sobre os calcanhares.....	51
Marcha circular com palmas triplices.....	51
Marcha circular com volteios.....	51
Marcha sinuosa.....	51

Ginástica Recreativa

(jogos ginásticos)

O besouro.....	52
Jacob, onde estais?	52
Pella ao ar.....	53
A raposa e os galináceos.....	53
O veado vai fugir.....	53
O gato e os ratos.....	54

SEGUNDA PARTE

Exercícios sistemáticos livres e jogos ginásticos para o ensino médio

Ginástica Sistemática Livre

PROGRAMA DE ENSINO

Lição I.....	55
Lição II.....	56
Lição III.....	57
Lição IV.....	59

Descrição dos exercícios

CAPÍTULO I

PRELIMINARES

Formatura em seções.....	60
Passos laterais.....	61
Alinhamento por fila.....	61
Abrir e cerrar distâncias.....	62
Abrir e cerrar intervalos.....	62
Desdobrar seções (ou fileiras) em duas.....	63
Desdobrar fileiras em quatro.....	64
Passos ginásticos.....	64
Passos acelerados.....	64
Formatura a dois de flanco.....	64

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS PARCIAIS

a) De cabeça:

Flexões diretas quaternárias.....	65
Flexões laterais quaternárias.....	65
Rotações quaternárias.....	66
Flexões diretas binárias.....	66
Flexões laterais binárias.....	66
Rotações binárias.....	66
Circunduções.....	66

b) Das extremidades superiores

Rotações com flexões dos ombros.....	67
Elevações fronto-horizontais.....	67
Elevações latero-horizontais.....	67
Elevações fronto-verticais.....	68
Elevações latero-verticais.....	68
Oscilações diretas.....	68
Oscilações laterais.....	68
Movimentos fronto-laterais.....	69
Movimentos fronto-vertico-laterais.....	69
Movimentos latero-vertico-frontais.....	69
Distensões verticais.....	70

Distensões laterais.....	70
Distensões frontais.....	70
Circunduções.....	70
Distensões duplas laterais.....	71
c) Do tronco:	
Rotações quaternárias.....	71
Flexões laterais quaternárias.....	71
Flexões diretas quaternárias.....	72
Rotações binárias.....	72
Flexões laterais binárias.....	72
Flexões frontais binárias.....	73
Circunduções.....	73
d) Das extremidades inferiores:	
Flexões frontais.....	73
Flexões retrogradadas.....	73
Flexões laterais.....	73
Grandes flexões.....	74
Flexões para os lados.....	74
Distensões frontais.....	74
Distensões retrógradadas.....	74
Distensões laterais.....	75
Oscilações diretas.....	75
Oscilações laterais.....	75
Genuflexão alternado.....	75
Genuflexão simultâneo.....	76

CAPÍTULO III

EXERCÍCIOS DE EXPANSÃO

Palmas fronto-retrógradadas.....	76
Volteio com palmas.....	76
Saltinhar alternado.....	76
Saltos e voltas.....	77
Saltinhar à inglesa.....	77
Saltos e voltas com palmas.....	77

CAPÍTULO IV

EQUILÍBRIOS

Equilíbrio pela flexão cruzada de uma das pernas.....	78
Equilíbrio pela extensão lateral de uma das pernas.....	78
Equilíbrio pela distensão frontal de uma das pernas.....	78
Equilíbrio pela distensão retrógrada de uma das pernas.....	79
Equilíbrio pela oscilação direta de uma das pernas.....	79
Equilíbrio pela oscilação lateral de uma das pernas.....	79

CAPÍTULO V
MOVIMENTOS IMITATIVOS

Logista.....	80
Ferreiro.....	80
A gaivota.....	81
O correeiro.....	81
O nadador.....	81
O padeiro.....	82

CAPÍTULO VI
MARCHAS

À direita (ou à esquerda) rodar.....	82
Contra-marcha à direita (ou à esquerda).....	83
Marcha circular com palmas fronto-retrógradas.....	83
Cadeia ginástica.....	83
Marcha em círculos opostos.....	84
Marcha com volteio aos pares.....	85
Marcha em espiral.....	85

Ginástica Recreativa
(jogos ginásticos)

Quem primeiro chegar.....	86
Os mensageiros.....	86
Os negociantes de pássaros.....	87
O gavião.....	88
Casinha para alugar.....	88
Os pescadores.....	89

TERCEIRA PARTE

Exercícios sistemáticos livres e jogos ginásticos para o curso complementar

Ginástica Sistemática Livre

PROGRAMA DE ENSINO

Lição I.....	91
Lição II.....	92
Lição III.....	93
Lição IV.....	94

Descrição dos exercícios

CAPÍTULO I

PRELIMINARES

Fileiras; formar alas.....	96
Fila dupla; formar alas	96
Abrir para a frente.....	97
Desdobrar fileira aos pares.....	97
Posição aos pares.....	98
Marchando; formar seções.....	99

Formar quatro e retomar dois.....	99
Formar oito e retomar quatro.....	100

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS COMBINADOS

Rotações do tronco com giro da ponta do pé.....	101
Flexões frontais das extremidades.....	101
Flexões aos ombros e cruzadas das pernas.....	101
Flexões sobre os ombros com recuo dos pés.....	102
Oscilações diretas com movimento dos pés.....	102
Oscilações laterais com movimentos dos pés.....	102
Flexões frontais do tronco com movimento das extremidades.....	103
Flexões laterais do tronco com movimento das extremidades.....	103

CAPÍTULO III

EXERCÍCIOS ESTÉTICOS

Posição hirta ou apumada.....	103
Extremidades aos lados.....	104
Movimentos opostos.....	104
Dilatação torácica.....	104
Arco frontal.....	105
Arco lateral.....	105
Repulsora.....	105
Posição cristã.....	105

CAPÍTULO IV

EQUILÍBRIOS

Equilíbrio pela extensão retrógrada das extremidades laterais.....	106
Equilíbrio pela extensão frontal das extremidades diagonais.....	107
Equilíbrio pela extensão lateral das extremidades.....	107
Equilíbrio pela extensão fronto-retrógrada das extremidades.....	107
Equilíbrio pela oscilação lateral das extremidades.....	107
Equilíbrio pela oscilação direta das extremidades.....	108

CAPÍTULO V

EXERCÍCIOS AOS PARES

Primeiro cumprimento.....	108
Segundo cumprimento.....	108
Volteio.....	109
Flexões e extensões horizontais.....	109
Extensão braquial em quinta.....	110
Extensão braquial em sexta.....	110
Genuflexão.....	110
Arco lateral.....	111
Muralha.....	111
Extremidades aos lados.....	111

CAPÍTULO VI
MOVIMENTOS IMITATIVOS

O cordoeiro.....	112
O marceneiro.....	113
O canoeiro.....	113
O serrador.....	114
O falquejador.....	114
O marujo.....	115

CAPÍTULO VII
EXERCÍCIOS DE EXPANSÃO

Corropio.....	116
Sarilho.....	116

CAPÍTULO VIII
MARCHAS

Contra-marcha curva.....	117
Por fila rodar aos lados.....	117
Tangenciar.....	117
Dois pelo centro, rodar aos lados.....	118
Fila singela pelo centro.....	118
Fileira singela, menores no centro.....	118
Fileira singela, maiores no centro.....	119
Quatro pelo centro, rodar aos lados.....	119
Oito pelo centro, rodar aos lados.....	119
Passar de oito à quatro pelo centro.....	120
Passar de quatro à dois pelo centro.....	120
Pequenos círculos aos lados.....	120
Contra-marcha aos lados.....	121
Marcha cruzada.....	121
Marcha cruzada em oito.....	122
Marcha em espiral a dois.....	122
Marcha sinuosa a dois.....	123

Ginástica Recreativa
(jogos ginásticos)

Combate.....	123
Corridas de bolas.....	123
Pula-pula.....	124
Flageladores.....	125
Passagem sobre a corda longa.....	126
Saltinhar na corda longa.....	127

HIGGINS, Arthur. *Compendio de Gymnastica Escolar: methodo sueco-belga*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1909.

ÍNDICE

Prefacio.....	1
Resumo.....	7

LIVRO PRIMEIRO

Noções teóricas indispensáveis aos professores

Educação.....	11
Educação Física.....	12
Ginástica.....	14
Importância da ginástica.....	16
Exercícios ginástico.....	20
Divisão superficial do corpo humano.....	22
Terminologia dos movimentos articulares.....	24
Preceitos higiênicos.....	25
Metodologia ginástica.....	29
Comandos.....	33

LIVRO SEGUNDO

Ginástica Sistemática Livre

I

PRELIMINARES

EXERCÍCIOS DE ORDEM E DISCIPLINA

1. Formação da fileira.....	49
2. Posição fundamental. Prima.....	51
3. Distinção das extremidades corporais.....	51
4. Mudanças de frente.....	52
5. Execução de passos.....	52
6. Alinhamento.....	54
7. Numerar e grupar até três.....	55
8. Formatura em círculo.....	56
9. Triplicar fileira.....	56
10. Posições para execução de exercícios.....	57
11. Saudações.....	59
12. Unificar fileira.....	60
13. Numerar e grupar até quatro.....	61
14. Duplicar e quadruplicar fileira.....	61
15. Unificar fileira.....	62
16. Formaturas de flanco.....	62
17. Abrir distâncias.....	65
18. Abrir intervalos.....	65

19. Fechar intervalos.....	67
20. Recomposição da fileira.....	67
21. Formatura em alas.....	67
22. Desdobrar fileiras aos pares.....	68
23. Destacar ímpares.....	69
24. Frente à frente.....	69
25. Posições para exercícios aos pares.....	69
26. Recomposição da fileira.....	70

II

EXERCÍCIOS FUNDAMENTAIS

1. Elevações dos ombros.....	71
2. Flexões dos ombros.....	71
3. Rotações do tronco.....	72
4. Flexões dos cotovelos.....	72
5. Rotações dos braços.....	73
6. Elevações fronto-horizontais dos braços.....	73
7. Elevações latero-horizontais dos braços.....	73
8. Flexões fronto-retrógradas do tronco.....	74
9. Elevações fronto-verticais dos braços.....	75
10. Elevações latero-verticais dos braços.....	75
11. Flexões laterais do tronco.....	76
12. Movimento fronto-laterais dos braços.....	77
13. Movimento latero-frontais dos braços.....	77
14. Oscilações fronto-retrógradas dos braços.....	78
15. Oscilações laterais dos braços.....	78
16. Rotações do tronco com as mãos sobre a nuca.....	79
17. Oscilações e movimentos fronto-laterais dos braços.....	80
18. Oscilações e movimentos latero-frontais dos braços.....	80
19. Flexões frontais do tronco com movimentos dos braços.....	81
20. Oscilações e movimentos fronto-vertico-laterais dos braços.....	81
21. Oscilações e movimentos latero-vertico-frontais dos braços.....	82
22. Flexões laterais do tronco com movimentos dos braços.....	82

III

EXERCÍCIOS RESPIRATÓRIOS

1. Inspirações com elevações dos ombros.....	84
2. Inspirações com elevações frontais dos braços.....	84
3. Inspirações com elevações laterais dos braços.....	85
4. Inspirações com distensões horizontais dos braços.....	85
5. Inspirações com flexões laterais dos cotovelos.....	85
6. Inspirações com movimentos fronto-laterais dos braços.....	86
7. Inspirações com elevações fronto-verticais dos braços.....	86
8. Inspirações com elevações latero-verticais dos braços.....	87
9. Inspirações com movimentos fronto-vertico-laterais dos braços.....	87

IV

EXERCÍCIOS DE EXPANSÃO

1. Batimento de palmas.....	88
2. Batimento de palmas e pés.....	88
3. Volteios.....	89

V

EXERCÍCIOS DE MOVIMENTOS PARCIAIS

a) Exercícios de pescoço

1. Rotações.....	90
2. Flexões e extensões frontais.....	91
3. Flexões laterais.....	91
4. Circunduções.....	92

b) Exercícios dos membros superiores

1. Flexões dos dedos.....	93
2. Flexões das mãos.....	93
3. Pronações.....	93
4. Flexões frontais.....	94
5. Flexões laterais.....	94
6. Flexões diagonais.....	95
7. Flexões sobre os ombros	95
8. Flexões sobre a cabeça.....	95
9. Distensões verticais.....	96
10. Distensões laterais.....	97
11. Distensões frontais.....	97
12. Distensões duplas laterais.....	97

c) Exercícios dos membros inferiores

1. Elevação nas pontas dos pés.....	98
2. Abduções dos pés.....	98
3. Flexões dos pés.....	99
4. Flexões frontais.....	99
5. Flexões laterais (cruzadas)	100
6. Flexões retrógradas.....	100
7. Meias flexões.....	100
8. Extensões frontais.....	101
9. Extensões retrógradas.....	101
10. Elevações laterais.....	101
11. Flexões para diante.....	102
12. Flexões para os lados.....	102
13. Flexões simultâneas.....	102
14. Genuflexão. Ajoelhar.....	103

VI

EXERCÍCIOS DE MOVIMENTOS IMITAVOS

a) Nomes dos exercícios	b) Nomes dos cânticos	
1. Rufar	1. O tambor (soldado).....	104
2. Içar	2. O pedreiro.....	105
3. Amassar	3. O padeiro.....	105
4. Suvelar	4. O correeiro.....	106
5. Aplainar	5. O marcineiro.....	106
6. Cardar	6. O cordoeiro.....	106
7. Ceifar	7. O agricultor.....	107
8. Nadar	8. O nadador.....	107
9. Malhar	9. O ferreiro.....	108
10. Remar	10. O marujo.....	108
11. Serrar	11. O serrador.....	109

VII

EXERCÍCIOS DE MOVIMENTOS COMBINADOS

1ª série

1. Rotações do tronco com giro de pés.....	110
2. Elevações latero-horizontais dos braços e mais flexões.....	110
3. Elevações frontais de braços e adiantamento de pés.....	111
4. Flexões retrogradas complexas do tronco.....	111
5. Oscilações fronto-retrógradas complexas	112
6. Oscilações laterais complexas.....	112
7. Flexões laterais complexas do tronco.....	113
8. Distensões frontais complexas.....	113
9. Distensões laterais complexas.....	114
10. Distensões verticais complexas.....	114

2ª série

1. Rotações complexas do tronco, mãos sobre a nuca.....	115
2. Elevações fronto-verticais dos braços ajoelhando.....	115
3. Distensões laterais dos braços e meias flexões	116
4. Flexões frontais complexas do tronco.....	116
5. Distensões duplas laterais complexas.....	116
6. Elevações latero-horizontais dos braços e recuamento de pés.....	117
7. Grande flexões laterais complexas do tronco.....	117
8. Elevações fronto-verticais dos braços e flexões simultâneas.....	118
9. Elevações latero-verticais dos braços e recuamento de pés.....	118
10. Elevações fronto-verticais dos braços e adiantamento de pés.....	119

VIII EQUILÍBRIOS NO CHÃO

1. Equilíbrio para diante.....	120
2. Equilíbrio para trás.....	121
3. Equilíbrio.....	121
4. Equilíbrio complexo para diante.....	121
5. Equilíbrio complexo para trás.....	122
6. Equilíbrio lateral com elevações opostas.....	123
7. Equilíbrio para trás com elevações laterais.....	123
8. Equilíbrio lateral complexo	123
9. Equilíbrio com extensões fronto-retrógradas.....	124
10. Equilíbrio lateral com elevações laterais.....	124
11. Equilíbrio com oscilações complexas.....	125

IX EXERCÍCIOS ESTÉTICOS

1. Atitude aprumada.....	126
2. Extremidades aos lados.....	126
3. Arco frontal.....	127
4. Arco lateral.....	127
5. Atitude oblíqua frontal.....	128
6. Movimentos laterais simultâneos.....	128
7. Movimentos opostos.....	129
8. Atitude estética.....	129
9. Dilatação torácica.....	130
10. Atitude Cristã.....	130

X EXERCÍCIOS AOS PARES

1. Cumprimento inicial.....	131
2. Volteios.....	131
3. Flexões e extensões horizontais.....	132
4. Arco lateral.....	133
5. Genuflexão.....	133
6. Muralha.....	134
7. Extremidades aos lados.....	135
8. Flexões retrógradas.....	136
9. Passagens sob arcos.....	137
10. Cumprimento final.....	137

XI MARCHAS GINÁSTICAS

1. Marcha circular com retrocesso.....	139
2. Marcha circular com batimentos de palmas.....	140
3. Marcha circular nas pontas dos pés.....	140
4. Marcha circular com volteios.....	140
5. Marcha sinuosa.....	141

6. Marcha em espiral.....	141
7. Contra-marcha curva.....	142
8. Por fila rodar aos lados.....	142
9. Marcha tangenciada.....	143
10. A dois pelo centro e rodar aos lados.....	143
11. A quatro pelo centro e rodar aos lados.....	144
12. A oito pelo centro e rodar aos lados.....	144
13. Passar de oito a quatro.....	145
14. Passar de quatro a dois.....	145
15. Passar de dois a um.....	145
16. Pequenos círculos.....	145
17. Contra-marcha aos lados.....	146
18. Marcha cruzada.....	147
19. Tangenciar e entrar.....	148
20. Círculos concêntricos.....	148
21. Cadeia ginástica.....	149

Programa de Ensino

CURSO ELEMENTAR

Lição I.....	151
Lição II.....	151
Lição III.....	152
Lição IV.....	153

CURSO MÉDIO

Lição I.....	155
Lição II.....	155
Lição III.....	156
Lição IV.....	158

CURSO COMPLEMENTAR

Lição I.....	159
Lição II.....	160
Lição III.....	161
Lição IV.....	162

LIÇÃO FESTIVA

PARA

Encerramento de aulas.....	164
Metodologia especial.....	168

LIVRO TERCEIRO

Ginástica Recreativa

PRIMEIRA PARTE

Jogos Ginásticos Infantis

a) Jogos ginásticos comuns aos dois sexos

1. O besouro.....	175
2. O prisioneiro.....	175
3. A cabra cega.....	176
4. A raposa.....	176
5. Esaú e Jacó.....	176
6. O gavião.....	177
7. O cão e a lebre.....	178
8. Quem primeiro chegar.....	178
9. Casinha para alugar.....	179
10. O gato e o rato.....	180

b) Jogos ginásticos privativos do sexo masculino

1. O chefe de polícia.....	182
2. Péla ao ar.....	182
3. O veado quer fugir.....	183
4. Raposa para toca.....	183
5. Os pescadores.....	184
6. Os negociantes de passeios.....	184
7. A caçada.....	185
8. O recrutamento.....	186
9. Os provocadores.....	187
10. O látigo anda a roda.....	188

SEGUNDA PARTE

Jogos Ginásticos Juvenis

Destinado aos discípulos maiores de dez anos de idade

a) Jogos ginásticos comuns aos dois sexos

1. O lenço volante.....	190
2. Corridas de bola.....	191
3. Fora o terceiro.....	192
4. Pula-pula.....	192
5. Passagem sob a corda.....	193
6. Saltinha sobre corda.....	194

b) Jogos ginásticos privativos do sexo masculino

1. O maneta.....	196
2. Cambeta.....	197
3. Bombardeio.....	197
4. Pela rebatida.....	198
5. Pela rechaçada.....	199
6. Flageladores.....	201

7. O anjo e o diabo.....	203
8. Peteca.....	205
9. Amarela.....	205
10. Cavalheiros e cavalos.....	208
11. Defesa da praça.....	209
12. O sol e os planetas.....	209
13. Vae-vem.....	210
14. Barras.....	212
15. Entre dois jogos.....	214
16. Pelota à mão.....	215
17. Luta com a corda.....	218
18. Luta com o bambu.....	219
19. Bola a pé.....	219

KUMLIEN, L. C. *Tratado Pratico de Gymnastica Sueca*. Lisboa: Typographia Lusitana Editora, 1908.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Utilidade e necessidade dos exercícios físicos bem compreendidos

Observações gerais.....	7
Porque não é necessário nenhum aparelho nas nossas séries de exercícios.....	23
Conselhos higiênicos.....	35
Regras que devem observar-se para a correta execução dos exercícios.....	43
Horas a que mais convém, de preferência, executar os exercícios. Costumes, hidroterapia.....	47

SEGUNDA PARTE

Três séries de exercícios

Explicações sobre a posição regulamentar ou posição A.....	53
Série de exercícios para crianças dos dois sexos.....	55
Série de exercícios para meninas e senhoras.....	71
Série de exercícios para rapazes e homens de qualquer idade.....	83
Notas complementares.....	101

NASCIMENTO, Domingos. *Homem Forte – gymnastica domestica – natação – esgrima – tiro ao alvo*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1905.

ÍNDICE

Prólogo.....	v
Primeira Parte	
Ginástica Doméstica	
CAPÍTULO I	
PRELIMINARES. Importância da ginástica médica em geral; ginástica terapêutica e ginástica higiênica. Importância dos músculos do ombro e do tórax. Importância da atividade dos músculos do abdome. Importância da atividade dos músculos das costas.....	3
CAPÍTULO II	
GINÁSTICA DOMÉSTICA. Prescrições.....	12
CAPÍTULO III	
1ª Lição – <i>Exercícios</i> : 1º Voltar a cabeça. 2º Movimento circular com a cabeça. 3º Elevar os ombros. 4º Movimento circular com os braços.....	17
2ª Lição – <i>Exercícios</i> : 5º Estender o braço para frente. 6º Estender os braços para o lado. 7º Estender os braços para cima. 8º Estender os braços para baixo. 9º Estender os braços para trás. 10º Aproximar os braços horizontalmente um do outro. 11º Afastar os braços horizontalmente um do outro. 12º Fazer rodar sobre si próprio os braços alternativamente nos dois sentidos.....	22
3ª Lição – <i>Exercícios</i> : 13º Elevar lateralmente os braços. 14º Aproximar o cotovelo por trás das costas. 15º Juntar as mão atrás das costas. 16º Respirar com força, mas desigualmente com relação aos dois lados.....	25
4ª Lição – <i>Exercícios</i> : 17º Descrever um ∞ com as mãos. 18º Dobrar e estender os dedos. 19º Esfregar as mãos em todos os sentidos. 20º Curvar o corpo para frente e para a retaguarda. 21º Inclinar o corpo lateralmente. 22º Voltar o tronco.....	28
5ª Lição – <i>Exercícios</i> : 23º Executar um movimento circular com o tronco. 24º Erguer o tronco. 25º Fazer rodar as penas sobre si próprias. 26º Elevar as pernas lateralmente. 27º Executar um movimento circular com as pernas.....	33
6ª Lição – <i>Exercícios</i> : 28º Estender para frente e dobrar os joelhos. 29º Dobrar e estender os joelhos para a retaguarda. 30º Aproximar as pernas uma da outra. 31º Estender e curvar os pés. 32º Elevar os joelhos. 33º Acocorar-se.	38
7ª Lição – <i>Exercícios compostos</i> : 34º Passar uma bengala por sobre a cabeça. 35º Caminhar com uma bengala passada transversalmente entre as costas e as curvas dos cotovelos. 36º Lançar os braços para frente e para a retaguarda. 37º Lançar os dois braços lateralmente. 38º Executar um movimento análogo ao de ceifar.....	44

8ª Lição – <i>Exercícios compostos</i> : 39º Executar um movimento análogo ao de serrar. 40º Fazer um movimento análogo ao de rachar lenha. 41º Pular no mesmo lugar. 42º Lançar as pernas para frente e para a retaguarda. 43º Lançar as pernas em direção lateral. 44º Passar as pernas por sobre uma bengala. 45º Rolar sobre as costas.....	49
9ª Lição – <i>Prescrições</i> : 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª.....	56
10ª Lição – <i>Prescrições</i> : 6ª, 7ª, 8ª, 9ª.....	58
GINÁSTICA RESPIRATÓRIA.....	64
EDUCAÇÃO DO SANGUE FRIO.....	67
APENDICE. – I Curso. II Saltos. III Percha e corda.....	69

Segunda Parte

Natação

CAPÍTULO I

PRELIMINARES. Divisão do estudo.....	79
--------------------------------------	----

CAPÍTULO II

Exercícios em seco

1ª Lição – <i>Exercícios sem cavalete</i> : 1º Desenvolvimento da perna direita (ou esquerda) e do braço direito sobre o pé esquerdo (ou direito). 2º Exercício dos braços. 3º Exercício das pernas sobre o pé esquerdo (ou direito). 4º Exercício dos braços e das pernas sobre o pé esquerdo (ou direito).....	83
2ª Lição – <i>Exercícios sobre o cavalete</i>	87

Exercícios na água, meios de nadar

3ª Lição – <i>1º exercício</i> : Nadar sobre o ventre ou a braçadas.....	89
4ª Lição – <i>2º exercício</i> : Nadar sobre o dorso ou de prancha. <i>3º exercício</i> : Nadar a golpe.....	90
5ª Lição – <i>4º exercício</i> : Meios práticos de nadar.....	91
6ª Lição – <i>2º exercício</i> : Mergulhar e saltar.....	93
7ª Lição – <i>Principais aplicações da natação. Exercícios</i> : 1º Livrar-se do perigo em caso de submersão. 2º Levantar socorros a uma pessoa em perigo de afogar-se; outro processo. 3º Passagem de um curso d'água a nado, com pequena bagagem ou com armas e munições.....	94
8ª Lição – Instalação e materiais de uma Escola de Natação. Regras principais. Primeiros socorros que se devem prestar aos afogados.....	99

Terceira Parte

Esgrima de espada

CAPÍTULO I

PRELIMINARES. A espada. Tecnologia da esgrima. Regras.....	107
--	-----

CAPÍTULO II

Exercícios sem armas

1ª Lição – Posições. Passos.....	112
2ª Lição – Saltos. Furtar distância.....	115

Exercícios com a espada

3ª Lição – Posições. Paradas.....	119
-----------------------------------	-----

CAPÍTULO III

4ª Lição – Sarilho. Molinetes. O movimento 8.....	124
5ª Lição – Desengajamentos. Fintas. Aparelhos. Cumprimentos.....	125
6ª Lição – Golpes simples.....	128
7ª Lição – Aplicação das paradas.....	132
8ª Lição – Respostas.....	133
9ª Lição – Golpes corridos. Exemplos.....	134
10ª Lição – Desarme. Assaltos.....	136

APENDICE. O DUELO. Da ofensa. Natureza das armas. Do duelo e seu apelo. Das testemunhas. Do duelo a espada.....	139
---	-----

Quarta Parte

Tiro ao Alvo

CAPÍTULO I

PRELIMINARES.....	149
-------------------	-----

CAPÍTULO II

1ª Lição – Armas de fogo portáteis.....	152
2ª Lição – Fuzil Mauser. Nomenclatura.....	154
3ª Lição – Princípios essenciais de uma arma de fogo portátil.....	159
4ª Lição – Desvios do projétil.....	167
5ª Lição – Manejo de fogo do fuzil Mauser.....	173
6ª Lição – Funcionamento geral do mecanismo e preparo da alça de mira.....	179
7ª Lição – Desmontagem e montagem do fuzil.....	190
8ª Lição – Locais apropriados ao ensino do tiro.....	201
9ª Lição – Material para a instrução preparatória e individual.....	211
10ª Lição – Instruções para o emprego do tiro com carga reduzida ou com armas de salão.....	218
11ª Lição – Explicação prática da linha de tiro e da trajetória.....	226
12ª Lição – Manejo e tiro com revólver. Avaliação das distâncias. Classificação dos atiradores.....	229
APENDICE. Planta de uma linha de tiro. Mesa de pontaria “Pyrrho”. Modelo de estatutos. Regulamento do tiro nacional.....	242
ÍNDICE.....	271

SCHREBER, Daniel Gottlieb Moritz. *Gymnastica doméstica, médica e higiênica* ou representação e descrição de movimentos *gymnasticos* que não exigem aparelho algum nem auxílio estranho e podem ser executados em qualquer ocasião e lugar para uso dos dois sexos e para todas as idades acompanhada com aplicações a diferentes afecções.

Lisboa: Candido Magalhães, s/d.

ÍNDICE DAS MATERIAS

PREFÁCIO.....	1
INTRODUÇÃO – Importância da ginástica médica em geral.....	7
Ginástica terapêutica – Importância da atividade muscular.....	13
Ginástica higiênica.....	23
I. Fim e plano do livro. Importância da ginástica médica doméstica em particular.....	37
II. Regras gerais aplicáveis a todos os exercícios da ginástica médica doméstica	49
III. Descrição dos exercícios particulares da ginástica médica doméstica, acompanhada com a indicação de algumas aplicações especiais de cada exercício.....	63
IV. Descrição e explicação de algumas prescrições particulares, dadas como exemplo de aplicações a casos especiais.....	123
Primeira prescrição, para evitar a excessiva afluência de sangue à cabeça e ao peito.....	127
Segunda prescrição, para facilitar a respiração.....	128
Terceira prescrição, contra a inércia das funções do baixo ventre.....	129
Quarta prescrição, para facilitar a evacuação das matérias fecais.....	132
Quinta prescrição, para o restabelecimento do fluxo hemorroidal e do fluxo menstrual, cuja suspensão tenha sido determinada por qualquer causa mórbida....	133
Sexta prescrição, contra a repetição frequente de poluções mórbidas, debilitantes	135
Sétima prescrição, aplicável a cura radical das hérnias.....	137
Oitava prescrição, contra as paralisias musculares.....	139
1º Contra a paralisia muscular dos braços (membros superiores ou torácicos).....	142
2º Contra as paralisias musculares das pernas (membros inferiores ou abdominais).....	143
Nona prescrição, relativa a ginástica aplicada à higiene geral ou destinada a exercer uma ação benéfica sobre a constituição geral.....	145
1º Para o homem adulto.....	145
2º Para a mulher adulta.....	146
3º Para as pessoas dos dois sexos, que tenham ultrapassado a idade de 60 anos....	147
Décima prescrição, relativa ao desenvolvimento do organismo das crianças dos dois sexos.....	149
Undécima prescrição, relativas aos exercícios próprios para os indivíduos enfermos ou paralisados de ambos os sexos.....	155
CONCLUSÃO.....	157

ANEXO III – CONTEÚDOS DOS LIVROS

CONTEÚDOS	SCHREBER (s.d.)	BORGES (1888)	BARAGIOLA (1895)	CALDAS; CARVALHO (1896)	HIGGINS (1896)	FERREIRA (1897)	NASCIMENTO (1905)	KUMLIEN (1908)	HIGGINS (1909)
PARTE TEÓRICA									
Importância da ginástica médica em geral.	X						X		
Ginástica Terapêutica	X						X		
Ginástica Higiênica	X						X		
Ginástica Doméstica	X						X		
Anatomia		X							
Osteologia		X							
Artrologia		X							
A ginástica escolar ou educativa.			X						
Fim da Ginástica Racional.			X						
Ginástica entre o banco das aulas.			X						
Ginástica para meninas.			X						
O canto aplicado à ginástica.			X						
Educação					X				X
Educação Física					X				X
Ginástica. Definição, Divisão, Subdivisões.					X				X
Importância da Ginástica.					X				X

CONTEÚDOS	SCHREBER (s.d.)	BORGES (1888)	BARAGIOLA (1895)	CALDAS; CARVALHO (1896)	HIGGINS (1896)	FERREIRA (1897)	NASCIMENTO (1905)	KUMLIEN (1908)	HIGGINS (1909)
Exercícios Ginásticos. Definição, Divisão, Subdivisões.					X				X
Divisão superficial do corpo humano.					X				X
Terminologia dos movimentos articulares.					X				X
Utilidade e necessidade dos exercícios físicos.								X	
Porque não é necessário nenhum aparelho nas nossas séries.								X	
PARTE PRÁTICA									
a) Movimentos preparatórios. Exercícios para estabelecer a ordem nas fileiras ⁽¹⁾		X	X ⁽²⁾	X ⁽²⁾	X	X			X
b) Exercícios de corpo livre									
Cabeça (pescoço) ⁽³⁾	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Membros Superiores ⁽⁴⁾	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Membros Inferiores ⁽⁵⁾	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Tronco	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Combinados ⁽⁶⁾		X	X	X	X	X			X
c) Exercícios em duplas ⁽⁷⁾		X			X				X
d) Exercícios de equilíbrio ⁽⁸⁾		X	X ⁽⁹⁾	X	X	X ⁽⁹⁾			X
e) Ginástica pulmonar ⁽¹⁰⁾			X				X		X
f) Marchas		X	X	X	X	X			X
g) Exercícios atléticos									
Corridas		X		X			X		
Saltos		X		X		X	X		

CONTEÚDOS	SCHREBER (s.d.)	BORGES (1888)	BARAGIOLA (1895)	CALDAS; CARVALHO (1896)	HIGGINS (1896)	FERREIRA (1897)	NASCIMENTO (1905)	KUMLIEN (1908)	HIGGINS (1909)
h) Exercícios com instrumentos									
Barras com extremos esféricos ⁽¹¹⁾		X		X		X			
Halteres		X		X		X			
Maças				X		X			
i) Exercícios nos aparelhos									
Viga horizontal		X		X					
Barras paralelas		X		X		X			
Cabos ⁽¹²⁾		X							
Escada de cordas		X		X					
Escada oblíqua ⁽¹³⁾		X		X		X			
Escada horizontal		X		X					
Escadas ortopédicas ⁽¹⁴⁾				X					
Argolas		X		X		X			
Barra Fixa ⁽¹⁵⁾		X		X		X			
Trapézio		X		X					
Mastros fixos, móveis e de ganchos ⁽¹⁶⁾				X			X		
Cordas ⁽¹⁷⁾				X		X	X		
Pranchas ⁽¹⁸⁾				X					
j) Jogos Ginásticos					X				X
k) Exercícios Militares (sem arma) ⁽¹⁹⁾			X						
l) Passos rítmicos preparatórios para a dança (Meninas)			X						

CONTEÚDOS	SCHREBER (s.d.)	BORGES (1888)	BARAGIOLA (1895)	CALDAS; CARVALHO (1896)	HIGGINS (1896)	FERREIRA (1897)	NASCIMENTO (1905)	KUMLIEN (1908)	HIGGINS (1909)
Programa de Ensino de Ginástica Sistemática Livre. Curso Complementar (discípulos maiores de doze anos de idade que tenham praticado os exercícios do curso médio).									X
Lição Festiva – para encerramento das aulas.									X

- (1) BORGES (1888). “Exercícios preliminares. De ordem e disciplina” (HIGGINS, 1896 e 1909); “Exercícios de ordem” (FERREIRA, 1897).
- (2) Aparecem no livro de Baragiola em itens específicos, a saber: “Formação de cadeias”; “Tomar distâncias”; “Posições ginásticas fundamentais”. O mesmo observa-se no livro de Caldas e Carvalho, neste caso: “Posição regular do corpo”; “Alinhamentos à direita ou à esquerda”; “Abrir ou cerrar os intervalos”.
- (3) “Exercícios para tornar flexível o pescoço” (BORGES, 1888); “Movimentos da cabeça” (BARAGIOLA, 1895; CALDAS; CARVALHO, 1896; HIGGINS, 1896); “Exercícios do pescoço” (HIGGINS, 1909).
- (4) “Exercícios para tornar flexível os membros superiores” (BORGES, 1888); “Movimento das extremidades superiores” (BARAGIOLA, 1895; HIGGINS 1896); “movimentos dos braços” (CALDAS; CARVALHO, 1896); “Exercícios dos membros superiores” (HIGGINS, 1909).
- (5) “Exercícios para tornar flexível os membros inferiores” (BORGES, 1888); “Movimento das extremidades inferiores” (BARAGIOLA, 1895; HIGGINS, 1896); “Movimentos das pernas” (CALDAS; CARVALHO, 1896); “Exercícios do membros inferiores” (HIGGINS, 1909).
- (6) “Exercícios para tornar flexível os membros superiores e inferiores e o tronco simultaneamente” (BORGES, 1888); “Combinação de exercícios elementares” (BARAGIOLA, 1895); “Movimentos dos braços e das pernas” (CALDAS; CARVALHO, 1896); “Movimentos combinados” (HIGGINS, 1896 e 1909).
- (7) “Exercícios entre dois alunos” (BORGES, 1888); “Exercícios aos pares” (HIGGINS, 1896 e 1909).
- (8) “Exercícios para habituar o corpo a conservar-se em equilíbrio sobre um pé” (BORGES, 1888); “Equilíbrios” (CALDAS; CARVALHO, 1896; HIGGINS, 1896); “Equilíbrios no chão” (HIGGINS, 1909).
- (9) No livro de Baragiola, os últimos “movimentos das extremidades inferiores”, são de equilíbrio. O mesmo observa-se no compêndio de Ferreira.
- (10) BARAGIOLA (1895). “Ginástica Respiratória” (NASCIMENTO, 1905). “Exercícios Respiratórios” (HIGGINS, 1909).
- (11) BORGES (1888); “Bastão ou barra de esferas” (CALDAS; CARVALHO, 1896); “Barras esféricas” (FERREIRA, 1897).
- (12) De acordo com os desenhos presentes no livro, trata-se de uma corda (lisa ou de nós) presa a uma determinada altura por um gancho.
- (13) BORGES (1888) e FERREIRA (1897); “Escadas verticais e inclinadas” (CALDAS; CARVALHO, 1896).
- (14) De acordo com o desenho apresentado no livro, trata-se de duas escadas verticais fixadas uma ao lado da outra.
- (15) BORGES (1888) e FERREIRA (1897); “Barras de suspensão” (CALDAS; CARVALHO, 1896).

- (16) CALDAS; CARVALHO (1896). “Percha (fixa ou oscilante)” (NASCIMENTO, 1905). Entendendo por percha, segundo os dicionários da época, “vara comprida” (CARVALHO; DEUS 1909, p. 679; FONSECA, s.d. [1848?], p. 745).
- (17) “De nós, lisas simples e duplas, horizontais e inclinadas” (CALDAS; CARVALHO, 1896). “De nós e lisa” (FERREIRA, 1897; NASCIMENTO, 1905).
- (18) “De restabelecimentos e de entalhos” (CALDAS; CARVALHO, 1896). De acordo com o desenho apresentado no livro, a prancha de restabelecimentos parece com uma tábua de 30cm de largura e 5cm de espessura, fixada pouco mais de um metro do solo. A prancha de entalhos se assemelha a uma parede com ranhuras (entalhos) horizontais para que os alunos pudessem escalar. Segundo os autores, estes aparelhos “permitem exercitar e fortificar os membros flexores das mãos, dos braços e do tronco. São muito úteis para prepararem os alunos para as escaladas” (p. 244).
- (19) Segundo Baragiola, as meninas também poderiam realizar os exercícios.
- (20) Divididos em: a) exercícios preliminares de natação; b) exercícios de canoagem (“remar com movimento frente” e “remar com movimento à retaguarda”); e c) exercícios diversos. Estes últimos consistindo em movimentos análogos ao de serrar, ao de rachar lenha, ao de ceifar, entre outros.
- (21) Exercícios com batimentos de palmas e batimentos de mãos e pés.
- (22) Exercícios com diferentes movimentos similares aos executados em diferentes atividades e profissões como, por exemplo: serrar (serrador); aplinar (marceneiro); remar (marujo); serrar (serrador); ceifar (agricultor); amassar (padeiro); entre outros. Alguns desses exercícios – como os de remar, serrar e ceifar – também foram prescritos por Baragiola, em seu manual.
- (23) “Estes exercícios têm por fim desenvolver o vigor e a estética corporal. Alguns são suecos, outros criação do autor deste “Compêndio”. (HIGGINS 1909, p. 45).
- (24) “Estes exercícios formam a base da ginástica sistemática e têm por fim fortalecer os músculos do tronco, principalmente os respiratórios e ampliar a capacidade torácica” (HIGGINS 1909, p. 40).
- (25) Outras observações de caráter metodológico feitas pelo autor.